22 Bamberger Editionen

António Vieira

História do Futuro

Edição de Ana Paula Banza

University of Bamberg Press

Bamberger Editionen

hg. von Enrique Rodrigues-Moura

Band 22

University
of Bamberg
Press
2026

António Vieira

História do Futuro

Edição de Ana Paula Banza

University
of Bamberg
Press
2026

Bibliografische Information der Deutschen Nationalbibliothek
Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliografie; detaillierte bibliografische Daten sind im Internet über http://dnb.dnb.de/ abrufbar.

Este livro é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto UID/00057/2025.
This book is funded by national funds through the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT), under the project UID/00057/2025.
Dieses Buch wird aus nationalen Mitteln von der portugiesischen Stiftung für Wissenschaft und Technologie (FCT) im Rahmen des Projekts UIDB/00057/2020 finanziert.

https://doi.org/10.54499/UID/00057/2025











Dieses Werk ist als freie Onlineversion über das Foschungsinformationssystem (FIS; fis.uni-bamberg.de/) der Universität Bamberg erreichbar. Das Werk – ausgenommen Cover, Zitate und Abbildungen – steht unter der CC-Lizenz CC BY.



Lizenzvertrag: Creative Commons Namensnennung 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0.

Herstellung und Druck: Primerate, Budapest
Umschlaggestaltung: University of Bamberg Press
Artwork: Esteban Henao Ayala
Herausgeber der Reihe *Bamberger Editionen:* Enrique Rodrigues-Moura

Edição / Edition / Herausgeberschaft: Ana Paula Banza
Prefácio / Foreword / Vorwort: Enrique Rodrigues-Moura & Arnaldo do Espírito Santo
Introdução / Introduction / Einleitung: Ana Paula Banza & Helena Freire Cameron
Edição conservadora / Conservative edition / Konservative Edition: Ana Paula Banza
Edição normalizada / Modernized edition / Modernisierte Edition: Ana Paula Banza & Helena Freire Cameron
Adenda / Addendum / Nachwort: Arnaldo do Espírito Santo

University of Bamberg Press, ubp@uni-bamberg.de, Bamberg 2026
ROR https://ror.org/004fa0x02

ISSN: 0934-5108 (Print)
ISBN: 978-3-98989-136-4 (Print)
eISSN: 2750-7904 (Online)
eISBN: 978-3-98989-137-1 (Online)

URN: urn:nbn:de:bvb:473-irb-116602x
DOI: https://doi.org/10.20378/irb-116602

Sumário

Prefácio 09

Introdução 21

História do Futuro 31

António Vieira

Edição conservadora de Ana Paula Banza

Capitulo 1.º 33

Capitulo 2.º 35

Livro 1.º 39

Capitulo 1.º 39

Mostrase a 5.ª Monarchia com a 1.ª Profecia de Daniel

Capitulo 2.º 51

Segunda Profecia de Daniel

Capitulo 3.º 58

Provase o mesmo Imperio com outra Profecia de Zacharias

Livro 2.º 65
Em que se mostra que Imperio ha de ser este

Capitulo 1.º 65
Que o Quinto imperio he o Imperio de Christo e dos Christãos

Capitulo 2.º 71
Perguntasese este Imperio de Christo e dos Christãos ha de ser neste mundo ou no outro

Capitulo 3.º 76
Se este Imperio de Christo no mundo he spiritual ou temporal

Capitulo 4.º 79
Examinase se o Reyno e Imperio de Christo he tambem temporal. Referese a opinião negativa

Capitulo 5.º 84
Propoemse e defendese a opinião affirmativa

Capitulo 6.º 94
Proseguese a mesma materia: apontão se os titulos e resões do Reyno temporal de Christo

Capitulo 7.º 144
Concluese que o Reyno de Christo he spiritual e temporal juntamente

História do Futuro 149
António Vieira
Edição normalizada de Ana Paula Banza & Helena Freire Cameron

Capítulo 1.º 151

Capítulo 2.º 152

Livro 1.º 155

Capitulo 1.º 155
Mostra-se a 5.ª Monarquia com a 1.ª Profecia de Daniel

Capítulo 2.º 165
Segunda profecia de Daniel

Capítulo 3.º 170
Prova-se o mesmo Império com outra profecia de Zacarias

Livro 2.º 176
Em que se mostra que Império há-de ser este

Capitulo 1.º 176
Que o Quinto Império é o Império de Cristo e dos cristãos

Capítulo 2.º 181
Pergunta-se se este Império de Cristo e dos cristãos há-de ser neste mundo ou no outro

Capítulo 3.º 186
Se este Império de Cristo no mundo é espiritual ou temporal

Capítulo 4.º 188
Examina-se se o Reino e Império de Cristo é tambem temporal. Refere-se a opinião negativa

Capítulo 5.º 192
Propõe-se e defende-se a opinião afirmativa

Capítulo 6.º 201
Prossegue-se a mesma matéria: apontam-se os títulos e razões do Reino temporal de Cristo

Capítulo 7.º 244
Conclui-se que o Reino de Cristo é espiritual e temporal juntamente

Adenda 249

Prefácio

Sabiaõ que tinha Chriſto promettido a ſeu primeyro Rey, que os eſcolhèra para Argonautas Apoſtolicos de ſeu Evangelho, & para levarem ſeu nome, & fundarem ſeu Imperio entre gentes remotas, & naõ conhecidas, &

«Sabiaõ
que tinha Christo promettido a seu primeyro Rey, que os escolhèra para Argonautas Apostolicos de seu Evangelho, & para levarem seu nome, & fundarem seu Imperio entre gentes remotas, & naõ conhecidas, &»

António Vieira. *História do Futuro. Livro Anteprimeiro. Prolegómeno a toda a História do Futuro, em que se declara o fim e se provam os fundamentos dela. Matéria, Verdade e Utilidade da História do Futuro.* Lisboa: Oficina de António Pedrozo Galram, 1718, p. 81 [texto de 1664/1665 aprox.].

Prefácio
Voltar aos textos do Padre António Vieira – Entre teologia e política

O Padre António Vieira arribou pela última vez a Salvador da Bahia em 1681, e de lá nunca mais sairia, passando a ler e a escrever longe do Paço de Lisboa, mas nunca desinformado ou alheio às «variedades do mundo»[1]. Ao longo da sua vida, embarcou inúmeras vezes para França, Inglaterra, Países Baixos, Itália, Maranhão e Grão-Pará e Brasil e ao todo cruzou sete vezes o Oceano Atlântico, sempre ao acaso de tempestades, naufrágios e piratas ou, como português consciente e ufano das navegações lusitanas, pisando as ondas do «mar bravo, soberbo, furioso e indignado»[2]. Inúmeros foram os caminhos que percorreu, tanto pelo interior do Brasil como entre vários países europeus, e não poucas foram as cidades em que residiu, por vezes forçado, como nos cárceres de Coimbra.

Em Salvador da Bahia, na Quinta do Tanque, onde se recluiu em idade avançada, ciente de que não teria muito tempo, não deixou de escrever e, principalmente, corrigir o já escrito, de cuidar o seu legado parenético e outros textos. Para quem tanto tinha viajado e escrito, o último refúgio vinha a ser uma afastada biblioteca a salvo dos perigos dos mares embravecidos – «Suave, mari magno turbantibus aequora ventis», Lucrécio *dixit*[3] –, um templo de sapiência com poucos mas doutos livros (e neste caso é Quevedo a referência[4]). E mesmo assim, tão poucos livros – impressos ou manuscritos – não seriam os que descansavam nas prateleiras do Colégio da Compa-

[1] António Vieira. *Sermão de Santo Inácio, Fundador da Companhia de Jesus*. Lisboa, no Real Colégio de S. Antão, 1669. Publicado em: A. Vieira. *Sermões*, org. e intr. de Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, vol. 1, 2003, p. 119-142, aqui 128.

[2] António Vieira. *Livro Anteprimeiro, História do Futuro*. Lisboa: António Pedroso Galrão, 1718, p. 319.

[3] *De rerum natura* II, 1. Lucrécio [Titus Lucretius Carus]. *Da Natureza das Coisas, De rerum natura*, tradução (do latim), introdução e notas de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2015, p. 80.

[4] O verso diz assim: «con pocos, pero doctos libros juntos», Francisco de Quevedo. *El Parnaso español*. Ed. de José Antonio González de Salas. Madrid: Diego Díaz de la Carrera, 1648, p. 115 (soneto CIX, v. 2).

nhia de Jesus em Salvador da Bahia, a condizer com a alta erudição dos textos últimos de Vieira, repletos de citações ou referências cultas; e, para citar outro autor polígrafo e durante decénios contemporâneo do jesuíta, também o testemunham os eruditos diálogos escritos por D. Francisco Manuel de Melo nos três anos em que, forçado, frequentou aquelas terras tropicais. Salvador da Bahia era uma cidade proeminente da Talassocracia Portuguesa.

A preocupação vieiriana em deixar à posteridade um legado escrito não deturpado por gralhas, omissões, censuras ou transmissões erradas e traduções não autorizadas ou inclusive mal feitas evidencia-se ao longo de toda a sua vida. No que diz respeito à parenética, há a reconhecida distância entre a pregação em lugar e tempo concreto, *hic et nunc*, o momento da *energeia*, e a posterior escrita final e impressão do sermão. Assim, ultrapassados os setenta anos de idade, o Padre Vieira recuperou os borrões dos seus sermões e entregou-os à estampa, embora sabendo que um sermão lido não deixava de ser um cadáver, pois lhe faltava a dinâmica da fala, da pregação no púlpito. Mas a obediência ao Prepósito Geral da Companhia de Jesus, Padre Giovanni Paolo Oliva, que lhe pediu que os imprimisse, e a sua preocupação ecdótica pelo seu legado intelectual deram-lhe forças. Lamentava o Padre Vieira que muitos dos seus sermões andassem corruptos, embora estampados sob o nome dele, ou mal traduzidos ou, inclusive, fossem «supostos totalmente, não sendo meus», como escreveu por volta de 1677, na advertência ao leitor incluída na primeira parte dos seus sermões, que se publicaria em 1679[5]. E ainda havia os sermões que só respeitavam a substância, mas não a forma, pois tinham sido «tomados só de memória» ou partiam de «cópias defectuosas e depravadas». Nas seguintes linhas dessa advertência promete enviar mais sermões ao prelo, mas não sabe quantos serão, pois não sabe quanto há de viver ainda, mas já garante que os que não forem por ele autorizados «não são meus». E ainda diz mais. Ao não poder prometer enviar ao Superior Geral dos Jesuítas outras obras que se

[5] Todas as citações deste parágrafo provêm do paratexto «Leitor», publicado em António Vieira. *Sermões*, primeira parte. Lisboa: João da Costa, 1679, 5 páginas sem numeração. A dedicatória vai datada em Lisboa, Colégio de Santo Antão, a 21 de Julho de 1677 e a primeira licença, do ponto de vista cronológico, vai assinada pelo Padre Luís Álvares e foi escrita na mesma cidade e datada a 18 de Setembro de 1677. Quer dizer, antes de partir para o Brasil, onde chegaria em 1681, o Padre Vieira já andava preocupado com o seu legado intelectual, talvez muito consciente de que a sua ascendência na corte tinha perdido a consideração de outrora. Como já anotou Margarida Vieira Mendes, um determinado sermão sobre a governação proferido em 1662 tinha D. Afonso como destinatário principal, no entanto, uma vez redigido para a sua publicação, já em 1682, passava a ser D. Pedro o referente (cf. *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho, 2003, p. 132).

acham entre o «pó das minhas memórias ou dos meus esquecimentos», lamenta, sim, que as forças possam faltar-lhe para concluir os «quatro Livros Latinos de *Regno Christi in terris consummato*, por outro nome, *Clavis Prophetarum*». E, lembre-se, esta *Clavis Prophetarum* não pode ser considerada como uma simples continuação da *História do Futuro*, texto que teve de rematar às pressas durante o processo inquisitorial, mas como uma obra autónoma escrita em Roma, centro da Cristandade, embora o manuscrito tivesse viajado com ele para Salvador da Bahia[6]. Em conclusão, não há dúvida do forte intuito do Padre Vieira de imprimir todos os seus textos e de estes serem filologicamente bem editados.

O conjunto de textos que se incluem sob o título *História do Futuro* possui edições anteriores a esta que aqui se apresenta. Foi em 1718 que em Lisboa, na oficina de António Pedroso Galrão, se imprimiu a *História do Futuro. Livro Anteprimeiro*, que ganhou uma segunda edição lisboeta em 1755, na Oficina de Domingos Rodrigues[7]. Trata-se, neste caso, do *Livro Anteprimeiro*, que viria a ter uma função de prolegómenos da *História do Futuro*, mesmo que este texto inicial tenha uma extensão significativamente maior do que o texto que de facto introduz, e que é o núcleo deste projecto intelectual vieiriano. Só em 1918 é que apareceria impressa a primeira versão do manuscrito que, em rigor, se denomina *História do Futuro*, e foi transcrito por J. Lúcio de Azevedo. Posteriormente, em 1953, António Sérgio e Hernâni Cidade publicariam esta mesma edição da *História do Futuro* de Azevedo, embora com mais notas e texto modernizado. Em trabalho académico de fôlego, José van den Besselaar publicaria a *História do Futuro. Livro Anteprimeiro*, em Münster, em 1976, edição que apareceria, melhorada, em Lisboa, já em 1983. Por essas mesmas datas, Maria Leonor Carvalhão Buescu também andava a trabalhar textos do Padre Vieira e editaria igualmente a *História do Futuro*, que se imprimiu em Lisboa, em 1982, e ganhou uma segunda edição em 1992[8]. Há inclusive uma tradução para o castelhano de

[6] Veja-se a «Adenda» assinada por Arnaldo do Espírito Santo, no fim deste livro.

[7] Interessa notar que este livro de 1718 foi traduzido para o castelhano por Alonso Antonio Rodríguez Santibáñez (possivelmente um pseudónimo de algum jesuíta) e ganhou várias edições em Espanha: 1726 (Madrid, Oficina de Antonio Marín), 1734 (Barcelona, María Martí Viuda, com segunda impressão em 1752) e 1738 (Madrid, Oficina de Antonio Sanz, com segunda impressão em 1758). Há ainda, deste mesmo livro, *História do Futuro. Livro Anteprimeiro*, uma edição soteropolitana de 1838 (Typographia Constitucional), uma edição lisboeta de 1855 (J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes) e uma edição paulistana de 1937 (Edições e Publicações Brasil). Do livro de 1718 se imprimiu uma edição fac-símile em Belém do Pará (Secretaria do Estado da Cultura), em 1988.

[8] Buescu parte das edições de Besselaar (1976) e Azevedo (1918).

Enrique Nogueras, publicada em 1987 pela editora Cátedra[9]. No Brasil, José Carlos Brandi Aleixo editou a *História do Futuro*, em 2005, pela Editora da Universidade de Brasília. Já mais recentemente, Pedro Calafate coordenou a edição da *História do Futuro* que apareceu em 2014 como tomo III, volume I, da *Obra completa Padre António Vieira*.

A nova leitura do manuscrito autógrafo do Padre Vieira que propõe agora Ana Paula Banza, investigadora que muito bem conhece a prosa vieiriana, pois no passado já editara a *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício*[10], visa um público eminentemente filólogo ou linguista, pois recupera a ortografia e pontuação do autor que, no tempo da escrita, ou se encontrava no interior da Amazónia ou encarcerado em Coimbra. E lembre-se, uma ortografia e pontuação de uma época anterior ao triunfo escolar do português *standard* tem particularidades significativas, pois, se bem que os autores costumassem perfilhar uma ortografia própria, não sentiam a necessidade de se manterem fieis às escolhas tomadas previamente, nem no decorrer das suas vidas, nem sequer no correr da página.

Voltar aos textos de Vieira é sempre necessário. Foi com desatada imaginação que o Padre Vieira interpretou os vários cometas que pôde observar em vida (1618, 1680, 1695 etc.), que considerava «sinais do Céu», «sinais de Deus»[11], no momento em que decifrava de forma inovadora e providencialista as profecias da Bíblia, mormente os livros de Isaías e Daniel. A esta tarefa interpretativa somou o Padre Vieira uma leitura particular tanto do mito profético do milagre de Ourique, que garantiu a vitória contra os mouros e a fundação do Reino, como das trovas do Bandarra, que circulavam largamente na sua época. O objectivo final era levantar um sólido projecto retórico e político para o restaurado Reino de Portugal. O mundo físico (cometas), o mundo revelado (Bíblia), o mundo político (Ourique) e o mundo popular (Bandarra) encontravam-se reunidos na parenética e outros textos de Vieira, tanto por meio da palavra falada como da palavra escrita. O Padre Vieira apresentava-se como embaixador apostólico, em clara metáfora paulina.

[9] Segundo a «Nota sobre la traducción» (p. 65), que assina Luisa Trías Folch, para a tradução tiveram-se em consideração a edição de Besselaar (1976) e a de Cidade (1956) [sic].
[10] Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008, dois tomos.
[11] Cf. o texto de António Vieira titulado «Voz de Deus ao mundo, a Portugal e à Bahia: Juízo do cometa que nela foi visto em 27 de Outubro de 1695 e continua até hoje, 9 de Novembro do mesmo ano» e publicado por Pedro Calafate em *Obra completa Padre António Vieira*, tomo III, *Profética*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2014, pp. 583-612, aqui p. 587.

A escrita de Vieira, especialmente os sermões, pois são proferidos perante um auditório que vai da alta pessoa do rei à arraia-miúda, incluindo-se mestiços, indígenas e negros africanos, mas também os escritos proféticos como a *História do Futuro*, buscavam, como obrigava a tradição clássica, ensinar, deleitar e, em última instância, mover consciências que despertassem para uma acção moral ou política e, neste último caso, por vezes imediata, a favor da independência e conservação do Reino de Portugal: *prodesse, delectare, movere*. Nos sermões pregados desde o púlpito havia, por outro lado, de modo muito acentuado, uma advertência com vista a uma cura ou purgação moral, pois o Padre Vieira considerava que tanto Lisboa como Salvador da Bahia eram cidades ofuscadas pela vaidade. Considerava Vieira que era necessário reformar os costumes para se recuperar a virtuosa senda da justiça e do bom governo amado por Deus: «Mudemos nós e emendemos a vida»[12], como escreveria no fim dos seus dias, sempre na linha de uma teologia política providencialista.

A erudição de Vieira continua a ser um tesouro de conhecimentos e a construção engenhosa do seu raciocínio e das suas frases não deixa de ser um deleite retórico para o ouvinte ou o leitor, inclusive hodierno. O engenho vieiriano perseguia a verdade, mas sempre em prol da formosura, como já dissera Baltasar Gracián: «No se contenta el ingenio con sola la verdad, como el juicio, sino que aspira a la hermosura»[13]. E assim era quase inevitável que, ao acabar o sermão ou encerrar o livro, o fervor lusitano nascesse e movesse consciências autonomistas favoráveis à Restauração do Reino de Portugal. Como Luís António Verney diria no século seguinte sobre o Padre Vieira: o movia uma «viva paixão pelos aumentos do seu Reino e ardente desejo de se sacrificar por ele». E mesmo sendo Verney um erudito que encarnou por excelência o Iluminismo em Portugal, logo radicalmente contrário à retórica da agudeza do Padre Vieira, o nacionalismo de ambos aproxima-os, tanto que chega a afirmar sobre o jesuíta que, «se eu vivesse no seu tempo, seria o seu maior amigo»[14].

É na figura pensante e actuante do Padre Vieira que se representa de forma exemplar a crise da Primeira Modernidade. Assim, sem deixar de venerar o saber da Antiguidade resgatado pelos humanistas italianos que foram à procura de manuscritos clássicos perdidos ou ignotos em bibliotecas mo-

[12] António Vieira, «Voz de Deus ao mundo, a Portugal e à Bahia ...», *op. cit.*, p. 612.
[13] Lorenzo Gracián [Baltasar Gracián]. *Arte de ingenio. Tratado de la agudeza*. Madrid: Juan Sánchez, 1642, pp. 3v-4r.
[14] Para ambas as citações, Luís António Verney. *Verdadeiro Método de Estudar*. Lisboa: António Balle, 1746, p. 213.

násticas da Europa, ou inclusive em Constantinopla, o Padre Vieira também reconhecia entusiasmado o valor da experiência, dos dados empíricos, que as navegações ibéricas apresentavam ao mundo erudito da sua época. Sabia da concepção mecânica da natureza que divulgaram os textos de Giordano Bruno e Galileo Galilei, e não lhe podia ser desconhecida a obra de Francis Bacon relativa à disputa entre Antigos e Modernos. Não era Vieira contrário às novidades da sua época, seja pela revalorização da «experiência» como forma de *auctoritas*, capaz inclusive de corrigir a Sagrada Escritura ou até as opiniões do próprio Santo Agostinho, seja pela proliferação das «outras ciências ou artes», «como a náutica, a bélica, a música, a arquitectura, a geografia, a hidrografia e todas as outras matemáticas»[15]. Agora, beneficiados pelo passar do tempo (*Κρόνος*), os contemporâneos de Vieira podiam descobrir e alcançar melhor e mais longe do que os venerados mestres pretéritos, e assim profetizar em sentido pleno, quer dizer, revelar com clareza, acertar com a interpretação cabal e providencialista dos textos e das coisas.

O Padre Vieira plasmou no seu século XVII, com o seu escrever e o seu actuar, o vivo debate entre o *Umanesimo* de raiz italiana, que buscava e encontrava no passado greco-latino as respostas para os problemas da sua época, e a empiria, que continuamente desembarcava no porto de Lisboa ou de Salvador da Bahia com novos achados que punham em causa a ciência e a filosofia conhecidas. E é nessa mesma centúria, e até de forma dramática, que a Bíblia começava a perder a omnímoda *auctoritas* medieval, pois, por um lado a Cristandade se dividia em incontáveis lutas de religião e, por outro, as descobertas punham em questão o conhecimento ocidental emanado dos textos sagrados. Como já dissera Georg Lukács ao falar do século XVII, a figura de Deus começava a despedir-se deste mundo terreal, mas ainda não tinha desaparecido de forma absoluta, e ao mesmo tempo o ser humano andava algo perdido à procura do seu próprio sentido teleológico e mundano[16].

Voltar aos textos do Padre Vieira implica vivenciar em primeira pessoa, nos seus escritos (e na sua biografia), essa radical crise da Primeira Modernidade. E essa volta acarreta a observação da existência humana partida ao meio entre, por um lado, um ser transcendental e explicador do mundo que aos poucos abandona a sua criatura na terra e, por outro, permite olhar com

[15] A. Vieira. *Livro Anteprimeiro ..., op. cit.*, p. 267 e p. 236.

[16] Ideia publicada em artigo acadêmico em 1916 e já em forma de livro quatro anos depois: Georg Lukács. *Die Theorie des Romans. Ein geschitsphilosophischer Versuch über die Formen der großen Epik*. Berlin: Paul Cassirer, 1920.

espanto o nascimento de uma consciência individual própria do ser humano que, carente de uma teologia sagrada indubitável, avança ainda insegura pelas veredas e sulcos da esfera armilar lusitana.

O Padre Vieira sabia que, desde as iniciais navegações lusitanas do século XV e já de forma definitiva em 1492, a extensão empírica do mundo havia trazido consigo transformações geográficas e científicas que também punham em questão o livro sagrado por excelência: a Bíblia. O seu projecto político-teológico parte, pois, dos profetas bíblicos, que lhe oferecem um amplo e livre espaço para a especulação e assim edificar um projeto lusocêntrico que, sob a égide dos valores cristãos, traria uma unidade espiritual aos seres humanos espalhados pelo mundo, entre os quais imperaria o amor ao próximo (*caritas*) em convite à tolerância. Fala inclusivamente, com fervor, dos «Portugueses famosos» ou «Argonautas apostólicos», que se embarcaram para levar o Evangelho «entre gentes remotas e não conhecidas»[17]. Contradiz este discurso o ódio ao império turco, por considerá-lo imune à evangelização e para o qual invoca a doutrina da guerra justa, equiparando o Turco ao Anticristo e defendendo a sua extinção. Trata-se de um projecto em acção, que não se contenta com o ensinamento e o deleite, mas aspira a um movimento efectivo: do rei, da corte, do Terceiro Estado, em suma, do Reino de Portugal como um todo. A audácia de Vieira deslumbra os seus leitores do século XXI, já que, em tempos pretéritos de profunda crise teológica e política, ansiava levantar os ânimos dos portugueses anunciando que em breve viria um tempo novo em que os feitos militares do Reino de Portugal voltariam a brilhar no firmamento e a evangelização universal dos gentios – inclusive judeus, mas com a exceção dos já citados turcos – deixaria de ser um projecto em potência, para ser um facto, uma realidade. Fora desta Igreja universal não poderia haver salvação nem paz. A *História do Futuro* pode ser lida, também, como uma viagem providencialista de ida e volta entre o poder espiritual e o poder temporal, o qual estaria destinado aos portugueses com o advento do Quinto Império.

Como se o muito bem informado Padre Vieira não soubesse que o Reino de Portugal e as suas Conquistas tinham demasiados pontos fracos, e que a vizinha Castela, mesmo que em profunda crise política, ainda tinha uma assinalável supremacia militar. E como se ignorasse a famosa *boutade*, muito real por outro lado, que Francisco I de França teria dito por volta de

[17] A. Vieira. *Livro Anteprimeiro ..., op. cit.*, p. 81. «Argonautas apostólicos»: Feliz epíteto da Hélade para qualificar e enobrecer uma figura bíblica. Duas cosmogonias reunidas por meio de só dois vocábulos.

1540 ao imperador Carlos V (Carlos I da Espanha): «Je voudrais bien voir la clause du testament d'Adam qui m'exclut du partage du monde!»[18]. Quer dizer, o poder de levantar fronteiras no mundo já não passava mais por Roma, mas pela real e verdadeira dominação dos novos territórios. E, para além disso, o neerlandês Hugo Grotius já tinha introduzido no debate jurídico, no começo do século XVII, o conceito de *mare liberum*, que viria a ser contrário aos interesses políticos portugueses. E assim, a instauração do Quinto Império ou Império de Cristo seria, por isso, uma inusitada afirmação, ao não ter realmente em conta a configuração dos poderes nacionais que se estavam a consolidar na Europa depois da Guerra dos Trinta Anos. Por outro lado, o saber enciclopédico da época considerava que o quarto e último império teria sido o romano e em Portugal já se sabia que as naves lusas tinham perdido o poderio geopolítico de antanho. Os tempos esperançosos e triunfantes cantados por Camões eram idos: «... se esqueçam os humanos / De Assírios, Persas, Gregos e Romanos» (*Os Lusíadas*, I, 24, vv. 7-8).

António Vieira intervém na *res publica* para profetizar um futuro de esperança, para alicerçar uma nova dinastia, a Casa de Bragança, como outrora fizera Fernão Lopes com o Mestre de Avis, que tinha subido ao trono apoiado numa insurreição que unificou os interesses de parte da nobreza, a incipiente burguesia e a voz popular dos mesteirais ou gente mecânica. O historiador medieval incutiu um perspicaz sentido político às suas crónicas com o objectivo de legitimar uma nova dinastia que nascia com um filho de rei, sim, mas nascido de relação extraconjugal. Portanto, preponderava o direito de naturalidade, associado a Portugal, frente ao direito senhorial, directamente relacionado com a rival Castela. E não renunciou Fernão Lopes a lançar mão dos textos sagrados, pois se os apóstolos de Cristo pregaram o evangelho pelo mundo, os apóstolos portugueses seriam o condestável «Nun'Álvares e seus companheiros», que pregavam pelo Reino o «evangelho português»[19]. O rei D. João I, primeiro da dinastia de Avis, que mereceu

[18] Cf. Georges Bordonove. *Les Rois qui on fait la France. François Ier, le Roi-Chevalier*. Paris: Pygmalion / Gérard Watelet, 1987, p. 287.

[19] Fernão Lopes. *Crónica de Dom João I*. Primeira parte. Edição crítica e notas de Teresa Amado, com a colaboração de Ariadne Nunes, Carlota Pimenta e Mário Costa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017, p. 308. O texto foi impresso pela primeira vez nos primeiros anos da Restauração, cf. *Crónica d'El-Rei D. João I de Boa Memória ..., primeira parte ... composta por Fernão Lopes*. Lisboa: António Álvares Impressor d'El-Rei, 1644 (para esta citação, cf. p. 312). As licenças e outros paratextos desta edição de 1644 relacionam de forma evidente os tempos iniciais da dinastia de Avis com os primeiros anos da dinastia dos Bragança no trono de Portugal, qualificando, inclusive, D. João I de «novo Restaurador e em certo modo Fundador do Reino»,

o epíteto de «O de boa memória», apresenta-se na prosa de Fernão Lopes como o escolhido por graça divina ou por um sinal, ao que se agrega uma legitimidade de exercício por ter sido o paladino da sobrevivência do país como reino independente.

Mais de duzentos anos depois de Fernão Lopes, sabia muito bem o Padre António Vieira que as estruturas sociais do *Ancien Régime* não outorgavam grande poder de decisão ao Terceiro Estado, mas era muito consciente da sua importância e de que o apelo à lusitanidade e à independência do Reino de Portugal precisava de angariar um apoio popular relevante. É por isso que, ao lado dos profetas bíblicos, o Padre Vieira se apoia muito conscientemente e sempre a partir de uma visão lusocêntrica, por um lado, no mito do Milagre de Ourique e a suposta promessa de Cristo ao futuro rei de Portugal D. Afonso Henriques e, por outro, nas «celebradas trovas do Bandarra», que também profetizaram a missão evangelizadora e dominadora do mundo por parte do Reino de Portugal[20]. Quer dizer, pelos factos podemos intuir que o Padre Vieira sabia que só com a Bíblia pouco conseguiria convencer os seus conterrâneos, poucas esperanças messiânicas poderia insuflar-lhes. Outros mitos mais populares, mais conhecidos e mais presentes na sociedade da sua época eram-lhe necessários: Ourique e Bandarra. As renomadas e obscuras profecias bíblicas presentes nos textos de Isaías e Daniel, outrora de inextricável interpretação, agora, argumentava Vieira, havendo o ser humano adquirido mais conhecimentos devido à «antiguidade» histórica do mundo, o que incluía as viagens transoceânicas ibéricas, passavam a ser de mais fácil compreensão. Foi a ousadia interpretativa do Padre Vieira, pouco grata ao Santo Ofício, que lhe permitiu unir no seu discurso em defesa do Reino de Portugal a tradição profética da Bíblia com o Milagre de Ourique, lendário exemplo em que poucos venceram a muitos, e as muito divulgadas trovas do sapateiro Bandarra, lidas numa perspectiva bragantina[21]. Trata-se de interpretações acomodatícias ao tempo – uma sa-

---

do qual D. João IV é herdeiro «no direito do sangue, sucessão e imitação» («[Dedicatória]» a D. João IV, assinada pelo editor António Álvares; sem paginação). A *Crónica de Dom João I* é uma obra de referência para a historiografia portuguesa que, mesmo depois da sua primeira impressão, em 1644, não deixou de correr de forma manuscrita.

[20] Tanto José van den Besselaar como Maria Leonor Carvalho Buescu assinalam em nota que as edições impressas do século XVIII (1718 e 1755) eliminaram essa referência às trovas do Bandarra, pouco conformes com o discurso defendido pela Inquisição.

[21] As trovas do Bandarra corriam largamente em Portugal desde o século XVI e inclusive D. João de Castro as imprimiu parcialmente em Paris, em 1603. Com a Restauração, ganharam uma leitura favorável à dinastia dos Bragança e apareceu uma edição das trovas em Nantes, em 1644. As duas advertências impressas neste livro de 1644 marcam a linha interpretativa das trovas e

cralização de factos históricos –, para oferecer aos portugueses esperanças certas e provadas, intelectual e teologicamente, de um iminente futuro promissor, que adoptaria a forma de Quinto Império na sua elevada retórica, mas que tinha uma volição política providencialista certamente ancorada no seu tempo histórico.

Para findar estas linhas, foi com respeito ecdótico pela obra de António Vieira que Ana Paula Banza regressou aos arquivos da Torre do Tombo para tornar a transcrever, fiel à letra, o manuscrito da *História do Futuro*, confrontando a sua leitura com as de Azevedo (1918) e Sérgio & Cidade (1953). E depois, a quatro mãos com Helena Freire Cameron, as duas colegas apresentaram uma versão em português normalizado. As inúmeras notas – somam-se mais de mil notas miúdas –, dão conta do aprimorado trabalho de edição. E faz muito sentido que esta *História do Futuro* apareça nas Edições de Bamberg, pois nesta casa se persegue, conjuntamente, a edição filológica aprimorada e a divulgação máxima do conhecimento mais elevado (*open access*, em bom português moderno do século XXI). A junção de ambos os intuitos – primorosa edição e larga divulgação – não desgostaria o arguto engenho vieirino, erudito e pregador, e serve para justificar este retorno a um manuscrito que tanto interpela, ainda hoje, a quem o queira ler e ouvir.

Enrique Rodrigues-Moura & Arnaldo do Espírito Santo
Bamberg & Lisboa

apontam D. João IV como o verdadeiro encoberto, o rei novo e prometido. Patrocinou esta edição D. Vasco Luís da Gama, 5.º conde de Vidigueira (a partir de 1646 marquês de Nisa), então embaixador de Portugal em Paris. O Padre Vieira conheceu-o pessoalmente em 1646, em Paris, e inclusive manteve com ele correspondência contínua.

Introdução

Convtando a tratar do Quinto Imperio do Mundo (grata assumpto
de ser este hum nosso pequeno trabalho) e

«Entrando a tratar do Quinto Imperio do Mundo (grande assumpto / deste nosso pequeno trabalho)» ...

António Vieira. Primeiras palavras do original autógrafo da *História do Futuro*. Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Inquisição de Lisboa, Processo do Padre António Vieira – 01664-1 – ficheiros 553-761, de um total de 1472 (aqui, ficheiro 553) [texto de 1664].

Introdução

Do ponto de vista filológico, a *História do Futuro* é uma obra fragmentária e muito incompleta, sendo os motivos do estado em que chegou até nós compreensíveis em função das suas atribuladas génese e transmissão.

É provável que a ideia de escrever a *História do Futuro* tenha surgido a Vieira no rescaldo da Restauração (1640), da vinda a Lisboa e da famosa audiência com D. João IV, que marcaria toda a sua vida dali em diante. No entanto, o intenso período de actividade política e diplomática que se seguiu terá feito com que as primeiras linhas da obra só tenham sido lançadas no papel em 1649. Depois, o regresso ao Brasil, envolvendo outros trabalhos e preocupações, fez com que as duas primeiras páginas tenham sido retomadas apenas 15 anos mais tarde, em 1664. Entre 1649 e 1664, porém, e provavelmente também antes de 1649, Vieira terá ido tomando notas, apontamentos, redigindo alguns fragmentos, claramente textos de trabalho, com muitas rasuras, acrescentos marginais e entrelinhados, provavelmente escritos em datas diferentes, muitas vezes sem relação directa entre si.

Em 1664, ao retomar a obra, Vieira estava de novo em Lisboa e, já afastado das lides da corte, terá encontrado algum tempo para se dedicar à escrita de forma mais sistemática. No entanto, esta seria de novo interrompida, desta vez definitivamente, em 1665, com a sua prisão pela Inquisição, sob suspeita de heresia das ideias ali expostas ou a expor.

Terão provavelmente sido escritos neste período os fragmentos mais organizados que chegaram até nós e que foram publicados pela primeira vez apenas em 1918, por Lúcio de Azevedo, além dos primeiros doze capítulos do *Livro Anteprimeiro. Prolegômeno a toda a História do Futuro, em que se declara o fim e se provam os fundamentos dela. Matéria, Verdade e Utilidades da História do Futuro*. Estes capítulos iniciais do *Livro Anteprimeiro*, que deveria ser a introdução à obra, terão sido escritos já em 1665, pouco antes da prisão, e enviados por Vieira para a corte, numa espécie de acção de promoção, e, por isso, além de constituírem um texto homogéneo e até

de maior extensão do que o que acabou por chegar até nós da História do Futuro, salvaram-se do confisco da Inquisição e puderam ser publicados logo no séc. XVIII[1]. Tudo o resto – das notas e esboços aos fragmentos mais elaborados, capítulos ou partes de capítulos – muito longe do que deveria ser a forma e extensão final da obra, foi apreendido pela Inquisição na altura da prisão, em Outubro de 1665, e posteriormente arquivado em vários apensos ao processo, onde permanece até hoje, no meio de outros variados documentos.

A nova leitura destes textos, que agora se apresenta, nasce da constatação de que, desde a primeira, em 1918, por Lúcio de Azevedo[2] (LA), as diferentes edições da *História do Futuro* têm perseguido sempre objectivos de divulgação junto de um público alargado, sendo, por esse motivo, de carácter modernizador. Assim, entendendo-se que faltava no mercado uma edição destinada essencialmente a filólogos e linguistas, nasceu a ideia de voltar aos manuscritos para uma nova leitura conservadora, que devolva aos especialistas a «feição da escrita do tempo»[3], conservando, não apenas as particularidades linguísticas, mas também, na medida do possível, as ortográficas e de pontuação, da escrita de Vieira.

A presente edição da *História do Futuro*, do Padre António Vieira, baseia-se na primeira, de Lúcio de Azevedo, conservadora, vinda a lume em 1918, corrigindo-a e completando-a com recurso a uma nova leitura integral do original, que se encontra na Torre do Tombo, em Lisboa (Inquisição de Lisboa, Processo do Padre António Vieira – 01664-1 – ficheiros 553-761, de um total de 1472[4]) e está actualmente disponível *online* na base de dados Digitarq.

---

[1] Cf. Lisboa: Oficina de António Pedroso Galrão, 1718; segunda edição em Lisboa: Oficina de Domingos Rodrigues, 1755. Além destas, setecentistas, a obra tem conhecido variadíssimas edições, de que se destaca a edição crítica de José van den Besselaar, em 1976 (António Vieira. *Historia do futuro. Livro Anteprimeiro*. 2 vols. Ed. crítica pref. e coment por José van den Besselaar. Münster: Aschendorffsche, 1976), e a «nova leitura», do mesmo autor (António Vieira. *Livro anteprimeiro da história do futuro. Nova leitura*. Introd. e notas por José van den Basselaar. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983), em que «ensinado pela crítica competente de alguns vieiristas e revendo, depois de um intervalo de seis anos, o texto de 1976, opt[a] em alguns casos por uma lição diferente» (p. 16 da introd.).

[2] Azevedo, J. L. de (1918). «A História do Futuro – Inédito de António Vieira», *Boletim da Segunda Classe*, vol. XII – n.º 3 – Novembro a Abril, Academia das Sciências de Lisboa, pp. 110-247. Desta edição, consta também o «Plano da História do Futuro», cópia do Ms. na Bibl. Nac. Maquinações de Antonio Vieira jesuíta, T. 2.º, p. 89, conforme a nota de Lúcio de Azevedo na página 241.

[3] Azevedo (1918), op. cit., p. 118.

[4] Referência actualizada na sequência da entrada em funcionamento da nova versão da Plataforma Digitarq, a partir de 07 de Abril de 2025. Nesta nova versão, a numeração das imagens deixa de ser corrida entre os volumes, primeiro, 01664, e segundo, 01664-1, do Processo.

A edição de Sérgio e Cidade[5] (SC), que tem servido de *vulgata* à obra, dado o acesso difícil à primeira edição, e é, por isso, a sua principal edição de referência, foi também confrontada, nos casos de leitura má ou duvidosa de LA, tendo-se verificado, no entanto, que SC terá reproduzido a edição de LA numa versão modernizadora, aparentemente sem acesso ao original, transcrevendo, não todas, mas as notas mais importantes do primeiro editor, escassas, de natureza filológica, e acrescentando outras, na sua maior parte as traduções, acompanhadas da respectiva localização, dos passos latinos citados por Vieira, quando o próprio autor não fornece a tradução. Além destas, há ainda algumas importantes notas de comentário. Na presente edição, transcrevem-se, entre aspas, as notas destas duas edições – a de LA por ser a primeira e a de SC por ser a principal edição de referência, ambas já em domínio público –identificadas pelas iniciais dos editores.

O manuscrito começa a seguir ao separador intitulado «Appenso 5.º», estando o verso em branco. O texto começa depois, em numeração seguida, por páginas, mas alterna entre fragmentos com numeração distinta, por página ou por fólio, e páginas em branco. Apesar do mau estado do documento, com muitas páginas esborratadas, repassadas, etc, e da própria dificuldade do manuscrito, com muitos riscados, acrescentos, transposições, etc., procurou-se, além da numeração de página/fólio, assinalada no corpo do texto entre parênteses rectos, registar, em nota de rodapé, todos os acidentes significativos – por exemplo, extensões superiores a três linhas de texto riscado, texto na margem (na marg.), texto na entrelinha (entrel.), transposição de texto –, prescindindo-se, no entanto, da anotação de riscados não substituídos de pequena extensão e da tentativa de leitura dos riscados, por serem em grande número e em grande parte ilegíveis.

Além dos fragmentos mais elaborados, tradicionalmente publicados como *História do Futuro*, e que são também objecto da nossa edição, encontram-se, no meio de muitos outros documentos, nem todos da mão de Vieira, várias notas, muitas delas bibliográficas, mas também fragmentos redigidos, em português e em latim, alguns dos quais poderiam também vir a pertencer à *História do Futuro*[6]. Tal é o caso do fragmento intitulado

[5] Sérgio, A. & Cidade, H. (1953). *Obras escolhidas do Padre António Vieira*, vol. IX. Lisboa: Sá da Costa, pp. 1-160.

[6] Cf. Calafate, P. (coord.) (2014). História do Futuro. In *Obra completa de Padre António Vieira*. Direção de José Eduardo Franco e Pedro Calafate. Lisboa: Círculo de Leitores, Tomo III-Volume I, «Segunda parte», «História do Futuro» e «Anexos da História do Futuro», pp. 228-579.

«Parte 3.ª» (Appenso 10.º), publicado pela primeira vez por Adma Muhana[7], claramente escrito para o Livro III, mas que, por algum motivo, LA terá deixado de fora e que, tal como os restantes, de mais difícil localização no plano da obra, também não transcrevemos aqui. Este e outros fragmentos dispersos serão integrados no *Arquivo Digital da História do Futuro*, em preparação, por se entender que só o ambiente digital permitirá colocar em diálogo «todos os textos conceptualmente pertencentes à Obra *História do Futuro*, independentemente do seu grau e circunstâncias de elaboração, permitindo a sua leitura e análise dentro do Plano estabelecido pelo autor e a comparação das diferentes peças textuais, revelando a reutilização de ideias e textos ao longo das diferentes fases de elaboração»[8].

No que respeita à transcrição, tal como na *editio princeps*, ela é bastante conservadora, «somente desdobrando as abreviaturas, e regulando ao modo actual o emprego do U e do V, do J e do I»[9]. No restante, respeitam-se as «feições da escrita do tempo», que incluem, além do grande número de abreviaturas, «ausência de acentos, pontuação escassa, períodos começados por minúscula, e maiúsculas a esmo, às vezes iniciais de um verbo em meio da oração», bem como a grande variação, particularmente notável em casos como os de: y-i; ll-l; s-z; ee-é; oens-ões; e-a; eu-eo e a «predilecção pela letra y [...], pelo th [...] e pelas consoantes dobradas...»[10].

Além das alterações reconhecidas na introdução à sua edição[11], Azevedo introduz também outras, ainda que de forma não sistemática, aparentemente apenas nos casos por ele considerados necessários à inteligibilidade do texto, nomeadamente: a regularização do uso de minúsculas e maiúsculas, a acentuação de vogais para indicar o grau de abertura e a introdução de pontuação. Na presente edição, procuramos restituir, também nestes aspectos, na medida do possível, a feição original do manuscrito, apenas com algumas excepções:

a) No caso da acentuação, mantém-se, apenas nos casos considerados estritamente necessários, a opção de LA, mas adaptando ou retirando o si-

[7] Cf. Vieira, António (1994). *Apologia das coisas profetizadas*. Org. e fixação do texto de Adma Muhana. Lisboa: Cotovia, pp. 285-296.
[8] Banza, Ana Paula (2023), «O texto desmaterializado: explorando os limites da Filologia Digital». Revista *LaborHistórico*, v. 9, n.° 1, pp. 1-23, online; aqui, p. 8.
[9] Azevedo (1918), *op. cit.*, p. 118.
[10] Azevedo (1918), *op. cit.*, p. 118.
[11] Azevedo (1918), *op. cit.*, pp. 110-119.

nal, por não ser de Vieira, segundo o uso actual do Português Europeu: á > à; prégar> pregar; côrte> corte.

b) No caso da pontuação, procura-se restituir o texto à forma original, quando legível, salvo nos casos em que se considera que ela, ou a sua ausência, impossibilita ou dificulta excessivamente a compreensão do texto.

c) Quanto ao uso de maiúsculas e minúsculas, a opção foi também a de manter a feição original do manuscrito, normalizando apenas casos como, por exemplo, os de frases começadas por minúscula ou maiúsculas espúrias, no meio da frase, em nomes comuns ou verbos sem nenhum significado particularmente relevante no contexto.

d) O texto latino é mantido e destacado, como é usual, em itálico.

A nova leitura conservadora do texto é acompanhada por uma versão normalizada, que se destina a facilitar a sua leitura e interpretação, em particular ao público não especialista, bem como a leitura por máquina e a utilização de ferramentas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), na sua versão electrónica. As tarefas de PLN permitirão, de forma automática, processar o texto na sua globalidade, por exemplo, retirando listas lexicais ou anotando morfossintacticamente o texto ou individualizando as palavras latinas face às portuguesas, entre muitas outras potencialidades. O PLN permitirá retirar novas informações dos documentos e, com elas, gerar novos conhecimentos, potenciando o olhar humano sobre o texto através do auxílio da máquina.

A partir das intervenções realizadas na transcrição conservadora, na versão normalizada assume-se como critério geral a separação/união de palavras (ex.: seguese > segue-se) e a normalização da grafia, acentuação e pontuação do texto, mantendo, no entanto, o uso de Vieira, sempre que ele não prejudique a compreensão. Mantêm-se, igualmente, marcas muito características do autor/época, como é o caso do adjectivo comum como biforme: comum / comũa ou de palavras que, ainda que actualmente desusadas, se encontram dicionarizadas (ex.: cousa; defensa). No caso das maiúsculas, adopta-se, igualmente, o sistema actual, excepto quando se entende que o seu uso se reveste de especial significado no texto (ex.: profeta > Profeta; rey > Rei; quinto imperio > Quinto Império).

Foram tomadas decisões específicas nos seguintes casos da versão normalizada:

1. Vocalismo

a) Vogais elididas: são restituídas as vogais iniciais ou finais elididas em situação de encontro vocálico intervocabular (ex.: desdo > desde o; dentre > de entre). Exceptua-se o caso de «d'el-Rei», onde, por se tratar de uma forma cristalizada, se assinala a elisão por introdução de apóstrofo, de acordo com o uso actual.

b) e- protético: São restituídas de acordo com o uso actual as vogais iniciais (ex.: spirito > espírito).

c) Vogais duplas: São reduzidas a simples, mesmo quando são etimológicas (ex.: fee > fé).

d) Vogais nasais: São marcadas de acordo com o uso actual (ex.: compoem-se > compõe-se; triumfo > triunfo). No que diz respeito às terminações nasais, regulariza-se, no singular, a distinção entre «-ão», em posição tónica e «-am», em posição átona (ex.: tam > tão; tenhão > tenham). Nos casos de dúvida, assinala-se o facto em nota. No plural, regulariza-se a terminação «-oens» > «ões», de acordo com o uso actual (ex.: navegaçoens > navegações; doens > dons). No par hũ / hũa, regularizam-se, de acordo com o uso actual, as formas do masculino (ex.: hũ > um) e do feminino (ex.: hũa > uma).

e) Vogais átonas e semivogais: As vogais «e» e «o» em posição átona e as semivogais [j] e [w] são transcritas de acordo com o uso actual, mesmo nos casos em que «e» e «o» são etimológicos (ex.: sogeição > sujeição; Judeos > judeus, mas também taes > tais; animaes > animais).

f) Hiatos: Formas com hiato conservado na grafia (ex.: paveas; seo; balea) são transcritas de acordo com o uso actual (ex.: paveias; seio; baleia), uma vez que a epêntese de semivogal é considerada um fenómeno concluído no séc. XV[12].

2. Consonantismo

a) Consoantes fricativas: São eliminadas, de acordo com o uso actual, as confusões gráficas decorrentes da neutralização da oposição fonológica entre fricativas ápico-alveolares e pré-dorso-dentais (ex.: fes > fez; dis > diz), bem como as confusões gráficas na notação da palatal sonora (ex.: magestade > majestade; sogeito > sujeito). Note-se que, no que respeita a «-s» e «-z» em

[12] Cf. Banza, Ana Paula e Gonçalves, Maria Filomena (2018). Roteiro de História da Língua Portuguesa, 2018, p. 40. Disponível no Repositorio Digital de Publicações Científicas da Universidade de Évora.

posição implosiva, estes teriam ainda pronúncia sibilante, mas essa seria já pré-dorso-dental. A pronúncia chiante, idêntica à actual, é um pouco mais tardia, só se encontrando documentada já no séc. XVIII.

b) Consoantes mudas: A consoante muda «h» é eliminada ou restituída de acordo com o uso actual (ex.: he > é; hum > um; ouve > houve; aver > haver), inclusive nos casos em que se trata de étimo grego, regra geral chegado ao português através do latim (ex.: Christo > Cristo) e ainda quando assinala um hiato conservado, sendo, neste caso, a sua função assegurada pelo acento, de acordo com o uso actual (ex.: cahido > caído).

c) Consoantes duplas e grupos consonânticos: As consoantes duplas são reduzidas a simples, mesmo quando são etimológicas (ex.: supposição > suposição; mas também della > dela e successo > sucesso). Os grupos consonânticos são normalizados de acordo com o uso actual (ex.: sciencia > ciência; psalmo > salmo).

Embora não sejam seguidas normas de edição pré-estabelecidas, mas antes adaptadas às características específicas dos manuscritos, a leitura conservadora pode ser considerada de carácter semi-diplomático, na medida em que a intervenção do editor é bastante restrita. Por sua vez, a versão normalizada apresenta um carácter interpretativo, uma vez que assume objectivos de facilitação da leitura que implicam uma intervenção significativa no sentido da regularização e normalização gráficas. Ainda assim, mesmo na versão normalizada, a intervenção é reduzida ao mínimo indispensável a uma leitura não especializada, procurando-se um equilíbrio entre a facilitação da leitura e a manutenção da feição original do texto, nomeadamente no que se refere a marcas linguísticas e/ou estilísticas da época e/ou do autor.

A normalização é feita de acordo com a norma ortográfica anterior ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (AO90)[13], actualmente em vigor, por estar mais próxima da escrita de Vieira, implicando, assim, uma menor intervenção, mas suficiente para eliminar a estranheza do leitor não especialista actual e para ser processada computacionalmente.

Ana Paula Banza & Helena Freire Cameron
Évora & Portalegre

[13] Na presente introdução e nas notas à edição, as autoras também seguem a norma ortográfica pré-AO90.

História do Futuro

António Vieira

Edição conservadora



Assinatura autógrafa de António Vieira em carta enviada a Duarte Ribeiro de Macedo, pouco depois de ter chegado à «nossa Atenas». Coimbra, 13 de fevereiro de 1663. Biblioteca Nacional de Portugal, [Correspondência entre o Padre António Vieira e Duarte Ribeiro de Macedo], 1663-1679, COD. 901, f. 1v [imagem n.º 14 do exemplar digitalizado].

[1] Jesus Maria Joseph

Capitulo 1.º

Entrando a tratar do Quinto Imperio do Mundo (grande assumpto deste nosso pequeno trabalho) para que procedamos com a distinção e clareza tam necessaria em toda a historia e muito mais na deste[1] genero; a primeira cousa que se offerece para averiguar e saber he que Imperios tenhão sido ou hajão de ser os outros[2] quatro em respeito e[3] supposição dos quaes este novo de que fallamos se chama Quinto. Porque sem recorrer à memoria dos tempos[4] passados e pondo somente os olhos no mundo presente conhecemos hoje nelle muito maior numero de Imperios. Na Asia o vastissimo Imperio da China o dos Tartaros o do Persa o do Mogor; na Africa o da Ethiopia; na Europa o de Allemanha em que sem a grandeza se conserva[5] o nome e o de Espanha em que sem o nome posto que tam[6] arruinada e combatida se sustenta a grandeza e em todas estas tres partes do mundo o violento Imperio do Turco[7], tam estendido tam unido tam poderoso e formidavel[8]. Avendo pois ainda nesta nossa Idade tantos Imperios e sendo tantos mais os de naçoens barbaras e politicas que em diversos tempos do mundo se tem levantado e caido; com rasão se deve duvidar e desejar saber a causa,[9] porque este nosso Imperio que prometemos não excede[10] o numero de quinto, e quaes sejão em ordem os outros quatro que lhe derão este logar ou este nome? Ao que respondemos breve e facilmente que este modo de contar não he nosso nem de algum outro Historiador ou Autor humano, senão fundado e tirado

[1] na deste] Em Lúcio de Azevedo (LA) e Sérgio e Cidade (SC) «neste».
[2] os outros] Na marg. A substituir riscado na linha.
[3] e] Em LA e SC «ou».
[4] tempos] Entrel. A substituir riscado na linha.
[5] conserva] Em LA e SC «continua».
[6] tam] Omitido em LA.
[7] do Turco] Em LA «dos Turcos».
[8] tam estendido tam unido tam poderoso e formidavel] Na marg.
[9] a causa,] Na marg.
[10] não excede] Em LA e SC «recebe».

das escrituras[11] divinas, cuja historia profetica sem fazer caso de muitos e grandes Imperios que florecerão e avião de florecer em varios tempos e lugares do Mundo so trata do Primeiro que se começou e levantou[12] nelle, e dos que em continuada successão se lhe forão seguindo até o tempo presente, os quaes em espaço quasi de quatro[13] mil annos tem sido somente[14] quatro. Esta successão e seu principio foy desta maneira[15].

[11] escrituras] Na marg.
[12] e levantou] Na marg.
[13] quatro] Entrel. A substituir riscado na linha.
[14] somente] Em LA e SC «com este».
[15] LA: «O resto da lauda em branco no ms.». Além do resto da página [1], a página [2] está também em branco.

[3] Capitulo 2.º

Correndo os annos de 1860[16] da criação do mundo, 3814[17] antes do presente de 1664[18] em que isto escrevemos, depois que a confusam das linguas na torre de Babel dividio seus fabricadores em diversas partes da terra, castigo tam merecido à sua soberba como necessario à propagação do genero humano e à mesma grandeza a que aspiravão; Belo, filho do gigante Nembrot (posto que não faltão graves autores que fazem destes dois nomes o mesmo homem)[19] reduzindo a sogeição e obediencia politica a liberdade natural com que todos até aquelle tempo nacião, foy o primeiro que ensinou ao mundo e introduzio nelle a tirania a que depois com nome menos odioso chamarão Imperio. Tantos annos[20] tardou a ambição em romper o respeito àquella ley com que nos fez eguaes a todos a natureza. Foy este Imperio de Belo o dos Assirios ou Babilonios: durou segundo Justino perto de mil e tresentos annos: teve entrando neste numero Semiramis, 37 emperadores de que foy o ultimo Sardanapalo. Ao Imperio dos Assirios succedeu o dos Persas pellos annos da criação 3444. Começou em Cyro acabou em Dario: contou[21] por to-

[16] 1860] Entrel. A substituir riscado na linha.

[17] 3814] Em LA e SC «3800». Na margem, pode ver-se o esboço de alguns cálculos: 1850 + 1300= 3150.

[18] SC: «Vid. História do Futuro, I vol., pág. 144. Sobre esta data de 1664 ver o que se escreveu no Prefácio desta obra, pág. III. Neste ano, Vieira encontrava-se em Coimbra, vigiado pela Inquisição, pela qual corria o seu processo e onde seria encarcerado em Novembro de 1665». SC remetem aqui para a edição do *Livro Anteprimeiro da História do Futuro*. A data de 1664 surge, no manuscrito, em números árabes, na entrelinha, a substituir a de 1649, por extenso, riscada na linha, o que prova que Vieira já trabalharia na obra pelo menos desde aquela data, provavelmente até antes, sendo provável que a tenha começado a redigir no rescaldo da Restauração, abandonado nas primeiras páginas e retomado apenas 15 anos depois. Sobre este facto e, em geral, sobre a elaboração da grande tese exposta na *História do Futuro*, vejam-se a edição crítica, com leitura, introdução e notas por José van den Besselaar (Lisboa: BN, 1983), do *Livro Anteprimeiro....*, e a de Ana Paula Banza (Lisboa: INCM, 2 vols, 2008), da *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício*.

[19] filho do gigante Nembrot (posto...homem)] Na marg. A substituir texto riscado na linha e na margem.

[20] annos] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

[21] contou] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

dos quatorze emperadores: não durou conforme Eusebio mais que duzentos e trinta annos. O terceyro Imperio que foy o dos Gregos ainda durou menos se o considerarmos como Monarchia. Alexandre o começou e acabou em Alexandre[22], para que conheção[23] as coroas quanta he[24] a sua mortalidade pois pode ser mais breve a vida de um Imperio que a de hum homem. Começou este Imperio dos Gregos depois pellos annos do mundo[25] 3672 conservouse unido somente 8[26] e antes delles acabados se dividio em tres Reynos, o da Asia o da Macedonia o do Egypto. Este[27] (que foy o que mais permaneceu[28]) continuou com desigual fortuna tresentos annos, até que governado e não defendido polla celebrada[29] Cleopatra o ajuntou Marco Antonio à grandeza romana. Avia já neste tempo setecentos annos que Romulo levantara junto ao Rio Tibre aquellas primeiras choupanas que depois se chamarão Roma, cujo Imperio começou com este nome em Julio Cesar trinta annos antes do nacimento de Christo. Durou pois o Imperio Romano em[30] toda a inteireza de sua Monarchia 400 annos[31] com successão de 35 Imperadores até o grande Constantino, o qual fundando nova Corte em Constantinopla dividio o Imperio para melhor governo em Imperio Oriental e Occidental, e desde este tempo, começarão as Aguias Romanas a apparecer coroadas com duas cabeças. Sustentouse o Imperio Oriental por espaço de quasi[32] mil annos em que contou oitenta e quatro emperadores, de que foy o ultimo outro Constantino de muito differente fortuna. Porque[33] sendo sitiado e vencido por Mahomete segundo dentro em Constantinopla[34] perdeo a vida e a cidade e sepultou comsigo todo o[35] Imperio: o do Occidente depois daquella divisão experimentou nella grandes vari[ed]ades porque sendo governado alguns annos por Emperadores[36] com igual jurdição e Magestade se passou o gover-

[22] Alexandre o começou e acabou em Alexandre] Esta expressão substitui «em Alexandre começou e em Alexandre acabou», envolvendo a alteração o acrescento de «o» na entrelinha e a indicação de transposição dos dois últimos constituintes: «em Alexandre» e «acabou». Este tipo de alteração é muito comum em Vieira, a par do grande número de riscados e de acrescentos, interlineares e marginais.
[23] conheção] Em LA e SC «vejão e conheção».
[24] quanta he] Em LA e SC «quanto he grande».
[25] pellos annos do mundo] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[26] 3672 conservouse unido somente 8] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[27] Este] Em LA e SC «e este». Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[28] permaneceu] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[29] celebrada] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[30] em] Em LA e SC «com».
[31] no em toda a intejreza de sua Monarchia 400 annos] Na marg.
[32] quasi] Em LA e SC «quatro».
[33] de muito differente fortuna. Porque] Na marg.
[34] dentro em Constantinopla] Na marg.
[35] todo o] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[36] Emperadores] Em LA e SC «emperador».

no a Exarchas que eram ministros e como lugartenentes dos Emperadores Orientaes até que em tempo o Papa Lucio terceiro eleito Carlos Magno em Emperador do Occidente [4] ficando Roma como cabeça da Igreja ao Pontifice passou a corte e assento[37] do Imperio a Alemanha. Succedeu esta mudança pellos annos de Christo de 810 nos quaes o Imperio deminuindo sempre em grandeza e Magestade tem contado noventa emperadores até Fernando 3.º que hoje reyna, e com grande valor e zelo da Christandade está resistindose (queira o ceo que seja com melhor ventura)[38] a outro Mahomete[39].

Estes são em breve summa os quatro Imperios que desde o Primeiro que ouve no mundo se forão continuando e succedendo[40] até o presente, cuja noticia quando não fora tam necessaria para o ponto em que estamos, sempre era muito conveniente darse logo neste principio para melhor entendimento de tudo o que se ha de dizer adiante[41]. Em respeito pois[42] e supposição destes 4 Imperios[43] chamamos Imperio Quinto ao novo e futuro que mostrará o discurso desta nossa historia: o qual se hade seguir ao Imperio Romano na mesma forma de successão em que o Romano se seguio ao Grego o Grego ao Persa e o Persa ao Assirio. E assy como o Imperio dos Persas se chama o segundo Imperio[44] porque succedeo ao dos Assirios que foi o primeiro do mundo e o dos Gregos se chama o terceiro porque succedeo ao dos Assirios e dos Persas e o dos Romanos se chama o quarto porque succedeo ao dos Assyrios ao dos Persas e ao dos Gregos; assy este[45] novo[46] Imperio porque hade succeder ao dos Assyrios Persas Gregos e Romanos (como logo veremos) se deve chamar com a mesma razão e propriedade o Quinto Imperio do mundo[47]. E porque todos os outros Imperios passados e presentes[48] por grandes e poderosos que fossem ficarão fora da ordem desta successão que começou no Primeiro e hade acabar no Quinto (que será tambem o ultimo) por isso as escrituras sagradas não fazem mensão nem memoria algũa delles como tambem nós a não fazemos: nem elles por muitos que hajão sido[49] ficando

[37] a corte e assento] Em LA e SC «o assento».
[38] (queira...ventura)] Na marg.
[39] Segue-se um parágrafo riscado.
[40] succedendo] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[41] cuja noticia...adiante] Na marg.
[42] pois] Entrel.
[43] 4 Imperios] Entrel.
[44] Imperio] Entrel.
[45] este] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[46] novo] Em LA e SC «nosso».
[47] do mundo] Na marg.
[48] passados e presentes] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[49] hajão sido] Na marg. A substituir texto riscado na linha.

fora da mesma[50] ordem podem acrecentar numero ou lugar ao novo Imperio com que mude ou[51] exceda o que lhe damos de quinto.

Tudo o que até aqui fica dito são supposiçoens certas e sem duvida tiradas de differentes lugares do texto sagrado que vão citados à margem e os não pusemos no corpo da historia por não embaraçar o discurso[52] della. Os Autores que dizem o mesmo (posto que em materia tam averiguada e sem controversia não são necessarios Autores) allegaremos nos capitulos seguintes[53]. O que resta e importa mostrar he que ha e aja[54] de aver sem duvida[55] este novo e prometido Imperio a que chamamos quinto. E assy o faremos agora com toda a demonstração e certeza[56] porque esta he a basi e fundamento de toda a nossa historia e assumpto particular deste 1.º Livro.

[50] da mesma] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[51] ou] Entrel.
[52] discurso] Em LA e SC «desenho».
[53] seguintes] Entrel.
[54] e aja] Na marg.
[55] sem duvida] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[56] com toda...certeza] Na marg.

[5] Livro 1.º

Capitulo 1.º

Mostrase a 5.ª Monarchia com a 1.ª Profecia de Daniel

Já dissemos que[57] os futuros livres ou[58] contingentes (qual he o Imperio[59] que promettemos) so são manifestos a Deos e a quem Deos os quer revelar. E assy para fundarmos bem a esperança deste grande futuro devemos recorrer principalmente aos que a fé nos ensina que forão verdadeiros profetas, entre os quaes como tambem deixamos dito[60] tem o primeiro lugar Daniel não so pelo spirito de profecia de que foy tam superiormente illustrado mas porque o fez Deos particular profeta dos Reynos e das Monarchias. Será pois a primeira pedra deste edificio hũa grande profecia de Daniel[61]. No anno antes da Redenção do mundo 450 Nabucodonosor hũ dos ultimos Reis ou Emperadores de Babilonia que era como fica dito o Imperio dos Assirios desvelado hũa noite com os pensamentos da sua monarchia em premio ou consequencia deste cuidado mereceu que Deos lhe revellasse sendo gentio o successo de muitas cousas futuras assy como outros Principes que tem fée desmerecem por sua negligencia e descuido até o conhecimento natural das presentes. Vio pois Nabuco em sonhos hũa visão admiravel e protentosa com[62] cuja apprehensão e assombro acordou de tal maneira perturbado e confuso que somente se lembrava que acabava de sonhar cousas prodigiosas grandes e prenhes de misterios, mas totalmente se esquecia quaes forão. Assy lembrado e assy esquecido o Rey e[63] estimulado igualmente do desejo e

[57] Já dissemos que] Entrel.
[58] livres ou] Entrel.
[59] o Imperio] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[60] como também deixamos dito] Entrel.
[61] deste edificio....de Daniel] Na marg. O resto da página está riscado, bem como a página seguinte, 6, tendo o texto riscado sido substituído por um longo acrescento na margem.
[62] com] Entrel
[63] lembrado e assy esquecido o Rey e] LA e SC parecem ter saltado uma linha, omitindo estas palavras.

do temor que a mesma lembrança e esquecimento lhe causava, mandou logo chamar os mayores sabios dos seus Reynos os Magos os Ariolos os Chaldeos que erão os que pella observação das estrellas e outras artes[64] professavam a sciencia dos[65] [7] futuros[66], e depois de trasidos a sua presença lhes declarou por sy mesmo tudo o que lhe tinha sucedido, e mandoulhes seriamente que não so lhe avião de dizer[67] logo a significação do sonho senão tambem o que tinha sonhado. Responderão os Sabios que se o Rey lhes manifestasse o que sonhara[68] elles se obrigavão a declarar a significação de tudo[69], porque isso era a sua profissão e o[70] mais a que se estendia a sciencia humana, mas que adivinhar qual ouvesse sido o sonho era segredo impossivel de alcansar aos homens e reservado somente à sabedoria dos Deuses. Fallavão assy porque todos erão gentios. Não se aquyetou Nabuco com esta resposta[71] dos sabios[72] antes os arguyo com ella de falsos enganadores e indignos de credito porque se não podião saber o sonho que era cousa passada como avião de conhecer a significação das futuras, e como se[73] lhe avia de dar credito no segundo e mais difficultoso se no primeiro e mais facil elles mesmos confessavão sua ignorancia: que se resolvessem a dizer logo hũa e outra cousa senão que elles e suas familias morrerião todos. E como os tristes sabios respondessem outra vez que não sabião nem podião satisfazer ao Rey no que delles queria, irado grandemente Nabuco mandou que os levassem de sua presença e que nelles e em todos os professores das mesmas artes se executasse logo a sentença de morte. Tam violentos são os apetites do poder supremo e tam arriscado não satisfazer aos Reis até no impossivel. Achavase neste tempo em Babilonia Daniel onde fora levado com el Rey Joachim no primeiro cativeiro ou transmigração dos Hebreos: orou a Deus, elle e seus tres[74] companheiros (que tambem entravão no número[75] dos condenados porque tinhão estudado

[64] artes] omitido em LA e SC.
[65] No anno... a sciencia dos] Na marg. A substituir quase duas páginas de texto riscado.
[66] dos futuros] LA e SC lêem «das cousas futuras», lição que, ainda que aparentemente não anulada, se encontra no final da página 6, totalmente riscada. Tendo em conta que «dos», no final da p. 5 e «futuros», no início da p. 7, não se encontram riscados, mantemos a versão constante das páginas não riscadas.
[67] avião de dizer] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[68] o que sonhara] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[69] de tudo] Entrel.
[70] a sua profissão e o] Na marg.
[71] Nabuco com esta resposta] No original, «com esta resposta Nabuco», com indicação de transposição dos constituintes.
[72] dos sabios] Na marg.
[73] e como se] «se» entrel. LA e SC lêem aqui, erradamente, «e somente».
[74] tres] Na marg.
[75] A leitura de Lúcio de Azevedo, «muno», não corresponde a nenhuma palavra conhecida. A leitura terá deixado dúvidas ao próprio LA, que a marcou no manuscrito com um sublinhado a lápis e uma cruz na margem, a assinalar o local. Sérgio e Cidade substituíram esta forma por

por mandado do mesmo Rey as sciencias de Chaldea): foylhe revelado pelo ceo[76] o sonho e a interpretação delle[77], e quando já a multidão dos sabios rodeados de rusticos e tumulto popular começavão a caminhar para o lugar do supplicio; faz parar a execução Daniel: offerecesse a declarar o sonho: pede que o levem a Nabucodonosor e posto em sua prezença[78] e na dos mayores Principes de Babilonia que o acompanhavão depois de confessar a insufficiencia sua e de todo o saber humano, e mostrar como so o Deus verdadeiro a quem elle servia e que fora o autor daquelle sonho o podia revellar[79] e a significação delle; primeiramente com asombro e pasmo[80] do Rey lhe contou muito miudamente[81] por sua ordem[82] toda a[83] historia do que tinha sonhado, e depois com igual admiração e espanto[84] de todos lhes foy explicando parte por parte os mysterios e segredos futuros que tam prodigiosa visão em si enserrava.

Este he o Prologo da Primeira profecia de Daniel, e todo este o apparato de circunstancias com que o texto sagrado descreve o successo della, as quaes porventura puderão parecer menos necessarias ao nosso argumento, mas nós as quisemos resumir brevemente aqui para credito natural da mesma profecia, pois não so nos obrigão a que[85] a creamos por fee os que somos[86] Christãos, mas se podem convencer com ellas por discurso até os mesmos gentios. A Historia do sonho pellas palavras [8] com que Daniel o referio he a seguinte. *Tu rex cogitare cœpisti; in strato tuo quid esset futurum post hæc: et qui revellat mysteria ostendit tibi quæ ventura sunt. Tu rex videbas et ecce quasi statua una grandis: statua illa magna et statura sublimis stabat contra te et intuitus ejus erat terribilis, etc., usque ad implevit universam terram. Hoc est somnium.* [87]Começaste a cuidar, ó Rey, deitado no teu leito, dis Daniel, o que avia de succeder depois do tempo presente, e o Deus que so pode revellar os misterios e segredos occultos[88] te mostrou naquella visão tudo o que está para vir nos tempos futuros e o que eu agora te direi não por arte ou sciencia

«número», sem qualquer anotação, provavelmente apenas pelo sentido. Parece tratar-se de uma abreviatura: «numo» (numº), e não «muno».

[76] pelo ceo] Entrel.

[77] delle] Entrel.

[78] Seguem-se quatro linhas riscadas.

[79] revellar] Entrel.

[80] e pasmo] Na marg.

[81] miudamente] No original parece ler-se «muidamente», provavelmente por lapso.

[82] por sua ordem] Na marg.

[83] toda a] Em LA e SC, «a».

[84] e espanto] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

[85] nos obrigão a que] Na marg.

[86] que somos] Entrel.

[87] Em LA e SC são introduzidas aspas que identificam o discurso direto, de Daniel, traduzido do latim.

[88] os misterios e segredos occultos] Na marg. A substituir texto riscado na linha.

minha senão por Revelação sua. Pareciate que vias defronte de ti[89] hũa statua grande, de estatura alta e sublime e de aspecto terrivel e temeroso. A cabeça desta estatua era de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre até os joelhos de bronze, dos joelhos até os pés de ferro, os pés de ferro e de barro. Estando assy suspenso no que vias viste mais que se arrancava hũa pedra de hum monte cortada delle sem mãos, e que dando nos pés da estatua a derrubava. Então se desfizerão juntamente o barro o ferro o bronze a prata o ouro e se converterão em pó e cinza, que foy levada dos ventos, e nem aquelles metaes apparecerão mais nem o lugar onde tivessem estado. Porem a pedra que tinha derrubado a estatua creceu, e fazendose hum grande monte occupou e encheu toda a terra. Até aqui a Relação do sonho a qual Nabucodonosor[90] hia ouvindo e reconhecendo lembrandose outra ves de tudo pela mesma ordem com aquella specie de memoria a que os filosofos chamão remenicencia.

Seguiose à historia do sonho a interpretação delle, de que nós diremos agora somente o que pertencer ao ponto em que estamos, reservando o demais (que he muito)[91] para seus lugares. Disse pois Daniel que aquella grande estatua significava[92] a successão do Imperio do Mundo, e os differentes metaes de que era composta as mudanças que o mesmo Imperio avia de ter em differentes tempos e para differentes naçoens. A cabeça de ouro significava[93] o Imperio dos Assyrios em que Nabucodonosor naquelle tempo reynava e porque este Imperio[94] como deixamos notado foy[95] o primeiro, e o principio de todos os Imperios, por isso estava representado na cabeça que he o principio do corpo e no ouro[96] que he o primeiro entre todos os metaes. A prata que he o segundo metal significava o Imperio dos Persas que foy o segundo depois dos Assirios, e que se seguio a elles, assy como o peito e braços se seguem à cabeça. O bronze que he o 3º metal significava o Imperio dos Gregos que foy o 3º depois dos Persas, e se seguio depois delles assy como o ventre se segue depois do peito. O ferro finalmente[97] que he o quarto metal significava o Imperio dos[98] Romanos que foy e he o quarto Imperio que succedeu aos tres primeiros, e assy como as pernas e pés são a ultima parte do corpo humano assy este he e ha de ser o ultimo Imperio dos que naquella estatua se representavão.

[89] defronte de ti] Na marg.
[90] Nabucodonosor] Em LA e SC «Nabuco de novo». No original, «Nabuco donosor».
[91] (que he muito)] Na marg.
[92] -va] Entrel.
[93] de ouro significava] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[94] porque este Imperio] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[95] foy] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[96] por isso...e no ouro] Na marg.
[97] finalmente] Na marg.
[98] dos] Entrel.

Tudo o que até aqui fica dito he de fee ou se segue imediatamente della porque ainda que Daniel na explicação do sonho não nomeou as tres naçoens de Persas Gregos e Romanos disse porem expressamente que os tres metaes significavão tres Reynos que successivamente se avião de continuar huns depois dos outros sinalandoos nomeadamente por primeiro segundo e terceiro Reyno: *Post te consurget regnum aliud minus te argenteum et regnum* [9] *tertium aliud æreum et regnum quartum erit velut ferrum*: e consta pella experiencia e pello[99] testimunho de todas as historias não so humanas senão tambem das sagradas[100] e divinas que os tres Reynos e imperios que successivamente se seguirão ao dos Assirios foram o dos Persas o dos Gregos e o dos Romanos: ou, para[101] o dizer com mais propriedade e certeza, consta que o mesmo Imperio que primeiro foy dos Assirios vencidos estes por Cyro passou aos Persas e o mesmo Imperio dos Persas vencidos estes por Alexandre passou aos Gregos e o mesmo Imperio dos Gregos vencidos estes por varios Capitães de[102] Roma passou e se encorporou no Imperio Romano. E este he o verdadeiro certo e indubitavel sentido da interpretação de Daniel recebido approvado e seguido por todos os Padres e expositores deste lugar em que não ha discrepancia nem duvida algũa.[103]

A rasão ou mysterio porque o Imperio Romano se representou no ferro diz particularmente Daniel que foy porque assy como o ferro lima bate corta e doma todos[104] os metaes sem aver algum que lhe possa resistir assy o Imperio Romano e o poder invencivel de suas armas avia de abater desfazer sogeitar e dominar todos os outros Imperios. *Regnum quartum erit velut ferrum quomodo ferrum comminuit et domat omnia sic comminuet et conteret omnia hæc*[105]. E quadra maravilhosamente ao Imperio Romano a figura das duas pernas e pés da estatua em que foi representado: não so porque assy como os pés da estatua sustentavão e tinham sobre sy o peso e grandeza de toda ella[106] assy o Imperio Romano teve sobre sy e em sy ao peso e grandeza de todos os outros imperios que nelle se unirão e ajuntarão; mas porque o mesmo peso e grandeza como acima[107] vimos foy causa de que o Imperio Romano se dividisse em dous imperios ou duas partes iguaes do mesmo[108] com a qual divisão pondo hum pé no oriente outro no occidente hum em Roma outro em Constantinopla ficarão verdadeiramente sendo estas duas partes do Im-

[99] pella experiencia e pello] Na marg.
[100] sagradas] Na marg.
[101] para] Em LA e SC a abreviatura é desenvolvida por «por».
[102] de] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[103] Segue-se um parágrafo riscado.
[104] todos] Omitido em LA e SC.
[105] SC acrescentam, no início da citação, «Et», que não figura no manuscrito nem em LA.
[106] ella] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[107] acima] Entrel.
[108] Seguem-se cerca de quatro linhas riscadas.

perio Romano como duas columnas naturaes de ferro sobre as quaes toda a machina daquelle protentoso colosso se sustentava. Mas não parava aqui a propriedade da semelhança. Assy como na divisão de hũa e outra perna da estatua se representava a divisão do Imperio Romano nos dous Imperios: assy os des dedos uns mayores outros menores[109] em que os pés da mesma estatua se devidião[110] significavão des Reynos em que a grandeza do mesmo Imperio Romano na sua ultima declinação se avia de dividir. Para cuja intelligencia se deve notar que tudo o [que] hoje possuem os Principes Christãos na Europa, e tudo o que na Europa na Africa e na Asia possue o Turco sam hũas devisoens ou retalhos[111] [11] do Imperio Romano e as partes ou membros de que aquelle vastissimo corpo na sua mayor grandeza e potencia se compunha, as quaes lhe forão tirando as mesmas naçoens que elle tinha sogeitado restituindose outra vez a sua primeira liberdade e soberania como hoje estão sem reconhecerem sogeição nem obediencia algũa ao Imperio Romano. *Ad extremum* (dis Pererio[112]) *ex uno duplex factum est Imperium Romanum alterum latinorum seu Occidentis alterum vero Constantinopolitanum græcorum seu Orientis. Adijce*[113] *quod omnia regna quæ nec sunt apud Christianos et sub Imperio Turcorum partes sunt Imperii Romani tanquam rami ex una illa Imperii arbore decisi*. E he tam verdadeira e tam antiga esta interpretação dos dez[114] dedos da estatua que já antes dos tempos de S. Hieronimo em que o Imperio Romano estava integro[115] e potentissimo sem ter perdido cousa algũa de sua grandeza era opinião commua (como diz o mesmo Santo) de todos os escritores ecclesiasticos que o Imperio se avia de dividir em dez Reynos. Assy se desia e escrevia então, e assy o estamos vendo hoje, comprovandose a verdade desta interpretação com a experiencia, e confirmandose[116] ser este o verdadeiro sentido da profecia com o comprimento della, porque se bem contarmos os Reynos em que hoje está dividido ou espedaçado o que antigamente foy e se chamava Imperio Romano acharemos pontualmente que são dez Reynos. Portugal, Castella, França, Inglaterra, Suecia, Dinamar-

[109] uns mayores outros menores] Na marg.
[110] os pes da mesma estatua] Omitido em LA e SC.
[111] Segue-se uma página em branco, 10.
[112] LA lê «Pierio» onde, no manuscrito, se lê «Pererio». LA terá, talvez, pensado em Pierio Valeriano, autor citado por Vieira noutras obras, mas que, no entanto, nunca escreveu comentários a Daniel e não é o autor citado por Vieira neste passo. SC, que fornece a tradução do passo, identifica corretamente a obra, *Commentariorum in Danielem Prophetam*, e o autor, Benito (ou Benedicto) Pereira (Perera), também referido como Benedicti Pererii Valentini, muito citado por Vieira também noutras obras.
[113] ...adijce] LA lê «addite» e SC «adjice».
[114] dez] Na marg.
[115] integro] Esta é a leitura de LA e SC, que também seguimos. No entanto, a leitura do <g> é duvidosa, podendo tratar-se de um <j>, ou seja, <intejro>, «inteiro».
[116] Assy se desia...confirmandose] Na marg. A substituir texto riscado na linha.

ca, Moscovia, Polonia e Estado ou Imperio do Turco e o mesmo Imperio Romano que comprehende Alemanha e Italia. E se huns Reynos destes são mayores, outros menores huns mais fortes outros menos[117] essa mesma he a propriedade dos dedos, como nota neste lugar o mesmo Autor allegado, e depois delle outros muitos. Por *decem digitos partim ferreos et partim terreos* significão *Romanum Imperium novissime divisum iri in multa regna multosque reges quorum alii maiores et potentiores alii minores et imbecilliores futuri sint*. Ao diante dividiremos estes mesmos dedos da estatua em outras partes que temos por mais proporcionadas, por agora baste esta divisão que nós pusemos em primeiro lugar[118] por ser mais facil e porque[119] com a noticia vulgar que se[120] tem do mundo pode ser entendida e percebida de todos. E posto que Daniel nesta Profecia não declara com tanta miudesa que a divisão do Imperio Romano[121] hade ser pontualmente em dez partes ou dez Reynos: em outra Profecia como depois veremos especifica este numero, e nesta diz clara e expressamente que os dedos dos pés da estatua significão a divisão do Imperio: *Porro quia vidisti pedum et digitorum partem testæ figuli et partem ferream regnum divisum erit*?

[12] Passa finalmente o mesmo Profeta a declarar o misterio ou significação[122] do barro de que os dedos erão compostos[123] em hũa parte juntamente com outra de ferro, e diz assy: *quod vidisti ferrum mistum testæ ex luto, et digitos pedum ex parte ferreos et ex parte fictiles ex parte regnum erit solidum et ex parte contritum. Quod autem vidisti ferrum mistum testæ ex luto, commiscebuntur quidem humano semine, sed non adhærebunt sibi sicuti ferrum non potest misceri testæ*[124]. Nas quaes palavras diz Daniel que o barro dos pés da estatua significava a debilidade e fraqueza a que o Imperio Romano depois de tanta Potencia avia de descair, principalmente na sua ultima idade e declinação, que he o estado em que hoje o vemos. Adverte porem o Profeta[125] que não erão os dedos totalmente de barro senão compostos de[126] parte de barro e parte de ferro, porque nesse mesmo estado de sua declinação debilidade e fraqueza conservaria o Imperio algũas partes solidas em que permanecesse[127] a dureza e fortaleza do antigo ferro de que todo antes era formado, que he ao pé da letra o que se tem visto e experimentado no Imperio Romano

[117] huns mais fortes outros menos] Na marg.
[118] que nós...lugar] Na marg.
[119] e porque] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[120] que se] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[121] Romano] Entrel.
[122] ou significação] Na marg.
[123] erão compostos] Na marg.
[124] ferrum non potest misceri testae] Em LA e SC «ferrum misceri non potest testae».
[125] que he...Profeta] Na marg. A substituir texto riscado na linha. LA e SC omitem «hoje».
[126] de] Omitido em LA e SC.
[127] permanecesse] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

desdo tempo de sua mayor declinação a esta parte em tantas occasioens de guerras e batalhas contra Turcos contra Hereges e contra alguns Principes Christãos nas quaes em defensa propria[128] e da Igreja tem pelejado os exercitos imperiaes com grande valor disciplina e constancia, e alcançado de seus inimigos gloriosas vitorias. E a mesma opposição tão bizarra[129] com que as armas do Imperio[130] nas fronteiras de Alemanha e Ungria, e o mesmo Emperador em pessoa estão hoje resistindo às invasoens do Turco e poder Otomano que outra cousa são ainda, senão partes e partes muito solidas daquelle mesmo ferro?

Mas vindo às partes de barro; estas são (dis Daniel)[131] aquellas Provincias e naçoens que sendo partes do Antigo Imperio Romano se desunirão e tirarão de sua sogeição e formarão novos Reynos, os quaes ainda que em sy mesmos sejão muito poderosos e fortes e verdadeiramente se possão chamar partes de ferro, em respeito porem[132] do Imperio de que se apartarão, e que tanto desunirão e enfraquecerão com sua separação não são nem se podem chamar senão partes de barro. E tal he hoje o Reyno de França o de Inglaterra e de Suecia e o mesmo de Castella ou Hespanha em respeito do Imperio Romano. E porque não cuidasse[133] alguem que a união que se perdeo pella separação das coroas se recuperou e supprio pella conjunção do sangue casando os Emperadores nas casas reaes dos outros Principes, e os Reys nas dos Emperadores, e sendo estes muitas vezes[134] eleitos das mesmas familias que do Imperio [13] se apartarão; acode Daniel a esta objecção dizendo[135] *commiscebuntur quidem humano semine*[136]. Misturarse hão e ligarse hão no sangue *sed non adhærebunt sibi*; mas nem por isso se unirão nem ligarão entre sy[137]: *sicuti ferrum non potest misceri testæ*: bem assy[138] como o ferro se não pode unir nem ligar com o barro. A tanta miudeza como isto deceo o Profeta[139] acrecentando em todas estas circunstancias novas e admiraveis confirmaçoens à verdade de sua Profecia. Quantas vezes se intentou na Europa que entre os Emperadores e Reis da Christandade se estabelecesse hũa liga firme[140], interpondose para isso a authoridade dos Summos

[128] propria] Na marg. A substituir texto semi-riscado na linha: «ha hoje».
[129] tão bizarra] Na marg.
[130] do Imperio] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[131] Seguem-se cerca de três linhas riscadas.
[132] porem] Entrel.
[133] E porque não cuidasse] Na marg.
[134] muitas vezes] Na marg.
[135] acode Daniel...dizendo] Na marg.
[136] semine] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[137] nem ligarão entre sy] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[138] assy] Omitido em LA e SC.
[139] o Profeta] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[140] se estabelecesse...firme] Na marg. A substituir texto riscado na linha.

Pontifices: e quantas vezes se liarão os mesmos Principes entre sy por meo de reciprocos casamentos sem jamais se conseguir a união desejada![141] Que Imperador ou que Rey ouve[142] na Christandade ha muitos annos que se gota por gota lhe distinguirem o sangue não tenha cada um dos outros Principes quasi iguaes[143] partes nelle? E que guerras vimos ou sabemos entre estas coroas em que o sangue que de hũa e outra parte se defende, e ainda o que se derrama não seja o mesmo?[144] Tam misturado anda o sangue nestas ultimas reliquias do Imperio Romano mas tam desunido[145] sempre e por isso[146] o mesmo Imperio tam enfraquecido. Naceu juntamente com Roma esta fatal desunião contra o respeito do sangue em Romulo e Remo: viose no casamento de Pompeo com Julia filha de Julio Cesar e no de Marco Antonio com Octavia filha de Octavio quam facilmente se desatão, antes[147] se armão contra sy as mesmas mãos que pello matrimonio se unirão: mas não são estes exemplos tam antigos os de que falla a Profecia de Daniel porque não são os dos pés da estatua ou os dos dedos dos pés. Significão os dedos dos pés da estatua as ultimas extremidades do Imperio Romano e sua duração, e se eu me não engano no mesmo dia em que isto estou escrevendo se está comprindo esta profecia. Que casa Real ha no mundo mais ligada com a do Imperio, que ramo ha que seja mais proprio daquelle tronco e que sangue mais repetidamente unido por multiplicados casamentos que o de Austria e Castella? E que Pessoa Real ha tambem[148] em que mais apertadamente estejão atados todos[149] estes vinculos e mais dobrados todos[150] estes Respeitos que na del Rey Felippe Quarto, primo do Emperador, cunhado do Emperador, genro do Emperador? Considere agora o mundo o estado em que o mesmo Emperador se achou no anno passado e em que se acha no presente com os poderosos exercitos do Turco metidos dentro na Austria e quasi batendo às portas de Praga, corte do Imperio[151], os campos talados as cidades destruidas os homens barbaramente mortos a sangue frio, as mulheres e meninos cativos e transmigrados para a Turquia, os templos e pessoas dedicadas ao templo em abominaveis sacrilegios profanados e depois de profanados abrasados e feitos em cinzas[152]; e neste mesmo tempo em que o ferro de Espanha

---

[141] Seguem-se cerca de três linhas riscadas.
[142] ouve] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[143] quasi iguaes] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[144] E que...o mesmo?] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[145] Onde LA, reproduzido por SC, lêem «resumido», parece ler-se «desunido».
[146] Seguem-se cerca de duas linhas riscadas.
[147] antes] Entrel.
[148] há tambem] Na marg.
[149] todos] Entrel.
[150] todos] Entrel.
[151] corte do Imperio] Na marg.
[152] os templos...em cinzas] Na marg. direita, até «abrasados». A continuação deste acrescento,

se avia [14][153] de unir todo ao ferro do Imperio vemolo todo infelizmente convertido contra Portugal, mas[154] por isso mesmo[155] infelizmente se este ferro se unira ao Imperio contra o Turco fora ferro, mas porque se desune delle em tal occasião[156] e se converte contra Portugal he barro. Barro e barro bem quebradiço foy o anno passado e por mais que agora[157] se mostre ou ameace ferro barro hade ser tambem no presente. Quanto melhor e mais catholica acção fora, e quanto de mayor exemplo para todos os Principes Catholicos e de menor escandalo para os hereges e para os mesmos Turcos se o sangue espanhol e tam valeroso que de hũa e outra parte se esperdiça com lastima e lagrimas da Igreja[158] nos campos[159] de Portugal e Castella se empregara com gloria immortal de ambas as coroas em defensa da fee da Christandade da Religião e da mesma cabeça della a quem tam de perto ameaça este golpe. Mas quando todo o poder de Espanha se avia de achar[160] unido contra o Turco em soccorro de Alemanha e Italia, despovoamse[161] os presidos de Italia levantãose os de Alemanha e chamãose todos a Castella[162] contra Portugal, para que triumfem nas bandeyras otomanas[163] as luas de Mafoma, e se conquistem e sejão vencidas nas portuguesas as[164] chagas de Christo. Este he o barro dos pés da estatua esta he a fraqueza das extremidades do Imperio Romano esta he a queixa[165] que Daniel explica e pondera na mesma fraqueza mostrando como[166] a principal causa[167] de toda ella he a desunião daquellas partes que por serem mais conjuntas em sangue e parentesco tinhão obrigação de ser mais unidas *commiscebuntur quidem humano semine* isto he casará o Emperador[168] Fernando com Maria irmã del Rey Phelippe 4.º e[169] casará Phelippe 4.º com Leonor filha de Fernando; mas nas ultimas extremidades do Imperio Romano e nos seus mayores apertos e trabalhos não se acharão parentes nem adherentes *sed non adhærebunt sibi*.

«e feitos em cinza», encontra-se na marg. inferior, por falta de espaço.
[153] Página com tinta muito repassada, de leitura difícil ou mesmo impossível em vários pontos.
[154] mas] Entrel.
[155] mesmo] Entrel.
[156] occasião] Na marg.
[157] agora] Omitido em LA e SC.
[158] esperdiça com lastima e lagrimas da Igreja] Na marg.
[159] nos campos] Em LA e SC «no campo».
[160] achar] Entrel.
[161] despovoamse] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[162] e chamãose todos a Castella] Na marg.
[163] nas bandeyras otomanas] Na marg.
[164] as] Entrel.
[165] a queixa] Na marg.
[166] como] Em LA e SC «que».
[167] causa] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[168] o Emperador] Entrel.
[169] e] Omitido em LA e SC.

Temos visto até aqui desde a cabeça até os pés da estatua o primeiro segundo terceiro e quarto imperio; seguese agora ver o quinto[170] na mesma historia do sonho de Nabuco, e na mesma interpretação de Daniel o qual depois das palavras ultimamente referidas continuou e concluyo assy[171] desta maneira: *In diebus autem regnorum illorum etc...quæ ventura sunt postea*. Quer dizer: aquella pedra, ó Rey, que viste arrancar e decer do monte, que derrubou a estatua e desfez em pó e cinza todo o preço e dureza de seus metaes; significa hũ novo e Quinto Imperio que o Deus do ceo hade levantar no mundo nos ultimos dias dos outros quatro. Este Imperio os hade[172] desfazer consumir[173] e anihilar a todos, e elle so hade durar e[174] permanecer para sempre sem aver de vir jamais por acontecimento algum[175] a dominio ou poder[176] estranho nem aver de ser conquistado dissipado[177] ou destruido como succedeu ou ha de succeder aos demais[178]. Estas são as cousas futuras que Deus te quis mostrar, ó Rey e este he o sonho que viste[179] e esta a verdade de sua interpretação: *et verum est somnium et fidelis interpretatio ejus*.

Depois de contar Daniel toda esta prodigiosa historia acrecenta *imediate* o que Nabucodonosor lhe fez e o que lhe disse. O que lhe disse foy *Vere Deus vester Deus deorum est: et Do* [15] *minus regum, et revelans mysteria quoniam tu potuisti aperire hoc sacramentum*. Verdadeiramente o Deus que adoras ó Daniel he o Deus dos deuses e o Senhor dos Reys e o que so conhece[180] e revella os misterios escondidos aos homens pois tu alumiado por elle pudeste declarar este grande segredo e sacramento. O que fez Nabuco no mesmo tempo e ainda antes de dizer estas palavras refere o mesmo testo[181] em as seguintes *Tunc rex Nabuchodonosor cecidit in faciem suam et Danielem adoravit et hostias et incensum præcepit ut sacrificarent ei*. Tanto que o Rey acabou de ouvir a Daniel prostrouse diante delle e adorou o com o rosto em terra e mandou que lhe offerecessem incenso e sacrificios: Se isto fez Nabucodonosor a Daniel quando lhe disse que seu imperio se avia de acabar e passar outros quatro que faria se lhe dissesse ser elle[182] o senhor do quinto? Naquelle tempo pagavase a interpretação de hũa profecia infelice com adorações e sacrificios

[170] Na margem, pode ler-se «5.º Imperio».
[171] assy] Omitido em LA e SC.
[172] Este Imperio os hade] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[173] consumir] Entrel. Omitido em LA e SC.
[174] durar e] Entrel. Omitido em LA e SC.
[175] por acontecimento algum] Na marg.
[176] ou poder] Entrel.
[177] dissipado] Entrel.
[178] succedeu ou há de succeder aos demais] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[179] viste] Em LA e SC «tiveste».
[180] conhece] Na marg.
[181] o mesmo testo] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[182] elle] Entrel.

hoje pagamse as interpretações das[183] felicissimas com opprobrios e calumnias. Mas este ponto ficará para seu tempo e para seu lugar. O que deste somente quero recolher e deixar assentado he que depois dos tres imperios dos Assirios Persas e Gregos que já passaram e depois[184] do quarto que ainda hoje dura que he o Romano ha de aver hum novo e melhor imperio que ha [de] ser o Quinto e ultimo. Esta proposição[185] he de fee porque assy a lemos nas Escrituras, he de experiencia porque assy o mostrou o successo dos tempos, e he de rasão porque assy se infere por bom descurso.[186]

[183] das] Omitido em LA e SC.
[184] depois] Entrel.
[185] esta proposição] Na marg. A substituir texto riscado na linha. Em LA e SC «supposição».
[186] Seguem-se, no original, cerca de duas páginas de texto e três em branco, sem qualquer indicação nas eds. de LA e SC. O fragmento que se segue no manuscrito, p. 15, começa com o título do «Cap.º 3.º, Respondese a hũa dificuldade tirada [riscado ilegível] da mesma Profecia de Daniel», deslocado pelos editores para depois do Capítulo II, «Segunda Profecia de Daniel». Nesta página 15, a seguir ao título, e no início da p. 16, há vários acrescentos numerados, a indicar o local de inserção, na p. 20, capítulo II, igualmente inseridos pelos editores sem nota.

[20r] Capitulo 2.° [187]

Segunda profecia de Daniel

Não he cousa nova em Deus[188] quando revella cousas grandes significar por repetidas visoens o mesmo misterio; e duplicar por differentes figuras a mesma revelação[189]. Assy mostrou antigamente a Joseph suas felicidades, primeiro[190] no sonho das paveas dos onze[191] irmãos que adoravam a sua, e depois no do sol lua e estrellas[192] que lhe fazião a mesma adoração. Assy[193] mostrou a El Rey Pharaó os sete annos da fartura e os outros sete da fome primeiro no sonho das sete vaccas robustas e sete fracas e depois no das sete espigas gradas e sete falidas. E assy nos tempos em que agora himos depois de revelar Deus[194] a Daniel o secreto do Quinto Imperio no sonho de Nabucodonosor e na visão daquella estatua[195] em outro sonho e em outras figuras lhe fez segunda vez[196] a mesma representação nada menos misteriosa e chea de circunstancias que a primeira antes mais protentosa em tudo e mais notavel[197]. Passados 47 annos depois do sonho ou visão de Nabucodonosor que vem a ser no anno 54 do ultimo cativeiro dos Hebreos em Babilonia, reinando[198] já nella[199] Balthazar que succedeu a Nabuco no Imperio dos Assi-

[187] 2.º] No original, por extenso.
[188] Não he…Deus] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[189] significar...revelação] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[190] primeiro] Entrel.
[191] onze] Entrel.
[192] no do sol lua e estrellas] Em LA e SC «no do sol e nas estrellas».
[193] Assy] Na marg.
[194] revelar Deus] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[195] e na visão daquella estatua] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[196] lhe fez segunda vez] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[197] e chea...notavel] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[198] Neste ponto, Vieira remete para um acrescento localizado na p. 15. LA e SC, no entanto, não transcrevem esse acrescento, localizado na p. 15, mas outro, na margem da mesma página 20, riscado: «Passados 47 annos depois daquella visão (que foy o anno 54 do ultimo cativeiro de Babilonia) reynando...».
[199] nella] Entrel.

rios ou[200] Caldeos; vio o Profeta Daniel em hũa visão de noite, (ou fosse dormindo[201] e em sonhos, como tem a opinião mais commum dos doutores, ou fosse como outros suspeitam accordado e velando) vio digo[202] que os quatro ventos principaes se davão batalha no meo do mar e levantavão hũa horrivel e furiosa tempestade; mas o mar assy perturbado e temeroso não era mais que o theatro em que avião de sair a representar quatro figuras horrendas a que o profeta chama Bestas grandes. *Ecce quatuor venti cæli pugnabant in mari magno, et quattuor bestiae grandes ascendebant de mari diversæ inter se*[203]. Sahio a primeira Besta semelhante a hũa leoa com azas de aguia poz o profeta nella os olhos [e] não levou assy muito tempo[204] até que lhe forão tiradas ou arrancadas[205] as azas. E logo levantou as mãos da terra e[206] se poz em pé e ficou em figura de homem. Vejão lá[207] os leoens se lhes tira Deos as azas para [que] sejão homens. *Prima (bestia) quasi leaena [et]alas habens aquilae: aspiciebat donec evulsæ sunt alæ ejus, et sublata est de terra, et super pedes quasi homo stetit, et cor hominis datum est ei*[208]. Sahio logo[209] a segunda Besta semelhante a hum[210] urso firmouse sobre os pés e parou. Tinha tres ordens de dentes entre os quaes trazia tres bocados e diziamlhe que comesse e se fartasse de carne[211]. *Et ecce bestia alia similis urso in parte stetit: et tres ordines erant in ore ejus et in dentibus ejus* (acrecenta o Chaldeo tres bolos) *et sic dicebant ei Surge et comede carnes plurimas*[212]. Depois desta sahio a terceira[213] Besta semelhante a leopardo e tinha quatro azas como ave e quatro cabeças. E foylhe dado grande poder. *Post hæc aspiciebam et ecce alia bestia*[214] *quasi Pardus et alas habebat quasi avis quatuor super se: et quatuor capita erant in bestia et potestas data est ei*[215]. Durava ainda a noite diz o Profeta[216] e por fim de todas entrou a

[200] Assirios ou] Entrel.
[201] dormindo] Entrel.
[202] como tem....vio digo] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[203] Ecce...se] O excerto, assinalado na linha com indicação de acrescento, encontra-se na p. 15.
[204] poz o profeta...tempo] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[205] ou arrancadas] Na marg.
[206] levantou as mãos da terra e] Entrel.
[207] lá] Entrel.
[208] Prima...est ei] O excerto, assinalado na linha com indicação de acrescento, encontra-se na p. 15.
[209] logo] Entrel. Omitido em LA e SC.
[210] hum] Entrel.
[211] firmouse...carne] Na marg.
[212] Et ecce...plurimas] O excerto, assinalado na linha com indicação de acrescento, encontra-se na p. 15.
[213] a terceira] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[214] bestia] Entrel. Omitido em LA e SC.
[215] Post haec...est ei] O excerto, assinalado na linha com indicação de acrescento, encontra-se na p. 15.
[216] diz o Profeta] Entrel.

4.ª Besta horrivel espantosa[217] e muito forte. Tinha os dentes de ferro grandes com que comia e espedaçava tudo e o que lhe cahia da boca ou não queria comer[218] pizava com os pés. Era mui differente de todas as outras Bestas e tinha na testa dez pontas. *Post hæc aspiciebam in visione noctis et ecce bestia quarta terribilis atque mirabilis et fortis nimis dentes ferreos habebat magnos comedens atque comminuens et reliqua pedibus suis conculcans: dissimilis autem erat ceteris bestiis quas videram ante eam et habebat cornua decem*[219]. Em quanto tudo isto notava Daniel via que dentre as dez pontas da quarta besta sahia hũa ponta menor que todas[220], a qual obrou grandes estragos e outras cousas prodigiosas[221] [16] cuja narração e misterios pertencem ao Livro quinto desta nossa historia para onde o reservamos, como tambem outras circunstancias desta mesma visão que expenderemos em seus lugares. E continuando o que pertence a este levantou Daniel os olhos ao ceo e vio que se armava um tribunal de juizo cheo com grande apparato de horror grandeza e magestade. Trouxerãose cadeiras[222] e assentouse em hum alto trono hum velho de veneravel ansianidade a quem o Profeta chama o Antigo dos dias cujo cabello era todo branco e brancas as roupas de que estava vestido; aquelle como arminhos, estas como neve. A materia do trono era fogo hũas rodas sobre que o trono estava levantado tambem fogo e de fogo tambem hũ rio arrebatado que da boca ou do rosto[223] lhe sahia. Os ministros que assistião[224] de hũa e outra parte erão milhares de milhares; assentaramse os Conselheiros ou juizes assessores; vierão os Livros e abrirãose. Este he o apparato daquelle tribunal e juizo descrito ou construido ao pé da letra como fazemos para mayor credito da verdade em[225] tudo o mais que himos referindo[226] e por isso repetimos sempre[227] as palavras do texto: *Aspiciebam donec throni positi sunt et Antiquus dierum sedit vestimentum ejus candidum quasi nix et capilli capitis ejus quasi lana munda: thronus ejus flammæ ignis rotæ ejus ignis accensus fluvius igneus rapidusque egrediebatur a facie ejus: millia millium ministrabant ei et decies millies centena millia assistebant ei judicium sedit et libri aperti sunt.* A primeira

[217] espantosa] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[218] ou não queria comer] Na marg.
[219] Post haec...decem] O excerto, assinalado na linha com indicação de acrescento, encontra-se na p. 16.
[220] que todas] Em LA e SC «que as outras».
[221] prodigiosas] Seguem-se cerca de seis linhas riscadas e um sinal de acrescento remetendo para a página 16, onde o texto continua, na sequência dos vários acrescentos sinalizados na p. 15.
[222] Trouxeramse cadeiras] Na marg.
[223] ou do rosto] Na marg. Omitido em LA e SC.
[224] Assistião] Em LA e SC «lhe assistião».
[225] para...em] Na marg.
[226] que himos referindo] Na marg.
[227] sempre] Entrel. Omitido em LA e SC.

sentença ou[228] execução que sahio deste juizo foy que à primeira segunda e terceira besta se tirasse com o trono[229] todo o poder limitandose a cada hũa o tempo determinado[230] de sua duração o qual acabado acabarão. Tambem acabou[231] a quarta besta porque vio o Profeta que fora morta violentamente e que todo aquelle seu[232] grande corpo perecera e que fora entregue ao fogo para ser queimada não ficando de tanta grandeza e bravosidade mais que cinzas. *Et vidi quoniam interfecta esset bestia, et perisset corpus ejus et traditum esset ad comburendum igni: aliarum quoque bestiarum ablata esset potestas et tempora vitæ constituta essent eis usque ad tempus et tempus*[233].

[20v] Torna a dizer o Profeta que ainda[234] durava a noite e vio vir rodeado de nuvens do ceo hum como filho do homem o qual chegou ao trono do Antigo de Dias e o offerecerão em sua presença. E elle lhe[235] deu o poder a honra e o[236] Reyno de todo o mundo[237] para que todos os povos e todos os tribus e todas as linguas o obedeção e[238] sirvão. Este seu[239] poder será eterno e eterno tambem o Reyno porque nunca jamais lhe será tirado. *Aspiciebam ergo in visione noctis: et ecce cum nubibus cæli quasi filius hominis veniebat et usque ad Antiquum dierum pervenit et in conspectu ejus obtulerunt eum et dedit ei potestatem et honorem et regnum et omnes populi et*[240] *tribus et linguæ ipsi servient. Potestas ejus potestas æterna quæ non auferetur et regnum ejus quod non corrumpetur.* Esta he pontualmente a relação de todo o sonho ou historia enigmatica representada nelle. Com a qual (diz Daniel) ficou o meu spirito assombrado e cheo de horror, e[241] volvendo eu[242] no pensamento que significarião aquellas cousas chegueime a hum dos ministros que alli[243] assistiam pedindolhe me[244] quisesse declarar o verdadeiro sentido dellas. E elle o fez assy e me ensinou a interpretação e misterios de tudo o que tinha visto[245]. Até

[228] sentença ou] Entrel.
[229] com o trono] Omitido em LA e SC.
[230] determinado] Na marg.
[231] Tambem acabou] Em LA e SC «Acabou tambem».
[232] seu] Omitido em LA e SC.
[233] O texto não continua aqui na p. 17, como se poderia esperar, mas volta a saltar para a p. 21.
[234] ainda] Entrel.
[235] lhe] Entrel.
[236] o] Omitido em LA e SC.
[237] de todo o mundo] Na marg.
[238] o obedeção e] Entrel.
[239] seu] Entrel.
[240] et] Omitido em LA e SC.
[241] porque nunca jamais...horror, e] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[242] eu] Entrel.
[243] ministros que alli] Entrel.
[244] me] Entrel.
[245] o que tinha visto] Entrel.

aqui o mesmo profeta o qual porem referindo a dita interpretação passou[246] em silencio algũas circunstancias della, sem duvida[247] para não exceder a brevidade que no principio deste capitulo tinha prometido; *Daniel somnium vidit et somnium scribens brevi sermone comprehendit summatimque perstringens ait*. E a rasão de passar por aquellas circunstancias brevemente[248] ou foy porque as suppos bastantemente declaradas na visão do segundo capitulo ou[249] sonho de Nabucodonosor que acabamos de explicar, ou certamente porque as julgou de menos importancia ao seu[250] intento[251] principal que he a demostração[252] do Quinto Imperio exprimindo com grande particularidade e miudeza tudo o que pertence a elle como agora veremos.

Primeiramente diz Daniel (ou disse a Daniel o seu intreprete) que aquellas quatro bestas grandes significavão quatro Reynos ou quatro Imperios que successivamente se avião de levantar no mundo depois dos quaes se avia de seguir outro quinto Reyno ou Imperio que o mesmo interprete chama Reyno dos Santos do Altissimo[253] o qual não ha de ter mudança nem variedade nem outro Reyno algum ou Imperio que lhe succeda[254] porque ha de durar para sempre. *Hæ quatuor bestiæ magnæ quatuor sunt regna quæ consurgent*[255] *de terra: suscipient autem regnum sancti Dei altissimi et obtinebunt regnum usque in sæculum et sæculum sæculorum*. Esta he a interpretação em commum que deu o interprete do ceo a toda a visão a qual[256] nós explicaremos mais particularmente[257], declarando todas as figuras della pela mesma ordem com que forão sahindo, advertindo o que o Profeta e seu interprete exprimirão, e supprindo com a exposição dos Doutores o que elles callarão, colligido porem tudo[258] imediatamente do mesmo que disserão. Não declara Daniel que ventos fossem aquelles nem que tempestades as que [se] levantarão no mar antes de sahir nelle as quatro bestas, mas todos os expositores concordam em que o mar significava o mundo e os ventos e tempestades que o alterarão as alterações movimentos guerras[259] e perturbações que

[246] passou] Em LA e SC «passa».
[247] della, sem duvida] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[248] brevemente] Em LA e SC «tão brevemente».
[249] ou] Entrel.
[250] seu] Entrel.
[251] intento] Em LA e SC «interesse».
[252] he a demostração] Na marg.
[253] do Altissimo] Na marg.
[254] Variedade...succeda] Na marg.
[255] consurgent] «-con» entrel.
[256] a qual] Em LA e SC «sobre a qual».
[257] particularmente] Entrel.
[258] tudo] Entrel.
[259] guerras] Entrel.

se costumão experimentar[260] no mesmo mundo quando nelle se levantão novos imperios[261].

[17] Mas antes que passemos adiante satisfaçamos[262] a hum argumento que nos fica no texto de Daniel porque não deixemos o inimigo nas costas. Diz o texto que levantará Deus esta nova Monarchia *in diebus Regnorum illorum* nos dias daquelles imperios. Logo esta monarchia não he futura se não passada porque dos quatro imperios já passarão totalmente os tres que são o dos Assirios o dos Persas e o dos Gregos, e o quarto que he o Romano tambem está na ultima declinação. Respondo que o Profeta na sua interpretação se accomodou com grande propriedade à figura do enigma que declarava. Porque Deos no sonho de Nabucodonosor representou todos os quatro imperios não como quatro corpos ou quatro individuos, senão como hum so corpo ou hum so individuo. Por isso vio o Rey não quatro estatuas senão hũa so estatua[263]. E assy como dos quatro corpos dos quatro imperios se formava[264] hũ so corpo, assy das quatro durações dos quatro imperios se hade compor[265] hũa so duração: donde se segue que com toda a verdade se pode affirmar que succederá nos dias daquelles Reynos, o que succeder nos dias de qualquer delles. Exemplo. A vida de hum homem compoemse de muitas idades e o que acontece em qualquer destas idades se diz com toda a propriedade e verdade que aconteceu nos dias daquelle homem. Da mesma maneira a duração da estatua dos 4[266] Imperios era composta de differentes idades. A sua primeira idade que he o tempo dos Assirios foy idade douro a segunda que he[267] o tempo dos Persas foy idade de prata a terceira que he[268] o tempo dos Gregos foy idade de bronze a 4ª que he[269] o primeiro tempo[270] dos Romanos foy idade de ferro a quinta que he este ultimo tempo dos mesmos Romanos he idade de ferro e[271] barro. E basta que nesta ultima idade como decrepita daquella estatua ou[272] daquelles Reynos se haja de levantar o Quinto Imperio para que com toda a verdade e com toda a propriedade se verifi-

[260] experimentar] Entrel.
[261] No manuscrito, termina aqui o capítulo e seguem-se duas páginas em branco, não assinaladas por LA nem por SC. O texto segue voltando à p. 17, onde se encontra o resto deste capítulo.
[262] satisfaçamos] Em LA e SC «satisfaremos».
[263] senão...estatua] Entrel. A substituir cerca de dez linhas riscadas.
[264] formava] Em LA e SC «formou».
[265] compor] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[266] 4] Omitido em LA e SC.
[267] he] Entrel. A substituir «foy» riscado na linha, *et passim*. Vieira faz a mesma correcção nas frases subsequentes que integram a enumeração paralelística.
[268] Cf. *supra*.
[269] Cf. *supra*.
[270] tempo] Em LA e SC «Império».
[271] ferro e] Entrel.
[272] daquella estatua ou] Na marg.

que avello Deus de levantar nos dias daquelles Reinos: *In diebus Regnorum illorum*. Assy que o Imperio que promete Daniel não he[273] imperio ja passado senão que ainda está por vir.[274]

[273] he] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

[274] LA: «Esta ultima alinea devia, segundo plano posterior, formar o capitulo 3.º , com o título: Responde se a hũa difficuldade da mesma profecia de Daniel, e este principio: «Assentada a primeira pedra deste nosso edificio a segunda que avemos de pôr sobre ella he cortada da mesma vea. Mas antes que passemos adiante, satisfaremos , etc.» continuando como no texto, pag. 141. Evidentemente saira o capitulo curto em demasia, e talvez o autor pensasse em o ligar ao seguinte».

[22] Capitulo 3.º

Provase o mesmo Imperio[275] com[276] outra Profecia de Zacharias

Assy como Deus dobrou as visões assy[277] dobrou tambem as testimunhas: e a mesma sucessão de imperios que revelou[278] a Daniel em hũas figuras a mostra agora[279] ao Profeta Zacharias em outras. A primeira profecia de Daniel foy em tempo[280] de Nabucodonosor a segunda em tempo de Balthazar que succedeu a Nabuco. Esta terceira de Zacharias em tempo de Hidaspes que succedeu a Balthazar. De modo que assy como hião succedendo os Reys hião succedendo as profecias e Deos multiplicando as revelações, mas sempre mostrando pella mesma forma primeiro os quatros imperios e depois o quinto.

Diz pois[281] o Profeta Zacharias no capitulo sexto da sua profecia que levantando os olhos (ou levantandolhos Deus da attenção[282] das cousas presentes para a visão das futuras) vio que do meo de dous montes de bronze sahião quatro carroças tiradas[283] por quatro[284] cavallos cada tiro ou parelha[285] de differentes cores. Pella primeira tiravão cavallos melados pella segunda murzellos pella terceira pombos pella quarta remendados. Assy parece que se deve construir o texto na frasi[286] da nossa cavallaria mas na frasi do mes-

[275] Imperio] Omitido em SC.
[276] com] Em LA e SC «contra».
[277] Assy...assy] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[278] revelou] Entrel.
[279] agora] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[280] em tempo] Em LA e SC «a mesma».
[281] pois] Entrel.
[282] da attenção] Entrel.
[283] tiradas] Em LA e SC «puxadas».
[284] por quatro] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[285] cada tiro ou parelha] Na marg. No original, «parelhas». Tanto LA como SC corrigem sem nota.
[286] frasi] Em LA e SC «forma».

mo texto chama aos da[287] primeira carroça[288] ruivos aos da[289] segunda negros aos da[290] terceira brancos aos da quarta varios, estes entre os outros[291] diz que erão os mais[292] fortes[293]. Vendo estas carroças Zacharias e não entendendo o que significavão diz que o[294] perguntou a hum anjo que fallava dentro nelle. Mas ou porque este anjo fallasse mais culto que o de Daniel ou porque Zacharias se entendia por dentro com elle; achão os doutores que explicou[295] hum enigma com outro, e mais trabalho tem dado aos expositores deste lugar[296] a declaração do anjo que a visão do Profeta. Respondeo pois o Anjo que aquellas quatro carroças (dos montes não disse nada) erão quatro ventos do ceo[297] que assistião ao Dominador da terra para executarem suas ordens; e que os cavallos negros tinham sahido contra[298] as terras do Norte, e após elles os brancos e os varios que sahirão contra as do Sul, e que destes os mais fortes tratarão de discorrer por toda a terra, e que com licença do Dominador[299] a tinhão passeado toda. Até aqui a interpretação do Anjo na qual e na visão do Profeta seguiremos a comũ[300] sentença dos Doutores que he desta maneira. As quatro[301] carroças significão os mesmos[302] quatro imperios que Deus mostrou a Daniel e forão estes imperios representados ao Profeta em figura de carroças, e declarados pelo Anjo em metafora de ventos para mostrar a violencia e velocidade com que seus fundadores conquistarião e sogeitarião por armas os reinos, terras e gentes de que se avião de formar os ditos imperios, porque ao uso daquelles tempos a principal força dos exercitos consistia nas carroças armadas, que erão as que faziam mayor estrago na guerra,

[287] da] Entrel.
[288] carroça] Entrel.
[289] da] Entrel.
[290] da] Entrel.
[291] outros] Entrel.
[292] os mais] Entrel.
[293] Seguem-se cerca de duas linhas riscadas.
[294] o] Na marg.
[295] explicou] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[296] deste lugar] Entrel.
[297] do ceo] Em LA e SC «doces».
[298] contra] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[299] com licença do Dominador] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[300] No original, «comũ», não se justificando, por isso, a leitura de LA, «comũa». SC modernizam para «comum».
[301] As quatro] Em LA e SC «estas».
[302] os mesmos] Entrel.

como se vê nos carros[303] tam celebrados[304]. Estas carroças diz o Anjo[305] que estavão promptas como ventos para a execução[306] dos mandados do dominador da terra porque Deus como supremo senhor dos exercitos se servio sempre das armas[307] de todas as nações principalmente destas quatro como tam poderosas [22v][308] para a execução de seus divinos decretos os quaes por altos e immutaveis são comparados[309] aos dous montes de Bronze donde sahião as carroças. A primeira carroça representava[310] o Imperio dos Assirios e tiravão por ella cavallos Ruivos que he cor de fogo para significar os danos assolaçoens e incendios com que os Assirios conquistarão[311] destruirão e abrasarão o Povo Hebreo principalmente no cativeiro de setenta annos a que elles com rasão chamavão fornalha de Babilonia. A 2ª carroça representava o Imperio dos Persas, e tiravão por ella cavallos negros cor de tristeza e luto[312] porque tambem os Persas affligirão[313] e forão lutuosos aos Hebreos principalmente naquella grande afflixão quando El Rey Assuero marido de Esther persuadido pellos enganos de Amam tinha condenado a morrer em hum dia com crueldade inaudita[314] toda a nação hebrea. A terceira carroça representava o Imperio dos Gregos e tiravão por ella cavallos brancos cor pacifica e alegre porque excepto[315] Antiocho (cuja tyrania tambem[316] servio de materia gloriosa aos triumphos dos Machabeos) os outros Principes gregos sempre forão beneficos aos Hebreos, e mais que todos Alexandre Magno fundador daquelle imperio[317] cuja magestade como escreve Josepho não duvidou de adorar no templo ao[318] pontifice Jaddo. Finalmente a 4ª carroça representava o Imperio dos Romanos e tiravão por ella cavallos Varios porque os Roma-

[303] carros] Em LA e SC «casos».
[304] e foram estes...celebrados.] Na marg. A substituir cerca de três linhas de texto riscado. Este acrescento apresenta, ele próprio, outros dois acrescentos, que Vieira introduz, também na margem, mas acima, por falta de espaço em baixo. Ao último destes acrescentos, «nos casos tam celebrados», segue-se uma nota, não transcrita nas edições de LA e SC: «Vide Cornel, p. 692», que remete, ao que tudo indica, para os comentátios do jesuíta Cornélio a Lápide (Cornelis Cornelissen van den Steen) sobre os Livros da Bíblia, frequentemente citados por Vieira.
[305] o Anjo] Entrel.
[306] a execução] Em LA e SC «execução».
[307] das armas] Entrel.
[308] [22v] Neste fragmento, ao contrário dos anteriores, a numeração não é por páginas, mas por fólios, r/v.
[309] comparados] Em LA e SC «comparáveis».
[310] representava] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[311] conquistarão] Entrel.
[312] cor de tristeza e luto] Entrel.
[313] affligirão] Na marg.
[314] com crueldade inaudita] Entrel.
[315] excepto] Entrel.
[316] tambem] Entrel.
[317] fundador daquelle imperio] Entrel.
[318] no templo ao] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

nos assy no odio como na benevolencia forão varios para com os Hebreos; huns amigos e propicios como Julio Cesar, Augusto, Tiberio, Claudio; outros inimigos perseguidores e crueis como Pompeo Caligula Nero Vespasiano Adriano Tito.

Restão por explicar os differentes caminhos que disse o Anjo fizerão estas carroças. E primeiro que tudo se deve muito notar que da primeira carroça não disse cousa algũa[319] que he admiravel confirmação de serem significados nas quatro carroças os quatro imperios. Porque como a primeira carroça significava o Imperio[320] dos Assirios que já avia muito tempo florecia não tinha necessidade de interprete nem[321] declaração. E assy declarou[322] somente o Anjo os tres imperios[323] seguintes cuja fundação e successos estavão ainda por vir[324]. A 2ª carroça dos cavallos negros que são os Persas disse[325] o Anjo[326] que caminhou para as terras do Norte e assy foy porque os Persas devastarão e occuparão a Babilonia que fica para a parte do Norte de Judea e ally acabou o Imperio dos Assirios[327]. A 3ª[328] carroça dos cavallos brancos diz que foy atraz da primeira, e assy succedeu[329] porque os Gregos vencerão e destruirão a Dario ultimo emperador dos Persas junto à mesma Babilonia, onde Alexandre como escreve Crutio e Plutarco[330] tomou o nome de Rey da Asia e ally acabou o Imperio dos Persas.[331]E a 4ª carroça dos cavallos varios diz que foy para o Sul, e assy consta das historias,[332] porque os Romanos passarão por varias vezes à conquista do[333] Egypto que fica ao Sul de Judea e depois da[334] victoria chamada Actiaca em que Augusto desbaratou a Cleopatra e Marco Antonio reduzio o mesmo Egypto a provincia como escreve Suetonio e ally acabou o Imperio dos Gregos. De toda esta combinação das historias com a profecia, e da consonancia e armonia [23] dos tempos lugares naçoens prin-

---

[319] cousa algũa] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[320] Império] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[321] interprete nem] Entrel.
[322] declarou] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[323] imperios] Entrel.
[324] vir] Entrel.
[325] disse] Em LA e SC «diz».
[326] o Anjo] Entrel.
[327] e ally acabou o Imperio dos Assirios] Na marg.
[328] 3ª] Entrel.
[329] e assy succedeu] Entrel.
[330] como escreve Crutio e Plutarco] Entrel. Em LA e SC «Critio e Plutarco».
[331] e ally... Persas.] Este acrescento, na margem, é omitido nas edições de LA e SC, provavelmente por o local de inserção não se encontrar, neste caso, sinalizado, provavelmente por lapso de Vieira. No entanto, a sequência da argumentação permite integrá-lo, conforme propomos.
[332] e assy consta das historias,] Entrel.
[333] por varias vezes à conquista do] Entrel.
[334] e depois da] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

cipios fins e todos os successos destes Imperios tam ajustados[335] com as propriedades das figuras que os representão[336] se faz certo e evidente argumento de que esta interpretação he a solida e verdadeira, e que isto foy o que Deus e o Anjo quiserão significar ao Profeta.

Ultimamente diz que os cavallos mais fortes ou os Robustissimos da quarta carroça quiserão correr e passear toda a terra e que a correrão e passearão[337]. E assy se verificou nos Romanos que com sua potencia e vitorias se fizerão senhores do mundo e o meterão debaxo dos pés. Estes Robustissimos dos Romanos forão os seus mayores Capitães e Emperadores como Scipião Pompeo Cesar Augusto Vespasiano Trajano Constantino Theodosio etc. E posto que os Romanos absolutamente não conquistarão o mundo como he em sy porque nunca chegarão à America que mais he hũa ametade que parte do mundo comtudo diz o Anjo que correrão[338] e passearão todo o mundo no mesmo sentido em que Augusto no seu edito do tempo do nascimento de Christo mandou que todo o mundo se alistasse *ut describeretur universus orbis*. Mas Sanches para explicar a palavra *per omnem terram*[339] em toda sua largueza quer que se verificasse a profecia[340] não so nas terras do mundo antigo senão nas da America e[341] mundo novo e nas da India Oriental nunca conquistadas nem ainda conhecidas pellos Romanos. E diz que aquelles Robustissimos de que falla o Anjo são os Hespanhoes verdadeiramente valentissimos audacissimos e fortissimos pois[342] conquistarão estas regioens novas e incognitas[343] não pelejando contra homens como os antigos Romanos senão contra os ventos contra os mares contra o ceo contra o sol contra todos elementos e contra a mesma natureza a que vencerão e contrastarão. E para este autor perfilhar ou accomodar[344] aos Romanos conforme a profecia estas vitorias proprias dos Hespanhoes, e que de nenhum mo[do] parece lhe competião, leva o direito desta herança[345] à origem que os Reys de Espanha trazem dos Godos os quaes Godos como já tinha notado Ribeira forão estipendiarios dos Romanos, e pelejarão debaxo de suas bandeiras ajudando a defensa e conquista do imperio como fizerão ao Emperador Maximino contra os Parthos e a Constantino contra Licinio. Mas esta applicação como violenta e trazida de tam longe com rasão não he admittida de Cornelio a

[335] tam ajustados] Entrel.
[336] representão] Em LA e SC «representavão».
[337] e que a correrão e passearão] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[338] correrão] Na marg.
[339] terram] Entrel.
[340] se verificasse a profecia] Omitido nas eds. de LA e SC.
[341] America e] Na marg.
[342] verdadeiramente...pois] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[343] estas regioens novas e incognitas] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[344] ou accomodar] Entrel.
[345] o direito desta herança] Na marg.

Lapide que a impugna facilmente. Comtudo porque esta gloria que Sanches dá aos Hespanhoes toca pella mayor e melhor parte aos Portugueses[346] pellas vitorias de orientes[347] a que o mesmo Cornelio chama *ad miraculum usque illustres* por não deixar perder a nossa nação hum titulo tam honroso[348] como serem chamados por boca de hum anjo os mais fortes de todos os Romanos, digo que os Portugueses [23v] e todos os Hespanhoes se podem e devem entender debaxo do nome de Romanos no sentido desta Profecia[349] porque Hespanha e Portugal forão colonias dos Romanos e parte não so do Imperio senão do Povo Romano e verdadeiros Cidadãos Romanos: ao que não obstava serem de differente nação como se vê em S. Paulo que sendo Hebreo appellou para o Cesar allegando que era Cidadão Romano e que so no tribunal de Cesar podia ser julgado.[350] Alem de que muitos Portugueses erão filhos e netos de Romanos como muitos dos Romanos de Portugueses pella união e comercio destas duas naçoens assy em Portugal onde vivião os presidios romanos como nas guerras dos mesmos Romanos onde os Portugueses hião servir e merecer[351] debaxo de suas bandeiras. E posto que qualquer destas rasoens e muito mais todas juntas são bastantes para que sem impropriedade se possão[352] entender[353] os Portugueses debaxo do nome de Romanos: o fundamento principal solido e certo desta interpretação he ser esta a mente e sentido em que fallarão os mesmos profetas os quaes entendem por Imperio Romano todo o corpo integro[354] do dito Imperio e todas as partes de que elle se compos e inteirou quando esteve em sua maior grandeza, ainda que essas mesmas partes depois se desunissem do mesmo Imperio e lhe negassem a obediencia. Vese[355]claramente esta verdade na primeira profecia de Daniel, onde se diz que os pés e dedos da estatua erão compostos de ferro e barro e que o barro e o ferro não estavão unidos. Na qual divisam de dedos e desunião de metaes se significava que o Imperio Romano se avia de dividir em muitos Reynos e senhorios menores, e que esses se avião de desunir da sogeição e obediencia do mesmo Imperio. Assy o interpretou o mesmo Daniel *Porro quia vidisti pedum et digitorum partem testæ figuli; et partem ferream regnum divisum erit*. As quaes palavras comentando Cornelio diz assy: *Potissimum vero divisum fuit hoc Regnum ideoque enervatum cum variæ gentes ab ejus*

[346] Portugueses] Na marg.
[347] de orientes] Em LA e SC «do Oriente».
[348] honroso] Em LA e SC «honrado».
[349] no sentido desta Profecia] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[350] Seguem-se duas linhas de texto riscado.
[351] e merecer] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[352] possão] Em LA e SC «possa».
[353] entender] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[354] integro] Entrel. Assim em LA e SC. No entanto, a leitura «inteiro» é também possível: <intejro>.
[355] Vese] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

obedientia se sudduxerunt sibique proprios reges crearunt uti fecerunt Hispani Poloni Angli Franci etc. De maneira que a divisão dos dedos e a desunião dos metaes dos pés da estatua significava os Reynos dos Hespanhoes Polacos Ingleses Franceses e os demais que sendo antes sogeitos aos emperadores romanos lhe negarão a sogeição e se desunirão delles. Mas comtudo (que he o nosso intento) ainda assy divididos e desunidos se computão e reputão por partes[356] da mesma estatua e do mesmo Imperio Romano ainda que não sejão Romanos porque realmente são partes daquelle corpo e daquelle todo ainda que desunidas delle[357]. Destas naçoens pois e destes Reynos de que se compunha o Imperio Romano aquelles homens que erão os mais fortes e valentes de todos não se contentarão so com as terras dos outros imperios, mas que intentarão discorrer e passear toda a redondeza da terra: Estes forão os Hespanhoes e entre [24] os Hespanhoes muito particularmente os Portugueses. Porque a conquista dos mares e terras do Oriente pella distancia remotissima de terras[358] pella difficuldade de navegaçoens pella differença dos climas pello valor e potencia das naçoens que se conquistarão foy empresa de muito maior valor resolução e esforço que a dos Castelhanos. Assy que considerado todo o corpo do Imperio Romano e todas suas empresas, os fortes dos Romanos forão os Scipioens os Pompeos os Cesares os Augustos, os fortissimos forão os Hespanhoes e entre esses Espanhoes os fortissimos dos fortissimos forão os Portugueses. Não somos nós os que o dizemos[359] senão o Anjo que fallava em Zacharias *qui autem erant Robustissimi exierunt et quærebant ire et discurrere per omnem terram et dixit Ite perambulate terram et perambulaverunt terram.* Finalmente para que a Profecia se entenda dos Hespanhoes e Portugueses não era necessário que elles por algum titulo...[360]

[356] partes] Em LA e SC «parte».
[357] porque realmente...delle] Na marg.
[358] remotissima de terras] Na marg. Em LA e SC «das terras». A substituir texto riscado na linha. Na sequência do acrescento, pode ler-se a palavra «lugar», que não se encontra riscada, seguramente por lapso, mas que não transcrevemos, por não fazer sentido.
[359] Não somos nós os que o dizemos] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[360] Onde LA lê «era justo...», no original, lê-se «não era necessário que elles por algum titulo...». A leitura de LA não tem explicação aparente, mas é reproduzida em várias edições, a começar pela de SC.

O resto da página está em branco, bem como as 11 páginas seguintes, e o texto continua, entre fragmentos escritos e páginas em branco ou repassadas, por várias dezenas de páginas não transcritas, com diferentes numerações, provavelmente por não terem ligação aparente com os capítulos anteriores e/ou pelo mau estado da maioria das páginas, com muitas áreas repassadas, ilegíveis, e muitas muito rasuradas, de leitura muito difícil. A edição de LA retoma o texto quase 100 páginas à frente, onde torna a ser claramente identificável o plano da História do Futuro: Livro II, «Em que se mostra que Império há de ser este». Nas páginas não transcritas, encontram-se diferentes excertos, identificados por títulos. Não sendo, embora, facilmente identificável o lugar que cada um destes excertos poderia ter na obra, tratando-se provavelmente de «notas» ou rascunhos muito fragmentários, a numeração parece indicar que, pelo menos o primeiro

[1] Livro 2.º [361]

Em que se mostra que Imperio ha de ser este

Supposto como deixamos assentado que ha de aver no mundo hum quinto e novo Imperio, seguese que digamos que Imperio ha de ser: e assy o faremos em todo este 2.º[362] Livro.

Capitulo 1.°

Que o Quinto Imperio he o Imperio de Christo e dos Christãos

He conclusão certa e de fee que este quinto Imperio de que fallamos annunciado e prometido plos Profetas he o Imperio de Christo e dos Christãos. Prova se dos mesmos textos e Profecias já allegadas sobre as quaes fundaremos tudo o que dissermos nesta historia para mayor clareza e firmeza della, pois não he sirzida de pedaços ou retalhos das escrituras senão cortada toda da mesma peça.

Primeiramente aquella pedra que derrubou a estatua e desfez as[363] quatro Monarchias figuradas nos quatro[364] metaes e que depois creceu e com

---

excerto («Respondese a hũ argumento com que se impugna ou condena a resolução acima)», viria na sequência dos anteriores, uma vez que segue a numeração, sendo os seguintes, sobre vários profetas, canónicos e não canónicos, que iniciam uma nova numeração, claramente escritos para entrarem noutro ponto da obra, ao que tudo indica, o Livro Terceiro, «Grandeza e felicidades do dito Império», mais exactamente para a sua questão 2ª: «Como se prova este estado mais perfeito e consumado do Império de Cristo? Resp. que pelas Escrituras, por autoridade e por razão». Estes excertos foram publicados no Tomo III-Volume I da *Obra Completa* de António Vieira (Lisboa: Círculo de Leitores, 2014; dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate; t. III., vol. I, «Profética», coord. geral de Pedro Calafate, «Anexos da *História do Futuro*», pp. 532-579), entre o *Livro Anteprimeiro*... e a *História do Futuro*, a par de outros excertos, igualmente de difícil localização.

[361] 2º] Corrigido sobre 3º.

[362] 2º] No original, 3º.

[363] as] Entrel.

[364] quatro] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

sua[365] grandeza occupou e encheo toda a terra he Christo, o qual em[366] outros muitos lugares[367] da Sagrada Escritura se chama Pedra. Elle foy a pedra que no deserto matou a sede aos filhos de Israel e os acompanhou até a terra da Promissão: *bibebant autem de consequente eos Petra Petra autem erat Christus* como dis S. Paulo[368]: elle foy a Pedra com que David derribou ao gigante em significação de que por meo e virtude de Christo avemos de vencer o mundo e o demonio: elle foy a pedra que vio Zacharias e sobre ella sete olhos, *super lapidem unum septem oculi*, que são os sete doens do Spirito Santo, o qual se infundio todo e descançou sobre Christo: elle foy a pedra sobre que adormeceo[369] Jacob quando se lhe abrio o ceo[370] e vio a escada: elle a pedra sobre que sustentou os braços levantados Moysés quando venceo os exercitos[371] de Amalec: elle finalmente a pedra angular que uniou[372] os dous Povos gentilicos e judaico: e a pedra fundamental e provada sobre que se fundarão na ley antiga a Igreja de Sion e na nova a do mesmo Christo. Esta pedra pois foy a que arrancada do monte derrubou a estatua e desfes os quatro Imperios dos Assirios Persas Gregos e Romanos para fundar e levantar o seu sobre todos elles. Assy o dizem conformemente neste logar não so todos [os] Padres e expositores catholicos senão tambem os hereges e até os mesmos Rabinos, os quaes acertão em dizer que nesta Pedra está profetizado o Reyno do Messias e errão somente em não crerem que o Messias he Christo.

Diz Daniel que esta pedra cahio de hum alto monte arrancada delle sem mãos. E este monte ou he o ceo e o seo do Eterno Padre donde desceo Christo[373], como interpreta S. Ambrosio[374] ou he a nação judaica[375] levantada naquelle tempo como monte entre todas as outras naçoens do mundo, da qual o Verbo se dignou tomar e unir a sy a humanidade, como explica S. Agostinho[376]; ou finalmente he a Virgem Maria Senhora Nossa sublimada como monte altissimo [1v] sobre todas as criaturas como a mais perfeita e excel-

[365] e que depois creceu e com sua] Entrel. A substituir texto riscado na linha. Em LA e SC «e a sua».
[366] em] Entrel.
[367] lugares] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[368] bibebant...S. Paulo] LA e SC omitem este passo, claramente como resultado de um salto de linha.
[369] adormeceo] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[370] o ceo] Na marg.
[371] os exercitos] Na marg.
[372] uniou] Talvez lapso por «uniu», como lêem LA e SC.
[373] LA e SC transcrevem aqui «quanto a Divindade», palavras que, no entanto, parecem riscadas no original, o que corrobora o facto de que parecem não se enquadrar no contexto. Por essa razão, não as integramos.
[374] Na margem, pode ler-se: «Ambrosius. Sermone 7.º». LA regista o acrescento em nota, de forma abreviada. Omitido em SC.
[375] judaica] Em LA e SC «hebraica».
[376] Na margem, pode ler-se: «Augustin. Tratatu 9. Super Joanem». LA regista o acrescento em nota, de forma abreviada. Omitido em SC.

lente de todas[377]. Esta he a sentença comũa e mais recebida dos Santos[378] e expositores deste lugar, com a qual concorda admiravelmente a advertencia de Daniel[379] que a Pedra foy arrancada ou cortada do monte sem mãos: *Lapis abscissus de monte sine manibus*; porque na geração temporal de Christo, sendo verdadeiro homem, não tiverão parte mãos de homem, toda foy obra sobrenatural e divina, supprindo o Spirito Santo e a virtude do Altissimo o que nella faltou de concurso humano. Assy o notou o mesmo S. Agostinho[380] S. Hieronimo S. Ireneo S. Justino[381] S. Epifanio Theodoreto Ruperto e muitos outros Padres.

Na segunda visão de Daniel ainda consta mais claramente[382] e por termos mais expressos que este imperio he o de Christo. *Et ecce* (diz o Profeta) *cum nubibus cæli quasi filius hominis veniebat et usque ad antiquum dierum pervenit et dedit ei potestatem et honorem et regnum, etc.*; de sorte que a pessoa a quem foi dado por Deos[383] o Quinto Imperio (de que Daniel fala neste lugar como vimos) era o filho do Homem: e que cousa ha mais certa e mais frequente no Evangelho que chamarse Christo filho do Homem? *Quem dicunt homines esse filium hominis; væ autem homini illi per quem filius hominis tradetur: tunc videbunt filium hominis venientem in nubibus cæli*: não repito os Autores desta explicação porque são todos; e porque o texto he tam claro que não ha mister interpretes. So reparou Maldonado que não se chama Christo neste lugar filho do homem absolutamente, senão *quasi filius hominis*, para denotar o Profeta que entre este homem e os outros homens avia differença: os outros são puros homens, Christo he homem e Deos juntamente[384]. Assy que aquelle *quasi* significa a falta da subsistencia[385] humana posto que tam superiormente supprida com a divina. E porque Deus não avia de ter subsistencia humana como os outros homens posto que tivesse a mesma natureza como elles, não lhe chama por isso o Profeta homem senão quasi homem *quasi filius hominis*. Quem avia de cuidar[386] que em hum quasi cabia hũa distancia infinita!

A 3ª visão de Zacharias confirma ainda com mayor propriedade ser Christo o Senhor deste Imperio. Já dissemos que a coroa ou coroas que foram postas sobre a cabeça de Jesus filho de Josedec significavão o mesmo

[377] Na margem, pode ler-se: «Hieronimus. Epistola ad Eustochium. De Custod. Virgine. cap. 22». LA regista o acrescento em nota, de forma abreviada. Omitido em SC.
[378] Santos] Em LA e SC «Padres».
[379] Seguem-se cerca de cinco linhas riscadas.
[380] Assy o notou o mesmo S. Agostinho] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[381] S. Justino] Em LA e SC «S. Julio».
[382] mais claramente] Na marg.
[383] a pessoa a quem foi dado por Deos] Na marg.
[384] Seguem-se cerca de três linhas riscadas.
[385] subsistencia] Em LA e SC «substância».
[386] de cuidar] Em LA e SC «duvidar».

Imperio quinto profetizado por Daniel: e que seja Christo o Soberanissimo Monarcha que Zacharias vio coroar naquella figura não so o[387] confessa a Igreja Universal na applicação deste lugar e a opinião commua de todos os Padres e doutores della[388] senão ainda muitos Hebreos que sem odio escreverão antes de Christo. *Communis est Patrum sententia et multorum ex Hebræis, quibus accedit Chaldæus, sermonem hic esse de Messiah*: diz o doutissimo Sanches. De [2r] maneira que na primeira visão foy Christo significado com o nome comum e metaforico de Pedra; na segunda com o nome particular de Filho do Homem na terceira com o nome propriissimo de Jesus *Jesu filii Josedec*: e em todas estas tres visoens em que Deus revelou aos seus profetas a grandeza[389] e magestade futura do quinto Imperio e os quatro a que elle devia de succeder lhes mostrou e revelou[390] tambem que o Senhor e o Monarcha deste Imperio avia de ser Christo.

Com muitos outros textos da Escritura poderamos confirmar esta mesma conclusão[391] mas porque tudo o que avemos de dizer nesta historia será hũa continuada prova e confirmação della bastem os textos allegados que são como dezia os fundamentaes de toda ella.

Mas porque no principio deste capitulo dissemos[392] que o Quinto Imperio era o Imperio[393] de Christo e dos Christãos tornemos a segunda visão de Daniel onde Deos para consolação dos fieis quiz que nos[394] ficasse expressa e revellada esta tam gloriosa verdade. Depois de referir Daniel como Deos Padre a quem elle chama o Antigo de Dias dera ao Filho do Homem aquelle Reyno ou imperio; perguntou o mesmo Profeta a hum dos Anjos que assistião no trono Deus a significação das cousas que via, e elle lhe disse por tres vezes differentes[395] que o Reyno e Imperio que vira dar ao Filho do Homem era o Reyno e Imperio que os Santos do Altissimo avião de ter neste mundo. No verso 18 daquelle capitulo (que he o 7. º) dis assy: *Suscipient autem regnum Sancti Dei altissimi et obtinebunt regnum usque in sæculum*[396]*:* e no verso 22. *Donec venit Antiquus dierum et judicium dedit sanctis Excelsi et tempus advenit et regnum obtinuerunt sancti*: e no verso[397] 27: *Regnum autem et potestas et magnitudo regni quæ est subter omne cœlum detur populo sanctorum Altissimi: cujus regnum regnum sempiternum est et omnes reges servient ei, et obedient.* Muitas

[387] naquella figura não so o] Na marg.
[388] della] Omitido em LA e SC.
[389] grandeza] Na marg.
[390] e revelou] Na marg.
[391] conclusão] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[392] dissemos] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[393] o Imperio] Na marg.
[394] nos] Entrel.
[395] differentes] Omitido em LA e SC.
[396] LA e SC acrescentam: «et saeculum saeculorum», que não está no manuscrito.
[397] verso] Omitido em LA e SC.

cousas e muito grandes disse nestas palavras o Anjo as quaes ficão reservadas para se explicarem em seus lugares, por agora so nos serve (o que diz e repete tantas vezes o Anjo) que aquelle mesmo Reyno que o eterno Padre deu ou ha de dar a seu filho Christo he o Reyno e o Imperio dos Santos isto he dos Christãos. Assy o diz expressamente sobre estas ultimas[398] palavras de Daniel o seu grande comentador Perera chamando a este quinto Imperio *Regnum Christi et Christianorum*: Reyno de Christo e dos Christãos. *Deinceps* (diz elle) *pugnandum nobis est cum Judæis qui Christianis infensi infestique et iniquo animo ferentes quæ de illo quinto Regno tam præclara et gloriosa prædixit Daniel ea ad Regnum Christi et Christianum accomodari etc*[399].

E que pello nome de Santos de que usa Daniel[400] se entendão e devão entender os Christãos não he so explicação de interpretes da Escritura senão frasi muy corrente e ordinaria em toda ella. S. Paulo escrevendo aos Christãos da cidade de Philippis em Macedonia no titulo ou sobrescrito da carta diz assy: *Omnibus Sanctis in Christo qui sunt Philippis:* a todos os Santos em Christo que estão em Philippis[401]. E escrevendo aos Christãos de Roma: *Omnibus qui sunt Romæ dilectis Dei vocatis Sanctis*[402]. E na mesma Epistola exortando aos mesmos Romanos a que soccorressem com suas esmolas aos Christãos necessitados: *Necessitatibus Sanctorum communicantes*. E saudando aos Philippenses no fim da epistola citada[403] em nome de alguns Christãos que estavão em serviço do Emperador que então era Nero *Salutant vos omnes*[404] *Sancti maxime autem qui de Cæsaris domo sunt*[405] Saudamvos diz todos[406] os Santos e principalmente os[407] que estam em casa de Cesar.

[2v] Finalmente este era o ordinario modo de fallar da primitiva Igreja e assy lemos no capitulo 9 dos Actos dos Apostolos[408] que usou da mesma frasi Ananias representando a Christo os grandes males que Saulo tinha feito[409] contra os Christãos: *quanta mala Sanctis tuis fecerit*. E a este uso se chamavão as Igrejas dos Christãos Igrejas dos Santos, conforme o texto da *Epistola ad Corinthios In Ecclesiis Sanctorum doceo*[410]. A rasão deste nome he tomada da santidade da ley de Christo que professão os Christãos os quaes assy como

[398] ultimas] Omitido em LA e SC.
[399] Christianum accomodari] Em LA e SC «Christianorum accomodavit».
[400] De que usa Daniel] Na marg.
[401] Na marg: Philip. Cap. 1.
[402] Na marg: Roman. 1 e Roman. 1/2.
[403] Philippenses no fim da epistola citada] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[404] omnes] Entrel.
[405] maxime...sunt] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[406] diz todos] Entrel.
[407] e principalmente os] Na marg.
[408] Na marg: Actos 9.
[409] feito] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[410] Na marg: Ad Chorinth. 14.

de Christo se chamarão Christãos assy da ley santa de Christo se chamarão Santos. E ambos estes nomes e as etymologias delles comprendeo S. Paulo no principio da Epistola aos Romanos em que lhe chama *Vocati Jesu Christi et vocatis Sanctis*: chamados de Jesus Christo e chamados Santos[411] .

Este he o sentido em que Daniel e o Anjo[412] fallarão naquella visão chamando a Christo Filho do Homem com a mesma frasi com que depois se nomeou a Christo e chamando ao Reyno dos Christãos Reyno dos Santos com a mesma frasi com que depos[413] se nomeavão os Christãos bem assy como já antes de Daniel o tinha profetisado com o mesmo spirito Isaias[414] *Et vocabunt eos populus sanctus. Redempti a Domino*. E aquelle Povo remido por Deus será chamado publicamente Povo Santo que he em proprios termos o que depois se vio na Igreja e o que diz aqui o Anjo: *Regnum autem et potestas detur populo Sanctorum*[415].

[411] E ambos estes nomes...chamados Santos.] Na marg. Em LA e SC este acrescento está mal inserido, no final do capítulo, onde não faria sentido, uma vez que o resto da página está em branco, não respeitando a indicação de inserção de Vieira.
[412] e o Anjo] Na marg.
[413] depos] Entrel.
[414] Na marg: Isai 62.
[415] O resto da página em branco, no manuscrito.

[3] Capitulo 2.º

Perguntasese este Imperio de Christo e dos Christãos ha de ser neste mundo ou no outro.

Deu motivo a esta questão, entre os Padres Gregos Theodoreto e entre os Latinos Tertulliano os quaes concordão com a verdade da nossa historia em dizerem com os demais que o Quinto Imperio he o de Christo e dos Christãos, mas tem para si que ha de ser este Imperio no ceo e não na terra. Fundão a sua opinião nas mesmas visoens de Daniel desta maneira. Antes que a Pedra cortada do monte (que he Cristo[416] e o seu Imperio) crecesse a toda aquella sua grandeza (dis Theodoreto) já todos os outros Reynos e Imperios do mundo estavão derrubados e cahidos já o vento os tinha levado pelos ares[417] desfeito em pó e em cinza, e já tinhão desapparecido totalmente do mundo sem aver mais que a memoria delles, nem se poder achar ou conhecer[418] o lugar onde tivessem estado: como tudo[419] consta do texto :*Tunc contrita sunt pariter ferrum, testa, æs, argentum et aurum et redacta quasi in favillam aestivae areae quæ rapta sunt vento nullusque locus inventus est eis: lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus.* Sendo logo certo como he que os Reynos Cidades Republicas e Imperios do mundo se não hão de desfazer em cinza nem se hão de acabar senão quando se desfizer e acabar o mesmo mundo na ultima ruina delle; seguese que o Imperio de Christo e dos Christãos de que falla Daniel, e aquella sua grandeza prodigiosa a que hade crecer não hade ser neste mundo senão no outro. Tertulliano fundado na mesma visão e muito mais na segunda argumenta assy: Este Reyno ou Imperio[420] de Christo e dos Christãos hade ser Reyno Perpetuo incorruptivel e eterno como dizem expressamente as palavras de ambos os textos: *Regnum quod in eternum non dissipabitur: Regnum quod non corrumpetur: Regnum us-*

[416] Cristo] Em LA e SC «Deus».
[417] já o vento…ares] Na marg.
[418] ou conhecer] Entrel.
[419] tudo] Omitido em LA e SC.
[420] Reyno ou Imperio] Na marg. A substituir texto riscado na linha.

que in sæculum et sæculum sæculorum: Regnum sempiternum. Os Reynos deste mundo todos de sua propria natureza são corruptiveis e todos por mais que durem e permaneção hão de ter fim com o mesmo mundo o qual he de fee que se hade acabar. Logo se o Reyno e Imperio de Christo e dos Christãos há ser perpetuo incorruptivel e eterno clara e manifestamente se segue que não há ser imperio da terra senão do ceo.

Comtudo a sentença comũa dos Santos e recebida e seguida como certa de todos os expositores he que este Reyno e Imperio de Christo e dos Christãos profetizado por Daniel (qualquer que haja de ser) he imperio da terra e na terra. E posto que os Autores desta sentença mais a suppoem que a provão nós a provaremos e demostraremos com os textos das mesmas visoens. Daquella Pedra que representava a Christo e seu imperio dis Daniel na primeira visão, que creceo e se fez hũ monte tam grande que occupou e encheo toda a terra. *Lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus et implevit universam terram*. Infiro agora assy:[421] esta pedra e este imperio de Christo que derribou os outros imperios creceu? Logo não he Imperio do ceo nem[422] depois de acabado o mundo. Porque o Reyno e Imperio de Christo[423] depois de acabado o mundo de nenhum modo ha de crecer nem pode cre [3v] cer. Não ha de crecer nem pode crecer no numero dos homens; porque depois de acabado o mundo e depois do dia do juizo não ha de aver mais homens que vão ao ceo: não ha de crecer nem pode crecer na gloria dos bemaventurados porque desde aquelle ponto cada hum ha de receber por inteiro toda a gloria devida a seus merecimentos e como se acabou o tempo de mais merecer assy se acabou tambem[424] o tempo de mais alcançar. Logo se o Reyno de Christo e dos Christãos ha de crecer depois daquelle tempo e crecer a hũa grandeza tam imensa segue se que esse crecimento ha de ser neste mundo e não no outro[425]. Mas para que são consequencias se as mesmas palavras do texto o dizem claramente? *Factus est mons magnus et implevit universam terram*. Se a pedra crecendo se fez hum grande monte o qual grande monte encheo e occupou toda a terra e este he o Imperio profetizado de Christo bem claro se mostra[426] que he imperio da terra e não do ceo e que na terra e não no ceo hade ter toda esta sua grandeza.

Não negamos porem nem podemos negar que este Reyno e Imperio de Christo e dos Christãos ha de durar tambem com o mesmo Christo e com os mesmos Christãos depois de bemaventurados por toda a eternidade[427]

[421] Infiro agora assy:] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[422] nem] Entrel.
[423] de Christo] Na marg.
[424] tambem] Omitido em LA e SC.
[425] e não no outro] Na marg.
[426] e este he...se mostra] Na marg.
[427] por toda a eternidade] Entrel.

no ceo; mas nem por isso ha de deixar de ter na terra a grandeza que nestes textos lhe he profetizada e prometida[428] antes a rasão de aver de ter tanta grandeza no ceo he porque a terá primeiro na terra: na terra inchoada mas perfeita quanto[429] sofre a terra; no ceo consumada e perfeitissima como se deve ao estado do ceo. E desta maneira se concilia e concorda facilmente a opinião de Tertulliano e Theodureto com a verdade da nossa: este he o mais ordinario sentir de todos os expositores de Daniel os quaes dizem que este Reyno e Imperio de Christo e dos Christãos ha de ser inchoado na terra e consumado no ceo, mas com tanta discrepancia de tempos como veremos em seu logar que agora so tratamos qual seja em comum o deste imperio[430]. Os termos da segunda visão de Daniel ainda são (se podem ser) mais evidentes: *Regnum autem et potestas et magnitudo regni quæ est subter omne cælum detur populo Sanctorum altissimi*. O Reyno ou Imperio que se hade dar ao Povo dos Santos do Altissimo que são os Christãos he o poder e[431] a grandeza de todos os Reynos que ha debaxo do ceo. Podia se dizer[432] cousa mais clara? Parece que estava antevendo Daniel que avia de aver quem interpretasse esta sua visão em differente sentido do que elle a escrevia dizendo que este Reyno avia de ser no ceo e não na terra.[433] Pois posto se entenda e saiba que não he assy adverte e nota sinaladamente o Profeta que não he Reyno do ceo senão de debaxo do ceo[434] *Magnitudo Regni quæ est subter omne cælum detur Populo Sanctorum Altissimi*. Nas palavras que se seguem a estas declara mais em particular Daniel (ou o anjo por elle) quem hão de ser os subditos deste Imperio[435] e diz (em nova confirmação do que dizemos)[436] que serão todos os Reys do mundo os quaes o hão de servir e lhe hão de obedecer. *Et omnes reges servient ei et obedient*. Se os Reys hão de servir e obedecer a este imperio bem se colhe que ha de ser imperio da terra e não do ceo porque no ceo não se serve nem se obedece nem se merece e so se goza o premio do que se obedeceo do que se servio e do que se mereceo na terra. Da terra he logo este imperio. E na terra he que hade ser[437] servido e obedecido e reconhecido de todos os Reys della; como bem advertio Cornelio comentando as palavras *subter omne cælum*[438] pouco antes[439] citadas *Non quæ est super sed quæ est sub-*

[428] e prometida] Entrel.
[429] quanto] Em LA e SC «qual».
[430] e concorda...deste imperio] Na marg. A substituir cerca de três linhas riscadas.
[431] e] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[432] se dizer] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[433] e não na terra.] Na marg.
[434] do ceo] Entrel.
[435] Seguem-se cerca de duas linhas riscadas.
[436] (em nova...dizemos)] Na marg.
[437] na terra...hade ser] Na marg.
[438] subter omne caelum] Na marg.
[439] antes] Em LA e SC «atraz».

ter omne cœlum id est quae est[440] *in omni terra sive in omni plaga cælo subjecta*[441].

[4r] Responder aos seus argumentos he igualmente facil. Ao de Theodoreto dizemos que o texto de Daniel so falla das quatro monarchias representadas nos quatro metaes da estatua as quaes nem cada hũa por sy nem todas juntas comprehenderão nunca toda a grandeza da terra; e quando se diz que ficarão desfeitas em pó e desapparecerão e forão voadas do vento e não se achou mais o lugar onde estivessem não quer dizer que as terras, cidades, e gentes das ditas monarchias se avião de acabar e extinguir totalmente (como hade acontecer a todo o mundo no dia do Juizo)[442] senão que se avia de[443] acabar seu mando, seu poder, seu imperio, sua soberania; como verdadeiramente se acabou a dos Assirios pella successão dos Persas, e a dos Persas pella successão dos Gregos, e a dos Gregos pella successão dos Romanos, e se acabará tambem a dos Romanos pela successão do Quinto Imperio. E isto quer dizer em frasi da Escritura *non inventus est amplius*[444] *locus ejus* que se não achou mais o seu lugar porque succederão outros nelles. Como se vê no exemplo de Judas de quem falla a Escritura pellos mesmos termos e consta que succedeo no seu lugar S. Matthias.

Ao argumento de Tertulliano que se fundava na eternidade do Quinto Imperio já temos dito que a continuação delle no ceo ha de ser verdadeiramente eterna em toda a[445] propriedade e largueza da significação desta palavra. Mas se entendermos o texto de Daniel da duração somente que o Imperio de Christo e dos Christãos ha de ter neste mundo pella palavra eternidade não se entende rigorosamente duração sem fim, senão continuação e permanencia de muito tempo que depois veremos quanto ha de ser. Entretanto basta saberse que a palavra eterno tem este mesmo sentido e limitação em muitos lugares da Escritura: como notou S. Agostinho na questam 31 sobre o Genesis. E nós[446] mostraremos mais largamente quando escrevermos a duração do Quinto Imperio[447].

Mas para que tiremos todo o escrupulo aos Doutos[448] rasão será se[449] não passe sem[450] satisfação hũa grande duvida que por ser fundada nas mesmas

[440] quae est] Omitido em LA e SC.
[441] Non quae est...subjecta] Na marg.
[442] (como...juizo)] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[443] se avia de] Em LA e SC «avia de se».
[444] amplius] Omitido em LA e SC.
[445] toda a] Entrel.
[446] nós] Omitido em LA e SC.
[447] Na direcção do final do parágrafo, pode ler-se, na margem: Vide Cornelium, p. 24, in Pentateuchum, canone 4.
[448] Doutos] Em SC «outros».
[449] se] Omitido em LA e SC.
[450] sem] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

palavras[451] do texto de Daniel não so pode embaraçar a verdade da nossa sentença, mas confirmar na contraria os Autores e seguidores della. *Aspiciebam* (diz Daniel na segunda visão) *donec throni positi sunt et Antiquus dierum sedit vestimentum ejus candidum quasi nix, et capilli capitis ejus quasi lana munda: thronus ejus flammæ ignis, rotæ ejus ignis accensus: fluvius igneus rapidusque egrediebatur a facie ejus. Millia millium ministrabant ei et decies millies centena millia assistebant ei Judicium sedit et libri aperti sunt, etc.* E estas palavras por todas as circunstancias do throno do fogo, da assistencia dos anjos, dos livros que se abrirão, e do mesmo nome de juizo [4v] não so parece que significão, senão que estão demostrando o rigor[452], e magestade do[453] juizo final, e assy o entendem mais ordinariamente os expositores desta visão. Logo se o Reyno e Imperio de Christo, e dos Christãos hade ser depois do juizo final claramente se convence que não he, nem hade ser imperio deste mundo, senão do outro. Respondo que he certo fallar neste logar o Profeta de juizo, e juizo de Deus, e juizo rigoroso, e de grande magestade; mas digo com a mesma certeza, que[454] este juizo não he[455] o juizo[456] final em que Christo hade vir julgar os vivos, e os mortos no fim do mundo,[457] senão hum juizo particular, em que o Padre Eterno hade tirar o Reyno e imperio universal do mundo ao tyranno ou tyrannos que então o possuirem; e para meter de[458] posse delle[459] e[460] o entregar a Christo seu filho, como legitimo senhor[461] e herdeiro delle e aos professores de sua fee, e obediencia, que são os Christãos.[462]

[451] palavras] Na marg.
[452] rigor] Em LA e SC «vigor».
[453] o vigor,...do] Na marg.
[454] mas digo...que] Na marg.
[455] este juizo não he] No original, «não he este juizo», com indicação numerada de troca da ordem dos dois constituintes.
[456] o juizo] Na marg.
[457] no fim do mundo,] Na marg.
[458] o possuirem...meter de] Na marg.
[459] delle] Omitido em LA e SC.
[460] e] Entrel.
[461] senhor] Entrel.
[462] O resto da página em branco.

[5r] Capitulo 3.º

Se este Imperio de Christo no mundo he spiritual ou temporal.

Assentado, como acabamos de resolver, que este Imperio de Christo e dos Christãos de que fallão as profecias allegadas he principalmente o da terra e não o do ceo ainda nesta supposição nos resta para[463] averiguar hum ponto de grande importancia e de cuja decisão depende o mayor fundamento de todo este nosso discurso. Porque este Imperio de Christo que dizemos ha de ser na terra ou pode ser spiritual, ou temporal: spiritual como o que hoje tem o Sumo Pontifice cujo poder e jurdição se ordena[464] a governar os fieis membros e subditos da Igreja a conseguir a bemaventurança que he o ultimo fim do homem: temporal como o que tem os Principes catholicos sobre seus Reynos e provincias que se dirige[465] a governar os vassallos por meo de leis prudentes e justas a conseguir a felicidade civil e politica[466] que he o fim particular de todas as comunidades humanas, e tambem[467] das christãs e catholicas[468] em quanto[469] este fim particular e mediato se ordena ao ultimo fim. Isto posto perguntamos agora se este Imperio de Christo ha de ser spiritual ou temporal? E começando pella conclusão em que não ha resistencia nem difficuldade; disemos primeiramente que[470] este Imperio de Christo (o qual não ha de ser differente do que hoje he senão quanto ao modo como em seu logar veremos) he Imperio Spiritual. Assy o ensinão e ensinarão sempre[471] conformemente todos os Padres e Doutores da Igreja, todos os Theologos antigos e modernos, e todos os expositores de ambos os testamentos e se

[463] para] Omitido em LA e SC.
[464] ordena] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[465] dirige] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[466] a conseguir...politica] Omitido em LA e SC.
[467] e tambem] Em LA e SC «tanto».
[468] tanto das christãs e catholicas] Em LA e SC «dos christãos e catholicos».
[469] quanto] Entrel.
[470] disemos primeiramente que] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[471] e ensinarão sempre] Na marg.

demostra com o mesmo misterio da Encarnação e fim por[472] que Christo veo ao mundo e com a doutrina e acçoens de toda[473] sua vida e morte. Porque se perguntarmos aos 4[474] Evangelistas (deixando o testimunho das outras Escrituras) que fez Christo e que ensinou com a palavra e com o exemplo desdo dia em que nasceo até à hora em que espirou na cruz; dirnos hão que veo ensinar aos homens a sciencia da saude e salvação que veo ser luz do mundo e alumiar a todos[475] os que vem a elle, que veo lançar fogo na terra para que se acendesse nella a charidade[476] que tam apagada estava que veo encher e informar a ley e animar a letra com o spirito[477] que veo vencer o demonio e lançallo do mundo onde reinava e se intitulava Principe que veo apartar os paes dos filhos e os filhos dos paes para que a graça prevalecesse contra a natureza e o amor de Deus podesse mais que[478] o do sangue; que ensinou o desprezo das riquezas os interesses da esmola[479] o perdão das injurias a verdadeira amisade com os inimigos, a virtude da humildade e a da castidade hũa não usada outra não conhecida no mundo, que pregou o Reyno do ceo a eternidade do inferno o rigor do juizo o preço e imortalidade da alma finalmente que abrio sete fontes da graça em[480] que instituio sete sacramentos perpetuos e ficou elle[481] conosco perpetuamente em sacramento que nos lavou em[482] seu sangue que morreo por nós e que nos deixou o seu amor e o nosso em testamento[483]. Sendo pois estas as acçoens daquelle Senhor a quem antes de vir ao mundo todos os Profetas chamarão Rey[484] e em seu nacimento foy acclamado Rey e em sua morte intitulado Rey; e sendo[485] todas ellas ordenadas so[486] à salvação e perfeição dos homens, e dirigidas e encaminhadas[487] ao ceo, cujo Reyno [5v] lhes pregou e prometeu[488] sempre e estando até aquelle tempo fechado lho abrio e mereceu com[489] seu sangue.

---

[472] por] Em LA e SC «com».
[473] toda] Omitido em LA e SC.
[474] 4] Omitido em LA e SC.
[475] a todos] Omitido em LA e SC.
[476] charidade] Em LA e SC «claridade».
[477] que veo encher..o spirito] Na marg.
[478] podesse mais que] Entrel.
[479] das riquezas os interesses da esmola] Na marg.
[480] em] Em LA e SC «ou».
[481] elle] Entrel.
[482] em] Em LA e SC «com».
[483] em testamento] Em LA e SC «contentamento».
[484] Rey] Em LA e SC «Pay».
[485] Sendo pois...e sendo] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[486] so] Entrel.
[487] e encaminhadas] Entrel.
[488] e prometeu] Entrel.
[489] com] Entrel.

Que mayor testimunho[490] se pode desejar nem que mayor demostração ou evidencia de[491] ser o Reyno e imperio deste[492] santissimo e soberanissimo Rey Reyno e Imperio spiritual? Foy reyno e imperio spiritual no fim e causas de sua instituição spiritual nas leys spiritual no governo spiritual no uso nas execuçoens e no exercicio, e supposto que dizemos ha ser sempre o mesmo (nem he decente nem seria creivel outra cousa) em qualquer tempo futuro será e[493] ha de ser tambem spiritual. Não allegamos aqui os[494] Autores desta doutrina assy por serem todos como dissemos como porque allegaremos muitos no capitulo seguinte[495].

[490] testimunho] Em LA e SC «sentimento».
[491] Que mayor...de ser?] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[492] deste] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[493] será e] Na marg.
[494] aqui os] Em LA e SC «aos».
[495] O resto da página em branco.

[6r] Capitulo 4.º

Examinase se o Reyno e Imperio de Christo he tambem temporal. Referese a opinião negativa.

O imperio e dominio spiritual[496] he certo que de sua natureza não exclue nem implica com[497] o temporal de modo que hum e outro dominio bem pode[498] sem repugnancia algũa[499] convir e ajuntarse[500] no mesmo sogeito. Assy vemos que o Summo Pontifice tendo o dominio spiritual de toda a Igreja he tambem Senhor e Principe temporal do estado que chamão ecclesiastico. Em Alemanha tres dos eleitores do Imperio são Principes Ecclesiasticos e senhores temporaes de seus estados[501]. E no nosso Reyno o Arcebispo primaz he juntamente Bispo e Senhor de Braga. Supposto pois que o Reyno e Imperio de Christo seja spiritual como acabamos de resolver resta examinar agora se he tambem Imperio[502] temporal? Muitos e graves Theologos seguem de tal maneira a parte negativa que excluem totalmente do Imperio de Christo toda a jurdição, poder, e dominio temporal, e somente lhe concedem ou admittem nelle o puramente[503] spiritual, bem assy como aquelle que os Principes ecclesiasticos tem sobre suas Igrejas ou ovelhas (posto que por modo mais sublime e excellente) mas de nenhum como aquelle que os Senhores e Principes seculares tem sobre seus estados e vassallos.

Fundam primeiramente esta sua sentença em muitos lugares[504] da Escritura e particularmente em todos aquelles com que no capitulo passado mostrámos o nome e titulo de Rey que os Profetas davão a Christo. E notão bem advertida e doutamente estes Autores que todas as vezes que os textos

[496] spiritual] Em LA e SC «temporal».
[497] he certo...com] Na marg.
[498] dominio bem pode] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[499] sem repugnancia algũa] Na marg.
[500] ajuntarse] Em LA e SC «ajustarse».
[501] Em Alemanha...estados] Na marg.
[502] Imperio] Entrel.
[503] ou admittem nelle o puramente] Na marg.
[504] lugares] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

da Escritura Sagrada fallão no Reyno Imperio dominio poder ou principado de Christo sempre acrecentão algũa explicação ou limitação com que o nome geral de Rey e Senhor se distinga ou aliene da significação de poder temporal, e se limite estreite e determine ao spiritual somente. No Psalmo 2 chama David a Christo Rey constituido por Deus: *Ego autem constitutus sum rex ab eo*, mas logo limita a significação do officio ou dignidade dizendo que para pregar seus preceitos: *prædicans præceptum ejus*. No Psalmo 44 descreve o mesmo Profeta as prosperidades e progressos do Reyno de Christo: *Intende prospere procede et regna*; mas logo declara o genero de armas todas spirituaes[505] com que ha de conquistar o mundo: *Propter veritatem et mansuetudinem et justitiam deducet te mirabiliter dextera tua*. Isaias no Capitulo 9 annuncia o mesmo Reyno de Christo e sua perpetuidade *super solium David et super regnum ejus sedebit in eternum*, mas logo apponta os fundamentos spirituaes tambem[506] de que lhe ha de vir a firmeza *ut confirmet illud et corroboret in judicio et justitia*. Hieremias no capitulo 23 celebra o Reyno e sabedoria de Christo Rey: *Regnabit Rex et sapiens erit*[507], mas logo determina[508] os effeitos dessa sabedoria que hão ser encaminhados todos[509] à salvação: *In illa die salvabitur Juda*[510]: Zacharias no capítulo 9 descreve o triumpho de Christo acclamado por Rey na entrada de Hierusalem *Ecce Rex tuus venit tibi*[511], mas logo lhe chama Rey salvador[512] justo pobre e humilde *justus et salvator ipse*[513] *pauper et ascendens super asinam*. Finalmente o mesmo Christo confessando a Pilatos que era Rey *Tu dicis quia rex sum ego* acrecentou logo que o seu Reyno era para dar testimunho da verdade ao mundo *Ego in hoc veni in mundum ut testimonium perhibeam veritati*. E depois de resuscitado[514] declarando aos Apostolos com a mayor magestade de palavras que podia ser a grandeza de seu Imperio dominio e potestade: *Data est mihi omnis potestas in cælo et in terra*; a consequencia que tirou de todo este[515] poder tão universal foy *euntes que*[516] *prædicate*[517] *Evangelium omni creaturæ qui crediderit et baptizatus fuerit*

[505] todas spirituaes] Na marg.
[506] tambem] Entrel.
[507] celebra o Reyno...Rey/Regnabit...erit] Alteração da ordem dos constituintes indicada por números.
[508] determina] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[509] todos] Entrel.
[510] In illa die] Em LA e SC «In diebus illis».
[511] Ecce...tibi] Na marg.
[512] Rey salvador] Em LA e SC «Rey e salvador».
[513] ipse] Entrel.
[514] confessando...ressuscitado] Na marg.
[515] de todo este] Em LA e SC «deste».
[516] que] Em LA e SC «in mundum universum».
[517] praedicate] Em SC «praedicantes».

salvus erit, fee, bautismo, salvação dos homens. Seguese logo que o Reyno e Imperio de Christo he spiritual [6v][518] somente, e de nenhum modo temporal.

Sobre tudo está por esta parte aquelle clarissimo oraculo do mesmo[519] Christo: *Regnum meum non est de hoc mundo*, o meu Reino não he deste mundo[520]. Das quaes palavras podemos dizer *quid adhuc egemus testibus*?

À efficacia destes textos se[521] acrecenta a de muitas rasoens e argumentos entre os quaes porventura não he o que tem grangeado menos votos a esta opinião a toada daquella[522] palavra temporal a qual construida com o Imperio de Christo e pronunciada aos ouvidos mais religiosos e spirituaes parece que tras consigo algũa dureza e dissonancia por não dizer indicencia. De que servia a Christo (dizem) o nome ou jurdição[523] de Rey temporal do mundo se elle vinha como vimos a confundir com seu exemplo o mesmo mundo os mesmos Reis e as mesmas temporalidades? Se a Perfeição Christã que Christo veo[524] ensinar aos homens consistia em deixar tudo e seguir em pobreza e humildade a Christo pobre e humilde como dezia com esta renunciação de bens[525] todos os bens honras e averes do mundo o dominio o imperio e sogeição[526] a magestade de todo elle? E se esta magestade este imperio e este dominio não avia de ter (como nunca teve em[527] Christo) uso ou exercicio publico, e avia de estar sempre occulto e encuberto aos homens; não seria mayor autoridade mayor exemplo e ainda mayor circunstancia de perfeição saberse que o renunciara Christo podendo tello que dizerse que o tivera que[528] o conservara e ainda que o pedira como alguns dizem? Com que liberdade ou com que confiança avia[529] de aconselhar ou[530] mandar Christo[531] a outro[532] mancebo que se queria ser perfeito [7r] deixasse o dominio das suas herdades, se no mesmo tempo o mestre desta perfeição retivesse o dominio de toda a terra? Para que se ha de[533] admitir logo o nome deste Im-

---

[518] Os parágrafos desta página apresentam indicação de reordenação, na margem: 1, 3, 2, entre as pp. 6v e 7r.
[519] do mesmo] Em LA e SC «de».
[520] O meu...mundo] Na marg.
[521] se] Entrel.
[522] a toada daquella] Em LA e SC «...errada aquella».
[523] ou jurdição] Na marg.
[524] veo] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[525] bens] Omitido em LA e SC.
[526] e sogeição] Omitido em LA e SC.
[527] em] Em LA e SC «com».
[528] que] Em LA e SC «e».
[529] saberse...ou com que confiança avia] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[530] ou] Entrel.
[531] Christo] Entrel.
[532] outro] Em LA e SC «certo».
[533] ha de] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

perio temporal em Christo[534] se nem para o decoro da pessoa nem para o fim do officio nem para o exemplo da doutrina era necessario e para o exercicio e uso, que nunca teve realmente inutil e ocioso? Estas rasoens ou admiraçõens que não são muitas vezes as que menos persuadem se fechão e apertão efficazmente com hum discurso fundado[535] em todos os principios geraes de direito com que parece aos Autores desta sentença que não so estabelecem de todo a certeza della mas que convencem e desfazem a probabilidade de qualquer outra. E discorrem ou argumentão[536] assy.

[6v] Se Christo foy Rey temporal ou foy Rey por direito natural ou por direito divino ou por direito humano. Por direito natural não porque Christo não era[537] filho nem[538] herdeiro de Rey; e dado que fosse legitimo successor[539] do Reyno de Israel como dizem menos provavelmente alguns autores a herança de um Reyno particular não lhe dava direito para o imperio de todo o mundo. Por direito divino tambem não; porque se houvera tal direito constara das Escrituras, e posto que muitos textos da Escritura fallem de Christo como Rey e lhe dem o nome e titulo de Rey, todos como vimos se entendem do Reyno spiritual ou celeste, e quando menos se podem interpretar assy, sem nos obrigarem a que os entendamos do Reyno ou Imperio temporal. Finalmente por direito humano não; porque a jurdição[540] de fazer ou[541] elleger Rey está na communidade dos homens respectivamente[542] e para Christo ser Rey universal de todo o mundo por esta via[543] era necessario que todos os homens e communidades do mundo se unissem em hum consentimento com que o ellegessem por Rey e Senhor de todas o que nunca ouve. Antes sabemos que os Principes e Povo de Judea que era a terra onde Christo vivia se conjurarão contra elle e lhe tirarão a vida so porque não tivesse[544] o nome de Rey e que o mesmo Senhor na occasião em que alguns delles lho quiserão dar fugio delles e do mesmo titulo, e se escondeo em hum monte para escapar daquella violencia. Logo se não foi Rey temporal nem por successão natural nem por eleição humana nem por doação ou nomeação divina bem se conclue que o Reyno e Imperio de Christo tam celebrado nas Escrituras de

[534] em Christo] Na marg.
[535] fundado] Em LA e SC «fundido».
[536] E discorrem ou argumentão] Em LA e SC «Argumentão ou discorrem».
[537] Christo não era] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[538] nem] Entrel.
[539] successor] Entrel.
[540] jurdição] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[541] fazer ou] Entrel.
[542] respectivamente] Entrel. Omitido em LA e SC.
[543] por esta via] Entrel.
[544] tivesse] Em LA e SC «tomasse».

nenhum modo foy nem podia[545] ser temporal senão spiritual somente qual acima dissemos[546].

[7r] Os Padres que isto disseram e seguirão querem alguns que sejam todos. Ao menos confessa Vasques que da Doutrina dos Padres não se pode convencer o contrario. O primeiro que se allega é Santo Agostinho em muitos lugares entre os quaes o mais claro (ou o que o parece) he este *Populi personam figurate gerebat homo ille, scilicet Saul: qui populus regnum fuerat amissurus Christo Jeso*[547] *Domino nostro per Novum Testamentum non carnaliter sed spiritualiter regnaturo*[548]. Nenhum dos outros Padres falla em termos de tanta expressão mas allegamse e podemse allegar no mesmo sentido S. Ambrosio S. Hieronimo S. Gregorio Pappa S. Basilio[549] S. Athanasio, S. João Chrysostomo, Tertulliano Theophilacto e outros, e diz o doutissimo Maldonado que esta he a sentença comũa dos melhores Theologos. Nós nomearemos os Theologos[550] que assy o disserão. O douto leitor julgará se são os melhores. E são estes: Hermas Letmatio Driedo Castro[551] Bertolameu de Medina[552] Jansenio Victoria Adriam Fino João Parisiense[553] Francisco de Christo Melchior Flavio[554] Jacobo Naclanto[555]. E postoque tambem se citem por esta parte Soto Abulense e Waldense fallam por termos tam indifferentes que Vasques os allega (e diz que assy se devem allegar) pella parte contraria. Advirtase porem para credito de Maldonado e nosso que os Theologos que hoje tem mayor fama nas escolas, quando elle escreveo, ainda não tinhão escrito.[556]

[545] podia] Em LA e SC «pode».
[546] o que nunca ouve...acima dissemos.] Na marg. A substituir cerca de cinco linhas de texto riscado.
[547] Jeso] Omitido em LA e SC.
[548] Na direcção desta referência, pode ler-se, na margem: Liber 27 De Christ [?] Cap. 7.
[549] S. Hieronimo....S. Basilio] Omitido em LA e SC.
[550] Nós nomearemos os Theologos] Omitido em LA e SC.
[551] Castro] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[552] Bertolameu de Medina] Na marg.
[553] João Parisiense] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[554] Melchior Flavio] Na marg.
[555] Jacobo Naclanto] Omitido em LA e SC.
[556] E posto que...escrito.] Na marg. A substituir cerca de três linhas de texto riscado.

[7v] Capitulo 5.º

Propoemse e defendese a opinião affirmativa

Se escreveramos menos ha de cem annos porventura que não poseramos aqui tam confiadamente este capitulo. Mas como disse S. Gregorio e antes delle o Sabio quanto a Igreja mais crece mais se allumia e o que nos tempos passados he[557] duvidoso nos futuros se sabe[558]. A opinião do Reyno temporal de Christo e da conceição imaculada de sua May[559] se accompanharão no mesmo tempo e[560] na mesma fortuna e ambas alfim se não tem ainda triunfado já tem vencido. Mitigouse com os dias e com a consideração o horror daquelle nome temporal acabouse de conhecer que com elle se não davão armas antes se tiravão aos inimigos (porque tambem na Theologia se deve entender *omnia dat qui justa negat*) soccederão àquelles Theologos de grande spirito outros de grandes spiritos, e resolveuse que não erão menos spirituaes os que admittião no Imperio de Christo o nome de temporal. Nem sempre he mayor spiritualidade o que mais se oppoem ao corpo. Os Originistas chamavão por escarnio pelusiotas aos que seguião a fee de que todos avemos de resuscitar em nossos corpos parecendo lhe cousa indigna e muito contra o decoro da bemaventurança[561] que ouvessem de apparecer diante de Deos as nossas almas com vestidos tam indecentes como são[562] os corpos; e diz S. Hieronimo com outras muitas[563] galantarias que não erão os que pior tratavão seus corpos os que isto dezião . Não fazem menos Santo a Christo nem querem fazer menos spiritual o mundo os que reconhecem em Christo o dominio temporal delle. Porventura offende a Deos em quanto Deos o ser senhor e criador de todas as cousas corporeas[564] e o ter em sua ppropria es-

[557] he] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[558] se sabe] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[559] May] Na marg.
[560] no mesmo tempo e] Na marg.
[561] muito contra o decoro da bemaventurança] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[562] são] Entrel.
[563] muitas] Omitido em LA e SC.
[564] corporeas] Em LA e SC «corporaes».

sensia eminentemente as ideas de todas ellas[?] Antes deixara[565] de ser Deos se assy não fora. Pois o dominio soberano que he perfeição em Deos Deos (digamolo assy) porque hade ser menos decencia em Deos homem? Quando chamamos imperio temporal ao de Christo não queremos diser que he o seu Imperio sogeito às mudanças e inconstancias do tempo nem que receba a grandeza e magestade da pompa e apparato vão das cousas exteriores do mundo a que o mesmo mundo quando[566] falla com mais siso chama com rasão temporalidades; e isto he so o que negão as Escrituras isto o que não admittem os Padres e isto o que explicou o mesmo Christo quando disse *Regnum meum non est de hoc mundo*. Mas[567]

O imperio que dão ou reconhecem em Christo os que admittem e venerão nelle o nome de temporal he hum dominio soberano e supremo sobre todos os homens sobre todos os Reis sobre todas as cousas criadas com poder de dispor dellas a seu arbitrio dando e tirando Reynos fazendo e desfazendo leis castigando premiando mandando[568] com jurdição tam propria e directa sobre todo o mundo como a que os Reys particulares tem sobre seus vassallos e Reynos, antes com muito mayor [8r] mais perfeito e mais excellente dominio não dependente como elles de creaturas mas absoluto soberano sublime e independente de todos.

Os Theologos que isto assentão por conclusão he S. Thomas Soarez Vasquez e bastava ter escrito estes tres grandes nomes para dar por provada e acreditada com o mundo hũa[569] verdade tam necessaria e importante como depois veremos. Seguem a estes tres lumes outros muitos que o poderão ser da Theologia se elles[570] não forão diante. O Cardeal Toledo o Cardeal Lugo Molina Valença Salazar[571] Hurtado Ragusa[572] Arriaga Amico[573] Peres Veiga[574] Caspense Carçosa Lacerda Justiniano[575] Cornelio Ludovico Tena e os dous Mendoças insignes de Portugal e Castella dos quaes este ultimo já no anno de 1586 na Universidade de Salamanca onde era cathedratico de Escoto excitou e defendeu galhardamente esta questão nos termos seguintes que por serem tam particulares os quero referir aqui. *Utrum Jesus*[576] *Christus Deus ac Salvator noster fuerit vere ac proprie Dominus et Rex totius orbis atque*

[565] deixara] Em LA e SC «deixava».
[566] quando] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[567] Mas] Omitido em LA e SC.
[568] mandando] Na marg. Omitido em LA e SC.
[569] hũa] Entrel.
[570] elles] Em LA e SC «estes».
[571] Salazar] Na marg.
[572] Ragusa] Na marg. Omitido em LA e SC.
[573] Amico] Em LA e SC «Arnico».
[574] Veiga] Em LA e SC «Verga».
[575] Justiniano] Na marg.
[576] Em LA e SC «Verum Jesus».

omnium rerum creatarum, secundum quod homo est, non tantum spiritualis rex ac Dominus, sed et verus ac absolutus et proprius, atque adeo temporalis: tam vere et proprie quam Philippus 2us [id] temporis rex est Hispaniarum, et unusquisque hominum dominus est suarum rerum, eo quod illis in omnem usum potest citra alicujus injuriam uti. Este he o sentido em que fallão com pouca differença de palavras todos[577] os Theologos referidos, como se pode ver nos lugares citados à margem; antes dos quaes tinhão seguido e ensinado a mesma doutrina Santo Antonino Durando Almahino e os tres já nomeados Abulense, Scoto, Valdense; a que podemos ajuntar muitos juristas de grande nome; como o Cardeal Turrecremata, o Cardeal Hostiense, Navarro, Baronio, Rofensis, Nicolaus Grandii Alberto Pigio[578].

E para que demonstremos a verdade desta nossa sentença[579] e do Imperio temporal de Christo[580] pellos mesmos principios e fundamentos da opinião contraria e os vamos juntamente impugnando e desfazendo; seja o primeiro o testimunho das mesmas Escrituras allegadas em que Christo tam repetidamente[581] e expressamente[582] he chamado Rey por bocca de todos os Profetas antigos. A que podemos accrecentar o do mayor Profeta da Ley da graça S. João Evangelista em dous logares do Apocalipse em que chama a Christo Principe dos Reis da terra e Rey dos Reys e Senhor dos senhores. No capitulo 1.º *Princeps Regum terræ* e no capitulo 19.º *Rex Regum et Dominus dominantium*. Os quaes textos e todos os mais se não podem entender propria[583] e naturalmente senão do Reyno temporal de Christo; porque o contrario seria[584] fazer manifesta[585] violencia à significação da palavra Rey a qual em toda a Escritura Sagrada significa Rey temporal.

[8v][586] E se he regra certa como ensina S. Agostinho que as palavras da Sagrada Escritura se não hão de interpretar em sentido metaforico e figurativo senão quando de se[587] entenderem na sua significação propria e natural se seguisse algum grande inconveniente ou absurdo contra a doutrina da mesma Escritura recebida pella Igreja; os mesmos nomes de Rey e Reyno tantas vezes celebrados e cantados pelos Profetas fallando do Imperio de Christo[588]

[577] com pouca...todos] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[578] Navarro...Pigio] Em LA e SC «Navarro, Bacónio e outros» .
[579] sentença] Em LA e SC «crença».
[580] e do Imperio temporal de Christo] Na marg.
[581] repetidamente] Em LA e SC «repetida».
[582] e expressamente] Na marg.
[583] propria] Entrel.
[584] seria] Em LA e SC «devia».
[585] manifesta] Na marg.
[586] Texto riscado na primeira metade da página, correspondendo a um parágrafo.
[587] de se] Em LA e SC «se se».
[588] do Imperio de Christo] Na marg.

nos obrigão a conceder e confessar que em toda sua[589] propriedade [natural] significão Rey e Reyno temporal; pois se não segue de assy o entendermos inconveniente algum ou dissonancia[590] contra a pessoa[591] grandeza e magestade de Christo antes muita honra gloria e authoridade sua e da Igreja como neste mesmo[592] capitulo se irá vendo quando respondermos a estas leves objecções da parte contraria. A esta confirmação geral da significação da palavra Rey acrecenta o mesmo[593] Padre Soarez outra que he propria da pessoa de Christo e que efficazmente convence o sentido em que se deve tomar a mesma palavra. Porque o Reyno spiritual[594] de Christo [nisto][595] se destingue do sacerdocio do mesmo Christo e consta das sagradas Escrituras como prova S. Agostinho no tratado 3[596] sobre S. João [e nós] mostraremos largamente no capitulo seguinte que o Reyno e o Sacerdocio [9r] em Christo são dignidades, e jurdições distinctas. Logo se o nome de Supremo Sacerdote significa o Reyno e imperio spiritual, seguese que o de Supremo Rey significa o temporal. Finalmente o mesmo Christo antes de subir ao ceo deixou dito e publicado ao mundo que seu Eterno Padre[597] lhe tinha dado todo o poder no ceo e na terra: *data est mihi omnis potestas in cælo et in terra*. E quem diz todo, seguindo as regras do direito, nenhũa cousa exclue. Teve logo Christo o imperio spiritual[598] que he o que mais propriamente se chama imperio no ceo, e teve juntamente o imperio temporal que he o que com toda a propriedade se chama imperio na terra, porque doutra maneira se não pode dizer, nem entender sem manifesta implicação que tivesse, ou tenha, Christo todo o poder, pois lhe faltaria nesse caso o poder temporal que he hũa tão grande parte desse todo.

Estes são os textos mais efficazes e expressos com que os theologos costumão provar a verdade do imperio temporal de Christo. E posto que baste cada hum delles tomado na propriedade e natureza de sua significação para persuadir facilmente a qualquer intendimento facil e docil, nós para mayor demostração da mesmaverdade sem sair das mesmas profecias e textos fundamentaes desta historia não so esperamos de a confirmar efficazmente na mesma certeza, mas de lhe acrecentar com a nova luz delles mayor[599] evidencia. E começando pella Profecia de Zacharias, já vimos que a coroa-

[589] sua] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[590] dissonancia] LA leu «dissinencia», em SC, lê-se «dissidência».
[591] A pessoa] Em LA e SC «aquella».
[592] mesmo] Omitido em LA e SC.
[593] mesmo] Omitido em LA e SC.
[594] spiritual] Na marg.
[595] Palavra de leitura difícil, omitida em LA e SC.
[596] 3] Em LA «23», em SC «XXII».
[597] Padre] LA e SC desenvolvem a abreviatura como «Pae».
[598] spiritual] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[599] mayor] Em LA e SC «nova».

ção de Jeso filho de Josedech significava[600] a dignidade suprema do Imperio de Christo. Agora pergunto por que foy coroado não com hũa, senão com duas coroas, e por que hũa dellas foy de prata; e outra de ouro? A rasão, não mistica senão literal, dizem commumente os expositores que foy, porque Christo não teve hũa so coroa, senão duas: hũa como supremo sacerdote, que pertencia ao imperio spiritual; e outra como supremo Rey, que pertencia ao temporal. E por isso não erão ambas de ouro, ou ambas de prata, senão hũa de prata, e outra de ouro, para significar a differença e preço daquelles dous imperios ou jurdições; e que o imperio spiritual significado no ouro era mais alto, mais precioso e mais sublime que o imperio temporal significado na prata[601]. E quanto ao imperio temporal, em que so podia aver a duvida, que mayor prova se podia dezejar que a da statua de Nabuco cujos metaes desfez a pedra em pó, e em cinza?[602] Porque se he certo (como he de fee) que aquelles quatro metaes significavão quatro imperios successivos, e imperios verdadeiramente temporaes, bem se segue que a pedra que os derrubou e desfez, figura do Reyno e imperio de Christo, não so significava imperio spiritual, senão tambem temporal, porque so os imperios temporaes se derrubão, arruinão, e desfazem [9v] huns aos outros, o que não faz nem pode fazer o imperio spiritual. Para hum Imperio derrubar e desfaser a outro he necessario que tenha opposição e contrarie com elle acerca das mesmas cousas. E esta opposição e contrariedade so se acha nos imperios temporaes entre sy e não entre o imperio spiritual e o temporal[603] como bem[604] tem mostrado a experiencia no mesmo imperio spiritual de Christo o qual depois de comunicado a seus Vigarios ou[605] Summos Pontifices, não desfez os imperios, e Reynos dos Principes temporaes, antes ajudou muito e se ajudou de seus augmentos crescendo e estabelecendose mais a grandeza e magestade da Igreja e dos Pontifices, quanto mais se estabelecia e crecia a dos emperadores. E este foy o erro, ignorancia e engano de que sempre os fieis notarão e motejarão a Herodes, cantando contra[606] sua locura por boca da Igreja: *Crudelis Herodes Deum regem venire quid times? Non eripit mortalia qui Regna dat cælestia*. Sendo pois certo que o Reyno e Imperio de Christo derrubou, ou hade derrubar todos os imperios do mundo, que sam imperios verdadeiramente temporaes, e não spirituaes; occupando e enchendo toda a terra,

[600] significava] Em LA e SC «significa».
[601] significado na prata] Omitido em LA e SC.
[602] Nesta direcção, na margem, pode ler-se: Daniel 2º.
[603] Para hum Imperio...o temporal] Na margem, a substituir cerca de duas linhas de texto riscado.
[604] bem] Entrel.
[605] ou] Em LA e SC «os».
[606] contra] Em LA e SC «sobre».

donde elles antes estiverão, como expressamente diz o texto; bem[607] se colhe que o imperio de Christo não he so spiritual senão temporal. E tudo isto se verá mais claramente quando adiante explicarmos o tempo[608] da ruina desta estatua; e outras circunstancias della. Nem menos se confirma a mesma verdade com a segunda visão de Daniel[609], na qual lemos que para Deos[610] dar o imperio ao Filho do Homem, mandou primeiro queimar a quarta Besta das 10[611] pontas em que era significado o Imperio Romano, e todos os Reynos temporaes que delle nacerão, o que de nenhũa maneira era necessario se o Reyno e Imperio de Christo fora somente spiritual, pois vemos que reynou antigamente Christo spiritualmente em todo o Imperio Romano, e reyna tambem hoje espiritualmente em todos os Reynos que do mesmo Imperio Romano se nacerão e dividirão[612] e conservão o nome de Christãos; e nem por isso deixam de ter o mesmo dominio e soberania temporal que antes de receberem a sogeição de Christo tiverão. Seguese logo com evidencia que o Imperio de Christo que lhes hade tirar essa soberania temporal não he ou ha de ser o Imperio spiritual de Christo a que elles já são[613] sogeitos senão o Imperio temporal[614] como melhor se entenderá pelo discurso de tudo o que diremos.

Finalmente como consta do mesmo texto de Daniel, o imperio do Filho do Homem ou de Christo naquella visão, he o mesmo imperio universal[615] que hão de ter os Christãos na terra, no qual imperio hão de entrar e ser encorporados todos os Reys e Reynos do mundo. Como se pode logo duvidar que este imenso e protentoso imperio composto de todos os imperios, de todos os Reynos, e de todas as Republicas temporaes[616] posto que seja spiritual e spiritualissimo, não haja de ser tambem temporal? Este he e este [10r] o Reyno e imperio de Christo tam cantado e celebrado nos oraculos dos Profetas pello qual se intitula com toda a propriedade *Rex regum et dominus dominantium*; e assy como a palavra *Regum* e *dominantium* he sem duvida que[617] significa Reis e senhores temporaes assy a palavra *Rex* e *dominus* significa Rey e senhor tambem temporal, para não admitirmos com manifes-

[607] diz o texto; bem] Omitido em LA e SC.
[608] o tempo] Na marg.
[609] Na margem, pode ler-se: «Daniel 7.º». Ao contrário de casos anteriores, LA e SC integram, neste caso, a referência no texto, entre parênteses, sem qualquer indicação.
[610] Deos] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[611] 10] Em LA e SC «vinte».
[612] se nacerão e dividirão] Em LA e SC «nacerão e se dividirão».
[613] são] Em LA e SC «estão».
[614] senão o Império temporal] Na marg.
[615] universal] Na marg.
[616] que este imenso...Republicas temporaes] Na marg.
[617] he sem duvida que] Na marg.

ta violencia da Escritura e repugnancia[618] do entendimento que na mesma sentença e na mesma palavra se varia o sentido e supposição della e que *rex* e *dominus* tem hũa significação e *regum* e *dominantium* outra. E se nos lugares da Escritura allegados pelos Autores da opinião contraria, e em outros que tambem lhe poderamos ajuntar parece que o dominio real de Christo se limita e determina ordinariamente a fins e obras spirituaes, de nenhum modo se enfraquece com este indicio ou argumento a verdade da nossa sentença antes com elle se confirma e estabelece mais. Porque nós não dizemos que o Reyno e Imperio de Christo não[619] he spiritual senão que he spiritual e temporal juntamente conhecendo e tendo polla mayor excellencia deste felicissimo Reyno[620] que não so emquanto spiritual senão ainda emquanto temporal se ordena ao fim ultimo e sobrenatural da bemaventurança[621] pois esse mesmo[622] Reyno e não outro he o que ha de ser eterno e glorioso no ceo, como dizem as palavras tão repetidas[623] do nosso texto , e isto he ser Imperio de Christo e dos Christãos e nisto se destingue dos Reynos meramente politicos e humanos porque estes tem por fim a conservação e felicidade da terra e o de Christo e dos Christãos a do ceo.

Vindo às authoridades (como disem) dos Padres; concedemos facilmente que são poucos os lugares de seus escritos em que se ache expressamente e em proprios termos o Reino temporal de Christo como tambem se não acha o da graça santificante do mesmo Christo distinta da União hypostatica, e outras cousas de igual importancia e dignidade recebidas entre os Theologos; não porque os Santos tivessem differente parecer, mas porque em seu tempo não estavão em uso aquelles termos que depois inventou a Theologia para mayor clareza da doutrina escolastica explicando muitos delles com palavras menos latinas (por não dizer barbaras) qual he a palavra temporal. Dos quaes termos se abstem ainda hoje os que escrevem em[624] estilo mais polido e levantado como nos primeiros tempos da Igreja fazião aquelles santissimos e doutissimos Padres para convidarem a todos a lerem de boa vontade e com gosto seus escritos e para que nos Livros dos Autores christãos se não achasse menos a propriedade e magestade da eloquencia que tanto se venerava nos escritores gentios. Desta rasão que he geral para muitas materias damos por testimunhas os mesmos Livros dos Padres; nos quaes tambem se acharão frequentemente louvadas inculcadas e persuadidas as virtudes que pertencem ao Reyno spiritual de Christo não porque aquelles Santos negas-

[618] repugnancia] Na marg.
[619] não] Omitido em LA e SC, com consequências evidentes no significado.
[620] conhecendo...Reyno] Na marg.
[621] da bemaventurança] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[622] mesmo] Omitido em LA e SC.
[623] tão repetidas] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[624] em] Em LA e SC «com».

sem à universalidade de seu imperio o dominio temporal mas porque deste não quis ter exercicio aquelle Senhor que era juntamente Senhor e mestre, e os principaes e mayores [10v] exemplos que nos quis deixar forão do desprezo delle. Não faltão comtudo lugares muy illustres dos Padres em que fallarão do Imperio temporal de Christo com termos não menos expressos que os que se allegão pella parte contraria, dos quaes porei aqui os que bastem a responder a estes e confirmar a verdade da nossa. S. Cyrillo explicando as palavras de Christo *Regnum meum non est de hoc mundo* no Livro 12 sobre S. João diz assy: *Regem se esse non negat sed Regni Cæsaris se non esse hostem ostendit; quia ejus Regnum terrenum non est sed cæli et terræ, ceterarumque rerum omnium*. E S. Agostinho no Tratado 14 sobre o mesmo evangelista *Erat quidem Rex non talis qualis ab hominibus fit, sed talis ut homines reges faceret*. E S. Gregorio na Homilia 8ª. sobre os Evangelhos ponderando o lugar do Nacimento de Christo não proprio senão alheo *Alienum* digo[625] *non secundum potestatem, sed secundum naturam; nam secundum potestatem in propria venit*. E mais claramente que todos S. Bernardo no Livro 3.º *De consideratione* escrevendo ao Papa Eugenio: *Dispensatio tibi*[626] *credita est; non data possessio: non tu ille, de quo Propheta, Et erit omnis terra possessio ejus. Christus hic est, qui possessionem sibi vendicat, et jure creationis*[627] *et merito redemptionis, et dono Patris. Cui enim alteri dictum est, postula a me, et dabo tibi gentes hæreditatem tuam, et possessionem tuam terminos terræ? Possessionem et dominium cede huic tu curam illius habe*. Outras muitas sentenças semelhantes a estas se lem[628] em outros Santos Padres da mesma e mayor antiguidade, como S. Ireneo no Livro 4º Cap . 17[629]. S. Cypriano *Adversus Judæos* Cap. 26 S. Hylario sobre o psalmo 2º v. 5º S. Hieronimo Lib. 4.° sobre Jeremias Capº. 22 e S. Ambrosio no Livro 3.º sobre S. Lucas. Aos quais com resão podemos acrecentar todos aquelles autores antigos e modernos que a titulo de Mãy de Christo reconhecem e venerão na Virgem Senhora nossa o imperio e dominio de todo o mundo[630]. O mesmo S. Bernardo no sermão sobre as palavras do Apocalipse *signum magnum: Maria* (diz) *eo quod mater Dei est, Regina cælorum et domina mundi jure esse probatur*. E S. Athanasio no sermão primeiro *De Nativitate Virginis*: *quandoquidem Christus Rex est, qui natus est ex virgine, idemque et Dominus, et Deus; ea propter et mater quæ eum genuit, et Regina et Domina, et Deipara proprie et vere censetur*. E S. Bernardino de Sena no tom. 1.º Serm. 71

[625] digo] Entrel. A substituir texto riscado na linha. Em LA e SC «diz».
[626] LA e SC introduzem aqui as palavras «super illum», que, no entanto, não se encontram no manuscrito, tendo provavelmente sido recuperadas a partir do texto citado.
[627] creationis] Em LA e SC «creaturis».
[628] lem] Em LA e SC «vem».
[629] Em LA «27», provavelmente o capítulo certo, corrigido por LA sem qualquer indicação.
[630] Os dois excertos seguintes encontram-se em ordem inversa, com indicação de troca por meio de números. 1: O mesmo…probatur; 2: E S. Athanasio…censetur.

Cap. 7.º[631] *virgo beatissima omnem hujus mundi meruit principatum et Regnum; quia Filius ejus in primo instanti suæ conceptionis monarchiam totius promeruit, et obtinuit universi: sicut Propheta testatur, dicens: Domini est terra et plenitudo ejus, orbis terrarum, et universi qui habitant in eo*[632]. Dos quaes lugares todos e muito mais claramente destes ultimos se mostra quam assenta[11r]da cousa era e quam[633] sem controversia no sentir comum dos Padres o Imperio[634] e Monarchia universal de Christo não so quanto ao Reyno spiritual e do ceo senão quanto ao temporal e da terra. E se alguns dos mesmos santos[635] Padres principalmente em livros ou tratados[636] apologeticos parece que dezião e ensinavão[637] o contrario (como verdadeiramente parece); devese advertir que fallavão do Reyno de Christo não quanto ao poder imperio ou dominio senão quanto ao apparato grandeza e magestade exterior de Rey temporal, a qual os Judeos esperavão[638] e os gentios dezejavão em Christo: os primeiros interpretando erradamente as Escrituras, e os segundos fingindo as propriedades de Deos humanado conforme sua vaidade e[639] apetite, como gente costumada a fazer deuses à sua vontade. E como a controversia e disputa daquelles tempos era contra este escandalo dos Judeos e contra esta estulticia dos gentios que são os nomes injuriosos ou gloriosos[640] com que huns e outros affrontavão a Cruz e humildade de Christo, por isso he tam frequente nos escritos dos Padres a differença do seu Reyno aos Reynos do mundo não negando a Christo Rey como deziamos o dominio e imperio ainda temporal sobre todo elle, mas engrandecendo esse mesmo imperio pello desprezo da[641] pompa e apparato vão em que poem os Reys da terra sua grandeza e magestade. Baste por todos os Padres que poderamos traser em comprovação desta nossa advertencia hum lugar de S. João Chrysostomo em que fallando do Rey que vierão adorar a Belem os Reis e da differença humilde de seu estado diz assy elegantemente.[642] *Quonam pacto magi ex stella illa Judæorum, regem illum esse*

[631] Serm. 71 Cap. 7.º] Em LA e SC «Serm. 11, Cap. 1».
[632] LA e SC introduzem aqui, entre parênteses, a nota que, no original se encontra na margem: «Ps. 23 n. 24». Além da introdução da nota no corpo do texto, LA, seguido por SC, corrige (a lápis, no manuscrito) a referência ao número do versículo do salmo 23, errada em Vieira, de n. 24 para n. 1, sem indicação.
[633] quam] Entrel.
[634] o Imperio] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[635] santos] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[636] ou tratados] Na marg. LA e SC inserem o acrescento, sem nota, no lugar errado: «livros apologéticos ou tratados».
[637] e ensinavam] Entrel.
[638] Seguem-se cerca de cinco linhas de texto riscado.
[639] vaidade e] Entrel.
[640] ou gloriosos] Na marg.
[641] engrandecendo...desprezo da] Na marg.
[642] Na margem, pode ler-se a indicação da referência: Homil. 6 sup. Cap. 2 Matthei. LA e SC introduzem-na no corpo do texto, entre parênteses.

didicerunt. Cum certe non istius regni esse sit Rex[643]*, nihil quippe tale monstravit, quale mundi hujus reges habere conspicimus. Neque enim hastas, neque clypeatas ostendit militum catervas: non equos regalibus phaleris insignes, non currus*[644] *auro, ostroque fulgentes: non enim istum; neque alium quempiam circa se habuit ornatum, sed vilem hanc prorsus vitam egit ac pauperem duodecim tantummodo homines, eosque despicabiles*[645] *secum circumducendo.* Este[646] aparato e pompa exterior de riquezas, galas, palacios, cavallos, coches, criados, exercitos he o que os Santos negavão no Reyno[647] de Christo; e não o imperio e dominio delle sobre todo o mundo; e este he o sentido proprio e germano em que Christo disse a Pilatos *Regnum meum non est de hoc mundo*, como logo explicou na mesma rezão que deu do que tinha dito: *Si de*[648] *hoc mundo esset Regnum meum, ministri utique mei decertarent, ut* [11v] *non traderer*[649] *Judæis.* Onde se deve notar, como notou S. Agostinho[650] que não disse Christo: *Regnum meum non est hujus mundi*, senão *de hoc mundo*, porque o Reyno de Christo verdadeiramente era deste mundo e de todo o mundo, e so não tinha[651] os accidentes da vaidade e falsa grandeza com que se sustentão os outros Reynos do mundo.

[643] esse sit Rex] Em LA e SC «ille rex esset».
[644] currus] Em LA e SC «cunas».
[645] despicabiles] Em LA e SC «despectabiles».
[646] Este] Em LA e SC «Esse».
[647] Reyno] Em LA e SC «imperio».
[648] de] Em LA e SC «ex».
[649] traderer] Em LA e SC «traderet».
[650] como notou S. Agostinho] Omitido em LA e SC.
[651] não tinha] Na marg. A substituir texto riscado na linha.

Capitulo 6.º

Proseguese[652] a mesma materia: apontão se os titulos e resões do Reyno temporal de Christo

O principal fundamento dos que não admittem no Reino de Christo o Imperio e dominio temporal he por não aver[653] titulo, como elles dizem, ao qual compita e seja devido aquelle[654] dominio; e para que se veja manifestamente a debilidade deste fundamento e tragamos à nossa sentença os mesmos Autores que em seguimento delle abraçarão[655] a contraria[656]; appontaremos e provaremos aqui com a mayor brevidade que nos for possível, os titulos porque he devido e compete a Christo em quanto homem[657] o Imperio e dominio supremo não so spiritual senão tambem temporal de todo o Mundo. São estes titulos seis, todos legitimos e conforme o direito o 1º por natureza: o 2º[658] por herança: o 3º por doação: o 4º por compra: o 5º por guerra justa: o 6º[659] por eleição e acceitação de todos os homens. Como iremos mostrando pella mesma ordem.

Primeiramente he Christo Rey e universal Monarcha do mundo por natureza porque[660] por meo da união da divindade à humanidade a qual se inclue essencialmente na natureza de Christo sem algum outro concurso ou condição extrinseca[661] da parte de Deos nem da parte[662] dos homens pertence

[652] Proseguese] Em LA e SC «Prosegue».
[653] aver] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[654] aquelle] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[655] abraçarão] Em LA e SC «abração».
[656] «A contraria» concorda com «opinião», riscado no manuscrito. Aparentemente, Vieira rasurou a palavra, mas não chegou a corrigir a concordância, que passaria a ser com o antecedente, «fundamento».
[657] em quanto homem] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[658] São estes…o 2º por] Na marg. A substituir cerca de cinco linhas de texto riscado.
[659] o 3º...o 4º...o 5º...o 6º] Entrel.
[660] Seguem-se cerca de duas linhas riscadas.
[661] na natureza...extrínseca] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[662] da parte] Entrel.

ao mesmo[663] Christo em quanto homem o dominio e imperio universal de tudo o criado, e por ella fica constituído (ou por ella sem ninguem o constituir) he[664] Rey he Senhor he Monarcha Supremo[665] de todos os Reys de todos os Reynos e de todos os Imperios do mundo. Por isso Christo no Apocalypse[666] trasia o titulo de *Rex Regum e Dominus dominantium* escrito como dis o texto *in femore* que significa a geração humana para mostrar que o ser Rey de todos os Rey[s] e senhor de todos os senhores lhe convinha e era seu por sua propria natureza. E por isso o nome que lhe [12r] poserão na circumcisão foy o de Jesos que quer dizer Salvador e não o de Christo que quer [dizer] Ungido porque o ser ungido por Rey e universal monarcha do mundo não lhe pertencia por imposição divina ou humana senão por natureza propria sua, ou por ser quem era. Salvador por obediencia mas ungido por natureza. E assy como antigamente se fazião ou consagravão os Reis pelo oleo com que erão ungidos assy a união hypostatica em Christo foi hũa verdadeira e propria Unção com que juntamente com o ser e a natureza recebeu[667] o poder e a monarchia do mundo.

Este he o unico[668] fundamento do Padre Vasquez a quem geralmente seguirão todos os que depois delle escreverão. Do qual Vasques dis Salazar que foy o primeiro a quem a Theologia deve os solidos e verdadeiros principios em que fundou o Imperio temporal de Christo. E posto que Arriaga por não faltar ao costume de impugnar tudo não reconheça[669] na unção da união hypostatica mais que a propriedade e energia da metáfora; nós veneramos nella a authoridade de David que assy o disse no psalmo 44 *Unxit te deus deus tuus oleo lætitiæ præ consortibus tuis*, e a explicação de S. Agostinho e S. Gregorio Nasianseno e de[670] outros gravissimos[671] Padres que assy o entenderã.[672] Porei suas palavras[673] no capitulo seguinte pellas não repetir duas vezes.

O 2º titulo do Imperio de Christo he por herança. Porque sendo Christo filho natural de Deos comforme o texto de S. Paulo *quod si filius et hæres* lhe pertence a Christo a titulo de herdeiro o dominio e imperio universal do mundo de que Deos he absoluto senhor. Assy o disse o mesmo Deos

---

[663] pertence ao mesmo] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[664] (ou...he] Na marg.
[665] he Rey he Senhor he Monarcha Supremo] Em LA e SC «he rey e senhor e monarca supremo».
[666] Seguem-se cerca de quatro linhas riscadas.
[667] recebeu] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[668] o unico] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[669] reconheça] Em LA e SC «reconheceu».
[670] de] Entrel.
[671] gravíssimos] Em LA e SC «grandes».
[672] Segue-se cerca de linha e meia riscada.
[673] suas palavras] Na marg.

por boca do Profeta Rey *Postula a me et dabo tibi gentes hæreditatem tuam et possessionem tuam terminos terræ*. E S. Paulo fallando tambem de Christo *quem constituit*[674] hæredem *universorum per quem fecit et sæcula* e o mesmo Christo na parabola da vinha *Hic est hæres, venite occidamus eum*. E neste titulo convem todos os Theologos acima allegados como tambem no seguinte.

He o 3º titulo o de doação o qual se acha mais expresso que todos assy no Velho como no Novo Testamento no psalmo[675] pouco antes allegado *dabo tibi gentes hæreditatem tuam*: e no psalmo[676] *omnia subjecisti sub pedibus ejus* as quaes palavras entende S. Paulo de Christo no 2.º[677] Capitulo da Epistola ad[678] Hebreos. O Anjo à Senhora no capitulo 1[679] de S. Lucas *Dabit illi dominus Deus sedem David patris ejus et regnabit in domo Jacob*. S. João no capitulo 13. *Sciens quia omnia dedit ei pater in manus*. O mesmo Christo no capitulo[680] *omnia mihi tradita sunt a Patre meo*. E no capitulo[681] *data est mihi omnis potestas in cælo et in terra*.

O titulo da compra que he o 4º parece que cahe mais imediatamente sobre os homens que sobre o mundo mas ao primeiro dominio se segue necessaria e naturalmente o segundo assy como o que he senhor do escravo o[682] fica juntamente sendo[683] de todos seus bens. E he conclusão certa na Theologia e de grande gloria não so de Christo mas nossa que pelo titulo da Redenção não so ficámos vassallos deste soberanissimo Monarcha senão verdadeiramente [12v] escravos seus comprados com o preço de seu sangue *empti enim estis pretio magno*[684].

[13r] O sexto e ultimo titulo do Imperio de Christo deziamos que era por consentimento, aceitação; e como eleição de todas as naçoens do mundo. Este titulo he o mais jurídico e natural[685] entre os homens; em cujas comunidades quando querem viver juntos e politicamente pos Deos como Autor da

[674] constituit] Omitido em LA e SC.
[675] Segue-se um espaço em branco, presumivelmente para acrescento posterior da referência.
[676] Segue-se um espaço em branco, presumivelmente para acrescento posterior da referência.
[677] 2º] LA e SC lêem, erradamente, 1.º; a referência é, de facto, do cap.º 2: 8 da Epístola aos Hebreus: «Sujeitaste todas as coisas debaixo de seus pés».
[678] ad] Em LA e SC «aos».
[679] 1] Em LA e SC «2».
[680] Segue-se um espaço em branco, no manuscrito, presumivelmente para acrescento posterior da referência.
[681] Segue-se um espaço em branco, no manuscrito, presumivelmente para acrescento posterior da referência.
[682] o] Omitido em LA e SC.
[683] sendo] Entrel.
[684] LA: «Segue uma pagina em branco no manuscripto». O fólio 12v foi deixado, quase na totalidade, em branco, provavelmente para acomodar o acrescento, mais tarde, do desenvolvimento do 5.º título, por guerra justa, que fica a faltar.
[685] jurídico e natural] Em LA e SC «natural e jurídico».

natureza: o poder e jurdição suprema de eleger e nomear Principes. Assy[686] o tem a comum sentença de todos os Juristas e Theologos,[687] e o alcançarão e ensinarão[688] antes delles por lume natural Aristoteles no Livro 3.º das Politicas e Platão no dialogo *de Regno* e nos livros *de Republica*. Mas em Christo parece que não pode ter lugar este titulo porque sendo Monarcha universal de todo o mundo e de todos os homens era necessario que os mesmos homens conviessem todos neste consentimento eleição ou aceitação como acima deziamos, e este consentimento comum nunca jamais o ouve no mundo antes como dizem alguns Theologos não he possivel avello. Comtudo digo que não faltou ao Imperio e Monarchia temporal[689] de Christo este ultimo titulo do consentimento e aceitação universal dos homens como agora mostrarei. E peço[690] licença aos que quiserem ler este discurso para me deter[691] hum pouco mais nelle, por ser pensamento novo e materia atégora não tratada, à qual he necessario abrir os alicerces e lançar os primeiros e solidos fundamentos prometendo aos que fizerem esta detença não perderão o fruto do tempo que nella gastarem pois verão[692] por grandes noticias e não vulgares[693] da antiguidade quam certa e concertadamente[694] concorre a novidade e verdade desta nossa consideração ao mayor estabelecimento do Reyno de Christo.

Alberto Pighio (para que de todo não entremos neste novo caminho sem algũa guia) no Livro 5 da Monarchia Ecclesiastica[695] capitulo 3.º accostando[696] a opinião de muitos e graves Autores os quaes tem para sy que Christo foi legitimo Rey do Reyno de Israel, o titulo em que funda este direito he o consentimento aceitação e expectação geral com que Christo verdadeiro Messias era esperado de todo aquelle Povo como seu verdadeiro Rey e senhor prometido aos primeiros Patriarchas da sua nação. *Nec Pilato* (diz este autor)[697] *nec Cæsari illum legitimum jus in regnum judæorum; sed si cuiquam maxime competiit Christo quem semper expectaveruut sibi Regem fore in lege promissum*. E para prova desta geral aceitação e consentimento com que todo o Povo Hebreo tinha recebido por seu Rey ao prometido Messias tras o mesmo Alberto

[686] Assy] Entrel.
[687] Juristas e Theologos] Na margem, na mesma direcção, pode ler-se a seguinte nota: «Suarez, De Legibus, Lib. 3, cap. 4, n.º 2».
[688] e ensinarão] Na marg.
[689] temporal] Em LA e SC «universal».
[690] E peço] Na marg.
[691] me deter] Em LA e SC «meditar».
[692] pois verão] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[693] e não vulgares] Entrel.
[694] quam certa...concertadamente] Na marg.
[695] SC: «Alberto Pighio escreveu a Hierarchia Ecclesiastica e não a Monarchia Ecclesiastica, como diz o texto de Vieira». SC altera o título no texto. LA mantém a lição de Vieira.
[696] accostando] Em LA e SC «arrostando».
[697] (diz este autor)] Na marg.

Pighio a historia do *Liber* 1.º dos Machabeos capitulo 14 em que se refere como os Judeos[698] por consentimento comum elegerão por seu Principe a Simão e seus descendentes com a clausula porem que o serião somente até que viesse o Messias a cujo Reyno e direito não querião prejudicar: *Judæi* diz o texto *consenserunt eum Simonem esse ducem suum in æternum donec surgat propheta fidelis*. Sobre as quaes palavras conclue assy o dito Autor. *Vides omnium Judæorum votis et expectatione semper expectatum Christum et Messiam in lege promissum, regem sibi fore. Nam ad ejus usque adventum Simoni atque ejus posteritati* [13v] *regnum*[699] *stabilierunt: quod illi adventanti legitimo jure deberi significaverunt, velut expresse protestantes in ejus præjudicium et injuriam nihil se velle facere*[700]. De maneira que o titulo com que este[701] tam grande theologo e jurista defende o direito de Christo ao Reyno de Israel he aquelle geral consentimento expectação e como eleição com que todo o Povo Judaico tinha aceitado por[702] seu verdadeiro Rey o futuro Messias e como tal o esperava. Assy explica em proprios termos esta sentença de Alberto Pighio Alonso de Mendoça acima citado cujas palavras quero tambem referir aqui porque não pareça a accomodação da dita sentença levada de algum modo[703] por nós a[o] intento em que nos serve. *Alii* (diz Mendoça referindose a Pighio) *alio titulo Christi regnum ab adversariis vendicant: nam dicunt ex consensu, et quasi electione populi Judaici, Christum fuisse illius gentis regem: nam cum ardentissime Messiam expectarent, et tenacissime crederent regem ipsum futurum tempora*[*lem*] *ideo publico totius gentis decreto in ipsum sua vota conjecerant, et in regem elegerant*[704]. De toda esta sentença assy entendida me não serve mais que o exemplo e o modo de dizer ou filosofar[705]. E digo que assy como em respeito do Reyno de Israel concorreo ou pode concorrer em Christo o titulo da aceitação e como eleição geral daquelle Povo pella expectação desejo e consentimento comum com que era esperado de todos por seu legitimo supremo e verdadeiro Rey assy concorreu e concorre o mesmo titulo no Reyno e Monarchia universal de Christo em respeito de todo o mundo e de todos os homens e naçoens delle, nos quaes ouve o mesmo consentimento comum o mesmo desejo e a mesma expectação como logo mostraremos. Nem impede ou encontra a verdade ou legitimidade deste titulo o ser o[706] mesmo Rey Christo primeiro eleito ungido prometido e dado por Deos, porque todas

[698] os Judeos] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[699] No final do fólio anterior, pode ler-se «reg», aparentemente com a função de reclamo.
[700] nihil se vele facere] Na marg.
[701] este] Omitido em LA e SC.
[702] por] Em LA e SC «como».
[703] de algum modo] Na marg.
[704] elegerant] Na marg.
[705] ou filosofar] Na marg.
[706] o] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

estas circunstancias e condições concorrem no exemplo allegado (o qual não he semelhante senão o mesmo) e o mesmo temos nas eleiçoens dos dous primeiros Reys de Israel Saul e David[707] os quaes primeiro foram ungidos pello Profeta Samuel por mandado de Deos e depois novamente aceitos acclamados e ainda[708] hum delles ungido pello mesmo povo como consta da Historia Sagrada no 1.º e 2.º Livro dos Reys[709].

E que em todos os homens e naçoens do mundo ouvesse geralmente o mesmo consentimento comum e o mesmo desejo e a mesma expectação acerca do Reyno e Monarchia universal de Christo sobre todos elles, que he o ponto e supposição em que fundamos este novo titulo deixados outros muitos textos de menor clareza appontarei somente dous que se não podem desejar nem ainda fingir mais expressos. O 1º he do capitulo ultimo[710] dos Genesis na benção que lançou Jacob a seu filho Judas[711] no qual fallando do Messias prometido[712] como entendem conformemente[713] todos os Doutores[714] Catholicos, e antes da vinda de Christo entenderão tambem sempre [14r] todos os Hebreos, diz assy: *Non auferetur sceptrum de Juda nec dux de femore ejus donec veniat qui mittendus est et ipse erit expectatio gentium.* Não faltará o sceptro de Judas[715] nem Principe de sua descendencia até que venha o que ha de ser mandado por Deos[716] e este será a expectação das gentes. E o Propheta Aggeo no capitulo 2[717] fallando da mesma vinda de Christo (como he de fee que fallava porque assy o explicou S. Paulo na epistola *ad Hebreos* capitulo 12) *Adhuc modicum est et*[718]ego *comovebo cælum et terram et mare et aridam et movebo omnes gentes et veniet desideratus cunctis gentibus.* Daqui a um pouco (dis Deos) moverei o ceo a terra o mar e todo o mundo e moverei todas as gentes e virá o desejado de todas ellas. De sorte que antes de Christo vir ao mundo não so era elle o desejado e esperado do Povo de Israel, senão o

[707] David] Em LA e SC «Daniel».
[708] ainda] Em LA e SC «cada».
[709] Na margem, na mesma direcção, lê-se a seguinte nota: «I Reg. Cap. 1.º 2 Reg. Cap. 2 e 5».
[710] SC: «No texto, por equívoco, último, mas é no penúltimo que ocorre o passo que Vieira traduz». SC faz a correcção no texto. LA mantém a lição de Vieira.
[711] Judas] Trata-se obviamente de Judá. SC toma esta forma por lapso de Vieira e corrige-a. LA mantém a lição do manuscrito. Tendo em conta que Vieira não cometeria tal «erro», é de colocar a hipótese de que se trate de um artifício retórico de Vieira, uma vez que Judá, cujo nome é fonética e graficamente muito parecido com o de Judas, teve participação na trama que visava o desaparecimento de seu meio-irmão mais novo, José, traindo-o, como Judas a Cristo.
[712] prometido] Entrel.
[713] conformemente] Em LA e SC «uniformemente».
[714] Doutores] Em LA e SC «autores».
[715] Judas] Cf. *supra*.
[716] por Deos] Omitido em LA e SC.
[717] no capitulo 2] Na marg.
[718] Adhuc modicum est et] Na marg. Omitido em LA e SC.

desejado e esperado[719] de todos os Povos e de todas as gentes[720] porque todas o esperavão por seu Rey e natural Senhor, e não so por Rey particular dos Judeos senão por Monarcha universal de todas as outras naçoens e Reynos do mundo. Esta he a razão e o mysterio, porque os tres Reys do Oriente (em que se representavão como diz a glossa[721] as tres partes do mundo até àquelle tempo conhecido) sendo gentios vierão adorar a Christo e offerecerlhe tributos. Sobre a nação daquelles Reis, e se erão so de hũa ou de differentes naçoens ha variedade entre os Doutores. S. Hieronimo quer que fossem da Arabia feliz outros os fazem da Persia outros da Media outros da Ethiopia. Eu tenho por mais provavel que ao menos parte delles erão[722] de Regioens mais distantes e verdadeiramente da nossa India Oriental conforme a Profecia de David *Regis Tharsis et Insulæ munera offerent Reges Arabum et Saba dona adducent*, porque aquellas palavras *Regis Tharsis et insulæ* conforme a significação mais recebida quer dizer Reys Ultramarinos o que se não verifica sem grande impropriedade nos Reys Arabios e Sabeus[723]: em respeito da Palestina[724]. Mas de qualquer modo seja o certo e sem controversia he que todos erão Reis gentios. Pois se erão Reis gentios e de nenhum modo sogeitos ao dominio da Republica Hebrea que rasão ou motivo tiverão para vir adorar hũ minino que elles mesmos conhecião e dizião que era Rey dos Judeos: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum?* A rasão e motivo que tiverão foy (como bem notou Almaino)[725] porque sabiam e crião que aquelle Rei dos Judeos novamente nacido não era Rei particular (como os outros Reis Hebreos) de hũa so nação ou de hũ so Reino, senão Rey Monarcha e Senhor Universal de todos os Reinos e de todas as naçoens[726] do mundo e por isso como a Rey verdadeiramente seu o vinhão adorar e reconhecer e render-lhe a devida obediencia[727] e vassalagem: *debitam ei ceu vero eorum Regi et domino prestantes obedientiam*. De sorte que antes de Christo nacer e apparecer no mundo e quando somente estava profetizado e prometido já as naçoens do universo não so a Hebrea senão as dos Gentios o tinhão aceitado e querido e por hũ certo modo de eleição segunda e humana escolhido depois de Deos, como[728] seu futuro Rey e Senhor e como tal o esperavão todos e era desejada de todos [14v] sua vinda: *Ipse erit expectatio gentium: veniet desideratus cunctis gentibus*.

[719] desejado e esperado] Em LA e SC «esperado e desejado».
[720] de todos...gentes] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[721] como diz a glossa] Na marg.
[722] ao menos...erão] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[723] Arabios e Sabeus] Em LA e SC «da Arabia e Sabea».
[724] em respeito da Palestina] Na marg.
[725] (como...Almaino)] Na marg.
[726] Neste ponto, segue-se, em LA e SC, «e por isso como a rey verdadeiro e senhor universal de todos os reynos e de todas as naçoens», provavelmente por salto de linha.
[727] obediência] Entrel.
[728] como] Em LA e SC «para».

So vejo que podem reparar com muita rasão os Doutos e arguir contra esta nossa supposição (como arguio S. Agostinho contra este ultimo texto) que não podia ser que as naçoens dos gentios e muito menos todas ellas esperassem e desejassem o Messias antes da sua vinda pois antes de Christo vir ao mundo não era conhecido nelle,[729] nem a fee ou esperança de que avia de vir se tinha anunciado ou manifestado às naçoens dos gentios senão somente aos Hebreos. He tam forçoso e ao parecer tam[730] evidente este argumento que vencidos da força delle os mayores interpretes da Escritura excogitarão[731] aos dous textos referidos as explicações que nelles se podem ver, as quaes quando não fação algũa[732] violencia aos mesmos textos ao menos não enchem o sentido de suas palavras porque aquelle *erit expectatio gentium* e aquelle *veniet desideratus cunctis gentibus*[733] ver[da]deiramente significão propria expectação e proprio desejo, com que as naçoens dos gentios todas (geral e moralmente fallando) ao menos em[734] algũ tempo esperassem e desejassem a vinda do prometido e futuro Rey. Assy he e assy foy e assy se cumprio hũa e outra profecia, e assy digo que[735] se devem entender ambas em toda a capacidade do seu sentido proprio e natural. E para que se veja como[736] não era cousa impossivel nem difficultosa ser a vinda do Messias desejada e esperada geralmente de todas as naçoens gentilicas mostrarei aqui os modos e meos mais[737] provaveis e certos por onde o conhecimento e esperança do futuro Messias não so podia chegar mas com effeito chegou ou a todas ou a quasi todas as naçoens de tudo[738] o que naquelle tempo se chamava mundo[739].

O 1º meo he a tradição continuada desde Adam até Noé, cujos tres filhos Sem Cham e Jafeth forão os segundos povoadores do genero humano no qual em quanto se conservou unido continuou tambem unida a mesma tradição e depois que na torre de Babel se dividirão os homens e as linguas e se começarão novas naçoens que encherão o mundo, tambem com ellas se espalhou pello mesmo mundo aquella noticia e esperança[740] recebida de seus antepassados pois he certo que com a mudança das linguas não perderão os homens a memoria nem a sciencia. Este discurso he tam natural que não

---

[729] não era conhecido nelle] Omitido em LA e SC.
[730] tam] Entrel.
[731] excogitarão] Em LA e SC «escogitavão».
[732] algũa] Entrel.
[733] porque aquelle...gentibus] Na marg.
[734] em] Omitido em LA e SC.
[735] digo que] Na marg.
[736] como] Em LA e SC «que».
[737] mais] Entrel.
[738] tudo] Em LA e SC «todo».
[739] Seguem-se cerca de duas linhas riscadas.
[740] e esperança] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

avia mister autor. Mas temos para mayor confirmação delle o testimunho de S. Pedro Chrysologo no sermão 157 o qual declarando o meo por onde os Magos poderão entender que a estrella significava o Messias e que este avia de nascer em Judea diz que o tinhão aprendido e sabido assy por doutrina e tradição de seus Mayores derivada desde Noé. *Non Chaldea arte sed de prisca sanctorum traditione majorum erant isti de genere Noe etc.* E o Autor do Imperfeito na humilia[741] 2 sobre S. Mattheus tomando esta mesma[742] tradição mais perto da fonte e referindo a[743] aos tempos de Seth filho terceiro de Adam depois de Abel conta aver ouvido de [certo] livro escrito com o nome do mesmo Seth [15r] o qual se conservava em hũa nação das ultimas partes do Oriente junto ao mar oceano e que neste livro estava descrita a apparição futura daquella estrella e os doens que se avião levar e offerecer ao Rey nacido que ella significava e que todas estas noticias se tinhão conservado entre os Doutos e estudiosos daquella gente[744] por tradição de pays a filhos. *Audivi aliquos* (diz elle)[745] *referentes de quadam Scriptura et si non certa tamen non destruente fidem, sed potius delectante, quoniam erat quædam gens sita in ipso principio Orientis juxta Oceanum, apud quos ferebatur quædam scriptura, inscripta nomine Seth, de apparitura hac stella, et*[746] *muneribus ei hujusmodi offerendis, quæ per generationes studiosum*[747] *hominum, patribus referentibus filiis suis habebatur deducta*[748]. Atéqui este autor chamado o Imperfeito por deixar imperfeita e não acabada a obra que começou o qual querem muitos que seja S. João Chrysostomo. E posto que não tem[749] por certo aquelle livro[750] de que so refere a fama, por ser de tam duvidosa antiguidade não nega porem antes approva a tradição do futuro Messias que entre os gentios se conservava, e da nova estrella que avia de anunciar seu nacimento. E[751] esta he a opinião comũa dos Padres como se pode ver em Origenes S. Basilio S. Cypriano S. Hieronimo S. Gregorio Nisseno[752] Theophilato Euthimio S. Ambrosio S. Maximo S. Anselmo Procopio S. Thomas e S. Leão Papa cujas palavras [dir] emos[753] depois.

[741] humilia] Em LA e SC «humildade».
[742] mesma] Omitido em LA e SC.
[743] referindo a] Em LA e SC «referindo-se».
[744] gente] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[745] Na margem, pode ler-se a seguinte nota: «Autor Imperfect. homil 2 in Mattheum?».
[746] apparitura...stella, et] Na marg.
[747] studiosum] Em LA «studiosorum», em SC «studiorum».
[748] patribus...deducta] Na marg.
[749] tem] Entrel.
[750] aquelle livro] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[751] E] Omitido em LA e SC.
[752] Nisseno] Em LA e SC «Nasianzeno».
[753] [dir]emos] Em LA e SC «citaremos».

O outro meo por onde os gentios poderão vir em conhecimento da vinda e imperio universal do Messias que os Judeos esperavão foy a grande comunicação que os Judeos[754] em todas as partes do mundo[755] tiverão sempre com os mesmos gentios e os mesmos gentios com os Judeos entre os quaes era tam vulgar e celebrada aquella esperança que o nome com que vulgarmente chamavão ao Messias era o Esperado ou o que ha de vir: como se vê nostermos por que fallarão os discipulos ou embaxadores do Baptista quando perguntarão[756] a Christo: *Tu es qui venturus es an alium expectamus*?[757]

Era Hierusalem antigamente a mais famosa[758] cidade e o mayor emporio[759] do mundo situado no meo de todo elle que por isso se chamava *Umbellicus terræ* e como tal concorrião a ella de todas as partes infinitas gentes de todas as naçoens e ainda de todas as cores. Isto he o que tanto celebrava David naquella cidade em cuja fundação e formosura tinha elle tam grande parte. *Gloriosa dicta sunt de te civitas Dei memor ero Rahab et Babylonis scientium me ecce alienigenæ et Tyrus et populus Ethiopum hi fuerunt illic: numquid Sion dicet Homo et homo natus est in ea et ipse fundavit eam Altissimus Dominus narrabit in scripturis populorum et principum horum*[760] *qui fuerunt in ea*. Que gloriosas cousas se contão de ty (diz David) e se escrevem nas escrituras de todos os Povos ó cidade de Deos! Em ty se achão todas as differenças de homens que isso quer diser *homo et homo* homens de todas linguas homens de todas as cores homens de todas as naçoens e partes do mundo em ty se achão os homens[761] da Africa como são os de Ethiopia em ty os da Asia como são os de [15v] Babilonia em ty os da Europa como são tantos outros estrangeiros. Em ty se vẽ homens brancos como os tyrios em ty homens negros como os[762] ethiopes em ty homens de todas as outras cores meãs como são os asiaticos. E de todas estas gentes que he mais, não so frequentão tuas ruas os do Povo mas tambem as passeã[763] os Principes: *populorum et Principum*! Mas o que sobretudo he digno de mayor memoria, e o que sobretudo te faz gloriosa, ó cidade santa he que todos estes vindo a ty aprendem o que dantes ignoravão e sabem o que dantes não sabião porque conhecem a Christo. Este he o sentido literal das palavras[764] *scientium me*: porque o mesmo Christo he o que

[754] os Judeos] Omitido em LA e SC.
[755] em todas as partes do mundo] Na marg.
[756] perguntarão] Em LA e SC «perguntavam».
[757] expectamus] Em LA «expectationes», em SC «expectatamus».
[758] famosa] Em LA e SC «formosa».
[759] emporio] Em LA e SC «imperio».
[760] horum] Na marg.
[761] os homens] Em LA e SC «todos os homens».
[762] os] No original «os os».
[763] que he mais...passeã] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[764] Este he o sentido literal das palavras] Na marg. A substituir texto riscado na linha.

fallava[765] neste psalmo por boca de David, como dizem comummente todos os interpretes. E se no tempo de David era tam frequentada a Cidade de Hierusalem de todas as nações do Mundo que seria no tempo de seu filho Salamão depois de[766] edificado o templo primeira maravilha do mesmo mundo se o mesmo Salamão não fora mayor maravilha? Para ver e ouvir estas duas maravilhas e muito mais a segunda diz o texto sagrado no 3º Livro dos Reis Cap. 4 que vinhão[767] de todos os Povos e de todos os Reis da terra a Hierusalem pessoas enviadas por elles (que he certo serião os mayores sabios dos mesmos Povos e Reynos) os quaes depois de ouvirem e admirarem[768] em presença a sabedoria de Salamão hião contar e ensinar[769] a suas terras e principes o que delle tinhão ouvido e apprendido. *Et veniebant de cunctis populis ad audiendam sapientiam Salomonis et ab universis Regibus terræ qui audiebant sapientiam ejus*. E quem poderá duvidar que hum dos principaes misterios que Salamão ensinava naquella cadeyra universal do mundo[770] era o da fe e esperança do futuro Messias filho e descendente seu, e que a mayor maravilha que levavão para contar em suas terras os que tinhão ouvido aquelle famoso oraculo era que sendo tam admiravel a sabedoria e grandeza de Salamão ainda avia de ter o mesmo Salamão hum descendente que fosse mais sabio e mayor que elle *plus quam Salomon*! Assy o dizem expressamente neste lugar[771] e se confirma[772] com o exemplo sagrado[773] da Rainha Saba[774] que depois de ouvir a Salamão foy a primeira que pregou esta fe e esperança do Messias no seu Imperio de Ethiopia e em sinal da mesma fe[775] introduzio em todo elle a circumcisão que era hũa protestação publica dos que a professavão. Mas[776] quando nos faltarão estes testemunhos do Testamento velho, bastara[777] hũ so do novo[778] para abundantissima prova das muitas naçoens de gentios que vinhão ordinariamente e residião em Hierusalem pois so no dia de Pentecoste ao som daquelle trovão do ceo sabemos[779] que acudirão[780] ao

[765] falava] -va entrel.
[766] De] Omisso na edição de LA, mas reposto na de SC.
[767] vinhão] Na marg.
[768] e admirarem] Entrel.
[769] e ensinar] Na marg.
[770] naquella cadeyra universal do mundo] Na marg.
[771] LA: «Faltam no manuscrito os nomes que o autor queria citar».
[772] confirma] Em LA e SC «conformão».
[773] sagrado] Omitido em LA e SC.
[774] Saba] Em LA e SC «de Saba».
[775] da mesma fe] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[776] Mas] Na marg.
[777] bastara] Em LA e SC «bastava».
[778] novo] Em LA e SC «nosso».
[779] sabemos] LA leu «sobemos» e SC modernizaram para «soubemos». Cremos, no entanto, que a lição do manuscrito é «sabemos».
[780] acudirão] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

cenaculo[781] e ouvirão a primeira pregação de S. Pedro quando menos desasete[782] generos de homens de linguas e naçoens differentes Partos, Medos, Persas, Elamitas[783], Mesopotamios, Judeos, Capadoces, Pontos, Asianos, Frigios, Pamfilios, Egypcios, Africanos, Cyrenos[784], Romanos, Cretenses, Arabes e outros convertidos das gentilidades que chamavão com nome geral Proselitos que quer dizer: Judeos novos[785] assy como hoje os Judeos convertidos à fé de Christo se chamão Christãos novos. *Quomo*[16r]*do nos* (deziam todos estes no cap. 2 dos Actos dos Apostolos) *audivimus unusquisque linguam nostram, in qua nati sumus? Parthi et Medi, et Aelamitæ, et qui habitant Mesopotamiam, Judeam, et Cappadociam, Pontum, et Asiam; Phrygiam, et Pamphyliam, Aegyptum, et partes Libyæ, quæ est circa Cyrenen, et advenæ Romani. Judæi quoque, et Proselyti, Cretes et*[786] *Arabes: audivimus eos loquentes nostris linguis magnalia Dei*. Onde se deve muito advertir[787] que quando isto aconteceo já a cidade de Hierusalem e o Povo e Republica dos Hebreos estava quasi arruinada, e não conservava a quarta parte de grandeza a que nos tempos de sua mayor opulencia tinha chegado. E se agora era tam frequentada de naçoens estrangeiras que seria nos tempos passados?

Mas se importou muito para se estender a noticia do Messias por todo o mundo a comunicação que os Gentios tinhão com os Judeos em suas proprias terras; muito mais ajudou e[788] adiantou a mesma noticia a muito mayor communicação e frequencia que os mesmos Judeos tiverão[789] e continuarão[790] sempre nas terras dos Gentios desde que naceo e começou no mundo a Nação Hebrea que foy em Abrahão, primeiro tronco e pay de toda ella. Revelou[791] Deos por tres vezes successivamente a Abrahão Isac e Jacob a vinda do Messias prometendolhes que em sua descendencia serião abendiçoadas[792] todas as nações do mundo: *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ:*[793] e no mesmo tempo pos a Providencia divina aquelles tres Patriarchas em differentes naçoens e Provincias, a Abrahão em Canaan a Isac em Gerara, e a Jacob em Mesopotamia para que fossem tres pregadores daquelle primei-

[781] cenaculo] Em LA e SC «convento».
[782] desasete] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[783] Elamitas] Na marg.
[784] Cyrenos] Na marg.
[785] Judeos] Omitido em LA e SC.
[786] et Proselyti, Cretes et] Na marg.
[787] muito advertir] Na marg.
[788] ajudou e] Entrel.
[789] tiverão] Em LA e SC «tinhão».
[790] continuarão] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[791] Revelou] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[792] abendiçoadas] Em LA e SC «abençoadas».
[793] Na margem, pode ler-se a seguinte nota: «Genes. 22, 26, 28». LA e SC introduzem a nota no corpo do texto, entre parênteses, sem qualquer nota.

ro evangelho ou como tres evangelistas que anunciassem às gentes a boa nova da merce grande que Deos tinha prometido fazer a todas. E porque ao numero dos tres evangelistas[794] não faltasse o 4º[795] permittio a mesma Providencia que por extraordinarios caminhos fosse Joseph levado a Egypto e que ahy por mandado do Rey como diz David posesse escola de sua sabedoria[796] onde tivesse por ouvintes todos os Principes e Sabios Egyptianos *ut erudiret principes ejus sicut semetipsum et senes ejus prudentiam doceret*[797]. Assy trouxe Deos naquelle tempo pello mundo estas quatro testimunhas de suas promessas de Reyno em Reyno e de nação em nação como notou o mesmo Profeta: *et pertransierunt de gente in gentem et de Regno ad populum alterum*. Ajuntou depois disto[798] a fome em Egypto os dose Irmãos filhos de Jacob e cabeças dos dose[799] tribus entrarão livres continuarão cativos sahirão vencedores. Mas no tempo daquelle comprido cativeiro não avia casa no Egypto em que o escravo[800] não fosse mestre do senhor. As maravilhas que depois virão os Egypcios he certo que acrecentarião fé às esperanças dos Hebreos porventura até aquelle tempo mal cridas[801], e já pode ser que a crueldade de Faraó, como a de Herodes, se não fundasse tanto no receo de sua multidão quanto[802] no medo de suas Profecias. Passados emfim à terra de Promissão onde permanecerão até verem o comprimento dellas em Christo; concorrerão e florecerão no mes[mo] tempo os quatro Imperios ou Monarchias dos Assirios dos Persas dos Gregos e dos Romanos que senhoreavão o mundo, e com todas ellas tiverão grande communicação os Hebreos e algũas vezes [16v] mais estreita do que quiserão. Todas as historias sagradas estão cheas de embaxadas de confederaçoens de entradas de guerras de pazes de presentes[803] e de outros tratos e correspondencias[804] politicas que passarão entre as quatro naçoens Imperantes e o Reyno ou Povo Hebreo. Com os Assirios no tempo[805] de Esechias de Achas de Oseas de Joachim e do sacerdote[806] Eliachim que concorrerão com Berodach com Salmanasar com Phul com Nabucodonosor e com[807] Balthasar como consta do 4º Livro dos Reys e da historia

[794] evangelistas] Em LA e SC «evangelhos».
[795] 4º] Em LA e SC «primeiro».
[796] de sua sabedoria] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[797] Na margem, pode ler-se a seguinte nota: «Psalm. 104». LA e SC introduzem a nota no corpo do texto, entre parênteses, sem qualquer nota.
[798] depois disto] Na marg.
[799] dose] Omitido em LA e SC.
[800] escravo] Em LA e SC «cativo».
[801] cridas] Em LA «queridas».
[802] quanto] Em LA e SC «que».
[803] de presentes] Na marg.
[804] correspondencias] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[805] no tempo] Em LA e SC «notemos».
[806] sacerdote] Na marg.
[807] com] Entrel.

de Judith. Com os Persas em tempo de Jeconias[808] [de] Zorobabel de Esdras e de Nehemias que concorreram com Cyro com Dario e com Assuero como consta do 1º e segundo Livro de Esdras e da historia de Ester. Com os Gregos em tempo do Sumo Sacerdote Jaddo[809] [de] Matathias de Judas Machabeo de Simão e Jonatas que concorrerão com Alexandre Magno com os dous Antiochos com Demetrio Heliodoro Ptolomeo e Tryphon como consta do 1º e 2º Livro dos Machabeos. Finalmente com os Romanos em tempo de Judas Machabeo de Simão e Jonatas que concorrerão com diversos consules de Roma de que se nomea na Escritura Sagrada somente Lucio como consta das mesmas capitulações feitas entre hũa e outra nação mandadas pellos Romanos à Judea[810] escritas em taboas de Bronze como lemos nos mesmos Livros dos Machabeos.

E não so com estes quatro estendidissimos Imperios mas com todas as naçoens do mundo tiverão muyto particular trato e comunicação[811] os Judeos concorrendo Deos para este fim com disposições de[812] muy particular providencia. A 1ª foy darlhes muitos filhos e pouca terra. Prometeo Deos a Abrahão que multiplicaria a sua descendencia como o pó da terra e como as estrellas do ceo e foy assy que de doze netos de Abrahão se formarão[813] os 12[814] Tribus e destes creceu e se multiplicou[815] a mais numerosa e populosa nação que ja mais ouve no mundo de hũ so sangue. A terra porem que Deos deu e repartio[816] aos 12 Tribus para habitarem[817] foy a terra chamada de promissão cuja largura e comprimento tomada em sua mayor extenção não chegava a oitenta leguas da nossa medida. E a resão desta providencia foy para que crecendo e multiplicandose a nação Hebrea e não cabendo nos estreitos limites da sua propria terra se espalhasse e estendesse por todas as naçoens do mundo e levasse a ellas a primeira lus da fé de Deos e da esperança de Christo: e este he o misterio ou a energia de primeiro se averem de multiplicar como pó e depois como estrellas como pó para que se espalhassem por todo o mundo e como estrellas[818] para que o alumiassem no meo das trevas em que todo estava. Com o mesmo fim ordenou a sabedoria e justiça divina que os mayores e mais geraes castigos daquella nação fossem dester-

[808] Jeconias] Na marg.
[809] Sumo Sacerdote Jaddo] Na marg.
[810] mandadas pellos Romanos à Judea] Na marg.
[811] e comunicação] Entrel.
[812] concorrendo...disposições de] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[813] formarão] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[814] 12] Omitido em LA e SC.
[815] creceu e se multiplicou] Na marg.
[816] e repartio] Na marg.
[817] para habitarem] Em LA e SC «para sua habitação», leitura explicada provavelmente pela forma «sua», que nos parece riscada.
[818] como pó para que....e como estrellas] Omitido em LA e SC.

ros e cativeiros, com que erão levados e transmigrados a terras e Regioens estranhas, cousa poucas vezes vista em naçoens inteiras, para que por este meo ficassem castigados os Judeos e juntamente instruidos e alumiados os gentios. Assy lemos no cap. 8º dos Actos dos Apostolos que se levantou hũa grande perseguição na igreja de Jerusalem por occasião da qual se dividirão e espalharão os Christãos por todas as regiões e terras de Judea e Samaria: *Facta est in illa die persecutio magna in Ecclesia, quæ erat Hyerosolomis, et omnes dispersi sunt per regiones Judaeae et Samariæ.*

[17r] E notão comummente os Padres e expositores que ordenou ou permitio a Providencia divina este desterro e[819] dispersão geral de todos os Christãos de Hierusalem pellas cidades e lugares[820] daquellas Provincias para que juntamente com elles assy espalhados ou semeados por aquellas terras se plantasse nellas a fee. E depois por este meyo tão natural e ao parecer não pretendido[821] ficou tam crecida e arraigada. O primeiro e principal desterro e cativeiro não falando no do Egypto de que já dissemos, foy o de Salmanasar no tempo de El Rey Oseas como adiante largamente contaremos no qual forão levados os dez Tribus desde Judea até as terras dos Medos e dos Assirios que estavão bem no coração de toda a Azia. E posto que o mayor corpo de toda aquella[822] gente teve o sucesso que depois se verá, he certo, como escreve Paulo Orosio, Severo Sulpicio, e outros autores Latinos e Hebreos que muitos delles se dividirão e derramarão por todas as terras Orientais daquella vastissima parte do mundo penetrando até às Provincias de que então; nem muitos annos depois ouve noticia, de que he bom exemplo a China, onde em nossos tempos depois de 2300 annos, como escreve o Padre Trigaucio nas suas relações da China se acharão[823] Judeos daquella transmigração com todos os sinaes della. O segundo foy no tempo de Nabucodonosor em que os dous[824] Tribus que avião ficado forão tambem cativos em tempo de El Rey Joachim e levados a Babilonia. E destes temos o testimunho da Sagrada Escritura no cap. 16[825] do Livro de Ester, que sendo aquelle Imperio dividido em 127 Provincias, em todas ellas e em todas suas cidades estavão espalhados os Judeos e com elles a fee do verdadeiro Deos que professavão, como se vê nas palavras do edicto de El Rey Assuero ou Artaxerses com que mandou revogar a sentença de morte que por malicia e vingança de hũ mao e soberbo privado (Aman) contra toda a mesma nação se tinha mandado executar. *Nos*

[819] e] Em LA e SC «ou».
[820] lugares] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[821] tão natural…pretendido] Na marg.
[822] de toda aquella] Em LA e SC «daquella».
[823] acharão] Em LA e SC «achavão».
[824] dous] Em LA e SC «doze».
[825] 16] Em LA «26».

autem (diz o edicto do Rey[826]) *a pessimo mortalium Judæos neci destinatos in nulla penitus culpa reperimus, sed e contrario justis utentes legibus et filios Altissimi et maximi, semperque viventis Dei, cujus beneficio et Patribus nostris, et nobis, regnum est traditum, et usque hodie custoditur*. Nas quaes palavras cheas todas de fé, conhecimento honra e sogeição ao verdadeiro Deos que os Judeos adoravão, se vê claramente quam grande fruito fazião com sua presença nas terras onde estavão cativos e desterrados não so entre a gente popular, mas nos mayores ministros e Principes, e nos mesmos Emperadores Supremos, qual era Assuero, ou Artaxerses, que [17v] firmou aquelle edito. E daqui[827] se entenderá o mysterio com que hũ dos Anjos Custodios da nação Hebrea que fallava com o Profeta Daniel (como se lê no cap. 10 de suas visoens) orando elle apertadamente pella liberdade do Povo lhe deu por causa da dilação daquelle despacho a resistencia que fizera por muitos dias diante de Deos[828] o Anjo Custodio do Reino dos Persas onde os mesmos Hebreos estavão cativos. *Princeps autem regni Persarum restitit mihi viginti et uno diebus*[829]. E a rasão desta Resistencia como neste lugar notão todos os Expositores modernos era[830] o grande proveito spiritual que os gentios Persas conseguião com a presença e communicação dos Judeos pella fe e conhecimento das cousas divinas que de sua conversação e doutrina (ainda sem particular estudo) se lhe pregavão.

Nem se deve passar em silencio a Cubiça natural dos Judeos, ou[831] desejo de acquirir Riquezas, e o genio industria e inclinação tam[832] particular que teve sempre esta[833] nação ao comercio e mercancia: como filhos alfim daquelle Pay que comprando e vendendo fez a sua fortuna e com tam pouco cabedal como hũa escudella de lentilhas soube acquirir por industria o que lhe tinha negado a natureza e fazerse patrão e senhor[834] do mayor morgado do mesmo[835] mundo. Desta inclinação dos Judeos se servio a Providencia divina para os levar suavemente[836] às terras e Regioens mais remotas e os introduzir e misturar com todas as naçoens metendolhes em casa sem huns nem outros o pretenderem as drogas do ceo entre as mercadorias da terra. Cuidava Benjamin que so levava Trigo no seu sacco e levava nelle o trigo e

[826] do Rey] Omitido em LA e SC.
[827] E daqui] Em LA e SC «E aqui». Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[828] diante de Deos] Na marg.
[829] Princeps...diebus] Na marg.
[830] era] Entrel.
[831] dos Judeos, ou] Entrel.
[832] tam] Entrel.
[833] esta] Entrel.
[834] patrão e senhor] Na marg.
[835] mesmo] Omitido em LA e SC.
[836] suavemente] Entrel.

mais o caliz de Joseph. Assy sahião de Judea os mercadores Hebreos[837] e nos fardos da mercadoria que levavão metia tambem a sua o salvador do mundo. Que esse era o nome de Joseph no Egipto *Vocavit eum lingua egyptiaca salvatorem mundi*[838]. E já pode ser (se o pensamento me não engana) que fosse este o intento de Deos naquella ley do cap. 23 do Deuteronomio *Non fœnerabis frati tuo ad usuram sed alieno*, na qual se vedava aos Judeos a Usura com os da sua nação e[839] se permittia (posto que se não justificava) para com as naçoens estrangeiras para que esta mayor liberdade ou impunidade de acquirir e multiplicar fazenda fora de sua patria[840] os convidasse a sair della[841] e os arrebatasse voluntariamente às terras[842] estranhas onde com elles se transplantasse a verdadeira fee que era droga naquelle tempo que so nacia em Judea. E que seria se a este titulo[843] justificasse Deos as usuras que permitia aos Hebreos[844] nas outras naçoens como dereitos ou gabellas daquella mercadoria? Não me atreverei a o affirmar assy mas sey que não [he] cousa nova em Deos quando quer passar a Religião de hũ Reino a outros meter nelles a fee às costas do interesse. Quando os deoses de Troya passarão a Italia Anchises levava os deoses na mão e Eneas levava às costas a Anchises. Os Pregadores levão a fee aos Reinos estranhos, e o comercio leva às costas os Pregadores[845]. Em quantas provincias achou o Evangelho fechadas as portas[846] e depois que o comercio bateu a ellas as teve abertas e francas. O primeiro Rey de Portugal que se intitulou Rey do Comercio da Ethiopia Arabia Persia e India foy o que introduzio a fee na India na Persia na Arabia e na Ethiopia. Se não ouvesse mercadores que fossem buscar a hũas e outras Indias os thesouros da terra quem avia de passar lá os Pregadores que levão o do ceo? Os Pregadores levão o Evangelho e o comercio leva os pregadores. S. Thomé que ouve de levar[847] do Brasil[848] à India o Evangelho quando não avia comercio ouve de caminhar (como he tradição) por cima das ondas

[837] Hebreos] Omitido em LA e SC.
[838] Cuidava...mundi] Na marg. O local de introdução do acrescento não é claro. Seguimos aqui a opção de LA, seguida também por SC.
[839] se vedava...sua nação e] Omitido em LA e SC.
[840] fora de sua patria] Na marg.
[841] della] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[842] terras] Entrel.
[843] E que seria...titulo] Na marg. A substituir cerca de três linhas de texto riscado.
[844] aos Hebreos] Entrel.
[845] mas sey...os Pregadores.] Na marg. A substituir várias linhas de texto riscado. As correcções e acrescentos de Vieira são aqui particularmente confusos, ficando inclusive alguns acrescentos não cancelados, na margem, mas que deveriam fazer parte do texto cancelado e que, por isso, não introduzimos, tal como LA e SC.
[846] Em quantas...portas] Os constituintes encontram-se em ordem diversa no manuscritos, com indicação de transposição por números: 5, 3, 2, 4, 1.
[847] ouve de levar] Em LA e SC «levou».
[848] do Brasil] Entrel.

porque não teve quem o levasse. E o segundo apostolo do Oriente querendo pregar na China traçou que o Pregador entrasse como negociante [18r] para que a fee tivesse lugar como mercadoria. Assy começou Deos a espalhar o conhecimento de sua fee pelo mundo e assy deu principio àquelle admiravel comercio com[849] que depois[850] tomando de nós o que tinhamos na terra nos enriqueceo com o que trazia do ceo. Naaman Syro trouxe de Damasco as suas azemolas com[851] carga de ricos presentes que offereceo[852] a Eliseo e levouas carregadas de terra de Israel porque era santa aquella terra. Assy entravão os negociantes Hebreos em Judea ricos e acrecentados com as drogas mais preciosas de todo o mundo, e o que principalmente levavão saccavão[853] de Judea para o mesmo mundo se não era a terra de Israel era hũa droga que so se dava então naquella terra que era a fee e conhecimento de Deos. Notus in Iudæa Deus: in Israel magnum nomen eius[854]. Isto levavão as frotas celebradas del Rey Salamão quando navegavão a terras de Ofir ou fosse Ofir a India ou fosse a America ou fosse como muitos querem a nossa Hespanha emporio[855] famosissimo[856] já naquella idade, pella riqueza e opulencia de suas minas. Isto vinha buscar a cobiça e aquillo vinha trazer a providencia sendo certo então o que depois vimos nas frotas das nossas Indias que muito mais ricas hião do que voltavão. Quando voltavão trazião ouro prata perolas diamantes rubis quando hião levavão a fee de Christo a esperança do ceo as verdades do Evangelho os sacramentos a graça a salvação.

De maneira que o comercio os desterros e a estreiteza da terra propria forão as tres occasioens principaes porque os Judeos se[857] sahião e Deos os derramava por todas as terras e naçoens do mundo. Josepho no Livro 14 de suas Antiguidades diz que a nação Hebrea tinha chea toda a redondeza da terra: *orbem terrarum replevit*. E Philo Hebreo naquelle memorial ou Livro que intitulou *de Legatione ad Caium* diz que a mayor parte de todas as Ilhas e terras firmes maritimas e mediterraneas da Asia da Africa e da Europa erão habitadas de Judeos. *Itaque exorat Patria tuam clementiam praeter ipsam alias civitatis demereberis plurimas sitas in diversis orbis tractibus Asia Europa Africa insulares maritimas mediterraneas*. E se estes dous autores posto que tam allegados e seguidos de todos os que escrevem[858] por serem da mesma nação parecerem a alguem sospeitosos e dignos de menos credito, saiba que

[849] com] Em LA e SC «em».
[850] depois] Na marg.
[851] com] Entrel.
[852] que offereceo] Em LA e SC «para offerecer».
[853] saccavão] Na marg. Omitido em LA e SC.
[854] Notus...nomen eius] Omitido em LA e SC.
[855] emporio] Em LA e SC «imperio».
[856] famosissimo] Em LA e SC «formosissimo».
[857] Judeos se] Na marg.
[858] escrevem] Na marg. A substituir texto riscado na linha.

os mesmos testimunhos se lem nas escrituras sagradas ainda com palavras mais universaes e de mayor encarecimento. No edito que passou Assuero para que morressem[859] todos os Judeos sogeitos às terras de seu Imperio diz assy a Relação ou Relatorio de suas culpas[860] *In toto orbe terrarum populum esse dispersum qui novis uteretur legibus; et contra omnium gentium consuetudinem faciens: regnum jussa contemneret, et universarum concordiam nationum sua dissensione violaret. Quod cum didicissemus, videntes unam gentem rebellem adversus omne hominum genus perversis uti legibus, nostrisque jussionibus contraire, et turbare subjectarum nobis*[861] [18v] *Provinciarum pacem atque concordiam; jussimus etc.*, nas quaes palavras[862] se diz notada[863] e expressamente que o Povo Hebreo naquelle tempo estava espalhado por todo o Mundo: *In toto orbe terrrarum populum esse dispersum*. E que com a novidade de suas leis perturbavam a paz de todas as gentes e de todas as naçoens[864] *omnium gentium et vniversarum nationum*: e que deso[865]bedecião os mandados dos Reys e erão rebeldes contra todo o genero humano: *adversus omne genus humanum*. E estas[866] culpas assy relatadas que vem a ser senão hum testimunho publico e autentico de tudo o que himos provando? Porque não so consta dellas[867] estarem os Judeos espalhados por todo o mundo, mas se mostra tambem com a mesma clareza[868] que os effeitos dessa dispersão era ser publica e notoria[869] a todas as naçoens e Reys e a todo o genero humano[870] a nova ley e nova fee differente de todas as outras que os mesmos Judeos professavão. No 2º capitulo dos Actos[871] temos outro testimunho sagrado igualmente universal e por termos se pode ser ainda mais notaveis. *Erant autem in Hierusalem habitantes Judæi viri Religiosi ex omni natione quo*[872] *quæ sub cœlo*. Avia em Hierusalem (diz S. Lucas) muitos Judeos moradores da mesma cidade homens Religiosos de todas as naçoens que cobre o ceo. Para cuja intelligencia se deve suppor que todos os Hebreos que vivião longe de Judea em differentes naçoens Reynos ou cidades populosas tinhão em Hierusalem suas sinagogas particulares e distinctas as quaes sinagogas não erão propriamente Igrejas

[859] morressem] Na marg.
[860] Na mesma direcção, na margem, pode ler-se: Ester. cap. 13.
[861] A página termina com o reclamo «-pro».
[862] Seguem-se cerca de duas linhas riscadas.
[863] notada] Em LA e SC «votada».
[864] de todas as] Entrel.
[865] omnium...e que deso-] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[866] E estas] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[867] dellas] Entrel.
[868] com a mesma clareza] Na marg.
[869] e notoria] Na marg.
[870] e a todo o genero humano] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[871] No 2º capitulo dos Actos] Em LA e SC «no 1º capitulo dos Actos dos Apostolos».
[872] quo] Omitido em LA e SC.

como as nossas (porque o templo era hum so e comum a todos nem podia ser mais que hum conforme a ley) mas eram hũas cazas grandes e publicas onde se ajuntavão principalmente aos sabados e ally se tinhão as pregaçoens os conselhos as disputas e todas as outras[873] conferencias das cousas spirituaes ou ecclesiasticas como se conta no capitulo 17 dos Actos[874] o fazia ou costuma[va][875] fazer S. Paulo. *Secundum consuetudinem autem Paulus introivit ad eos et per sabbata tria disserebat cum*[876] *eis de Scripturis*. E no capitulo 6 do mesmo livro se faz expressa menção das Sinagogas differentes que deziamos: *Surrexerunt autem quidam de Synagoga quæ appellatur libertinorum et Cirenensium et Alexandrinorum, et eorum qui erant à Cilicia et Asia*: no qual texto como advertio S. Chrysostomo e outros Doutores não se ha de entender que hũa so Sinagoga fosse dos Libertinos Cirenenses Cilicianos Asiaticos e Alexandrinos senão que cada hũa das comunidades dos Judeos pertencentes a estas Provincias tinhão a sua Sinagoga propria separada e particular. Era Hierusalem naquelle tempo (e muito mais antes daquelle tempo) a corte dos Reis a Universidade das letras o assento dos tribunaes e sobretudo era[877] a cabeça da Igreja da Ley Velha como hoje he Roma da Nova, à qual estavão sogeitos todos os Judeos e Professores da mesma fee ainda que vivessem em outros Reynos[878], como se vê das Provisoens de S. Paulo as quaes elle[879] foy buscar a Hierusalem contra os Judeos de Damasco que era terra de gentios sogeitos a El Rey Aretas[880]; e assy como todos os Reynos e Republicas da Christandade tem seus Embaxadores agentes Requerentes e igrejas [19r] particulares em Roma e ainda[881] hospitaes da mesma nação assy e muito mais se observava o mesmo Uso entre os Judeos gente por natureza tenacissima dos seus costumes e ritos. E era tanto o numero destas Sinagogas em Hierusalem que quando ultimamente foy destruida aquella cega ci[882]dade por Tito e Vespasiano se acharão nella, como refere Lorino quatrocentas e oitenta Sinagogas cada hũa de differente nação Provincia Reyno corte ou Povo[883] notavel onde ouvesse tanto numero de Judeos que so os que del-

[873] outras] Entrel.
[874] No capitulo 17 dos Actos] Na marg.
[875] costuma] Em LA e SC «costumava».
[876] cum] Omitido em LA e SC.
[877] era] Entrel.
[878] -nos] Entrel.
[879] elle] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[880] Aretas] Em LA e SC «Arctas».
[881] ainda] Entrel.
[882] ci-] Na marg.
[883] Povo] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

les assistião em Hierusalem pudessem de formar[884] corpo e[885] comunidade destincta. Daqui[886] se tira novo e efficas argumento de quam espalhados e[887] multiplicados estavão os Judeos por todas as partes ainda as mais remotas[888] do mundo. E estes erão aquelles a quem S. Pedro no sermão de dia de Pentecoste chamou Judeos de longe: *Vobis enim est repromissio et filiis vestris et omnibus qui longe sunt*.

Vivendo pois os Judeos tam misturados e travados[889] com todas as naçoens dos gentios desta companhia se lhe pegara como deziamos conhecimento da fee de Deos e esperança de Christo, e não so pello trato comunicação e exemplo senão tambem por industria e estudo particular de alguns Judeos mais zelosos os quaes com desejo de augmentar a sua[890] Religião e o culto do verdadeiro Deus ensinavão e affeiçoavão a ella os gentios. Temos em prova desta verdade[891] (que não he so sospeita ou conjectura nossa) o testimunho e authoridade do mesmo Christo no capitulo 23 de S. Matheus onde reprendendo a hypocrisia dos escribas e fariseus dis assy: *Circuitis mare et aridam ut faciatis unum proselytum; et cum fuerit factus facitis eum filium gehennae duplo quam vos*. Cercais o mar e a terra para converter hum gentio à fee e depois que está convertido ensinaislhe taes doutrinas que o fazeis mais filho do Inferno do que vós sois. Na qual sentença de Christo se ve principalmente como os Judeos rodeavão o mar e a terra; isto he que[892] perigrinavão e navegavão por todas as terras e mares do mundo e juntamente se prova[893] que com[894] estas suas perigrinaçoens e navegaçoens levavão pello mesmo mundo a fee[895] do verdadeiro Deos e o davão a conhecer aos gentios dos quaes convertião alguns: e finalmente[896] que não se fazia isto a[897]caso e por occasião do trato senão por zelo e cuidado particular da Religião; posto que depois a viciavão os escribas e fariseus do tempo de Christo com a ma

[884] deformar] Aparentemente «deformar», no manuscrito. O local é de leitura difícil. LA e SC lêem «formar», leitura que, embora fazendo sentido no contexto, não é apoiada pela existência inequívoca da sequência «de» antes do «f», não considerada nesta leitura.
[885] e] Entrel.
[886] Daqui] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[887] espalhados e] Na marg.
[888] todas...remotas] Na marg.
[889] e travados] Na marg.
[890] a sua] Entrel.
[891] Temos em prova desta verdade] Em LA e SC «Desta verdade temos em prova», leitura induzida por má interpretação do acrescento marginal, a substituir texto riscado na linha, «temos em prova».
[892] que] Omitido em LA e SC.
[893] prova] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[894] com] Entrel.
[895] a fee] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[896] e o davão...e finalmente] Na marg. A substituir texto riscado na linha
[897] a-] Entrel.

doutrina e exemplo que lhes ensinavão. Nem faltavão em diversas partes do mundo padroens desta mesma verdade[898] levantados entre as gentes mais politicas e celebradas da gentilidade[899]. Tal era aquelle altar que somente[900] S. Paulo achou em Athenas consagrado ao Deos não conhecido *Ignoto Deo* o qual Deos não conhecido como logo lhes declarou o mesmo Apostolo era o verdadeiro Deos criador do ceo e da terra. Destes altares avia outros muitos[901] como escreve o Cardeal Baronio na Arabia nas Gallias na nossa Espanha e em[902] outras [19v] Provincias nobres da Asia e da Europa.[903] E que estes monumentos de Religião e este conhecimento do[904] Deos não conhecido se tivesse dirivado aos gentios da doutrina e trato com[905] os Judeos provão o[906] agudamente alguns Autores com o mesmo titulo de não conhecido. Porque os Deoses dos gentios erão conhecidos pellos seus nomes particulares de Jupiter Saturno Marte: mas o Deos dos Judeos não era conhecido de nome porque lhes estava[907] prohibido tomarem na boca o nome de Deos e por isso se chamava ineffavel, isto he nome que se não podia fallar nem dizer. *Vere tu es Deus absconditus Deus absconditus et Salvator*: dezia Isaias a Deos alludindo a esta prohibição: verdadeiramente Senhor vos sois hum Deos escondido mas Deos que escondido e desconhecido salvais[908]. E Josepho no lib. 2 de suas antiguidades vindo a tratar do nome de Deos passouo em silencio e disse que lhe não era licito pronunciallo *De quo mihi dicere non est fas*[909]. Conhecião porem os gentios ensinados pelos Judeos[910] que este Deos desconhecido[911] a quem não sabião[912] o nome era o Deos que criara todas as cousas e este foy o mysterio daquella erudita ignorancia com que descrevendo Ovidio a criação do Mundo não nomeou[913] nem determinou o Deos que o creara dizendo so absoluta e[914] incertamente quisquis fu[i]t *ille deorum*?[915] quem quer que foi

[898] desta mesma verdade] Na marg.
[899] gentilidade] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[900] somente] Omitido em LA e SC.
[901] muitos] Omitido em LA e SC.
[902] em] Entrel.
[903] nobres da Asia e da Europa.] Na marg.
[904] do] Em LA e SC «de».
[905] e trato com] Entrel.
[906] o] Entrel.
[907] estava] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[908] Na margem, pode ler-se a referência: «capitulo 5».
[909] E Josepho...non est faz] Na marg.
[910] ensinados pelos Judeos] Na marg.
[911] -conhecido] Riscado. A substituir texto riscado na linha.
[912] sabião] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[913] nomeou] Em LA e SC «o nomeou».
[914] dizendo so absoluta e] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[915] quisque...deorum?] Na marg.

o Deos que o creou. Mas nesta[916] mesma incerteza com que fallou no Deos criador do mundo este Poeta declarou ser elle o Deos que adoravão os Judeos ao qual os Gentios chamavão Deos incerto porque não tinha nome particular com que fosse conhecido e se destinguisse dos outros Deuses.[917] Assy o disse Claudiano tambem[918] Poeta latino e gentio chamando aos Judeos os Adoradores de Deos incerto. *Cultrix Incerti Judæa Dei*. E estes forão os primeiros Rudimentos da fee que os Judeos semearão entre os gentios introduzindose o verdadeiro Deos nas outras naçoens, e andando nellas como disfarçado:[919] conhecido debaxo do nome de incognito: e crido com o sobre nome de incerto. E para que concluamos este discurso com hũa advertencia em tal materia digna de muito reparo no capitulo 32 do Deuteronomio dis Moyses que quando Deos na confusão da torre de Babel dividio a todos os filhos de Adam em diversas naçoens e linguas fez aquella divisão conforme o numero dos filhos de Israel respondendo a cada hum delles hũa nação. *Quando dividebat Altissimus gentes quando separabat*[920] *filios Adam constituit terminos populorum juxta numerum filiorum Israel.* No qual numero allude Moyses aos filhos de Israel que entrarão no Egipto os quaes consta do capitulo 10 do mesmo Livro e do capitulo 48 dos Genesis que forão setenta almas. *Omnes animæ domus Jacob quæ ingressæ sunt in Egyptum fuere septuaginta*. Assy entendem este lugar todos os Padres e interpretes os quaes tambem concordão em que as linguas e naçoens em que Deos dividio os homens (como se colhe do capitulo onze dos Genesis em que se referem as familias dos descendentes de Noe) foram setenta e duas[921]. Destas se se tirarem a Hebrea e Egiptia que ja estavão unidas e se comunicavão ficão pontualmente setenta.

[20r] Agora pergunto. E que misterio ou que intento teve a Providencia divina em igualar o numero de todas[922] as naçoens ao dos primeiros Hebreos. E não em outro tempo ou occasião senão[923] quando a primeira vez se ajuntarão com os gentios? O mysterio e rasão desta providencia foy sem duvida porque tinha Deos destinado os Judeos para mestres da fee dos gentios naquella primeira Igreja: e era conveniente e necessario para este soberano fim[924] que fossem tantos os mestres quantas erão as naçoens. Temos a confirmação deste pensamento na mesma providencia divina que sempre he semelhante a sy mesma em casos semelhantes. Tratou Christo de dispor a pregação do

[916] Mas nesta] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[917] Seguem-se cerca de três linhas riscadas.
[918] tambem] Omitido em LA e SC.
[919] introduzindose...disfarçado:] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[920] separabat] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[921] Seguem-se cerca de duas linhas riscadas.
[922] de todas] Entrel.
[923] Hebreos. E não...senão] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[924] soberano fim] Na marg. A substituir texto riscado na linha.

Evangelho e conversão do mundo e depois de nomeados os 12 Apostolos em correspondencia tambem dos doze filhos de Jacob e dos 12 Tribus de Israel elegeo sinaladamente 72. E dous discipulos como escreve S. Lucas no capitulo 10 que mandou diante de si:[925] *Designavit dominus et alios septuaginta duos et misit illos binos ante faciem suam in omnem civitatem quo erat ipse venturus*. E se buscarmos nos expositores sagrados[926] o misterio e proporção deste numero; Responde S. Hieronimo e com elle a sentença comum dos Interpretes que forão setenta e dous estes novos percursores [sic] e embaxadores de Christo por serem outras tantas (como deziamos) as naçoens do Mundo que o Senhor por meo de sua pregação e doutrina queria trazer (como trouxe)[927] ao conhecimento da fee. De maneira que assy como Christo no principio da ley da graça igualou o numero dos seus discipulos ao das naçoens e gentes do mundo para que levassem por todo elle o conhecimento de Deos e a nova de que o Messias era ja vindo; assy Deos no principio da ley escrita medio o numero dos filhos de Israel que são os Hebreos com o de todas as outras naçoens e gentes do mesmo mundo porque elles erão os que avião de levar e semear entre todas ellas o conhecimento do verdadeiro Deos. E a nova e promessa de que o Messias avia de vir he explicação admiravel de outros setenta e dous interpretes da divina palavra, os quaes em lugar de *juxta numerum filiorum Israel*[928] tresladarão *juxta numerum Angelorum Dei*: chamando neste lugar aos filhos de Israel anjos ou embaxadores de Deos porque esse era o fim e officio para que forão destinados a todas as naçoens e tomados e repartidos conforme o numero dellas.

O terceiro meo de providencia particular com que pode chegar facilmente e chegou naquelle tempo[929] aos Gentios o conhecimento da fe e esperança de Christo forão as Escrituras sagradas. O primeiro livro que vio o Mundo foy o Pentateucho de Moyses. E não faltão grandes conjecturas para se crer que Moyses foy aquelle Prodigioso Mercurio a quem os antigos celebrarão com nome de Trimegisto: Este Livro foy o que fez aos Caldeos mestres da Asia, aos Egiptios da Africa e aos Gregos da Europa. Com rasão chamou Clemente Alexandrino a Platão o Moyses de Athenas *Moyses Atticus*: porque de Moyses forão [20v] tirados todos aquelles Lumes que derão a Platão em suas obras nome de divino. Deste Rustico que assy lhe[930] chamou Aristoteles tomou[931] este soberbo e ingrato filosofo a sabedoria mais sublime que o fez o mayor da

[925] que mandou diante de si] Na marg.
[926] sagrados] Na marg.
[927] (como trouxe)] Na marg.
[928] Israel] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[929] naquelle tempo] Na marg.
[930] lhe] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[931] tomou] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

Grecia. Aos livros de Moyses se seguirão os outros sagrados[932] os dos profetas que sam entre todos quasi os ultimos ainda vencem em antiguidade os mais antigos filosofos e escritores gentios. *Tempore nostrorum prophetarum* diz S. Agostinho[933] *philosophi gentium nondum erant*. E como so estes livros avia no mundo so estes se lião em todo elle dispondoo assy[934] a providencia que tudo governa para que mais se estendessem por toda a parte e fossem mais celebradas suas noticias. Não lhe podia succeder então às escrituras divinas o que depois lhes aconteceu com Hieronimo quando as deixou pella suavidade de Tullio porque ainda[935] não tinha gostado sua[936] doçura. Ellas so[937] erão o estudo dos sabios ellas o entretenimento dos curiosos ellas o desvello dos entendidos. Esse foy hum dos mysterios de Deos em as fazer escuras para que tendo sempre[938] que entender fossem hũa e muitas vezes lidas. Quem quiser saber facilmente quam estudadas erão dos gentios as escrituras lea com attenção os livros dos seus filosofos dos seus historiadores e ainda dos seus Poetas e verá o que dellas tomarão dellas imitarão e sobre ellas fingirão verá[939] quanto as não largavão das mãos. Tudo o que compoz o estilo de[940] vossos escritores, dezia Tertulliano aos Gentios, a sustancia a materia a origem a ordem as historias das gentes e das cidades insignes e ainda as mesmas cidades e algũas das gentes as causas e memorias do que escreverão e até[941] a forma das letras e imagens dos caracteres os vossos mesmos deoses (e não digo nisto mais senão menos) os vossos templos os vossos oraculos os vossos sacrificios tudo vencem em muitos seculos de antiguidade os livros de nossas profecias e tudo foi tomado do thesouro das escrituras Judaicas que são tambem as nossas. *Omnes itaque substancias, omnesque materias, origines, ordines, veteram*[942] *cujusque styli vestri, gentes etiam plerasque, et urbes insignes historiarum causas et memoriarum, ipsas denique effigies literarum judices custodesque rerum et (puto adhuc minus dicimus) ipsos, inquam, Deos vestros, ipsa templa, et oracula, et sacra, unius interim prophetæ scrinium, sæculis vincit, in quo videtur thesaurus collocatus totius Judaici Sacramenti; et*[943] *inde etiam nostri*. Atéqui Tertulliano.

---

[932] se seguirão os outros sagrados] Na marg.
[933] diz S. Agostinho] Na marg.
[934] dispondoo assy] Na marg.
[935] ainda] Entrel.
[936] sua] Entrel.
[937] so] Entrel.
[938] sempre] Entrel.
[939] verá] Entrel.
[940] de] Em LA e SC «dos».
[941] do que escreverão e até] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[942] veteram] Em LA e SC «venas, veterani».
[943] -cramenti; et] Na marg.

E certo que se os versados nas divinas escrituras considerasem diligentemente a materia dellas e a traça e armonia com que forão ditadas pello Spirito Santo, acharão facilmente que não so foram escritas para Ley e observancia dos Hebreos senão tambem para Lição e estudo de todas as outras naçoens porque sendo hum so o Povo de Deos e os Autores que escreverão aquelles livros todos do mesmo Povo a que outro fim[944] se fas nelles tam frequente memoria de todas as outras naçoens do mundo e seus successos? [21r] Assy temos os Cananeos os Amorrheos os Ferezeos os Eveos os Etheos os Jebuseos os Filisteos: assy os Ismaelitas os Amonitas os Moabitas os Madianitas os Gabaonitas os Amalecitas: Assy os Assyrios os Medos os Caldeos os Persas os Syros os Tyrios os Sydonios os Egyptios os Ethiopes os Gregos os Macedonios os Romanos. E não avia antes de Christo Provincia conhecida ou cidade de grande nome no mundo de cujos successos se não ache algũa memoria no Testamento Velho assy dos passados nas historias como dos futuros nas Profecias? Não fallo já de Daniel que fallou universalmente de todos os mayores Imperios, mas so em nove capitulos de[945] Isaias lemos sinaladamente as profecias de onze[946] naçoens differentes[947] chamada cada hũa por seu nome a ouvir sua sentença e a saber da boca de Deos o que lhe estava por vir. E que nação destas averia que não lesse com grande attenção e cuidado os oraculos daquelle famoso profeta onde estavão conhecendo seus nomes e [lendo] suas fortunas? Bastava so para mover a curiosidade universal de todas as gentes [à liçam] dos Livros Sagrados serem so elles os que revellarão e descubrirão ao Mundo[948] o segredo de seu primeiro principio tam ignorado entre todos os sabios a origem das linguas o nacimento das naçoens a divisão das terras a ordem e chronologia dos tempos do que tudo ouvera perpetua ignorancia nos homens se não estivera revellado nas escrituras. Mas quando nenhum destes thesouros ouvera depositado e encerrado nellas, fallando somente do que[949] pertence à historia que livros se escreverão jamais não digo dos que professão verdade mas dos fingidos e fabulosos, que igualem em grandeza e variedade de casos admiraveis a menor parte ou sombra do que se refere nas historias sagradas? *Narraverunt mihi iniqui fabulationes sed non ut lex tua* dezia David[950] e mais ainda não tinha sido o que depois delle se escreveo. Que Gigantes fabulosos filhos da terra se atreverão a edificar hũa torre como a de Babel nem arrimarão escadas ao ceo sem pôr monte sobre monte como a de Jacob? Que metamorfoses ou transforma-

[944] outro fim] Na marg.
[945] nove capitulos de] Na marg.
[946] onze] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[947] differentes] Entrel.
[948] ao Mundo] Na marg.
[949] somente do que] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[950] David] Em LA e SC «Daniel».

ções fingirão[951] como a de Nabucodonosor convertido em bruto a da molher de Loth em estatua a da vara de Moyses em serpente comendo serpentes e depois de serpente convertida outra vez em vara? Descreverão as fabulas o dilivio [sic] mas não tiverão fantesia para meter todo o mundo[952] em hũa arca nem confiança para o salvar nella[953]. Qual poeta compos[954] ou traçou jamais[955] hũa comedia como a de Job hũa tragedia como a de Aman hũa novela ou enredo como o de Joseph? Em que theatro dos gentios se representarão apparencias de tanto artificio como hum paraiso terreal somido no meo do mundo: hum Enoch desaparecido de repente: hum Datão e Abiron tragados da terra: e hum Elias voando pellos ares em hum carro de quatro cavallos[956] [21v] o carro as rodas e os cavallos tudo de fogo? Que semelhança tiverão aquellas machinas que se levantarão com nome de maravilhas do mundo com a protentosa grandeza das que lemos nas Escrituras? Que estatua como a de Nabuco, que carroça como a de Ezechiel que columna como a do deserto que jardins como os de Assuero que Palacio encantado como o templo de Salamão edificado de seus fundamentos sem nelle se ouvir golpe de martello? Hum pavilhão que de dia cobria do sol seiscentas mil familias e hũa tocha que de noite as alumiava, ja dissemos que se chamava columna. Que disse a gentilidade da citara de Orfeo que se iguale com a Harpa de David de que fugia[957] o Inferno? Que disse das repostas[958] duvidosas do seu[959] Apolo que se pareça com oraculos sempre certos do verdadeiro[960] propiciatorio? Que disse das vozes de Endemião tambem ouvidas da lua que não exceda hũa so voz de Josué obedecida da lua e do mesmo sol? O caduceo tam celebrado do seu Mercurio que comparação teve com os poderes da vara de Moyses que dividia os mares parava os rios fazia caminhar[961] os montes? Onde se lê tal aggravo de omnipotencia como no Tenente daquella vara[962] em quem foi culpa tirar fontes de hum penhasco com dous golpes porque o podia fazer com hũa palavra? Não digo nada[963] dos documentos da escritura porque só[964]

[951] fingirão] Na marg.
[952] o mundo] Na marg.
[953] Seguem-se cerca de seis linhas riscadas.
[954] compos] Em LA e SC «se impoz».
[955] ou traçou jamais] Na marg.
[956] A última linha do fólio riscada.
[957] fugia] Em LA e SC «fugira».
[958] repostas] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[959] seu] Entrel.
[960] verdadeiro] Entrel. Omitido em LA e SC.
[961] caminhar] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[962] no Tenente daquella vara] Na marg.
[963] digo nada] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[964] porque só] Em LA e SC «porquanto».

trato do[965] doce e não do util so do que leva o appetite e não do que move a rasão. Que se podia inventar de mayor pasmo aos ouvidos que ouvir fallar hum jumento com Balam e hũa serpente com Eva! Que se podia fingir de mayor lisonja e admiração ao gosto que comer em hũa iguaria todos os banquetes e gostar em hum so maná todos os sabores! Que se podia imaginar de mayor suspensão e assombro à vista que ver o monstro marinho engulir a Jonas ver levalo comsigo ao fundo e desaparecer; e ver daly a tres dias surgir a balea[966] desembarcalo a fera[967] vivo nas prayas de Ninive! Como estes são os prodigios que se encontram a cada pagina nos Livros Sagrados. Mas que direi das façanhas e cavallerias que ainda conhecidas por falsas deleitão e suspendem tanto a curiosidade dos homens?[968] Que desafio como o de David com hũa funda e hum cajado contra o gigante cuberto de ferro? Que batalha como a de Gedeão so com trombetas e luzes em cantaros de barro? Que bateria como a dos muros de Hierico derrubados com 7 salvas dos[969] instrumentos dos musicos[970] do templo! Que emboscada como a de Abimelech em que os bosques e as sombras[971] caminhavam juntamente e os soldados com elles?[972] Que vitoria como a de Jonatas em que hum so capitam com hum so soldado pos em fugida e desbarate o exercito inumeravel dos[973] filisteus? Que triumfo como o da galharda[974] Judith quando entrou pellas portas de Betulia com a cabeça de Olofernes em que degolou de hum golpe todo aquelle seu[975] exercito? Mas passando nós a encontros de mayores forças em que pelejarão os braços e não a industria[976] que Hercules Thebano como Samsam aquelle que atado sete vezes[977] e [outras] sete vezes[978] rompeo as cordas e os[979] nervos como se forão teas de aranha: aquelle que preso dentro da cidade de Gasa quebrou com as mãos os ferrolhos e levou[980] às costas as portas: aquelle que levado ao templo [dos filistinos] lançou a mão direita e esquerda a duas columnas e dando com o templo em terra sepultou debaxo delle todos os idolatras: aquelle que com hũa queixada de hum jumento matou em campo

[965] do] Entrel.
[966] surgir a balea] Na marg.
[967] a fera] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[968] a curiosidade dos homens?] Na marg.
[969] 7 salvas dos] Entrel. Omitido em La e SC.
[970] dos musicos] Entrel.
[971] e as sombras] Entrel.
[972] com eles] Na marg.
[973] o exercito inumeravel dos] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[974] da galharda] Entrel.
[975] aquelle seu] Entrel.
[976] Mas passando...industria] Na marg.
[977] vezes] Entrel.
[978] e [outras] sete vezes] Em LA e SC «de uma só».
[979] os] Omitido em LA e SC.
[980] levou] Em LA e SC «lançou».

aberto mil de seus inimigos e ainda matara mais senão fugirão todos?[981] Teve sede Samsam cançado de matar: arrancan[22r]do hum dente da mesma queixada fes brotar della hũa fonte. Assy obedecem os elementos a quem assy triunfa dos homens. Todas estas forças tinha este bizarro mancebo em sete cabellos porque dedicou todos a Deos desde seu nacimento. Segundo Samsam foy Sangar Capitam do mesmo Povo depois de Juiz e Juiz depois de Lavrador mas Lavrador que fazendo montante do arado matou com elle em hum dia seiscentos filisteus e deixou semeado com seus corpos o campo que andava lavrando[982]. Fique à trombeta da fama Josué vencedor de trinta e hum Reys e o fortissimo Machabeo restaurador victima da sua patria. Paremos no valente Eleasaro que metendose intrepidamente com a espada debaxo de hum ellefante armado primeiro foy matador da[983] sua sepultura e depois ficou alli não sey se diga[984] morto se mortalmente opprimido do peso de tamanha vitoria[985].

[23r] Mas deixando a guerra o sangue e o estrondo das armas que historia tam admiravel como a da casta Susana? Que sacrificio tam lastimoso como o da filha de Jepte[986] e tam venturoso como o de Isaac posto ja sobre o altar e deentre a lenha e a espada escapando vivo? Que caso tam bem tecido como o de Moyses infante já[987] entregue à furia do Nilo na barquinha ou naufragio de vimes: tomando porto[988] nos braços da Princeza do Egipto e encomendado com mayor ventura[989] à propria mãy para que o criasse a seus peitos[990]? Que maravilha como a da sarça verde e sem arder no meo das chamas a dos mininos de Babilonia tomando fresco[991] na fornalha, a de Daniel comendo e não comido[992] no lago dos leoens? E a da serpente do deserto? dando vida aos mordidos so com olharem para ella? Que prudencia como a de Salamão

[981] e ainda...todos] Na marg.
[982] seiscentos...lavrando] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[983] da] Em LA e SC «de».
[984] não sei se diga] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[985] No original, o texto continua: «Tudo nas divinas Escrituras he divino, tudo raro, tudo maravilhoso», seguindo-se um longo excerto rasurado após o qual o texto segue: «E fora matéria imensa...». O texto reproduzido em LA e SC a seguir a «...tamanha vitoria.» : «Mas deixando a guerra...Aquitofel» encontra-se, conforme nota a lápis de LA no manuscrito, no fl 23r. Esta transposição de texto não é indicada de nenhuma forma na edição, embora pareça representar uma interpretação do editor, em função do sentido, razão pela qual a mantemos. O parágrafo encontra-se, de facto, no fl 23r, separado do restante texto por linhas, mas nenhuma outra indicação visível assinala a transposição; não sendo no entanto de excluir a sua existência, dado o muito mau estado destas páginas.
[986] Jepte] Em LA e SC «Jepta».
[987] infante já] Entrel.
[988] porto] Em LA e SC «posto».
[989] com mayor ventura] Entrel.
[990] a seus peitos] Entrel.
[991] tomando fresco] Na marg.
[992] comendo e não comido] Na marg.

em mandar partir o minino para conhecer a mãy verdadeira? Que engenho como o de Jacob em meter as cores pellos olhos das mãis para pintar os cordeiros antes de nacerem? Que industria como a de Daniel em semear [de noite] o templo de cinza para mostrar de dia nas pegadas[993] dos sacerdotes [e seus filhos que elles e não o idolo] erão os que comião as ofertas? Que sutilezas de Estado tam bem entendidas como as dos Livros dos [23v] Reis? Que[994] [...] como as de David com Saul e as de Cusay com Achitofel?

[22r] Tudo nas divinas Escrituras he divino tudo raro tudo maravilhoso.[995] E fora materia imensa de proseguir e impossivel de compreender querer levar por diante os principios deste não intentado discurso. Bastem estes poucos exemplos mais aludidos que contados para que delles possa entender[996] o leitor (que he o que so lhe pretendemos persuadir) quam grata[997] seria a todas as nações dos[998] gentios a Lição dos Livros Sagrados quando chegassem a suas mãos e [co]mo este foy o altissimo conselho da Providencia divina no estilo e disposição das escrituras do Testamento Velho (tam diversas nesta parte das do Testamento Novo) temperando a alteza e magestade de seus misterios com o sabor de tantas verdades gostosas e com a variedade de tantas maravi [22v] lhas tão novas e tam notaveis para que convidados com o cevo da curiosidade os que ainda[999] não deviam àquelles livros outros melhores respeitos aprendessem por elles a fee de Deos e juntamente as esperanças de Christo.

E quam impossivel cousa seja poderem ler os gentios as escrituras Sagradas sem beberem daquellas fontes esta esperança vêse clara e naturalmente da materia das mesmas escrituras[1000] que como todas foram ordenadas à vinda de Christo, e de Christo em quanto Rey e senhor do mundo apenas se acha clausula[1001] em muitas dellas que não esteja anunciando esta vinda[1002] e este Reyno.

Tres partes da Escritura disse Christo aos discipulos que fallavão mais[1003] particularmente na sua vinda ao mundo: os Profetas os Psalmos e os livros de Moyses. *Necesse est impleri omnia quæ scripta sunt in Lege Moysi et prophetis et psalmis de me*. E deixando aparte os lugares mais escuros destes livros[1004]

---

[993] nas pegadas] Na marg.
[994] LA: «Aqui palavras ininteligíveis no manuscrito».
[995] maravilhoso.] O texto retoma aqui após um longo excerto riscado, de cerca de meia página.
[996] possa entender] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[997] grata] Em LA e SC «fraca».
[998] a todas as naçoens dos] Na marg.
[999] ainda] Na marg.
[1000] e naturalmente...escrituras] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1001] clausula] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1002] esta vinda] Entrel.
[1003] mais] Entrel.
[1004] destes livros] Na marg. Omitido em LA e SC.

(que esses não os entendião os gentios sem interprete como se vio no Eunucho da Rainha Candaces de Ethiopia se bem avia muitos Hebreos como dissemos entre os gentios a quem estes podião perguntar a interpretação quando quisessem); o cap. 2 o 9 o 11 o 35 o 52 o 53 o 54 o 65 e o 66 de Isaias e muitos outros de todos os Profetas que homem os podia ler com juizo e entendimento ainda que fosse sem fee que não visse e conhecesse que era prometido naquellas palavras hum Rey futuro, e não Rey como os que costuma aver[1005] no mundo de hũa so ou algũas naçoens[1006] senão de todas as gentes e reynos do Universo? E quando todas as outras Profecias tivessem algũa escuridade que elles não pudessem entender ou interpretar por sy mesmos, os dous textos de Daniel fundamentaes desta nossa historia em que o Reyno Universal daquelle futuro Monarcha está expresso e declarado com palavras tam vulgares e tam significativas e com termos[1007] que não admitem outro sentido nem interpretação que gentio avia de aver por barbaro e ignorante que fosse que não fizesse conceito do que dizião? Mas basta ao nosso intento que o fação[1008] os Doutos e os entendidos. Nos Psalmos de David como elle era[1009] a quem tam de perto tocava aquella felicidade e a quem particularmente estava prometida; he cousa[1010] maravilhosa a frequencia com que está repetido, a clareza com que está apregoado, e a pompa e magestade de palavras com que está engrandecido o Reyno de Christo: o psalmo 2.º[1011] o psalmo nono o psalmo [41] o psalmo 4[5] 46 e 47 o psalmo 6[1] 67 e 8[3][1012] o psalmo 92 95 96 e [98] e[1013] o psalmo [102]. Todos estes 14 psalmos tem por principal assumpto o Imperio do Messias. E porque não duvidassem os gentios que elles as suas terras e as suas coroas erão as que avião de ser sogeitas a este grande Imperio, vinte nove vezes lhe repete e inculca o mesmo David[1014] esta gloriosa sogeição, fallando com elles nomeadamente e não por termos[1015] enigmaticos ou metafóricos[1016] senão clara e distintamente pello seu proprio nome de gentios. Que gentio podia aver tam rude tam alheo do lume da rasão e tam gentio que lendo no psalmo 2º *Dabo tibi gentes hæreditatem tuam et possessionem tuam terminos terræ* e no psalmo [...][1017] *quoniam tu*

[1005] costuma aver] Em LA e SC lê-se «costumava ver».
[1006] naçoens] Na marg.
[1007] com termos] Entrel.
[1008] fação] Em LA e SC «fizessem».
[1009] elle era] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1010] cousa] Entrel.
[1011] O psalmo 2º] Na marg.
[1012] 61 67 e 83] Em LA e SC «58 67 e 88».
[1013] e] Entrel.
[1014] David] Em LA e SC «Daniel».
[1015] termos] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1016] metafóricos] Em LA e SC «metafisicos».
[1017] Espaço em branco no manuscrito.

haereditabis in omnibus gentibus[1018]e no psalmo 21 *Adorabunt eum*[1019] *universæ familiæ gentium quoniam Domini est regnum et ipse dominabitur gentium*[1020] e no psalmo 98 *Dominus* [23r] *in Sion magnus et excelsus super omnes populos* e no psalmo 95 *dicite*[1021] *in gentibus quia dominus regnavit et enim correxit orbem terræ* e no psalmo 71: *Adorabunt eum omnes reges terræ omnes gentes servient ei* que gentio, digo, podia ler estes textos ou ouvir[1022] estes pregoens tam expressos e declarados do dominio daquelle futuro Rey sobre todos os Reys e nações do mundo que se não cresse[1023] aquella fee ao menos não conhecesse aquella esperança? Deixo de ponderar mais lugares de David porque o faremos muitas vezes em toda esta historia.

Finalmente os livros de Moyses[1024] (que era a 3ª allegação de Christo) posto que sejão principalmente historicos e não profeticos não so tem por ocasião da mesma historia muitas profecias e promessas desta esperança; mas tam dirigidas e encaminhadas [a] todas as naçoens nomeadamente dos mesmos gentios que não podiam deixar de ser lidas delles com grande advertencia e recebidas com grande applauso. No capitulo 12 dos Genesis a primeira vez que Deos appareceo a Abraham e o mandou sair da patria lhe prometeo que seriam abendiçoadas nelle todas as naçoens da terra *In te benedicentur universæ cognationes terræ* e no capitulo 18 torna a referir Deos esta mesma promessa *Cum benedicendæ sint in illo omnes nationes terræ* e no capitulo 22 em premio da Resolução e obediencia com que Abraham[1025] não duvidou de sacrificar seu filho Isaac lhe prometeo Deos terceira vez a mesma bençõ com declaração que não seria na sua pessoa senão na de hum seu descendente *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ*. A qual promessa tornou Deos a ratificar quarta e quinta vez em Isaac filho e em Jacob neto do mesmo Abraham sempre pellas mesmas palavras. Em Isaac no capitulo 26 *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ*; e em Jacob no capitulo 28 *Benedicentur in semine tuo cunctæ tribus terræ*. Finalmente no[1026] [23v] capitulo 49,

[1018] e no psalmo...gentibus] Omitido em LA e SC. O número do salmo encontra-se em branco, no manuscrito.
[1019] eum] Em LA e SC «in conspectu ejus».
[1020] et ipse dominabitur gentium] Omitido em LA e SC.
[1021] dicite] Omitido em LA e SC.
[1022] ouvir] Na marg.
[1023] cresse] Entrel.
[1024] de Moyses] Na marg.
[1025] Abraham] Entrel.
[1026] não só tem por ocasião da mesma historia ... Finalmente no] Em todo este parágrafo, a margem é aproveitada, primeiro em substituição de texto riscado na linha, depois continuando as linhas na margem. Neste ponto («Finalmente no»), o texto é interrompido e a página segue com o parágrafo deslocado, acima referido («Mas deixando a guerra...»). Este encontra-se separado por uma linha inicial e outra final, já no fl. 23v, do restante texto, seguindo-se o parágrafo iniciado por «Finalmente no».

do mesmo livro[1027] dos Genesis está o famoso texto já Referido hum dos dous em que fundamos todo este discurso *Non auferetur Sceptrum de Juda donec veniat qui mittendus est et ipse erit expectatio gentium*. De sorte que em hum so livro de Moyses tinhão os gentios seis profecias claras e que claramente fallavão com elles nas quaes se lhe prometia por boca de Deos que serião todas abendiçoadas em hum homem da descendencia de Abraham que era o esperado Rey e Messias do mundo. Assy que lendo os gentios como lião as Escrituras e particularmente os livros de Moyses os dos psalmos e os dos profetas não podiam deixar de vir em conhecimento e tal conhecimento de Christo que todos o desejassem e esperassem todos.

O 4º e ultimo meo e mais imediato da Providencia divina com que as naçoens gentilicas poderão conhecer e com effeito conhecerão o prometido Messias forão muitas revellaçoens particulares daquelle misterio com que Deos em differentes tempos alumiou por sy mesmo a varios homens e molheres de toda a gentilidade. Seja o primeiro exemplo desta luz aquelle grande varão mais conhecido pello testemunho da paciencia que pello lume da profecia Job. Era Job verdadeiramente gentio Indomeo de nação[1028] natural da terra de Hus[1029] e foy insigne profeta de Christo a quem conheceo por universal Redentor *Scio quia*[1030] *Redemptor meus vivit* e em quem esperou ver a Deos vestido de carne *In carne mea videbo deum meum*[1031] e esta esperança como elle diz trasia sempre guardada no seyo: *Reposita est hæc spes mea in sinu meo. Similiter et Job* (diz S. Agostinho) *eximius prophetarum, et in carne mea videbo deum meum in*[1032] *quod de illo tempore prophetavit quia Christi deitas habitum nostræ carnis induta est*[1033]. O mesmo diz S. Hieronimo e S. Gregorio pappa[1034]. Os Amigos de Job tambem erão gentios de outras Provincias visinhas e tambem alumiados da mesma fee e confirmados na mesma esperança como consta da mesma historia e do que elles disserão nella[1035] e como todos fossem Reys e Senhores de suas terras (assy lhe chama o texto sagrado no capitulo 2.º[1036] de Tobias) com aquella suprema authoridade e com o conhecimento e sabedoria que tinhão do ceo ja se vê quam ensinados teriam nella a todos seus vassallos e quam publica seria entre elles a esperança de Christo.

[1027] mesmo livro] Entrel.
[1028] Indomeo de nação] Na marg.
[1029] Seguem-se cerca de três linhas riscadas.
[1030] quia] Em LA e SC «quod».
[1031] e em quem esperou...deum meum] Na marg.
[1032] in] Omitido em LA e SC.
[1033] Similiter et Job...induta est] Na marg.
[1034] O mesmo...pappa.] Na marg. Omitido em LA e SC.
[1035] e do que elles disserão nella] Na marg.
[1036] 2.º] Em LA e SC «1.º».

Balaam (cujo spirito profetico he tam vulgar que não tem necessidade de prova) não so foy gentio senão mao gentio. Delle diz S. Maximo: *Nemo miretur nativitatem Dominicam agnovisse Chaldæos, quam utique, se revelante Deo; gentibus*[1037] *ille Balaam prænunciare potuit gentilis id est Magus agnoscere*. Este Balaam este gentio (o qual não duvidou de se[1038] chamar a sy mesmo *auditor sermonum Dei qui novit doctrinam Altissimi et visiones*[1039] *Omnipotentis videt*) profetisou [24r] claramente de Christo e de seu imperio naquelle texto tam celebrado do capitulo 24 dos Numeros: *Videbo eum, sed non modo: intuebor illum, sed non prope: orietur stella ex Jacob et consurget virga de Israel, et percutiet duces Moab, vastabitque omnes filios Seth*. Quer dizer: velohey, mas não agora; olharei para elle, mas não de perto; nascerá a estrella de Jacob, e levantar se ha o setro de Israel; vencerá todos os capitães dos gentios, e sogeitará todas as naçoens do mundo. As quaes palavras foram sempre entendidas assy pellos Hebreos como pellos gentios de hum Rey descendente da caza de Jacob, que em tempos futuros avia de imperar no mundo, e de sogeitar a seu dominio[1040] todas as naçoens delle. E digo que não so os Hebreos entendiam assy este lugar, mas tambem os gentios por ser muito celebre entre elles a noticia[1041] deste oraculo[1042], e muy famosa, ou difamada (como diz S. Leão Pappa) a memoria desta profecia pella qual memoria ou noticia (diz o mesmo santo) informados os Reys magos poderão arguir do apparecimento da nova estrella ou[1043] nacimento do novo Rey[1044]. *Ad intelligendum miraculum signi potuerunt Magi de antiquis Balaam prænuntiationibus comoueri, scientes olim esse prædictum et celebri memoria diffamatum*. Notem se bem estas ultimas palavras de que se vê facilmente quam notoria era no mundo e quam publica entre os gentios[1045] esta esperança.

Das Sibyllas (profetizas tambem da gentilidade) diz assy Xisto Betuleo nas anotações que fez sobre o original grego dos Oraculos Sibyllinos. *Sic prorsus sentio Deum totius universitatis opificem et administrum æternum suum votum et totam illam futuram seriem præsertim ad salutem mortalium spectantem sicut Israeli per prophetas ita gentibus per Sibyllas ostendere voluisse per idem numen fatidicum*. Quer dizer este autor (e o confirma com o que diseram das Sibyllas Lactantio Firmiano e S. Agostinho) que comunicou Deus o Spirito

[1037] gentibus] Em LA e SC «gentilis».
[1038] -dou de se] Na marg.
[1039] visiones] Em LA e SC «visionem».
[1040] dominio] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1041] noticia] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1042] oraculo] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1043] ou] Em LA e SC «o», com alteração profunda do significado, que parece corresponder a uma interpretação, e inclusive correcção não assinalada, dos editores.
[1044] pella qual memoria...novo Rey] Na marg. A substituir cerca de três linhas de texto riscado na linha.
[1045] entre os gentios] Na marg.

de profecia a estas famosas[1046] molheres para que[1047] assy como os Hebreos tiverão os seus Profetas assy[1048] tivessem tambem os gentios os seus por cujo meo[1049] a huns e outros fossem manifestos os conselhos divinos principalmente aquelles que para a salvação universal do Mundo erão necessarios conforme a ordem e disposição eterna de sua providencia. E se alguem perguntar curiosamente a quem e por cuja boca fallou Deus mais claramente se aos Hebreos pellos Profetas ou aos Gentios pellas Sibyllas? Respondo que em muitas cousas particulares principalmente das que pertencem a Christo fallarão com termos de mayor clareza as Sibyllas do que os Profetas como se pode ver facilmente de huns e outros livros. De muitos lugares e exemplos que podera traser desta differença porey somente aquy dous[1050] para que se veja quam facil era aos gentios o conhecimento de Christo pellos Livros ou oraculos das Sibyllas, antes quam impossivel couza era[1051] lerem elles[1052] como lião aquelles Livros e não [24v] terem noticia do Messias e da esperança e promessas[1053] de sua vinda[1054] formando ao menos hum conceito comum e confuso[1055] de hum Rey e de hum Imperio futuro debaxo do qual se avia de renovar e restaurar o mundo. No fim do Livro 3º dis a Sibylla Erithrea estes versos.

Sed postquam Roma Ægyptum reget imperioque
Frenabit, summi tum summa potentia regni
Regis inextincti mortalibus exorietur.
Rex et enim Sanctus veniet; qui totius orbis
Omnia sæculorum per tempora sceptra tenebit.

Não se podia descrever[1056] com mayor clareza o tempo e circunstancias do nacimento de Christo a soberania de seu supremo poder e a Monarchia Universal de seu Reyno sobre todos os setros e coroas do Mundo. Diz que naceria este Rei e daria principio a seu Imperio quando Roma dominasse e governasse o Egypto, e assy foy porque depois da Victoria de Augusto Cesar em que venceo a Marco Antonio e Cleopatra no Egypto e acabou de dominar

[1046] famosas] Na marg.
[1047] para que] Em LA e SC «porque».
[1048] assy] Omitido em LA e SC.
[1049] por cujo meo] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1050] e outros livros...aquy dous] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1051] era] Entrel.
[1052] elles] Entrel.
[1053] promessas] Em LA e SC «promessa».
[1054] e não terem...vinda] Na marg. A substituir texto riscado na linha, com repetição das últimas palavras do fólio anterior «e não».
[1055] confuso] Em LA e SC «conceito».
[1056] descrever] Na marg.

o Imperio Romano as ultimas Reliquias de poder em que se conservava o Grego não passarão mais que 12 annos até o nacimento de Christo como consta da [...][1057].

No livro oitavo (que he o ultimo) tem a mesma Sibylla outros versos mais notaveis do genero daquelles que os Gregos chamão Acrosthicos cujo artificio he leremse pellas primeiras letras e formarse com ellas algũa sentença nome ou inscripção particular. Os versos pois são 35 e a sentença he esta:

Jesus Christus Dei filius servator crux
Jesu Christo filho de Deus salvador crus.

Estes versos estão em toda a sua propriedade no texto grego e não se poderão traduzir na lingua latina com o motivo daquellas letras sem algũa variedade. S. Agostinho no Livro 18 *de Civitate Dei* cap. 23: diz que a primeira versão que chegou a suas mãos deste Acrosthico era em versos mal latinos e que se não[1058] podiam ter em pé *Versibus male latinis et non stantibus*[1059]. Tam galante he a frasi com que o Santo declara o mal fallado e mal medido daquelles versos. Depois dis que o Proconsul Flaviano lhe mostrou outros mais conformes às leis da gramatica e da Poesia os quaes copia o santo[1060] naquelle lugar e nós deixamos de os pôr aqui por que não guardão a ordem das letras iniciaes propriedade que falta em muitas outras versoens latinas. A de João Bongro trasida por Xisto Betuleo comprehendeu e compria[1061] felizmente com[1062] todas estas dificuldades sem[1063] tomar outra licença mais que a de desatar a ultima letra em duas e fazer de hum X C e S he a seguinte.

Judicii metuet sudans presagia tellus
Et Rex æternus magno descendet Olympo
Sublimis carnem mundumque ut judicet omnem.
Unum suscipient numen pravique bonique
Summum, supremo cum Sanctis tempore mundi.
[1064] [25r] *Carnifer ille homines judex inquiret in omnes.*

[1057] LA: «Lacuna no original».
[1058] não] Entrel.
[1059] Versibus...stantibus.] Na marg.
[1060] o santo] Entrel. Em LA e SC «este».
[1061] e compria] Entrel.
[1062] com] Entrel.
[1063] dificuldades sem] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1064] A partir daqui, o papel e a tinta mudam. As folhas são mais claras e a tinta mais fina, não esborratada nem repassada, o que pode indiciar uma campanha de escrita diferente.

Horrida terra vias cæli spinæque tenebunt.
Rejicient simulacra viri, gazamque repostam.
Ille domus cæcas et Ditis claustra refringet.
Sanctior a mortis jam nexu libera lucem
Turba hominum cernet, scelerosos flamma piabit
Ultrix perpetuum: mala quæ quicumque patravit
Sontica, suppressitque diu producet in auras:
Deteget et furvis[1065] *Deus obsita corda tenebris:*
Erumnæ et stridor dentis regnabit ubique,
Ipsum deficiet solis decus, astra colore
Fusco obducent[ur], argentea luna peribit,
Insurgent valles, consident ardua montis,
Luxus sublimis mortales deseret oras,
Immensos colles æquabunt marmora campi.
Velivago nulli cernentur in æquore nautæ.
Succendet terram fulmen, vaga lympha vapore
Solis arescet ripis, fontesque dehiscent:
Et tuba de cælo tristis clangore sonabit
Raucisono, mundi clades pereuntis acerbas.
Vastum terra chaos stygio monstrabit hiatu,
Atque dei solio sistetur judicis omnis
Turba ducum, regumque pluet tum sulphure et igni,
Omnibus extabunt ligni vexilla verendi;
Robur et auxilium populo exoptata fideli:
Certa pio generi vita est offensa malignis,
Rore bonos lustrans bisseni fontis ab unda:

Virgaque qua pecori dat ferrea jura magister,
Carminis auspiciis qui crimina morte piabit
Servator Rex æternus Deus ipse patescit[1066].

Destes mesmos versos faz menção Eusebio Cesariense na vida de Constantino Magno, e Marco Tullio que morreo 50 annos antes do nacimento de Christo no Livro 2 *de Divinatione*. O sentido dos versos em summa he a vinda

[1065] furvis] Em LA e SC «turbis».

[1066] LA: «Texto confuso e certamente muitas vezes incorrecto no ms. Estes versos, que constituem o acróstico, e que o autor provavelmente extraíu de alguma cópia manuscrita, não concordam com a tradução de Sebastião Castalio (*Sibyllina Oracula ex vett. codd. aucta, renovata, et notis illustrata a D. Johanne Opsopæo Brettano*, Paris, 1599) , nem com qualquer das quatro variantes na obra *De Sibyllis earumque oraculis dissertationis*, de Servatus Gallius, Amsterdam 1688. Também os outros trechos alegados das Sibilas se não encontram em nenhum daqueles livros».

de Christo a julgar o mundo[1067] com todas as circunstancias de grandeza magestade e horror que pertencem ao apparato e execução do juizo.
O misterio da encarnação está com tanta e[1068] mayor clareza no livro 1º dos mesmos oraculos das Sybillas[1069].

Tunc ad Mortales veniet[1070] *Mortalibus ipsis*
In terris similis natus Patris omnipotentis
Corpore vestitus.

Não fallou com palavras mais claras S. Paulo quando disse *In similitudinem hominum factus et habitu inventus ut homo* E mais abaxo se lê[1071] a Pregação do Baptista quasi pellas mesmas palavras de S. Matheus[1072].

Verum cum quædam vox per deserta locorum.
[25v] *Nuncia mortales veniet quæ clamet ad omnes*
Ut rectos faciant calles, animosque repurgent
A vitiis, et aqua lustrentur corpora cuncta
Ut nunquam deinceps peccent in jura renati.

A embaxada do Anjo à Virgem com o mesmo nome de Gabriel descreve a Sybilla no livro 8 por estas palavras

E cælo veniens mortales induit artus
Ac primum corpus Gabriel ostendit honestum.
Nuncius hinc tali affatur sermone puellam.
Accipe Virgo Deum gremio intemerata pudico
Sic ait: ast illam cælestis gratia molli
Leniit affatu: tum virginitatis amatrix.
Perpetuæ magno subito correpta stupore.
Atque metu trepida pressit formidine mentem.

E pello mesmo estilo vai proseguindo a historia da encarnação segundo as leis da historia[1073]. E porque não faltasse com todas suas[1074] circunstancias até o presepio de Belem alegria e pasmo dos pastores apparecimento da estrella e adora-

[1067] o mundo] Entrel.
[1068] tanta e] Entrel.
[1069] dos mesmos oraculos das Sybillas] Na marg.
[1070] veniet] Em LA «vincit».
[1071] se lê] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1072] Matheus] Na marg.
[1073] segundo as leis da historia] Na marg.
[1074] suas] Em LA e SC «estas».

ção dos Reis[1075]. O nome da Virgem assy como tinha declarado o do Anjo, dis no mesmo lugar:

Et brevis egressus Mariæ de Virginis alvo
Exorta est nova lux.

Finalmente resumindo todas as obras de Christo assy da Vida Santissima como de sua paxão até lhe pôr a coroa (como se esta fora o fim e assumpto do seu poema) conclue com estes versos[1076].

Ergo ad judicium veniet dicti memor hujus
Persimilem formam portans in Virginis alvum
Collustrans lympha manibus senioribus omnes.
Cuncta jubens faciet, morboque medebitur omni.
Pacabit ventos dicto, sternetque profundum
Insanum, placidis pedibus calcando, fideque.
Ad virosa genas præbebit sputa prudentes
Verberibusque sacrum tradet proscindere tergum
Perque feret tacitus colaphos, ne forte sciatur
Quis sit, cujus sit, mortalibus unde locutum.
Venerit, horrentemque feret de vepre coronam.

Atéqui a Sybilla comprendendo admiravelmente em tam poucas regras o nacimento Virginal de Christo, o sacramento do Bautismo que instituio e administrou depois que teve (como ella[1077] diz) mayores as mãos, o imperio que exercitou sobre todas as criaturas, as enfermidades que curou milagrosamente[1078], os mares que pisou andando placidamente[1079] sobre as ondas, a sogeição com que lhe obedecerão os Ventos a paciencia e humildade com que sofreu ser cospido açoutado e affrontado com mãos sacrilegas em seu proprio[1080] rosto; e coroado por escarnio com coroa de espinhos: dissimulando debaxo de tantas injurias a grandeza poder e magestade de quem era e de quem o mandara ao mundo. Tanta como esta he a clareza com que fallarão de Christo as Sybillas qual se não acha mayor nem ainda igual nos profetas. Sendo a rasão desta Providencia [26r] (como bem notou Castallio) a Rudeza e ignorancia das cousas[1081] divinas em que vivião os gentios, aos

[1075] com todas...dos Reis] Na marg.
[1076] (como se...estes versos.] Na marg.
[1077] ella] Em LA e SC «elle».
[1078] milagrosamente] Na marg.
[1079] placidamente] Entrel.
[1080] proprio] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1081] cousas] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

quaes era necessario se fallasse com mayor clareza do que aos Hebreos nacidos e criados entre os resplandores da fee e conhecimento de Deos, tendo tambem estes a ley e[1082] tantos mestres que os podessem alumiar e ensinar, e carecendo aquelles de toda a luz e doutrina. Se ja não foy (como considera o mesmo Autor e o prova com Isaias) que a escuridade dos profetas, por permissão ou castigo, se accomodou à cegueira com que os Judeos avião de negar a Christo, e a claridade das Sybillas à fee com que os gentios o avião de crer. *Non ne* (são as palavras de Castallio) *quæ de Christo gentilibus prædicta sunt ea clariora esse oportuit, quod Mose et cetera disciplina carebant, quae eis ad Christi lumen quasi proluceret: ut quod hic deerat*[1083] *id oraculorum perspicuitate compensaretur? Accedit eo quod (quemadmodum patet*[1084] *ex Isaia) voluit Deus Judæis obscuriorem esse Christi adventum ut in eum obscuriorem atque ita suæ pertinaciæ pœnas darent, quod idem de gentibus dicere non licet.*

Por meo pois destes oraculos das Sybillas que andavão nas mãos de todos principalmente dos Sabios, como se vê em Platão e Aristoteles, era tam vulgar e famosa entre os gentios a Esperança daquelle[1085] novo Rey, e da idade dourada que avia de trazer ao mundo com seu felicissimo Reyno; quanto a lemos elegantemente profetizada[1086] na quarta Ecloga de Virgilio que morreo trese dias antes do nacimento de Christo e cita nella os oraculos da Sybilla Cumea

Ultima Cumai venit jam carminis ætas.

para que entendessemos que as Sybillas forão as Musas Sicelides que excitarão a cantar[1087] cousas maiores e que destas fontes bebeo aquelles levantados spiritos e não nas de Aganippe ou Hippocrene[1088].

Eusebio Cesariense no já citado Livro da Vida de Constantino Magno he de opinião que esta quarta Eccloga de Virgilio he toda Allegorica, e que debaxo da metafora de Salunino[1089] filho de Pollion foi verdadeiramente[1090] escrita e dedicada a Christo filho do Eterno Padre encobrindo e envolvendo[1091] o Vigilantissimo Poeta a verdade desta sua fe e pensamento com as figuras e metaforas daquelle seu Mecenas para que o não condenasse a superstição

[1082] tambem estes a ley e] Na marg. A substituir texto riscado na linha. Em LA e SC «tambem estes ally».
[1083] deerat] Em LA e SC «durat».
[1084] patet] Em LA e SC «scitur».
[1085] daquelle] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1086] quando...profetizada] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1087] a cantar] Omitido em LA e SC.
[1088] para que entendessemos...Hipocrenne] Na marg.
[1089] Salonino] LA e SC lêem, erradamente, «Asinio».
[1090] verdadeiramente] Na marg.
[1091] e envolvendo] Na marg.

Romana como Violador da divindade dos Deuses. *Intelligimus autem* (diz Eusebio) *dicta hæc manifeste simul, et obscure per allegorias prolata iis, qui carminum horum sensum altius sub conspectum divinitatis Dei scrutantur, innuere: quomodo Poeta, ne quis eorum qui in regia urbe*[1092] *denominabantur, culpare posset quod contra patrias leges scriberet, et quæ jam olim inde a maioribus de diis credita fuissent, rejiceret, veritatem occul[ta]uerit.*

Desta mesma opinião de Eusebio são outros muitos Autores[1093], os quaes constantemente se persuadem que o sogeito da quarta Ecloga Virgiliana não foi outro senão Christo conhecido pellos oraculos das Sybillas e certo são tam extraordinariamente grandes as cousas que o Principe dos Poetas dis naquelle Poema Bucolico que nem ainda do mesmo Cesar se poderão dizer sem nota de demasiada adulação, e indigna de hũ tam eminente juizo como o de Virgilio talhado verdadeiramente para poeta de Christo. Quem tiver curiosidade de ver a allegoria de toda a Egloga applicada e explicada de Christo veja dos Antigos ao Mesmo, e dos modernos ao P. Lacerda e sobre todos a [...][1094] que de versos de Virgilio teceo e compos felismente toda a vida de Christo[1095].

[27v] As rasoens mais fundamentaes e solidas com que se persuade e convense[1096] a verdade deste imperio temporal de Christo são as[1097] que imediatamente se tirão dos mesmos titulos que acabamos de declarar. E assy a primeira e mais relevante de todas se funda na União Hypostatica com que a humanidade sagrada de Christo está unida a[sic] divino Verbo posto que esta mais se pode chamar natureza que rasão. Outra he o merecimento infinito de Christo inseparavel a todas suas acçoens pello qual lhe erão devidas todas as dignidades e grandezas humanas sem exclusão de poder authoridade e soberania algũa. Em consequencia do qual merecimento se ajuntou a elle a vontade efficas divina que foy o principio effectivo donde manou e se derivou a Christo a comunicação liberalissima e como investidura[1098] absoluta desta suprema e universal potestade. Assy que as rasoens fundamentaes do imperio temporal de Christo sam tres: o ser quem he, o seu merecimento, e a vontade divina que he rasão de si mesma[1099]. Estas rasoens capitaes se podem ajudar e[1100] revestir de varias congruencias que facilmente se considerão muito convenientes todas ao decoro e Magestade de Christo. O qual

[1092] in regia urbe] Em LA e SC «in regio orbe».
[1093] Na margem, pode ler-se a seguinte nota: «Ita citatus est Tullio Betulens et alii».
[1094] LA: «Lacuna no original».
[1095] LA: «Seguem-se duas laudas em branco» (26v e 27r).
[1096] convense] Em LA e SC «converte».
[1097] as] Entrel.
[1098] investidura] Em LA e SC «investidora».
[1099] Assy que as rasoens...mesma] Na marg.
[1100] ajudar e] Na marg.

como cabeça dos homens que são[1101] compostos de carne e spirito, não era justo que tivesse sobre elles o dominio partido[1102] senão inteiro assy sobre as cousas e acçoens concernentes ao spirito como as que pertencem ao corpo. Antes por Christo ser verdadeiro e inteiro homem composto não so de spirito senão de carne foy muy conveniente que não so tivesse o Imperio espiritual[1103] que pertence às almas senão tambem o temporal que he proprio dos corpos. *Ut sicut ipse e corpore atque Spiritu compositus erat, ita eum (Pater)*[1104] *et regem spirituum et corporum etiam faceret: ut tam late ejus imperium pateret quam ipsius dei*: como doutamente disse Stunica[1105] comentando o capitulo 9 do propheta Zacharias. Se os Trajanos e outros Imperadores e Principes do mundo derão seus Imperios e Reynos inteiros aos estranhos que adoptarão por filhos, como avemos de crer nem imaginar que desse Deos so hũa parte de seu Imperio e dominio a Christo que não so emquanto Deos senão ainda emquanto homem he seu filho natural verdadeiro e unigenito? Se quis e não pôde (como em semelhante caso argumentava Agostinho)[1106] foi fraquesa se pôde e não quis foy enveja e hũ ou outro pensamento fora blasfemia contra o omnipotente amor de tão divino Pay. A Adam deu Deos o Imperio Universal do mundo com sogeição e obediencia de todas as creaturas delle so por ser feito a sua imagem e semelhança *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram ut præsit piscibus maris et volatilibus cæli et bestiis terræ*: Como negaria logo Deos este mesmo poder não digo ja àquelle segundo Adam que veo restaurar as ruinas do primeiro senão àquelle que he imagem e retrato perfeitissimo de sua sustancia *Ipse est enim imago Patris et figura substantiæ ejus*. Averá quem se atreva a diser ou presumir que foy menor o poder de Christo no mundo que o de Adam ou que teve Adam poder que faltasse a Christo? A carne de Adam que tomou Christo não foi de Adam peccador senão de Adam inocente porque como advertio o Apostolo[1107] tomou a carne e não contrahio o peccado. E se Christo não foi filho de Adam escravo senão de Adam senhor porque não reteria ao menos[1108] o que não perdeu em seu Pay? A geração de Christo escrita por S. Mattheus começa em David e por S. Lucas em Adam: e se por filho de David melhor que Salamão[1109] lhe foi

[1101] que são] Entrel.
[1102] partido] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1103] espiritual] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1104] (Pater)] Entrel.
[1105] Stunica] Em LA e SC «Stuniga». Na margem, pode ler-se a seguinte nota: «Didacus Stunica Zachariae cap. 9».
[1106] (como...Agostinho)] Na marg.
[1107] como advertio o Apostolo] Na marg.
[1108] porque não reteria ao menos] No original, «ao menos porque não reteria», com indicação de troca dos constituintes: 2/1.
[1109] melhor que Salamão] Na marg.

devido o setro de Israel por filho de Adam melhor que Caim e Abel porque se lhe ha de negar o do mundo?

Finalmente he principio geral e recebido de todos os Theologos que se deve [28r] conceder e admittir na soberana Pessoa de Christo todos aquelles attributos de poder grandeza e Magestade que sem implicação nem indecencia se podem considerar nella porque todos lhe são infinitamente dividos: e tam fora está deste perigo o Imperio e dominio[1110] temporal que admittimos em Christo, que antes da falta delle se podem arguir conhecidos inconvenientes e ainda algũa consequencia indigna e[1111] de menos decoro. Porque o Imperio Spiritual de Christo por supremo e Universal que seja so[1112] tem poder e jurdição indirecta sobre as cousas e acçoens temporaes em quanto estas se ordenão ou subordenão ao fim e conservação das spirituaes: e no caso ou supposição em que Christo somente fosse Rey Spiritual seguiase[1113] (como doutamente infere o Padre Soarez) que se Christo quisesse mandar a hum homem ou[1114] a hum Anjo hũa acção meramente temporal ou servirse de qualquer cousa temporal alhea (ainda que fosse para obrar hũ milagre) que o não poderia fazer livre e absolutamente a seu arbitrio e sem licença do dono della (se comodamente o podesse fazer de outra sorte). *Indignum autem videtur* (conclue o grande Doutor) *hæc et similia de Christi potestate sentire*. Sendo logo este sentimento indigno do poder e Magestade de Christo e da soberania de sua Pessoa necessariamente avemos de dizer e confessar em boa theologia[1115] que não he somente[1116] spiritual o Imperio e dominio que Christo tem sobre o mundo senão tambem temporal, e que spiritual e temporalmente lhe são todos os homens e todas suas cousas sogeitas.

E quanto ao reparo da Pobreza e desprezo das cousas temporaes que Christo veo ensinar ao mundo nós nos contentaremos com que os Autores deste escrupulo por santos e spirituaes que sejão, se contentem com que o que[1117] se contentou este Monarcha temporal do mundo[1118]; imitem a pobreza de Christo, pobre no nacimento pobre na vida pobre na morte e pobre sobretudo[1119] na eleição de pays pobres e não queirão mais pobresa, nem mais exemplo em Christo[1120]. Muitos ha que querem parecer pobres; alguns que o querem ser; mas quem queira ser e parecer filho de pobres,

[1110] e dominio] Na marg.
[1111] e ainda...indigna e] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1112] por supremo...seja] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1113] seguiase] Em LA e SC «seguese».
[1114] ou] Entrel.
[1115] necessariamente...em boa theologia] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1116] -mente] Entrel.
[1117] com que o que] Assim no original e em LA. SC altera para «com o que».
[1118] e spirituaes que sejão...do mundo] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1119] sobretudo] Entrel.
[1120] e não queirão...em Christo] Na marg. A substituir texto riscado na linha.

q*uis est hic et laudabimus eum*? So Christo e quem tem muito de Christo. O Dominio Universal que Christo tinha do mundo era o que mais subia[1121] de preço os quilates de sua pobreza. Não ter uzo das cousas do mundo quem não tem ou teve[1122] dominio dellas, virtude pode ser, mas virtude que parece fortuna ou necessidade; porem Senhor absoluto de tudo quanto ha e pode aver no mundo, e ter menos uso do mesmo mundo do que os bechinhos da terra[1123], e poder diser com verdade *Vulpes foveas habent et volucres cœli nidos filius autem hominis non habet ubi caput reclinet*! o que pasmo o que exemplo o que confusam para os homens ainda os mais despresadores do mundo. Mas replicão a esta reposta os Autores da contraria opinião e dizem que a pobreza evangelica de que Christo professou ser mestre, não consiste so na mortificação ou temperança[1124] do uzo das cousas temporaes senão principalmente[1125] na renunciação do dominio dellas: logo no despreso e abdicação deste dominio he que devia Christo darnos o exemplo da perfeita pobreza: e pois he certo que foi Christo[1126] consumadissimo exemplar de todas as virtudes e muito particularmente[1127] desta; seguese que não so não teve o uzo das cousas temporaes senão que tambem careceu do dominio de todas. Primeiramente digo que para Christo ser [28v] perfeitissimo mestre e exemplar de todas as Virtudes não era necessario exercitar todos os actos particulares dellas ainda que os tivesse ensinado[1128]. Não era menos mestre nem menos exemplar Christo da paciencia do que o foi da Pobreza. E sendo hũa das mais altas proposiçoens de sua doutrina na materia do Sofrimento *cum te percusserint in una maxilla præbe illi et alteram*; sabemos comtudo que[1129] quando derão a Christo a bofetada em presença do Pontifice Caifas não offereceo o Senhor[1130] a outra face antes acudio à calumnia de que falsa e sacrilegamente o arguyão. Mas deixada esta estrada geral porque não he nosso intento divertir o argumento senão desfasello, digo outra vez que[1131] na pobreza de Christo quanto a renunciação do dominio avia outra rasão mais forçosa e necessaria que era ser este acto incompossivel com a natureza e essencia do mesmo Christo. Porque aquelle dominio supremo e universal de todas as couzas fundavase imediatamente como dissemos[1132] na União Hypostatica,

[1121] subia] Em LA e SC «subio».
[1122] ou teve] Entrel.
[1123] da terra] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1124] ou temperança] Na marg.
[1125] principalmente] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1126] Christo] Entrel.
[1127] particular-] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1128] ainda que os tivesse ensinado] Na marg.
[1129] comtudo que] Entrel.
[1130] o Senhor] Entrel.
[1131] deixada esta estrada...outra vez que] Na marg.
[1132] como dissemos] Na marg.

e era não so[1133] propriadade inseparavel senão parte intrinseca[1134] della, e assy como Christo não podia renunciar nem abdicar de sy a propria natureza assy (dis o Padre Vasquez)[1135] não podia renunciar nem demittir de sy o direito[1136] àquelle soberano dominio. O que podia so[1137] fazer Christo[1138] era privarse do Uso delle e assy o fez tam perfeita e[1139] perfeitissimamente como sabemos. Quanto mais que ainda no caso em que fora possivel na Pessoa de Christo a renunciação do dominio temporal de todas as cousas[1140] porventura que era mais conveniente ao mesmo exemplo do mundo conservar o dominio sem o Uso, que renunciar o Uso e mais o dominio. Porque Christo como mestre e exemplar da perfeição evangelica não so devia dar exemplo aos Religiosos que professão renunciar o dominio dos bens temporaes[1141] senão tambem aos Prelados e bispos e ao supremo bispo e supremo prelado[1142] cujo estado sendo de mayor perfeição conserva o dominio e administração dos bens e so periga, ou pode perigar na immoderação[1143] ou excesso do Uso delles. Foy logo convenientissimo que em Christo se ajuntasse o sumo dominio e o sumo desprezo e abstinencia das cousas[1144] do mundo para que no mesmo exemplar aprendessem os Religiosos a mortificação do uso, e os Prelados a moderação do dominio.

Finalmente para que ponhamos o sello à confirmação[1145] desta nossa sentença e acabemos de desfazer as rasoens ou admirações como desiamos da parte contraria provemos demostrativamente a causa pellos effeitos, a potencia pellos actos a jurdição pello exercicio, e o direito (do modo que pode ser) pella posse. Temos neste ponto contra nós não so os Inimigos, senão tambem os Amigos. Resolvem os Defensores da opinião contraria e tambem muitos da nossa, que Christo em toda sua vida, não teve exercicio algum[1146] do imperio temporal nem em quanto Rey nem emquanto Senhor porque nem fes acto que fosse[1147] proprio da dignidade Real nem se servio de cousa algũa do mundo como quem tivesse[1148] o dominio e senhorio delle. E daqui

[1133] não só] Entrel.
[1134] senão parte intrinseca] Entrel.
[1135] (dis o Padre Vasquez)] Na marg.
[1136] o direito] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1137] so] Entrel.
[1138] Christo] Entrel.
[1139] perfeita e] Na marg.
[1140] temporal de todas as cousas] Na marg.
[1141] temporaes] Entrel.
[1142] e bispos...supremo prelado] Na marg.
[1143] im-] Entrel.
[1144] e abstinencia das cousas] Na marg.
[1145] confirmação] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1146] algum] Entrel.
[1147] que fosse] Entrel.
[1148] tivesse] Entrel. A substituir «tinha», na linha, que, no entanto, não foi riscado. Em LA e

inferem não todos mas so[1149] os que impugnão a nossa sentença que vinha a ser totalmente ocioso este Imperio temporal que consideramos em Christo e por conseguinte nullo[1150] conforme aquelle principio vulgar da filosofia *Frustra est potentia quæ non reducitur ad actum*. Mas começando pella forma desta consequencia ou colhe demasiadamente ou nada. Porque tam boa consequencia he esta Christo não teve exercicio de Rey Logo não teve poder Real como esta [29r] Christo não teve exercicio de Juis: logo não teve poder Judicial. E nesta segunda consequencia sendo de fee a premissa he contra a fee a conclusão. A premissa he de fee[1151] porque lemos no Cap. 12 de S. Lucas[1152] que pedindo dous Irmãos a Christo que julgasse certa duvida que tinhão entre sy o Senhor lhe respondeo *quis me constituit judicem super vos*? E a conclusão he[1153] contra a fee porque nega contraditoriamente[1154] o texto de S. Paulo *Pater non judicat quemquam sed omne judicium dedit filio quia filius hominis est*. Antes daqui se forma novo argumento em confirmação da Verdade da nossa sentença. Porque a potestade judiciaria em Christo foy consequencia da dignidade real como expressamente ensina S. Thomas na questão 59 art. 4 ad. 1[1155] *Potestas iudicis secuta est in Christo regiam dignitatem*. E a resão desta ordem natural he posto que o Santo Doutor a não exprima[1156] porque o officio de julgar he parte da dignidade de Rey conforme o texto de David *et nunc reges intelligite erudimini qui judicatis terram*. Por isso o mesmo Christo descrevendo o supremo e Ultimo acto de Juiso em que ha de sentenciar o mundo se chama nomeadamente Rey[1157] *tunc dicet Rex his qui a dextris eius erunt etc*.[1158] E se he certo e de fee que Christo tem esta parte da jurdição e dignidade real, porque avemos de ser tam estreitos de coração que lha não concedamos toda?

Os que admittem ou venerão comnosco em Christo o titulo e dominio de Rey, e concedem comtudo[1159] que não teve exercicio delle dizem muito douta e consequentemente, que ainda que a dignidade e jurdição Real em Christo

---

SC «teve so».

[1149] não todos mas so] Na marg.

[1150] e por conseguinte nulo] Na marg.

[1151] A premissa he de fee] Na marg. Em LA «he contra a fee». SC corrige, aparentemente pelo significado em contexto.

[1152] Na margem, pode ler-se a seguinte nota: «Lucas 12».

[1153] he] Em LA «não he». SC corrige, aparentemente pelo contexto.

[1154] contraditoriamente] Entrel. A substituir texto riscado na linha.

[1155] Na margem, pode ler-se a seguinte nota, aparentemente complementar à referência: «Part. 3».

[1156] posto que...exprima] Na marg. Também na margem, pode ler-se a seguinte nota: «Idem S. Thomas».

[1157] Rey] Entrel.

[1158] Na margem, pode ler-se a seguinte nota: «Math. 25».

[1159] comtudo] Entrel.

não tivesse acto ou exercicio algum em sua vida nem[1160] o haja de ter em outro[1161] tempo; nem por isso se deve julgar aquelle poder por baldado e[1162] ocioso porque serve como fallão os filosofos[1163] de ornar e mais aperfeiçoar o sogeito. Bem assy como na humanidade do mesmo[1164] Christo he certo que ouve algũa potencia que nunca teve[1165] nem avia de ter acto (qual he[1166] a potencia que ha nos individuos para a conservação da especie) e comtudo ninguem a nega[1167] nem pode negar em Christo porque he perfeição natural da humanidade. Persistindo na mesma supposição se pode tambem dizer não indocta nem indiscretamente que ainda que o dominio temporal de Christo não teve aquelles[1168] actos ou exercicio positivo, que costuma ter nos Reis e Principes[1169] da terra, teve porem hũ acto excellentissimo e hũ exercicio continuo, nunca visto até então no mundo a que podemos chamar negativo[1170] que foi o não querer usar Christo[1171] do mesmo dominio. E ter o dominio para poder e não querer usar delle (que he hũ acto heroico de humildade, e modestia o qual necessariamente suppoem o mesmo dominio) não he tello ocioso senão muy gloriosamente[1172] exercitado de maneira que neste sentido (que nem he vulgar, nem violento)[1173] podemos dizer que não careceu Christo do Uso do dominio temporal, que nelle consideramos, e que o Uso, que teve daquelle dominio foi a privação do mesmo uso ou[1174] não querer Usar delle. E se não perguntemos a S. Ambrosio para que quis e mandou Christo aos Apostolos que comprassem espadas ainda que fosse a preço das mesmas tunicas com que andavão cubertos[1175] se lhes avia de mandar que as deixassem estar na bainha? E responderá[1176] o grande Doutor[1177] que foi para mostrar Christo[1178] que se podia defender e vingar de seus inimigos

[1160] nem] Na marg.
[1161] outro] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1162] por baldado e] Na marg.
[1163] como fallão os filosofos] Na marg.
[1164] mesmo] Entrel.
[1165] teve] Entrel.
[1166] he] Entrel.
[1167] a nega] Entrel.
[1168] aquelles] Na marg.
[1169] e Principes] Entrel.
[1170] a que podemos chamar negativo] Na marg.
[1171] Christo] Entrel.
[1172] muy gloriosamente] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1173] vulgar, nem violento] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1174] a privação do mesmo uso ou] Na marg.
[1175] cubertos] Na marg.
[1176] -rá] Na marg. A substituir texto riscado na entrelinha. Em LA e SC «responde».
[1177] o grande Doutor] Na marg.
[1178] Christo] Entrel.

mas[1179] não queria. Para este uso ou desuso[1180] quis Christo a prevenção das[1181] espadas [29v] porque muitas vezes o mais nobre e o mais generoso uso do poder he não querer usar delle. E se aquellas espadas so[1182] para este uso não forão ociosas: porque o seria o dominio de Christo ainda que não tivesse outro uso mais que não querer o poderosissimo senhor uzallo[1183] para mayor exemplo nosso[1184] e doutrina nossa. Onde mais bem empregado e applicadoo dominio que para poder dizer depois do mayor acto de humildade: *Si ergo ego dominus et magister*?

Desta maneira respondem (e podem responder) os que seguem que Christo não teve exercicio algum do Imperio e dominio temporal. Porem nós ponderando devagar a Historia Evangelica temos por certo o contrario. Pello que respondemos negando a supposição, e por ultima confirmação da nossa *sententia*[1185] mostraremos por actos proprios de jurdição e dominio como[1186] foy Christo Rey e senhor temporal do mundo, não so em *acto primo* (como dis a frasi dos Theologos) senão em *acto segundo*. E não so quanto à jurdição e dominio senão quanto ao Uso e exercicio della[1187]. Não porque publica e continuadamente o professasse Christo[1188] como fazem os Reis da terra[1189], mas porque exercitou alguns actos particulares de Imperio e dominio que erão proprios so do legitimo Rey e verdadeiro senhor do mundo, como se vê claramente em muitos lugares e exemplos do evangelho. O Primeiro seja mandar Christo tanto que entrou neste mundo chamar os Reis do Oriente pella estrella[1190] para que o viessem reconhecer e adorar por Rey como elles mesmos disserão: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum? Vidimus enim stellam ejus in Oriente et venimus adorare eum. Item* em[1191] receber os tributos que lhe offerecerão os mesmos Reys[1192] em reconhecimento da soberania suprema[1193] de sua Magestade não so emquanto Deos senão emquanto Rey. Nesta conformidade entendem todos os Padres o mysterio das tres especies de ouro incenso e mirrha que os Reis offerecerão: o Incenso como a

[1179] e vingar...mas] Na marg.
[1180] ou desuso] Entrel.
[1181] a prevenção das] Na marg. Em LA e SC «a procuração das».
[1182] so] Entrel.
[1183] mais que...uzallo] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1184] nosso] Omitido em LA e SC.
[1185] sententia] Em LA e SC «opinião».
[1186] Desta maneyra respondem...e dominio como] Na marg. A substituir cerca de três linhas de texto riscado no início do parágrafo.
[1187] della] Entrel.
[1188] professasse Christo] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1189] terra] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1190] pella estrella] Entrel.
[1191] como ellles mesmos...Item em] Na marg.
[1192] os mesmos Reys] Entrel.
[1193] suprema] Entrel.

Deus: a Mirrha como a homem e o ouro como a Rey, e assy o cantou Arato Poeta Christam da Primitiva Igreja naquelle verso que tambem pareceu a S. Jeronymo[1194]

> *Aurum, thus, Myrrham regique, hominique, Deoque,*
> *Dona ferunt*[1195]

E a Igreja no Hymno da Epiphania.

> *Thus myrrham et aurum Regium.*

E muito antes David no Psalmo 71[1196] que começa *Deus Judicium tuum Regi da et iustitiam tuam filio Regis*. Este[1197] psalmo se entende literalmente do Reyno de Christo, conforme a explicação de S. Hieronimo S. Augustinho S. Ambrosio e o comum consenso de todos os Padres e da mesma Igreja; e não so do Reyno de Christo absolutamente senão do Reyno e Imperio temporal como larga e eruditamente prova Alonço de Mendoça, na sua Relação Theologica *De Universali Christi Regno:* E em comprovação deste Reyno de Christo allega David profeticamente no mesmo psalmo[1198] a adoração e tributos dos Reys do Oriente: *Reges Tarsis et insulae munera offerent Reges Arabum et Saba dona adducent: adorabunt eum omnes Reges terrae omnes gentes servient ei*. Finalmente a entrada dos mesmos Reis em Hierusalem perguntando publicamente *Ubi est qui natus est Rex!* que outra cousa foy senão hũ Pregão publico e hũ Real Real por Christo Rey do Mundo com que o mesmo Rey se mandou apregoar na praça mais universal de todo elle que era Hierusalem e no meo do mesmo[1199] mundo que era o lugar onde aquella cidade estava situada. [30r] A mesma publicação fizerão os Anjos nos montes e campos de Judea quando annunciarão aos Pastores *quia natus est vobis hodie salvator qui est Christus domini in civitate David* respondendo toda a Milicia do Ceo *gloria in altissimis deo et in terra pax hominibus*. Nas quaes palavras todas não so[1200] apregoarão o nacimento e chegada ao mundo do novo Rey mas decla-

[1194] Na direcção deste parágrafo, na margem, pode ler-se um acrescento, não anulado, mas sem indicação de lugar de inserção e que não parece fazer sentido nesta parte do texto, o que terá levado LA, e todos os editores posteriores, a não o transcreverem: «Christo teve Uso e exercício (posto que não ordinario e continuo) do Imperio e dominio temporal do mundo que não podera ter».
[1195] Dona ferunt] Omitido em LA e SC.
[1196] 71] Omitido em LA e SC.
[1197] Este] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1198] no mesmo psalmo] Na marg.
[1199] do mesmo] No original «do mesmo do».
[1200] não so] Na marg.

rarão tambem[1201] por todas as circunstancias[1202] de Salvador, de Ungido por Deos, de descendente de David, e da paz que trasia consigo ser elle o[1203] Rey prometido aos Patriarchas e annunciado pellos profetas que avia de salvar e dominar o mundo da qual publicação forão os mesmos Pastores os 3ºs pregoeiros que divulgaram[1204] por toda a parte o que tinhão visto como se colhe claramente do texto de S. Lucas. *Et omnes qui audierunt mirati sunt et de his quæ dicta erant a Pastoribus ad ipsos*[1205]. Que acto pois[1206] mais proprio e[1207] positivo de Rey que mandarse publicar por tal nas cortes e nas aldeas nas cidades e nos campos aos grandes e aos pequenos com quatro pregões tam publicos e tam notaveis de estrellas de Anjos de Reis de pastores[1208]. E receber adoraçoens e tributos dos mesmos Reis, e ultimamente desobrigallos da palavra que tinhão dado a El Rey Herodes[1209] como senhor supremo de todos e mandallos como subditos e novos embaxadores seus assinalandolhes o caminho por onde avião de ir?

Mas passemos do nacimento de Christo aos dias mais chegados à sua morte para que vejamos como entrando e sahindo do mundo se mostrou e publicou Rey e senhor de todo elle.[1210]

[1201] Rey...tambem] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1202] -tan-] Entrel.
[1203] o] Entrel.
[1204] da qual publicação...divulgaram] Na marg.
[1205] por toda a parte...ad ipsos] Na marg. Este segundo acrescento, apesar de se seguir ao primeiro, está separado dele.
[1206] pois] Entrel.
[1207] proprio e] Na marg.
[1208] com quatro pregões...pastores] Na marg.
[1209] Herodes] Entrel.
[1210] LA: «Meia lauda em branco no manuscrito». Além da meia lauda referida por LA, seguem-se mais duas em branco: 30v e 31r.

[31v] Capitulo 7.º

Concluese que o Reyno de Christo he spiritual e temporal juntamente.

Recolhendo tudo o que tam largamente temos disputado (que foy necessario ser tam largamente) e redusindo a concordia (quanto pode ser)[1211] as opinioens de todos os Doutores, posto que alguns pareção entre sy contrarios dizemos[1212] por ultima conclusão que o Imperio de Christo he juntamente spiritual e temporal, e que segundo estas duas jurdiçoens ambas supremas se compoem a coroa de Christo de duas Coroas; hũa coroa[1213] de universal[1214] senhor e legislador *in spiritualibus* segundo a qual propriamente se chama Christo[1215] sacerdote supremo; e outra coroa[1216] de universal senhor e legislador *in temporalibus* segundo a qual se chama propriamente Supremo Rey. Este he o Reyno universal que Daniel vio dar ao Filho do homem (que he Christo). E este, o Reyno que Nabucodonosor tambem tinha visto encher o mundo posto que[1217] não vio nem lhe foi mostrado a quem se avia de dar: E este he o que vio mais distintamente que todos Zacharias na sua terceira visão. Porque Nabucodunosor vio somente o Reyno e sua grandeza: Daniel vio o Reyno e a pessoa que o avia de dominar[1218]: e Zacharias vio o Reyno e a pessoa e o numero e distinção das coroas. Torno a repetir o texto e supponho a historia pois fica contada no 1.º Livro.[1219]

[32r] Para maior intelligencia desta materia avemos de suppor que desdo tempo da Ley da natureza andou sempre o Morgado temporal unido[1220] com o sacerdocio, e hũ e outro vinculado aos Primogenitos. Estas erão aquellas

[1211] (quanto pode ser)] Na marg.
[1212] dizemos] Em LA e SC «diremos».
[1213] coroa] Entrel.
[1214] universal] Entrel.
[1215] Christo] Entrel.
[1216] coroa] Entrel.
[1217] posto que] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1218] dominar] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1219] LA: «Meia lauda em branco no manuscrito».
[1220] unido] Na marg.

bençoens tam celebradas e tam pleiteadas que os Patriarchas davão a seus filhos como foi a que Abrahão deu a seu Primogenito Isaac, e a que Isaac quis tambem dar a seu Primogenito Esau, e por industria de Rabecca foi dada a Jacob. Conforme a este direito de successão avia de dar tambem Jacob a seu Primogenito Rubem a mesma benção[1221] mas em castigo da irreverencia que tinha cometido contra o thalamo de seu pay foy privado della[1222] como lhe disse o mesmo Jacob: *Ruben Primogenitus meus tu fortitudo mea et principium doloris mei prior in donis major in Imperio effusus es sicut aqua non crescas quia ascendisti cubile patris tui et maculasti stratum ejus*.

Desde este tempo se dividirão estas duas dignidades que avião de estar juntas no morgado ou[1223] mayoria de hũ so Imperio (*major in imperio*) e o Reyno e o Sacerdocio que avia de andar[1224] encabeçado no Primogenito Rubem se repartio[1225] em dous filhos do mesmo Jacob que foy[1226] Judas e Levi ficando em Judas a benção do Reyno e em Levi a do Sacerdocio. Como depois se comprio porque na instituição do Tabernaculo que precedeo ao templo[1227] foy ungido por sumo sacerdote Aram que era do Tribu de Levi e na instituição do Reyno depois de o perder Saul foi ungido por Rey[1228] de Israel David que era do Tribu de Juda. Nestas duas descendencias de Aram do tribu de Levi e de David do tribu de Juda se conservou sempre o Reyno e o Sacerdocio, até que a theara e a coroa ou estas duas coroas se unirão outra vez em Christo supremo sacerdote e supremo Rey, e de ambas se compoz o imperio (assy o natural como o figurativo) que Rubem tinha perdido *prior in donis major in imperio*.

Daqui se entende maravilhosamente o mysterio da ascendencia e Primogenitores de Christo os quaes como consta do primeiro capitulo de S. Matheus e do 3 de S. Lucas, forão Reis e sacerdotes unindose por verdadeira geração no sangue santissimo de Christo e sua mãy o Tribu real de Juda e o sacerdotal de Levi[1229] como gravemente notou e expressamente disse S. Agostinho no livro 2 *de Consensu Evangelistarum* capitulo 2. *Cum autem evidenter dicat Apostolus Paulus ex semine David secundum carnem Christum, ipsam quoque Mariam de stirpe David aliquam consanguinitatem duxisse dubitare utique non debemus. Cujus feminæ quoniam nec sacerdotale genus tacetur, insinuante Luca quod cognata ejus esset Elisabeth quam dicit de filiabus Aaron: firmissime*

[1221] a mesma benção] Na marg.
[1222] Na margem, pode ler-se a seguinte nota: «Genes. 49».
[1223] no morgado ou] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1224] de andar] Entrel. A substituir texto riscado na linha.
[1225] se repartio] Na marg.
[1226] foy] Em LA e SC «forão».
[1227] precedeo ao templo] Na marg.
[1228] e na instituição...por Rey] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1229] Neste ponto, há uma marca de transposição e o texto segue um parágrafo abaixo.

tenendum est carnem Christi ex utroque genere propagatam et Regum scilicet[1230] *et sacerdotum in quibus personis apud illum populum Hebræorum etiam mystica Unctio figurabatur*. De maneira que ordenou a Providencia divina que na generação e ascendencia de Christo se tecesse o tribu sacerdotal de Levi com o tribu [32v] Real de Juda, e que a tela de que se avia de vestir o Verbo quando se desposou com a natureza humana fosse lavrada[1231] de coroas e de thearas para que visse o mundo[1232] que ainda a titulo de generação natural[1233] era elle o herdeiro legitimo do Reyno e do Sacerdocio como dereito descendente daquelles sacerdotes e daquelles Reis que so erão feitos por Deos. O qual misterio (para mayor propriedade e Magestade delle) se observou até nos escritores da mesma genealogia de Christo, porque [32r][1234] dos quatro animaes do carro de Ezechiel que significarão[1235] os 4 Evangelistas a S. Matheus que escreveo a geração Real pertence o homem que he o Rey dos Animaes, e a S. Lucas que escreveo a geração sacerdotal pertence o Boy que he o animal do sacrificio, como depois de S. Hieronimo e S. Gregorio Pappa notão comummente todos os Doutores.

[32v] O nome de Christo e de[1236] Messias com que o mesmo Senhor foi chamado e conhecido antes e depois de vir ao mundo forão duas firmas ou assinados publicos de hũ e outro imperio sacerdotal e Real temporal e Espiritual entre sy unidos. Porque Messias que he nome Hebreo e Christus que he nome grego ambos tem a mesma significação como diz S. João no capitulo 1 referindo as palavras de S. André a S. Pedro: *Invenimus Messiam (quod est interpretatum Christus)* e esta foi hũa das erudiçoens em que a Samaritana se mostrou tam letrada *Scio quia Messias venit*[1237] *qui dicitur Christus*. Hũ e outro nome assy o de Christo como o de Messias quer dizer Ungido, e chamase Christo Ungido porque foy Ungido por Rey e por Sacerdote Supremo. Tres officios achamos na escritura sagrada que se davão com a ceremonia da Unção. O de Rey como foy Ungido David o de Sacerdote como foi Ungido Aram, e o de Profeta como foy Ungido Elyseu. E com todas estas Unções foi Ungido Christo. Da Unção de Profeta ja dissemos no capitulo 7 do 1.º Livro. A de Rey e a de Sacerdote Supremo que erão as duas mayores são aquellas por que Christo principalmente se chama Ungido não porque fosse Ungido com aquella ceremonia exterior com que os Reys e Sacerdotes erão Ungidos por mãos dos homens senão pella Unção interior com que o mesmo Deos

[1230] scilicet] Omitido em LA e SC.
[1231] lavrada] Em LA e SC «lavada».
[1232] para que visse o mundo] Na marg. A substituir texto riscado na linha.
[1233] natural] Entrel.
[1234] É marcada aqui a introdução do parágrafo do fólio anterior.
[1235] significarão] Em LA e SC «significavão».
[1236] de] Entrel.
[1237] venit] Entrel.

o Ungio na união da divindade com a humanidade como acima desiamos. E agora poremos aqui as authoridades dos Padres que para este lugar reservamos. S. Agostinho no livro e capitulo pouco antes citado. *Firmissime tenendum est carnem Christi ex utroque genere propagatam et regum scilicet*[1238] *et sacerdotum, in quibus personis apud illum populum Hebræorum etiam Mystica Unctio figurabatur, id est, chrisma unde Christi nomen ellucet tanto ante etiam ista*[1239] *evidentissima significatione prænuntiatum*[1240].

[34r] Resoluese quando começou este Imperio de Christo e propoemse acerca delle hũa grande difficuldade.

Demostrado como ategora[1241] fizemos...[1242]

[1238] scilicet] Omitido em LA e SC.
[1239] ista] Em LA e SC «illa».
[1240] LA: «Segue-se o terço de uma lauda e mais duas em branco»; SC: «Vid. nota da pág. 57. O que este texto acrescenta traduz-se: isto é, crisma, pelo que brilha o nome de Cristo, anunciado tanto antes daquela evidente significação». Em SC, p. 57 é erro, por p. 157 dessa edição.
[1241] ategora] Em SC «agora».
[1242] Além do título e das primeiras palavras do capítulo, toda a página está em branco, bem como as sete seguintes, fechando o apenso. Em LA, pode ler-se: «Termina o ms. Dispersos entre os restantes papeis se encontram fragmentos, muito plausívelmente para entrarem a seu tempo nesta mesma obra, mas que por não terem ligação imediata com êstes capítulos deixam de se transcrever». Cf. o que, a este respeito, é dito na nossa «Introdução».

História do Futuro

António Vieira

Edição normalizada



Assinatura autógrafa de António Vieira em carta enviada a Duarte Ribeiro de Macedo, pouco depois de ter chegado à «nossa Atenas». Coimbra, 13 de fevereiro de 1663. Biblioteca Nacional de Portugal, [Correspondência entre o Padre António Vieira e Duarte Ribeiro de Macedo], 1663-1679, COD. 901, f. 1v [imagem n.º 14 do exemplar digitalizado].

[1] Jesus, Maria, José[1].

Capítulo 1.º

Entrando a tratar do Quinto Império do mundo (grande assunto deste nosso pequeno trabalho), para que procedamos com a distinção e clareza tão necessária em toda a história, e muito mais na deste género, a primeira cousa que se oferece para averiguar e saber é que impérios tenham sido ou hajam de ser os outros quatro, em respeito e suposição dos quais este novo de que falamos se chama Quinto. Porque sem recorrer à memória dos tempos passados e pondo somente os olhos no mundo presente, conhecemos hoje nele muito maior número de impérios. Na Ásia, o vastíssimo império da China, o dos Tártaros, o do Persa, o do Mogor[2]; na África, o da Etiópia; na Europa, o de Alemanha, em que sem a grandeza se conserva o nome, e o de Espanha, em que sem o nome, posto que tão arruinada e combatida, se sustenta a grandeza; e em todas estas três partes do mundo o violento império do Turco, tão estendido, tão unido, tão poderoso e formidável. Havendo pois ainda nesta nossa idade tantos impérios e sendo tantos mais os de nações bárbaras e políticas que em diversos tempos do mundo se têm levantado e caído; com razão se deve duvidar e desejar saber a causa, porque este nosso império que prometemos não excede o número de quinto, e quais sejam em ordem os outros quatro que lhe deram este lugar ou este nome? Ao que respondemos breve e facilmente que este modo de contar não é nosso nem de algum outro historiador ou autor humano, senão fundado e tirado das Escrituras divinas, cuja história profética, sem fazer caso de muitos e grandes impérios que floreceram[3] e haviam de florecer em vários tempos e lugares do mundo, só trata do primeiro que se começou e levantou nele, e dos que em continuada sucessão se lhe foram seguindo até o tempo presente, os quais em espaço *quasi* de quatro mil anos têm sido somente quatro. Esta sucessão e seu princípio foi desta maneira.

---

[1] Fórmula usual de invocação da proteção divina para a obra.

[2] «Mogor, adj. O mesmo que mongol». Morais Silva, António (1949-1959) *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Confluência, 10.ª edição, vol. VI, p. 890. | «Mogol. m.q. Mongol», Houaiss, António (2001) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 1.ª edição, p. 1944.

[3] «Florecer, v. O mesmo que florescer». Morais, vol. V, p. 241.

[3] Capítulo 2.º

Correndo os anos de 1860 da criação do mundo, 3814 antes do presente de 1664 em que isto escrevemos, depois que a confusão das línguas na torre de Babel dividiu seus fabricadores em diversas partes da terra, castigo tão merecido à sua soberba como necessário à propagação do género humano e à mesma grandeza a que aspiravam; Belo, filho do gigante Nemrod[4] (posto que não faltam graves autores que fazem destes dois nomes o mesmo homem), reduzindo a sujeição e obediência política a liberdade natural com que todos até àquele tempo naciam[5], foi o primeiro que ensinou ao mundo e introduziu nele a tirania a que depois, com nome menos odioso, chamaram império. Tantos anos tardou a ambição em romper o respeito àquela lei com que nos fez iguais a todos a natureza. Foi este império de Belo o dos Assírios ou Babilónios: durou, segundo Justino, perto de mil e trezentos anos: teve, entrando neste número Semíramis, 37 imperadores, de que foi o último Sardanapalo. Ao Império dos Assírios sucedeu o dos Persas, pelos anos da criação 3444. Começou em Ciro, acabou em Dario: contou por todos catorze imperadores: não durou, conforme Eusébio, mais que duzentos e trinta anos. O terceiro império, que foi o dos Gregos, ainda durou menos, se o considerarmos como monarquia. Alexandre o começou e acabou em Alexandre, para que conheçam as coroas quanta é a sua mortalidade, pois pode ser mais breve a vida de um império que a de um homem. Começou este império dos Gregos depois, pelos anos do mundo 3672, conservouse unido somente 8 e, antes deles acabados, se dividiu em três reinos, o da Ásia, o da Macedónia, o do Egipto. Este (que foi o que mais permaneceu) continuou com desigual fortuna trezentos anos, até que, governado e não defendido pola[6] celebrada Cleópatra, o ajuntou Marco António à grandeza romana. Havia já neste tempo setecentos anos que Rómulo levantara junto ao Rio Tibre aquelas primeiras choupanas que depois se chamaram Roma,

[4] Nemrod, antrop. No original Nembrot. Trata-se de Nemrod, filho de Cuche, neto de Cam e bisneto de Noé. Cf. Banza, Ana Paula (2008), *Representação perante o tribunal do Santo Ofício,* Lisboa: IN/CM, vol. II, p. 558.

[5] «Nacer, v. O mesmo que nascer». Morais, vol. VII, p. 149.

[6] «Polo/a, aglutinação da preposição por e do artigo ou pronome lo/la». Morais, vol VIII, p. 468.

cujo império começou com este nome em Júlio César, trinta anos antes do nacimento de Cristo. Durou pois o Império Romano, em toda a inteireza de sua monarquia, 400 anos, com sucessão de 35 Imperadores até o grande Constantino, o qual, fundando nova corte em Constantinopla, dividiu o império, para melhor governo, em Império Oriental e Ocidental, e desde este tempo começaram as águias romanas a aparecer coroadas com duas cabeças. Sustentou-se o Império Oriental por espaço de quasi mil anos, em que contou oitenta e quatro imperadores, de que foi o último outro Constantino, de muito diferente fortuna. Porque, sendo sitiado e vencido por Maomete[7] segundo, dentro em Constantinopla perdeu a vida e a cidade, e sepultou consigo todo o império: o do Ocidente, depois daquela divisão, experimentou nela grandes vari[ed]ades, porque, sendo governado alguns anos por imperadores com igual jurdição[8] e majestade, se passou o governo a exarcas, que eram ministros e como lugartenentes dos imperadores orientais, até que em tempo o Papa Lúcio terceiro, eleito Carlos Magno em imperador do Ocidente, [4] ficando Roma como cabeça da Igreja ao Pontífice, passou a corte e assento do império à Alemanha. Sucedeu esta mudança pelos anos de Cristo de 810, nos quais o império, diminuindo sempre em grandeza e majestade, tem contado noventa imperadores até Fernando 3.º, que hoje reina, e com grande valor e zelo da cristandade está resistindose (queira o céu que seja com melhor ventura) a outro Maomete.

Estes são, em breve suma, os quatro impérios que, desde o primeiro que houve no mundo, se foram continuando e sucedendo até o presente, cuja notícia, quando não fora tão necessária para o ponto em que estamos, sempre era muito conveniente dar-se logo neste princípio para melhor entendimento de tudo o que se há-de dizer adiante. Em respeito pois e suposição destes 4 impérios, chamamos Império Quinto ao novo e futuro que mostrará o discurso[9] desta nossa história: o qual se há-de seguir ao Império Romano na mesma forma de sucessão em que o Romano se seguiu ao Grego, o Grego ao Persa e o Persa ao Assírio. E assi[10] como o Império dos Persas se chama o segundo império, porque sucedeu ao dos Assírios, que foi o primeiro do mundo, e o dos Gregos se chama o terceiro, porque sucedeu ao dos Assírios e dos Persas, e o dos Romanos se chama o quarto, porque sucedeu ao dos Assírios, ao dos Persas e ao dos Gregos; assi este novo império, porque há-de suceder ao dos Assírios, Persas, Gregos e Romanos (como logo veremos), se deve chamar, com a mesma razão e propriedade, o Quinto Império do mun-

[7] Maomete, antrop. O mesmo que Maomé.
[8] «Jurdição, s.f. O mesmo que jurisdição». Cf. Academia das Ciências de Lisboa (1940). *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Imprensa Nacional de Lisboa, p. 425. Morais, vol. VI, p. 95 e*t passim*.
[9] «Discurso, s.m. O mesmo que decurso, fluência, curso». Morais, vol. IV, p. 98.
[10] «Assi, adv. (do lat. Ad+sic). O mesmo que assim». Morais, vol. II, p. 134 e*t passim*.

do. E porque todos os outros impérios, passados e presentes, por grandes e poderosos que fossem, ficaram fora da ordem desta sucessão, que começou no primeiro e há-de acabar no quinto (que será também o último), por isso as Escrituras sagradas não fazem menção nem memória alguma deles, como também nós a não fazemos: nem eles, por muitos que hajam sido, ficando fora da mesma ordem, podem acrecentar[11] número ou lugar ao novo império com que mude ou exceda o que lhe damos de quinto.

Tudo o que até aqui fica dito são suposições certas e sem dúvida, tiradas de diferentes lugares do texto sagrado que vão citados à margem, e os não pusemos no corpo da história por[12] não embaraçar o discurso dela. Os autores que dizem o mesmo (posto que em matéria tão averiguada e sem controvérsia não são necessários autores) alegaremos nos capítulos seguintes. O que resta e importa mostrar é que há e haja de haver sem dúvida este novo e prometido império a que chamamos quinto. E assi o faremos agora com toda a demonstração e certeza, porque esta é a base e fundamento de toda a nossa história e assunto particular deste 1.º livro.

[11] «Acrecentar, v. O mesmo que acrescentar». Morais, vol. I, p. 300.

[12] Note-se o uso da preposição «por» com o sentido de «para»: «Entra na composição de adjuntos ou de proposições que exprimem causa, motivo suficiente e determinante, razão [...]», Morais, vol. VIII, p. 506.

[5] Livro 1.º

Capítulo 1.º

Mostra-se a 5.ª Monarquia com a 1.ª Profecia de Daniel

Já dissemos que os futuros livres ou contingentes (qual é o Império que prometemos) só são manifestos a Deus e a quem Deus os quer revelar. E assi, para fundarmos bem a esperança deste grande futuro, devemos recorrer principalmente aos que a fé nos ensina que foram verdadeiros profetas, entre os quais, como também deixamos dito, tem o primeiro lugar Daniel, não só pelo espírito de profecia de que foi tão superiormente ilustrado, mas porque o fez Deus particular profeta dos reinos e das monarquias. Será pois a primeira pedra deste edifício uma grande profecia de Daniel. No ano antes da redenção do mundo 450, Nabucodonosor, um dos últimos reis ou imperadores de Babilónia, que era como fica dito o Império dos Assírios, desvelado uma noite com os pensamentos da sua monarquia, em prémio ou consequência deste cuidado mereceu que Deus lhe revelasse, sendo gentio, o sucesso de muitas cousas futuras, assi como outros príncipes que têm fé desmerecem, por sua negligência e descuido, até o conhecimento natural das presentes. Viu pois Nabuco em sonhos uma visão admirável e portentosa[13] com cuja apreensão e assombro acordou de tal maneira perturbado e confuso que somente se lembrava que acabava de sonhar cousas prodigiosas, grandes e prenhes de mistérios, mas totalmente se esquecia quais foram. Assi lembrado e assi esquecido o Rei, e estimulado igualmente do desejo e do temor que a mesma lembrança e esquecimento lhe causava, mandou logo chamar os maiores sábios dos seus reinos, os Magos, os Aríolos, os Caldeus, que eram os que pela observação das estrelas e outras artes professavam a ciência dos [7] futuros, e depois de trazidos à sua presença, lhes declarou por si mesmo tudo o que lhe tinha sucedido, e mandou-lhes seriamente que não só lhe haviam de dizer logo a significação do sonho, senão também o

[13] Portentoso/a, adj. «Em que há portento; prodigioso; maravilhoso; assombroso», Morais, vol. VIII, p. 543.

que tinha sonhado. Responderam os sábios que se o Rei lhes manifestasse o que sonhara, eles se obrigavam a declarar a significação de tudo, porque isso era a sua profissão e o mais a que se estendia a ciência humana, mas que adivinhar qual houvesse sido o sonho era segredo impossível de alcançar aos homens e reservado somente à sabedoria dos Deuses. Falavam assi porque todos eram gentios. Não se aquietou Nabuco com esta resposta dos sábios, antes os arguiu[14] com ela de falsos, enganadores e indignos de crédito, porque se não podiam saber o sonho que era cousa passada como haviam de conhecer a significação das futuras, e como se lhe havia de dar crédito no segundo e mais dificultoso, se no primeiro e mais fácil eles mesmos confessavam sua ignorância: que se resolvessem a dizer logo uma e outra cousa, senão que eles e suas famílias morreriam todos. E como os tristes sábios respondessem outra vez que não sabiam nem podiam satisfazer ao Rei no que deles queria, irado grandemente, Nabuco mandou que os levassem de sua presença e que neles e em todos os professores[15] das mesmas artes se executasse logo a sentença de morte. Tão violentos são os apetites do poder supremo e tão arriscado não satisfazer aos reis até no impossível. Achava-se neste tempo em Babilónia Daniel, onde fora levado com el-Rei Joaquim, no primeiro cativeiro ou transmigração dos Hebreus: orou a Deus, ele e seus três companheiros (que também entravam no número dos condenados, porque tinham estudado por mandado do mesmo Rei as ciências de Caldeia): foi-lhe revelado pelo céu o sonho e a interpretação dele, e quando já a multidão dos sábios, rodeados de rústicos e tumulto popular, começavam a caminhar para o lugar do suplício, faz parar a execução Daniel: oferece-se a declarar o sonho: pede que o levem a Nabucodonosor, e posto em sua presença e na dos maiores príncipes de Babilónia, que o acompanhavam, depois de confessar a insuficiência sua e de todo o saber humano, e mostrar como só o Deus verdadeiro a quem ele servia e que fora o autor daquele sonho o podia revelar e a significação dele; primeiramente com assombro e pasmo do Rei lhe contou muito miudamente por sua ordem toda a história do que tinha sonhado e depois, com igual admiração e espanto de todos, lhes foi explicando parte por parte os mistérios e segredos futuros que tão prodigiosa visão em si encerrava.

Este é o prólogo da primeira profecia de Daniel, e todo este o aparato de circunstâncias com que o texto sagrado descreve o sucesso dela, as quais porventura puderam parecer menos necessárias ao nosso argumento, mas nós as quisemos resumir brevemente aqui para crédito natural da mesma profe-

[14] Arguir, v. Aqui, no sentido de acusar. Morais, vol. I, p. 1105.

[15] Professor, s.m. Aqui, no sentido de aqueles que professam, praticam, defendem. Em Morais, «aquele que professa publicamente as verdades religiosas; evangelizador», Morais, vol. VIII, p. 737.

cia, pois não só nos obrigam a que a creiamos por fé, os que somos cristãos, mas se podem convencer com elas por discurso até os mesmos gentios. A História do sonho, pelas palavras [8] com que Daniel o referiu, é a seguinte: *Tu rex cogitare cœpisti; in strato tuo quid esset futurum post hæc: et qui revellat mysteria ostendit tibi quæ ventura sunt. Tu rex videbas et ecce quasi statua una grandis: statua illa magna et statura sublimis stabat contra te et intuitus ejus erat terribilis, etc., usque ad implevit universam terram. Hoc est somnium*. Começaste a cuidar, ó Rei, deitado no teu leito, diz Daniel, o que havia de suceder depois do tempo presente, e o Deus que só[16] pode revelar os mistérios e segredos ocultos te mostrou naquela visão tudo o que está para vir nos tempos futuros e o que eu agora te direi, não por arte ou ciência minha, senão por revelação sua. Parecia-te que vias defronte de ti uma estátua grande, de estatura alta e sublime e de aspecto terrível e temeroso. A cabeça desta estátua era de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre até os joelhos de bronze, dos joelhos até os pés de ferro, os pés de ferro e de barro. Estando assi suspenso no que vias, viste mais que se arrancava uma pedra de um monte, cortada dele sem mãos, e que dando nos pés da estátua a derrubava. Então se desfizeram juntamente o barro, o ferro, o bronze, a prata, o ouro, e se converteram em pó e cinza, que foi levada dos ventos, e nem aqueles metais apareceram mais nem o lugar onde tivessem estado. Porém a pedra que tinha derrubado a estátua creceu[17] e, fazendo-se um grande monte, ocupou e encheu toda a terra[18]. Até aqui a relação do sonho, a qual Nabucodonosor ia ouvindo e reconhecendo, lembrando-se outra vez de tudo pela mesma ordem, com aquela espécie de memória a que os filósofos chamam reminiscência.

Seguiu-se à história do sonho a interpretação dele, de que nós diremos agora somente o que pertencer ao ponto em que estamos, reservando o demais (que é muito) para seus lugares. Disse pois Daniel que aquela grande estátua significava a sucessão do império do mundo, e os diferentes metais de que era composta as mudanças que o mesmo império havia de ter em diferentes tempos e para diferentes nações. A cabeça de ouro significava o Império dos Assírios, em que Nabucodonosor naquele tempo reinava, e porque este império, como deixamos notado, foi o primeiro, e o princípio de todos os Impérios, por isso estava representado na cabeça, que é o princípio

[16] «Só» tem, aqui, o significado de: «é o único que», e não o significado mais comum, adverbial, de «apenas, unicamente, somente», registado, por exemplo, em Morais, vol. X, p. 254.
[17] «Crecer, v. O mesmo que crescer». Morais, vol. III, p. 667 *et passim*.
[18] Sérgio e Cidade (SC): «Vid. Daniel, II, 29-35[-36]». Vieira citava a *Vulgata* latina. Na confirmação ou correção da localização de citações bíblicas, seguimos a *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Clementinam,* Nova Editio. Logicis partitionibus alisque subsidiis ornata a R. P. Alberto Colunga, O. P. et Dr. Laurentio Turrado, tertia editio. Biblioteca de Autores Cristianos, MATRITI, MCMLIX. As remissões (*ibid.*) nas notas da edição de Sérgio e Cidade são sistematicamente restituídas. As restituições, tal como as correcções, são feitas entre parênteses rectos.

do corpo, e no ouro, que é o primeiro entre todos os metais. A prata, que é o segundo metal, significava o Império dos Persas, que foi o segundo, depois dos Assírios, e que se seguiu a eles, assi como o peito e braços se seguem à cabeça. O bronze, que é o 3.º metal, significava o Império dos Gregos, que foi o 3.º, depois dos Persas, e se seguiu depois deles, assi como o ventre se segue depois do peito. O ferro, finalmente, que é o quarto metal, significava o Império dos Romanos, que foi e é o quarto Império, que sucedeu aos três primeiros, e assi como as pernas e pés são a última parte do corpo humano, assi este é e há-de ser o último império dos que naquela estátua se representavam.

Tudo o que até aqui fica dito é de fé ou se segue imediatamente dela, porque, ainda que Daniel na explicação do sonho não nomeou as três nações de Persas, Gregos e Romanos, disse porém expressamente que os três metais significavam três Reinos que sucessivamente se haviam de continuar uns depois dos outros, sinalando-os[19] nomeadamente por primeiro, segundo e terceiro reino: *Post te consurget regnum aliud minus te argenteum: et regnum* [9] *tertium aliud æreum, et regnum quartum erit velut ferrum*[20]: e consta pela experiência e pelo testimunho[21] de todas as histórias, não só humanas senão também das sagradas e divinas, que os três reinos e impérios que sucessivamente se seguiram ao dos Assírios foram o dos Persas, o dos Gregos e o dos Romanos: ou, para o dizer com mais propriedade e certeza, consta que o mesmo império que primeiro foi dos Assírios, vencidos estes por Ciro, passou aos Persas, e o mesmo Império dos Persas, vencidos estes por Alexandre, passou aos Gregos, e o mesmo Império dos Gregos, vencidos estes por vários capitães de Roma, passou e se incorporou no Império Romano. E este é o verdadeiro, certo e indubitável sentido da interpretação de Daniel, recebido, aprovado e seguido por todos os Padres e expositores deste lugar, em que não há discrepância nem dúvida alguma.

A razão ou mistério porque o Império Romano se representou no ferro, diz particularmente Daniel que foi porque assi como o ferro lima, bate, corta e doma todos os metais, sem haver algum que lhe possa resistir, assi o Império Romano e o poder invencível de suas armas havia de abater, desfazer, sujeitar e dominar todos os outros Impérios. *Regnum quartum erit velut ferrum quomodo ferrum comminuit et domat omnia sic comminuet et conteret omnia hæc*[22]. E quadra maravilhosamente ao Império Romano a figura das duas pernas e pés da estátua em que foi representado: não só porque assi

[19] «Sinalar, v. O mesmo que assinalar, designar, determinar». Morais, vol. X, p. 208 e*t passim*.
[20] SC: «Trad.: E depois de ti se levantará outro reino menor que o teu, que será de prata; e outro terceiro reino que será de cobre [...] e o quarto reino será de ferro». Daniel, II, 39-40.
[21] «Testimunho. S.m. O mesmo que testemunho». Morais, vol. X, p. 836 e*t passim*.
[22] SC: «Trad.: E o quarto reino será como o ferro; assim como o ferro quebra e doma todas as coisas, assim ele quebrará e fará todos estes em migalhas. [Daniel, II, 40]».

como os pés da estátua sustentavam e tinham sobre si o peso e grandeza de toda ela, assi o Império Romano teve sobre si e em si ao peso e grandeza de todos os outros impérios que nele se uniram e ajuntaram; mas porque o mesmo peso e grandeza, como acima vimos, foi causa de que o Império Romano se dividisse em dois impérios ou duas partes iguais do mesmo, com a qual divisão, pondo um pé no oriente, outro no ocidente, um em Roma, outro em Constantinopla, ficaram verdadeiramente sendo estas duas partes do Império Romano como duas colunas naturais de ferro sobre as quais toda a *machina* daquele portentoso colosso se sustentava. Mas não parava aqui a propriedade da semelhança. Assi como na divisão de uma e outra perna da estátua se representava a divisão do Império Romano nos dois Impérios: assi os dez dedos, uns maiores, outros menores, em que os pés da mesma estátua se dividiam, significavam dez reinos em que a grandeza do mesmo Império Romano na sua última declinação se havia de dividir. Para cuja inteligência[23] se deve notar que tudo o [que] hoje possuem os príncipes cristãos na Europa, e tudo o que na Europa, na África e na Ásia possui o Turco, são umas divisões ou retalhos [11] do Império Romano, e as partes ou membros de que aquele vastíssimo corpo na sua maior grandeza e potência se compunha, as quais lhe foram tirando as mesmas nações que ele tinha sujeitado, restituindo-se outra vez a sua primeira liberdade e soberania, como hoje estão, sem reconhecerem sujeição nem obediência alguma ao Império Romano. *Ad extremum* (diz Perério) *ex uno duplex factum est Imperium Romanum alterum latinorum seu Occidentis alterum vero Constantinopolitanum græcorum seu Orientis. Adijce quod omnia regna quæ nec sunt apud Christianos et sub Imperio Turcorum partes sunt Imperii Romani tanquam rami ex una illa Imperii arbore decisi*[24]. E é tão verdadeira e tão antiga esta interpretação dos dez dedos da estátua que já antes dos tempos de S. Jerónimo, em que o Império Romano estava íntegro e potentíssimo sem ter perdido cousa alguma de sua grandeza, era opinião comua[25] (como diz o mesmo Santo) de todos os escritores eclesiásticos que o Império se havia de dividir em dez Reinos. Assi se dizia e escrevia então, e assi o estamos vendo hoje, comprovando-se a verdade desta interpretação com a experiência, e confirmando-se ser este o verdadeiro sentido da profecia com o cumprimento dela, porque se

[23] Inteligência, s.f. Aqui, no sentido de «compreensão, entendimento, interpretação, conhecimento profundo». Morais, vol V, p. 999.

[24] SC: «Trad.: Por fim, o Império Romano de um transformou-se em dois: um, dos Latinos ou do Ocidente, e outro, constantinopolitano, dos Gregos ou do Oriente. Acrescentai que todos os reinos existentes entre os Cristãos ou sob o império do Turco, são partes do Império Romano, como ramos cortados daquela só árvore do Império Romano. B. Perério Valentino, *Comment. in Dan. Prophetam*, Lib. II, Cap. II, 61».

[25] Comua (também comũa) adj. f. «de comum». Morais, vol. III, p. 333 e*t passim*.

bem contarmos os Reinos em que hoje está dividido ou espedaçado[26] o que antigamente foi e se chamava Império Romano, acharemos pontualmente que são dez Reinos. Portugal, Castela, França, Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Moscóvia, Polónia e Estado ou Império do Turco, e o mesmo Império Romano que compreende Alemanha e Itália. E se uns Reinos destes são maiores, outros menores, uns mais fortes, outros menos, essa mesma é a propriedade dos dedos, como nota neste lugar o mesmo Autor alegado, e depois dele outros muitos. Por *decem digitos partim ferreos et partim terreos* significam *Romanum Imperium novissime divisum iri in multa regna multosque reges quorum alii maiores et potentiores alii minores et imbecilliores futuri sint*[27]. Ao diante dividiremos estes mesmos dedos da estátua em outras partes que temos por mais proporcionadas, por agora baste esta divisão, que nós pusemos em primeiro lugar por ser mais fácil, e porque com a notícia vulgar que se tem do mundo pode ser entendida e percebida de todos. E posto que Daniel nesta Profecia não declara com tanta miudeza que a divisão do Império Romano há-de ser pontualmente em dez partes ou dez Reinos: em outra Profecia, como depois veremos, especifica este número, e nesta diz clara e expressamente que os dedos dos pés da estátua significam a divisão do Império: *Porro quia vidisti pedum et digitorum partem testæ figuli et partem ferream regnum divisum erit*[28].

[12] Passa finalmente o mesmo Profeta a declarar o mistério ou significação do barro, de que os dedos eram compostos em uma parte juntamente com outra de ferro, e diz assi: *quod vidisti ferrum mistum testæ ex luto, et digitos pedum ex parte ferreos et ex parte fictiles ex parte regnum erit solidum et ex parte contritum. Quod autem vidisti ferrum mistum testæ ex luto, commiscebuntur quidem humano semine, sed non adhærebunt sibi sicuti ferrum non potest misceri testæ*[29]. Nas quais palavras diz Daniel que o barro dos pés da estátua significava a debilidade e fraqueza a que o Império Romano depois de tanta potência havia de descair, principalmente na sua última idade e declinação, que é o estado em que hoje o vemos. Adverte porém o profeta que não eram os dedos totalmente de barro, senão compostos de parte de barro e parte de ferro, porque nesse mesmo estado de sua declinação, debilidade e fraqueza, conservaria o Império algumas partes sólidas em que permanecesse a dureza e

[26] «Espedaçado/a. adj. O mesmo que despedaçado». Houaiss, p. 1227.
[27] SC: «Trad.: Dez dedos, parte de ferro, parte de terra... que o Império Romano por último se dividiria em muitos reinos e muitos reis, dos quais seriam uns maiores e mais poderosos, outros menores e mais fracos. Perério Valentino [Comment. In Dan. Prophetam, Lib. II, Cap. II, 61]».
[28] SC «Trad.: E quanto ao que viste dos pés e dos dedos serem uma parte de barro de oleiro e outra de ferro, será esse reino dividido... Daniel, [II], 41».
[29] SC: «Trad.: ...segundo tu viste, o ferro estava misturado com a terra e o barro. E os dedos dos pés em parte de ferro, em parte de barro, significam que esse reino será em parte firme e em parte frágil. E como viste o ferro misturado à terra e ao barro, assim se hão-de misturar pelo sangue, mas sem se unir entre si, tal como o ferro não pode misturar-se com o barro. [Daniel, II], 41-43».

fortaleza do antigo ferro de que todo antes era formado, que é ao pé da letra o que se tem visto e experimentado no Império Romano desde o[30] tempo de sua maior declinação a esta parte, em tantas ocasiões de guerras e batalhas contra Turcos, contra Hereges e contra alguns príncipes cristãos, nas quais em defensa[31] própria e da igreja têm pelejado os exércitos imperiais com grande valor, disciplina e constância, e alcançado de seus inimigos gloriosas vitórias. E a mesma oposição tão bizarra com que as armas do império nas fronteiras de Alemanha e Hungria, e o mesmo imperador em pessoa, estão hoje resistindo às invasões do turco e poder otomano, que outra cousa são ainda, senão partes e partes muito sólidas daquele mesmo ferro?

Mas vindo às partes de barro; estas são (diz Daniel) aquelas províncias e nações que sendo partes do antigo Império Romano se desuniram e tiraram de sua sujeição e formaram novos Reinos, os quais ainda que em si mesmos sejam muito poderosos e fortes e verdadeiramente se possam chamar partes de ferro, em respeito porém do império de que se apartaram[32], e que tanto desuniram e enfraqueceram com sua separação, não são nem se podem chamar senão partes de barro. E tal é hoje o reino de França, o de Inglaterra e de Suécia, e o mesmo de Castela ou Espanha, em respeito do Império Romano. E porque não cuidasse alguém que a união que se perdeu pela separação das coroas se recuperou e supriu pela conjunção do sangue, casando os imperadores nas casas reais dos outros príncipes, e os reis nas dos imperadores, e sendo estes muitas vezes eleitos das mesmas famílias que do império [13] se apartaram; acode Daniel a esta objecção dizendo: *commiscebuntur quidem humano semine*. Misturar-se-ão e ligarseão no sangue; sed non adhærebunt sibi; mas nem por isso se unirão nem ligarão entre si: *sicuti ferrum non potest misceri testæ*: bem assi como o ferro se não pode unir nem ligar com o barro. A tanta miudeza como isto deceu[33] o Profeta, acrecentando em todas estas circunstâncias novas e admiráveis confirmações à verdade de sua profecia. Quantas vezes se intentou na Europa que entre os imperadores e reis da cristandade se estabelecesse uma liga firme, interpondo-se para isso a autoridade dos Sumos Pontífices: e quantas vezes se liaram[34] os mesmos príncipes entre si por meio de recíprocos casamentos sem jamais se conseguir a

[30] A forma antiga, «desdo», usada por Vieira no original, encontra-se também em Jerónimo Cardoso, no *Dictionarium Latino Lusitanicum* (1560-70), em Bento Pereira, na *Prosodia* (1697) e em Bluteau, no *Vocabulario* (1712-1728), equivalendo à contracção da preposição «desde» com o artigo definido: «desdo» e «desda».

[31] «Defensa, s.f. O mesmo que defesa, ação de defender-se, resistir, combater». Houaiss, p. 925.

[32] Apartar, v. Este verbo é usado por Vieira em contextos diferentes daqueles em que usa «separar». Apartar é usado apenas no sentido de afastar fisicamente, apesar de a acepção de separar se encontrar dicionarizada e ser comum: «Pôr de parte ou à parte, separar», Morais, vol. I, p. 978.

[33] «Decer, v. O mesmo que descer». Morais, vol. III, p. 838.

[34] «Liar, v. O mesmo que ligar, unir». Morais, vol. VI, p. 225.

união desejada! Que imperador ou que rei houve na cristandade há muitos anos que se gota por gota lhe distinguirem o sangue não tenha cada um dos outros príncipes *quasi* iguais partes nele? E que guerras vimos ou sabemos entre estas coroas em que o sangue que de uma e outra parte se defende, e ainda o que se derrama, não seja o mesmo? Tão misturado anda o sangue nestas últimas relíquias do Império Romano, mas tão desunido sempre e por isso o mesmo império tão enfraquecido. Naceu juntamente com Roma esta fatal desunião contra o respeito do sangue em Rómulo e Remo: viu-se no casamento de Pompeu com Júlia, filha de Júlio César, e no de Marco António com Octávia, filha de Octávio, quão facilmente se desatam, antes se armam contra si, as mesmas mãos que pelo matrimónio se uniram: mas não são estes exemplos tão antigos os de que fala a profecia de Daniel, porque não são os dos pés da estátua ou os dos dedos dos pés. Significam os dedos dos pés da estátua as últimas extremidades do Império Romano e sua duração, e se eu me não engano, no mesmo dia em que isto estou escrevendo se está cumprindo esta profecia. Que casa real há no mundo mais ligada com a do império, que ramo há que seja mais próprio daquele tronco e que sangue mais repetidamente unido por multiplicados casamentos que o de Áustria e Castela? E que pessoa real há também em que mais apertadamente estejam atados todos estes vínculos e mais dobrados todos estes respeitos que na d'el-Rei Felipe Quarto, primo do imperador, cunhado do imperador, genro do imperador? Considere agora o mundo o estado em que o mesmo imperador se achou no ano passado e em que se acha no presente, com os poderosos exércitos do Turco metidos dentro na Áustria e *quasi* batendo às portas de Praga, corte do Império, os campos talados[35], as cidades destruídas, os homens barbaramente mortos a sangue frio, as mulheres e meninos cativos e transmigrados para a Turquia, os templos e pessoas dedicadas ao templo em abomináveis sacrilégios profanados e depois de profanados abrasados e feitos em cinzas; e neste mesmo tempo em que o ferro de Espanha se havia [14] de unir todo ao ferro do império, vemo-lo todo infelizmente convertido contra Portugal, mas por isso mesmo infelizmente se este ferro se unira ao império contra o Turco fora ferro, mas porque se desune dele em tal ocasião e se converte contra Portugal é barro. Barro e barro bem quebradiço foi o ano passado, e por mais que agora se mostre ou ameace ferro, barro há-de ser também no presente. Quanto melhor e mais católica acção fora, e quanto de maior exemplo para todos os príncipes católicos e de menor escândalo para os hereges e para os mesmos Turcos, se o sangue espanhol e tão valeroso[36]

[35] Talado/a, adj. Aqui, no sentido de «arruinado, danificado, devastado, saqueado». Morais, vol. X, p. 604.

[36] «Valeroso/a, adj. O mesmo que valoroso, que tem valor». Houaiss, p. 2825.

que de uma e outra parte se esperdiça[37], com lástima e lágrimas da Igreja, nos campos de Portugal e Castela, se empregara com glória imortal de ambas as coroas em defensa da fé, da cristandade, da religião e da mesma cabeça dela, a quem tão de perto ameaça este golpe. Mas quando todo o poder de Espanha se havia de achar unido contra o Turco em socorro de Alemanha e Itália, despovoam-se os presídios[38] de Itália, levantam-se os de Alemanha e chamam-se todos a Castela contra Portugal, para que triunfem nas bandeiras otomanas as luas de Mafoma, e se conquistem e sejam vencidas nas portuguesas as chagas de Cristo. Este é o barro dos pés da estátua, esta é a fraqueza das extremidades do Império Romano, esta é a queixa que Daniel explica e pondera na mesma fraqueza, mostrando como a principal causa de toda ela é a desunião daquelas partes que, por serem mais conjuntas em sangue e parentesco, tinham obrigação de ser mais unidas: *commiscebuntur quidem humano semine;* isto é, casará o Imperador Fernando com Maria, irmã d'el-Rei Filipe 4.º, e casará Filipe 4.º com Leonor, filha de Fernando; mas nas últimas extremidades do Império Romano e nos seus maiores apertos e trabalhos não se acharão parentes nem aderentes: *sed non adhærebunt sibi*.

Temos visto até aqui, desde a cabeça até os pés da estátua, o primeiro, segundo, terceiro e quarto império; segue-se agora ver o quinto na mesma história do sonho de Nabuco, e na mesma interpretação de Daniel, o qual depois das palavras ultimamente referidas continuou e concluiu assi desta maneira: *In diebus autem regnorum illorum etc...quæ ventura sunt postea*[39]. Quer dizer: aquela pedra, ó Rei, que viste arrancar e decer do monte, que derrubou a estátua e desfez em pó e cinza todo o preço e dureza de seus metais; significa um novo e Quinto Império que o Deus do céu há-de levantar no mundo nos últimos dias dos outros quatro. Este império os há-de desfazer, consumir e aniilar[40] a todos, e ele só há-de durar e permanecer para sempre, sem haver de vir jamais por acontecimento algum a domínio ou poder estranho nem haver de ser conquistado, dissipado ou destruído, como sucedeu ou há-de suceder aos demais. Estas são as cousas futuras que Deus te quis mostrar, ó Rei, e este é o sonho que viste e esta a verdade de sua interpretação: *et verum est somnium et fidelis interpretatio ejus*[41].

Depois de contar Daniel toda esta prodigiosa história, acrecenta *imediate*[42] o que Nabucodonosor lhe fez e o que lhe disse. O que lhe disse foi: *Vere Deus*

[37] «Esperdiçar, v. O mesmo que desperdiçar». Houaiss, p. 1228.
[38] Vieira alterna no registo da forma entre «presido» e «presidio». «Presidio, s.m. A força militar; a gente que guarnece uma praça de guerra ou um forte; guarnição», Morais, vol. VIII, p. 663.
[39] SC: «Trad.: Porém, nos dias daqueles reinos que depois hão-de vir. [Daniel, II], 44[-45]».
[40] Anihilar, no original. «Aniilar, v. O mesmo que aniquilar, destruir totalmente, anular». Houaiss, p. 221.
[41] SC: «Trad.: É verdadeiro o sonho e fiel a sua interpretação. Daniel, II, 45».
[42] «Imediate» (lat.): imediatamente.

vester Deus deorum est : et Do[15]*minus regum et revelans mysteria quoniam tupotuisti aperire hoc sacramentum*[43]. Verdadeiramente o Deus que adoras, ó Daniel, é o Deus dos deuses e o Senhor dos reis e o que só[44] conhece e revela os mistérios escondidos aos homens, pois tu, alumiado por ele, pudeste declarar este grande segredo e sacramento. O que fez Nabuco no mesmo tempo, e ainda antes de dizer estas palavras, refere o mesmo texto em as seguintes: *Tunc rex Nabuchodonosor cecidit in faciem suam et Danielem adoravit et hostias et incensum præcepit ut sacrificarent ei*[45]. Tanto que o rei acabou de ouvir a Daniel, prostrou-se diante dele e adorou-o com o rosto em terra e mandou que lhe oferecessem incenso e sacrifícios: Se isto fez Nabucodonosor a Daniel quando lhe disse que seu império se havia de acabar e passar outros quatro, que faria se lhe dissesse ser ele o senhor do quinto? Naquele tempo pagava-se a interpretação de uma profecia infelice[46] com adorações e sacrifícios, hoje pagam-se as interpretações das felicíssimas com opróbrios e calúnias. Mas este ponto ficará para seu tempo e para seu lugar. O que deste somente quero recolher e deixar assentado é que depois dos três impérios dos Assírios, Persas e Gregos, que já passaram, e depois do quarto, que ainda hoje dura, que é o Romano, há-de haver um novo e melhor império que há-[de] ser o Quinto e último. Esta proposição é de fé porque assi a lemos nas Escrituras, é de experiência porque assi o mostrou o sucesso dos tempos, e é de razão porque assi se infere por bom discurso.

[43] SC: «[Daniel, II],47».
[44] «Só», aqui, no sentido de «o único que». V. Nota de rodapé 16.
[45] SC: «[Daniel], II, 48[46]».
[46] «Infelice, adj. O mesmo que infeliz». Houaiss, p. 1612.

[20r] Capítulo 2.º

Segunda profecia de Daniel

Não é cousa nova em Deus, quando revela cousas grandes, significar por repetidas visões o mesmo mistério; e duplicar por diferentes figuras a mesma revelação. Assi mostrou antigamente a José suas felicidades, primeiro no sonho das paveias[47] dos onze irmãos, que adoravam a sua, e depois no do sol, lua e estrelas, que lhe faziam a mesma adoração. Assi mostrou a el-Rei Faraó os sete anos da fartura e os outros sete da fome, primeiro no sonho das sete vacas robustas e sete fracas, e depois no das sete espigas gradas e sete falidas[48]. E assi nos tempos em que agora imos[49], depois de revelar Deus a Daniel o secreto[50] do Quinto Império no sonho de Nabucodonosor e na visão daquela estátua, em outro sonho e em outras figuras lhe fez segunda vez a mesma representação, nada menos misteriosa e cheia de circunstâncias que a primeira, antes mais portentosa em tudo e mais notável. Passados 47 anos depois do sonho ou visão de Nabucodonosor, que vem a ser no ano 54 do último cativeiro dos Hebreus em Babilónia, reinando já nela Baltazar, que sucedeu a Nabuco no Império dos Assírios ou Caldeus; viu o Profeta Daniel em uma visão de noite (ou fosse dormindo e em sonhos, como tem a opinião mais comum dos doutores, ou fosse, como outros suspeitam, acordado e velando), viu, digo, que os quatro ventos principais se davam batalha no meio do mar e levantavam uma horrível e furiosa tempestade; mas o mar assi perturbado e temeroso não era mais que o teatro em que haviam de sair a representar quatro figuras horrendas, a que o profeta chama Bestas grandes. *Ecce quatuor venti cæli pugnabant in mari magno, et quattuor bestiae grandes ascendebant de mari diversæ inter se*[51]. Saiu a primeira besta, semelhante a

[47] No original, Pavea. «Paveia, s.f. Espiga de qualquer cereal». Morais, vol. VII, p. 943

[48] Falido/a, adj. De falir, v. Aqui, no sentido de «escassear, minguar». Morais, vol. V, p. 40.

[49] «Imos» é forma antiga da primeira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ir *et passim*.

[50] «Secreto, s.m. O mesmo que segredo». Morais, vol. IX, p. 967.

[51] SC: «Trad.: ...e eis que os quatro ventos se davam batalha no vasto mar e quatro grandes alimárias subiam das águas, diversos entre si. Daniel, VII, 203 [2-3]».

uma leoa com asas de águia, pôs o profeta nela os olhos, [e] não levou assi muito tempo até que lhe foram tiradas ou arrancadas as asas. E logo levantou as mãos da terra e se pôs em pé e ficou em figura de homem. Vejam lá os leões se lhes tira Deus as asas para [que] sejam homens. *Prima (bestia) quasi leaena [et]alas habens aquilae: aspiciebat donec evulsæ sunt alæ ejus, et sublata est de terra, et super pedes quasi homo stetit, et cor hominis datum est ei*[52]. Saiu logo a segunda besta, semelhante a um urso, firmou-se sobre os pés e parou. Tinha três ordens de dentes, entre os quais trazia três bocados e diziam-lhe que comesse e se fartasse de carne. *Et ecce bestia alia similis urso in parte stetit: et tres ordines erant in ore ejus et in dentibus ejus* (acrecenta o caldeu três bolos) *et sic dicebant ei Surge et comede carnes plurimas*[53]. Depois desta saiu a terceira besta, semelhante a leopardo, e tinha quatro asas como ave e quatro cabeças. E foi-lhe dado grande poder. *Post hæc aspiciebam et ecce alia bestia quasi Pardus et alas habebat quasi avis quatuor super se: et quatuor capita erant in bestia et potestas data est ei*[54]. Durava ainda a noite, diz o profeta, e por fim de todas entrou a 4.ª besta, horrível, espantosa e muito forte. Tinha os dentes de ferro grandes, com que comia e espedaçava tudo, e o que lhe caía da boca ou não queria comer pisava com os pés. Era mui diferente de todas as outras bestas e tinha na testa dez pontas. *Post hæc aspiciebam in visione noctis et ecce bestia quarta terribilis atque mirabilis et fortis nimis dentes ferreos habebat magnos comedens atque comminuens et reliqua pedibus suis conculcans: dissimilis autem erat ceteris bestiis quas videram ante eam et habebat cornua decem*[55]. Enquanto tudo isto notava, Daniel via que de entre as dez pontas da quarta besta saía uma ponta menor que todas, a qual obrou grandes estragos e outras cousas prodigiosas [16] cuja narração e mistérios pertencem ao livro quinto desta nossa história, para onde o reservamos, como também outras circunstâncias desta mesma visão, que expenderemos em seus lugares. E continuando o que pertence a este: levantou Daniel os olhos ao céu e viu que se armava um tribunal de juízo, cheio com grande aparato de horror, grandeza e majestade. Trouxeram-se cadeiras e assentou-se em um alto trono um velho de venerável ancianidade, a quem o profeta chama o Antigo dos Dias, cujo cabelo era todo branco e brancas as roupas de que estava vestido; aquele como arminhos, estas como neve. A matéria do trono era fogo, umas rodas sobre que o trono estava levantado, também fogo, e de fogo também um rio arrebatado que da boca ou do rosto lhe saía. Os ministros que assistiam[56] de uma e outra parte eram milhares de milhares; assentaram-se os conselheiros ou juízes

[52] SC: «[Daniel, VII], 4».
[53] SC:« [Daniel, VII], 5».
[54] SC:« [Daniel, VII], 6».
[55] SC:« [Daniel, VII], 7».
[56] Assistir, v. Aqui, no sentido de «ajudar, patrocinar». Morais, vol. II, p. 143.

assessores; vieram os livros e abriram-se. Este é o aparato daquele tribunal e juízo, descrito ou construído ao pé da letra, como fazemos para maior crédito da verdade em tudo o mais que imos referindo. E por isso repetimos sempre as palavras do texto: *Aspiciebam donec throni positi sunt et Antiquus dierum sedit vestimentum ejus candidum quasi nix et capilli capitis ejus quasi lana munda: thronus ejus flammæ ignis rotæ ejus ignis: accensus fluvius igneus rapidusque egrediebatur a facie ejus: millia millium ministrabant ei et decies millies centena millia assistebant ei judicium sedit et libri aperti sunt*[57]. A primeira sentença ou execução que saiu deste juízo foi que à primeira, segunda e terceira besta se tirasse com o trono todo o poder, limitandose a cada uma o tempo determinado de sua duração, o qual acabado, acabaram. Também acabou a quarta besta, porque viu o Profeta que fora morta violentamente e que todo aquele seu grande corpo perecera e que fora entregue ao fogo para ser queimada, não ficando de tanta grandeza e bravosidade mais que cinzas. *Et vidi quoniam interfecta esset bestia, et perisset corpus ejus et traditum esset ad comburendum igni: aliarum quoque bestiarum ablata esset potestas et tempora vitæ constituta essent eis usque ad tempus et tempus*[58].

[20v] Torna a dizer o profeta que ainda durava a noite e viu vir, rodeado de nuvens do céu, um como Filho do Homem, o qual chegou ao trono do Antigo de Dias e o ofereceram em sua presença. E ele lhe deu o poder, a honra e o Reino de todo o mundo, para que todos os povos e todos os *tribus*[59] e todas as línguas o obedeçam e sirvam. Este seu poder será eterno e eterno também o Reino, porque nunca jamais lhe será tirado. *Aspiciebam ergo in visione noctis: et ecce cum nubibus cæli quasi filius hominis veniebat et usque ad Antiquum dierum pervenit et in conspectu ejus obtulerunt eum et dedit ei potestatem et honorem et regnum et omnes populi et tribus et linguæ ipsi servient. Potestas ejus potestas æterna quæ non auferetur et regnum ejus quod non corrumpetur*[60]. Esta é pontualmente a relação de todo o sonho ou história enigmática representada nele. Com a qual (diz Daniel) ficou o meu espírito assombrado e cheio de horror, e volvendo eu no pensamento que significariam aquelas cousas, cheguei-me a um dos ministros que ali assistiam, pedindolhe me quisesse declarar o verdadeiro sentido delas. E ele o fez assi e me ensinou a interpretação e mistérios de tudo o que tinha visto. Até aqui

[57] SC: «[Daniel, VII], 9-10».

[58] SC: «A tradução, antes paráfrase, de Vieira vai até para ser queimado (= ad comburendum igni). Para o que se segue a tradução é: também das outras alimárias foi o poder tirado e a duração da vida lhes tinha sido assinalada até um tempo e um tempo. [Daniel, VII], [11-]12».

[59] Manteve-se a forma desusada *tribu*, do género masculino, para se distinguir da actual forma «tribo», do género feminino. No dicionário de Morais, a forma feminina «tribo» é referida como um «barbarismo inominável», Morais, vol. VIII, p. 224.

[60] SC: «Falta na tradução de Vieira a última cláusula: et regnum ejus non corrumpetur, a que corresponde o português: e o reino deste não será corrompido. [Daniel], VII, 14».

o mesmo profeta, o qual porém referindo a dita interpretação passou em silêncio algumas circunstâncias dela, sem dúvida para não exceder a brevidade que no princípio deste capítulo tinha prometido; *Daniel somnium vidit et somnium scribens brevi sermone comprehendit summatimque perstringens ait*. E a razão de passar por aquelas circunstâncias brevemente, ou foi porque as supôs bastantemente declaradas na visão do segundo capítulo ou sonho de Nabucodonosor, que acabamos de explicar, ou certamente porque as julgou de menos importância ao seu intento principal, que é a demostração do Quinto Império, exprimindo com grande particularidade e miudeza tudo o que pertence a ele, como agora veremos.

Primeiramente (diz Daniel, ou disse a Daniel o seu intérprete) que aquelas quatro bestas grandes significavam quatro reinos ou quatro impérios que sucessivamente se haviam de levantar no mundo, depois dos quais se havia de seguir outro quinto reino ou império, que o mesmo intérprete chama reino dos Santos do Altíssimo, o qual não há-de ter mudança nem variedade, nem outro reino algum ou império que lhe suceda, porque há-de durar para sempre. *Hæ quatuor bestiæ magnæ quatuor sunt regna quæ consurgent de terra: suscipient autem regnum sancti Dei altissimi et obtinebunt regnum usque in sæculum et sæculum sæculorum*. Esta é a interpretação em comum que deu o intérprete do céu a toda a visão. A qual nós explicaremos mais particularmente, declarando todas as figuras dela pela mesma ordem com que foram saindo, advertindo o que o profeta e seu intérprete exprimiram, e suprindo com a exposição dos doutores o que eles calaram, coligido porém tudo imediatamente do mesmo que disseram. Não declara Daniel que ventos fossem aqueles nem que tempestades as que [se] levantaram no mar antes de sair nele as quatro bestas, mas todos os expositores concordam em que o mar significava o mundo, e os ventos e tempestades que o alteraram, as alterações, movimentos, guerras e perturbações que se costumam experimentar no mesmo mundo quando nele se levantam novos impérios.

[17] Mas antes que passemos adiante, satisfaçamos a um argumento que nos fica no texto de Daniel, por que[61] não deixemos o inimigo nas costas. Diz o texto que levantará Deus esta nova monarquia *in diebus Regnorum illorum*[62], nos dias daqueles impérios. Logo esta monarquia não é futura senão passada, porque dos quatro impérios já passaram totalmente os três, que são o dos Assírios, o dos Persas e o dos Gregos, e o quarto, que é o Romano, também está na última declinação. Respondo que o profeta, na sua interpretação, se acomodou com grande propriedade à figura do enigma que declarava. Porque Deus, no sonho de Nabucodonosor, representou todos os quatro impérios, não como quatro corpos ou quatro indivíduos, senão como um só corpo

[61] No original, «porque». Leia-se: «para que».
[62] SC: «Trad.: nos dias daqueles reinos. [Daniel, II], 44».

ou um só indivíduo. Por isso viu o Rei não quatro estátuas, senão uma só estátua. E assi como dos quatro corpos dos quatro impérios se formava um só corpo, assi das quatro durações dos quatro impérios se há-de compor uma só duração: donde se segue que com toda a verdade se pode afirmar que sucederá nos dias daqueles Reinos o que suceder nos dias de qualquer deles. Exemplo. A vida de um homem compõe-se de muitas idades, e o que acontece em qualquer destas idades se diz, com toda a propriedade e verdade, que aconteceu nos dias daquele homem. Da mesma maneira, a duração da estátua dos 4 impérios era composta de diferentes idades. A sua primeira idade, que é o tempo dos Assírios, foi idade de ouro, a segunda, que é o tempo dos Persas, foi idade de prata, a terceira, que é o tempo dos Gregos, foi idade de bronze, a 4.ª, que é o primeiro tempo dos Romanos, foi idade de ferro, a quinta, que é este último tempo dos mesmos Romanos, é idade de ferro e barro. E basta que nesta última idade, como decrépita daquela estátua ou daqueles reinos, se haja de levantar o Quinto Império, para que com toda a verdade e com toda a propriedade se verifique havê-lo Deus de levantar nos dias daqueles Reinos: *In diebus Regnorum illorum*. Assi que o Império que promete Daniel não é império já passado, senão que ainda está por vir.

[22] Capítulo 3.º.

Prova-se o mesmo Império com outra profecia de Zacarias

Assi como Deus dobrou as visões, assi dobrou também as testimunhas[63]: e a mesma sucessão de impérios, que revelou a Daniel em umas figuras, a mostra agora ao profeta Zacarias em outras. A primeira profecia de Daniel foi em tempo de Nabucodonosor, a segunda em tempo de Baltazar, que sucedeu a Nabuco. Esta terceira de Zacarias, em tempo de Hidaspes, que sucedeu a Baltazar. De modo que assi como iam sucedendo os reis, iam sucedendo as profecias, e Deus multiplicando as revelações, mas sempre mostrando pela mesma forma, primeiro, os quatros impérios e, depois, o quinto.

Diz pois o profeta Zacarias, no capítulo sexto da sua profecia, que levantando os olhos (ou levantando-lhos Deus da atenção das cousas presentes para a visão das futuras) viu que do meio de dois montes de bronze saiam quatro carroças tiradas[64] por quatro cavalos, cada tiro[65] ou parelha de diferentes cores. Pela primeira tiravam cavalos melados[66], pela segunda murzelos[67], pela terceira pombos[68], pela quarta remendados[69]. Assi parece que se deve construir o texto na frase da nossa cavalaria, mas na frase do mesmo texto chama aos da primeira carroça ruivos, aos da segunda negros, aos da terceira brancos, aos da quarta vários, estes, entre os outros, diz que eram os mais fortes. Vendo estas carroças Zacarias e não entendendo o que significavam, diz que o perguntou a um anjo que falava dentro nele. Mas ou porque este anjo falasse mais culto que o de Daniel, ou porque Zacarias se entendia por dentro com ele; acham os doutores que explicou um enigma com outro, e mais trabalho tem dado aos expositores deste lugar a declaração do anjo que

[63] «Testimunha, s. f. O mesmo que testemunha». Morais, vol. X, p. 836.
[64] Tirado/a é, aqui, particípio passado de tirar, v. Puxar. Morais, vol. X, p. 899.
[65] Tiro, s.m. «Calabre ou tirante com que se une o boi ou a besta à charrua ou carruagem. Animais que puxam um carro», Morais, vol. X, p. 910.
[66] Melado, adj. «diz-se do cavalo cujo pelo é amarelo como o mel», Morais, vol. VI, p. 645.
[67] Murzelo, adj. «cor de amora preta (falando de cavalos)», Morais, vol. VII, p. 120.
[68] Pombo, adj. «de cor brancacenta ou acinzentada», Morais, vol. VIII, p. 476.
[69] Remendado, adj. «malhado, mosqueado, listrado», Morais, vol. IX, p. 403.

a visão do profeta. Respondeu pois o anjo que aquelas quatro carroças (dos montes não disse nada) eram quatro ventos do céu, que assistiam ao dominador da terra para executarem suas ordens; e que os cavalos negros tinham saído contra as terras do Norte e, após eles, os brancos; e os vários que saíram contra as do Sul, e que destes os mais fortes trataram de discorrer por toda a terra, e que com licença do dominador a tinham passeado toda. Até aqui a interpretação do anjo, na qual e na visão do Profeta seguiremos a comum sentença dos doutores, que é desta maneira. As quatro carroças significam os mesmos quatro impérios que Deus mostrou a Daniel: e foram estes impérios representados ao Profeta em figura de carroças, e declarados pelo anjo em metáfora de ventos, para mostrar a violência e velocidade com que seus fundadores conquistariam e sujeitariam por armas os reinos, terras e gentes de que se haviam de formar os ditos impérios, porque, ao uso daqueles tempos, a principal força dos exércitos consistia nas carroças armadas, que eram as que faziam maior estrago na guerra, como se vê nos carros tão celebrados. Estas carroças, diz o anjo que estavam prontas como ventos para a execução dos mandados do dominador da terra, porque Deus, como supremo senhor dos exércitos, se serviu sempre das armas de todas as nações, principalmente destas quatro como tão poderosas, [22v] para a execução de seus divinos decretos, os quais por altos e imutáveis são comparados aos dois montes de bronze donde saíam as carroças. A primeira carroça representava o Império dos Assírios, e tiravam por ela cavalos ruivos, que é cor de fogo, para significar os danos, assolações e incêndios com que os Assírios conquistaram, destruíram e abrasaram o povo Hebreu, principalmente no cativeiro de setenta anos, a que eles com razão chamavam fornalha de Babilónia. A 2.ª carroça representava o Império dos Persas, e tiravam por ela cavalos negros, cor de tristeza e luto, porque também os Persas afligiram e foram lutuosos aos Hebreus, principalmente naquela grande aflição quando el-Rei Assuero, marido de Ester, persuadido pelos enganos de Amã, tinha condenado a morrer em um dia, com crueldade inaudita, toda a nação hebreia. A terceira carroça representava o Império dos Gregos, e tiravam por ela cavalos brancos, cor pacífica e alegre, porque, excepto Antíoco (cuja tirania também serviu de matéria gloriosa aos triunfos dos Macabeus), os outros príncipes gregos sempre foram benéficos aos Hebreus, e mais que todos Alexandre Magno, fundador daquele império, cuja majestade, como escreve Josefo[70], não duvidou de adorar no templo ao pontífice Jado[71]. Finalmente, a 4.ª carroça representava o Império dos Romanos, e tiravam por ela cavalos vários, porque os Romanos, assi no ódio como na benevolência, foram vários para com

[70] SC: «[...] historiador hebreu. Vid. I vol. da História do Futuro, p. 55. Vieira refere-se ao que se conta no livro *De Antiquitatibus Judæorum*, liv. XI, cap. VIII».

[71] Jado era o Sumo Pontífice de Jerusalém à época da conquista de Alexandre (IV a.C.).

os Hebreus; uns, amigos e propícios, como Júlio César, Augusto, Tibério, Claúdio; outros, inimigos, perseguidores e cruéis, como Pompeu, Calígula, Nero, Vespasiano, Adriano, Tito.

Restam por explicar os diferentes caminhos que, disse o anjo, fizeram estas carroças. E primeiro que tudo se deve muito notar que da primeira carroça não disse cousa alguma, que é admirável confirmação de serem significados nas quatro carroças os quatro impérios. Porque como a primeira carroça significava o Império dos Assírios, que já havia muito tempo florecia, não tinha necessidade de intérprete nem declaração. E assi declarou somente o anjo os três impérios seguintes, cuja fundação e sucessos estavam ainda por vir. A 2.ª carroça, dos cavalos negros, que são os Persas, disse o anjo que caminhou para as terras do Norte, e assi foi, porque os Persas devastaram e ocuparam a Babilónia, que fica para a parte do Norte de Judeia, e ali acabou o Império dos Assírios. A 3.ª carroça, dos cavalos brancos, diz que foi atrás da primeira, e assi sucedeu, porque os Gregos venceram e destruíram a Dario, último imperador dos Persas, junto à mesma Babilónia, onde Alexandre, como escreve[m] Cúrcio[72] e Plutarco, tomou o nome de rei da Ásia. E ali acabou o Império dos Persas. E a 4.ª carroça, dos cavalos vários, diz que foi para o Sul, e assi consta das histórias, porque os Romanos passaram por várias vezes à conquista do Egipto, que fica ao Sul de Judeia, e depois da vitória chamada Actíaca[73], em que Augusto desbaratou a Cleópatra e Marco António, reduziu o mesmo Egipto a província, como escreve Suetónio, e ali acabou o Império dos Gregos. De toda esta combinação das histórias com a profecia, e da consonância e harmonia [23] dos tempos, lugares, nações, princípios, fins e todos os sucessos destes impérios, tão ajustados com as propriedades das figuras que os representam, se faz certo e evidente argumento de que esta interpretação é a sólida e verdadeira, e que isto foi o que Deus e o anjo quiseram significar ao profeta.

Ultimamente, diz que os cavalos mais fortes ou os robustíssimos da quarta carroça quiseram correr e passear toda a terra, e que a correram e passearam. E assi se verificou nos Romanos que, com sua potência e vitórias, se fizeram senhores do mundo e o meteram debaixo dos pés. Estes robustíssimos dos Romanos foram os seus maiores capitães e imperadores, como Cipião, Pompeu, César, Augusto, Vespasiano, Trajano, Constantino, Teodósio etc. E posto que os Romanos absolutamente não conquistaram o mundo como é em si, porque nunca chegaram à América, que mais é uma ametade[74] que parte do mundo, contudo, diz o anjo que correram e passea-

[72] Cúrcio, antrop. No original, «Crutio». Provavelmente Quinto Cúrcio Rufo, historiador romano do século I d.C., autor de uma biografia de Alexandre, o Grande.
[73] Relativa à batalha naval de Áccio, travada no mar Jónico em 2 de Setembro de 31 a.C.
[74] «Ametade, s. f. O mesmo que metade». Morais, vol. I, p. 756.

ram todo o mundo no mesmo sentido em que Augusto, no seu édito do tempo do nascimento de Cristo, mandou que todo o mundo se alistasse *ut describeretur universus orbis*[75]. Mas Sánchez, para explicar a palavra *per omnem terram* em toda sua largueza, quer que se verificasse a profecia não só nas terras do mundo antigo, senão nas da América e mundo novo, e nas da Índia Oriental, nunca conquistadas nem ainda conhecidas pelos Romanos. E diz que aqueles robustíssimos de que fala o anjo são os Espanhóis, verdadeiramente valentíssimos, audacíssimos e fortíssimos, pois conquistaram estas regiões novas e incógnitas, não pelejando contra homens, como os antigos Romanos, senão contra os ventos, contra os mares, contra o céu, contra o sol, contra todos [os] elementos e contra a mesma natureza a que venceram e contrastaram. E para este autor perfilhar ou acomodar aos Romanos, conforme a profecia, estas vitórias próprias dos Espanhóis, e que de nenhum mo[do] parece lhe competiam, leva o direito desta herança à origem que os reis de Espanha trazem dos Godos, os quais Godos, como já tinha notado Ribeira, foram estipendiários[76] dos Romanos, e pelejaram debaixo de suas bandeiras, ajudando a defensa e conquista do império, como fizeram ao imperador Maximino contra os Partos e a Constantino contra Licínio. Mas esta aplicação, como violenta e trazida de tão longe, com razão não é admitida de Cornélio a Lápide, que a impugna facilmente. Contudo, porque esta glória que Sánchez dá aos Espanhóis toca pela maior e melhor parte aos Portugueses, pelas vitórias de orientes[77], a que o mesmo Cornélio chama *ad miraculum usque illustres*[78], por não deixar perder a nossa nação um título tão honroso como serem chamados por boca de um anjo os mais fortes de todos os Romanos, digo que os Portugueses [23v] e todos os Espanhóis se podem e devem entender debaixo do nome de Romanos no sentido desta Profecia. Porque Espanha e Portugal foram colónias dos Romanos e parte não só do império, senão do povo Romano, e verdadeiros cidadãos Romanos: ao que não obstava serem de diferente nação, como se vê em S. Paulo, que sendo Hebreu apelou para o César, alegando que era cidadão Romano e que só no tribunal de César podia ser julgado. Além de que muitos Portugueses eram filhos e netos de Romanos, como muitos dos Romanos de Portugueses, pela união e comércio destas duas nações, assi em Portugal, onde viviam os presídios romanos, como nas guerras dos mesmos Romanos, onde os Portugueses iam servir e merecer debaixo de suas bandeiras. E posto que

[75] SC: «Trad.: para que se descrevesse todo o orbe... por toda a terra. Sanchez (Francisco) é o monge beneditino, de origem portuguesa, que por fins do século XVI e princípios do XVII se distinguiu como comentarista das Escrituras».

[76] Estipendiário/a, adj. «Que está a cargo de alguém; que é pago por outrem; assoldadado», Morais, vol. IV, p. 885.

[77] Entenda-se: do Oriente.

[78] SC: «Trad.: ilustres até ao milagre».

qualquer destas razões e muito mais todas juntas são bastantes para que sem impropriedade se possam entender os Portugueses debaixo do nome de Romanos: o fundamento principal, sólido e certo desta interpretação é ser esta a mente e sentido em que falaram os mesmos profetas, os quais entendem por Império Romano todo o corpo íntegro do dito império e todas as partes de que ele se compôs e inteirou quando esteve em sua maior grandeza, ainda que essas mesmas partes depois se desunissem do mesmo império e lhe negassem a obediência. Vê-se claramente esta verdade na primeira profecia de Daniel, onde se diz que os pés e dedos da estátua eram compostos de ferro e barro e que o barro e o ferro não estavam unidos. Na qual divisão de dedos e desunião de metais se significava que o Império Romano se havia de dividir em muitos Reinos e senhorios menores, e que esses se haviam de desunir da sujeição e obediência do mesmo Império. Assi o interpretou o mesmo Daniel: *Porro quia vidisti pedum et digitorum partem testæ figuli; et partem ferream, regnum divisum erit*. As quais palavras comentando Cornélio diz assi: *Potissimum vero divisum fuit hoc Regnum ideoque enervatum cum variæ gentes ab ejus obedientia se sudduxerunt sibique proprios reges crearunt uti fecerunt Hispani, Poloni, Angli, Franci, etc*[79]. De maneira que a divisão dos dedos e a desunião dos metais dos pés da estátua significava os reinos dos Espanhóis, Polacos, Ingleses, Franceses e os demais que sendo antes sujeitos aos imperadores romanos lhe negaram a sujeição e se desuniram deles. Mas contudo (que é o nosso intento) ainda assi divididos e desunidos se computam e reputam por partes da mesma estátua e do mesmo Império Romano, ainda que não sejam Romanos, porque realmente são partes daquele corpo e daquele todo, ainda que desunidas dele. Destas nações pois e destes reinos de que se compunha o Império Romano, aqueles homens que eram os mais fortes e valentes de todos não se contentaram só com as terras dos outros impérios, mas[80] intentaram discorrer e passear toda a redondeza da terra. Estes foram os Espanhóis, e entre [24] os Espanhóis muito particularmente os Portugueses. Porque a conquista dos mares e terras do Oriente, pela distância remotíssima de terras, pela dificuldade de navegações, pela diferença dos climas, pelo valor e potência das nações que se conquistaram, foi empresa de muito maior valor, resolução e esforço que a dos Castelhanos. Assi que considerado todo o corpo do Império Romano e todas suas empresas, os fortes dos Romanos foram os Cipiões, os Pompeus, os Césares, os Augustos, os fortíssimos foram os Espanhóis e, entre esses Espanhóis, os fortíssimos dos fortíssimos

[79] SC: «Trad.: E quanto ao que viste dos pés e dos dedos serem uma parte de barro e outra de ferro, será esse reino dividido...Daniel, II, 41. Na verdade, e principalmente, foi este reino dividido e por isso enfraquecido, quando vários povos se subtraíram à sua obediência e elevaram reis por si próprios, como fizeram os Hispanos, os Polacos, os Ingleses, os Franceses, etc. À Lápide, *Comment. In Prophetas Maiores; in Danielem*, II, 41, pág. 959».

[80] No original, lê-se «mas que», aparentemente por lapso do autor.

foram os Portugueses. Não somos nós os que o dizemos senão o anjo que falava em Zacarias: *qui autem erant Robustissimi exierunt et quærebant ire et discurrere per omnem terram, et dixit Ite perambulate terram et perambulaverunt terram*[81]. Finalmente, para que a profecia se entenda dos Espanhóis e Portugueses, não era necessário que eles por algum título [...].

[81] SC: «Trad.: Os que, porém, eram os mais possantes saíram e procuravam correr por toda a terra, e disse: Ide, correi pela terra; e eles correram pela terra. Zacarias, VI, 7».

[1] Livro 2.º

Em que se mostra que Império há-de ser este

Suposto como deixamos assentado que há-de haver no mundo um quinto e novo império, segue-se que digamos que império há-de ser: e assi o faremos em todo este 2.° Livro.

Capítulo 1.°

Que o Quinto Império é o império de Cristo e dos cristãos

É conclusão certa e de fé que este Quinto Império de que falamos, anunciado e prometido pelos profetas, é o império de Cristo e dos cristãos. Prova-se dos mesmos textos e profecias já alegadas, sobre as quais fundaremos tudo o que dissermos nesta história, para maior clareza e firmeza dela, pois não é cerzida[82] de pedaços ou retalhos das Escrituras, senão cortada toda da mesma peça.

Primeiramente, aquela pedra que derrubou a estátua e desfez as quatro monarquias figuradas nos quatro metais, e que depois creceu e com sua grandeza ocupou e encheu toda a terra, é Cristo, o qual em outros muitos lugares da Sagrada Escritura se chama pedra. Ele foi a pedra que no deserto matou a sede aos filhos de Israel e os acompanhou até à terra da Promissão: *bibebant autem de consequente eos Petra, Petra autem erat Christus*[83], como diz S. Paulo: ele foi a pedra com que David derribou[84] ao gigante, em significação de que por meio e virtude de Cristo havemos de vencer o mundo e o demónio: ele foi a pedra que viu Zacarias, e sobre ela sete olhos, *super lapi-*

[82] Cerzir, v. Aqui, no sentido de coser, remendar, «especialmente, remendar com pontos tão miúdos, regulares e semelhantes à malha do tecido, que não se perceba, à primeira vista, o conserto», Morais, vol. II, p. 1113.
[83] SC: «Trad.: bebiam todos da mesma bebida, porque bebiam da pedra que os acompanhava; e a pedra era Cristo, [I] Coríntios, 10:4».
[84] «Derribar, v. O mesmo que derrubar, fazer cair, deitar abaixo». Morais, vol. III, p. 905.

dem unum septem oculi[85], que são os sete dons do Espírito Santo, o qual se infundiu todo e descansou sobre Cristo: ele foi a pedra sobre que adormeceu Jacob, quando se lhe abriu o céu e viu a escada: ele, a pedra sobre que sustentou os braços levantados Moisés, quando venceu os exércitos de Amalec: ele, finalmente, a pedra angular que uniu os dois Povos, gentílicos e judaico: e a pedra fundamental e provada sobre que se fundaram, na lei antiga, a Igreja de Sião, e na nova, a do mesmo Cristo. Esta pedra pois foi a que, arrancada do monte, derrubou a estátua e desfez os quatro impérios dos Assírios, Persas, Gregos e Romanos, para fundar e levantar o seu sobre todos eles. Assi o dizem conformemente neste lugar não só todos [os] Padres e expositores católicos, senão também os hereges e até os mesmos rabinos, os quais acertam em dizer que nesta pedra está profetizado o Reino do Messias e erram somente em não crerem que o Messias é Cristo.

Diz Daniel que esta pedra caiu de um alto monte, arrancada dele sem mãos. E este monte ou é o céu e o seio do Eterno Padre, donde desceu Cristo, como interpreta S. Ambrósio[86], ou é a nação judaica, levantada naquele tempo como monte entre todas as outras nações do mundo, da qual o Verbo se dignou tomar e unir a si a humanidade, como explica S. Agostinho[87]; ou, finalmente, é a Virgem Maria Senhora Nossa, sublimada como monte altíssimo [1v] sobre todas as criaturas, como a mais perfeita e excelente de todas[88]. Esta é a sentença comua e mais recebida dos santos e expositores deste lugar, com a qual concorda admiravelmente a advertência de Daniel que a pedra foi arrancada ou cortada do monte sem mãos: *Lapis abscissus de monte sine manibus*[89]; porque na geração temporal de Cristo, sendo verdadeiro homem, não tiveram parte mãos de homem, toda foi obra sobrenatural e divina, suprindo o Espírito Santo e a virtude do Altíssimo o que nela faltou de concurso humano. Assi o notou o mesmo S. Agostinho, S. Jerónimo, S. Ireneu, S. Justino, S. Epifânio, Teodoreto, Ruperto e muitos outros Padres[90].

Na segunda visão de Daniel ainda consta mais claramente e por termos mais expressos que este império é o de Cristo. *Et ecce* (diz o Profeta) *cum nubibus cæli quasi filius hominis veniebat et usque ad antiquum dierum pervenit*

[85] SC: «Vid. Zacarias, III, 9».
[86] Lúcio de Azevedo (LA): «Ambrosius, Serm. [...]».
[87] LA: «Augustinus, Tractatus 9, id.».
[88] LA: «Hieron., Ep. ad Eustochium, id.».
[89] SC: «Trad.: pedra arrancada do monte sem intervenção das mãos. Daniel, II, 34».
[90] Os autores, eclesiásticos e seculares, citados por Vieira na *História do Futuro* são, regra geral, os mesmos que são citados na *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício* (Banza 2008) e na *Clavis Prophetarum* (Espírito Santo, Arnaldo do (2000), *Clavis Prophetarum. Chave dos Profetas*, Lisboa: BN) e encontram-se identificados nas respectivas edições críticas («Glossário de antropónimos», Banza, 2008, vol. II, pp. 517-578 e «Glossário de nomes próprios», Espírito Santo (2000), pp. 747-790).

et dedit ei potestatem et honorem et regnum, etc.[91]; de sorte que a pessoa a quem foi dado por Deus o Quinto Império, (de que Daniel fala neste lugar (como vimos), era o Filho do Homem: e que cousa há mais certa e mais frequente no Evangelho que chamar-se Cristo Filho do Homem? *Quem dicunt homines esse filium hominis; væ autem homini illi per quem filius hominis tradetur: tunc videbunt filium hominis venientem in nubibus cæli*[92]: não repito os autores desta explicação, porque são todos e porque o texto é tão claro que não há mister[93] intérpretes. Só reparou Maldonado que não se chama Cristo, neste lugar, Filho do Homem absolutamente, senão *quasi filius hominis*, para denotar o profeta que entre este homem e os outros homens havia diferença: os outros são puros homens, Cristo é homem e Deus juntamente. Assi que aquele *quasi* significa a falta da subsistência humana, posto que tão superiormente suprida com a divina. E porque Deus não havia de ter subsistência humana como os outros homens, posto que tivesse a mesma natureza como eles, não lhe chama por isso o profeta homem, senão *quasi* homem, *quasi filius hominis*. Quem havia de cuidar que em um *quasi* cabia uma distância infinita!

A 3.ª visão de Zacarias confirma ainda com maior propriedade ser Cristo o Senhor deste Império. Já dissemos que a coroa ou coroas que foram postas sobre a cabeça de Jesus, filho de Josedec, significavam o mesmo Império Quinto profetizado por Daniel: e que seja Cristo o Soberaníssimo Monarca que Zacarias viu coroar naquela figura, não só o confessa a Igreja Universal, na aplicação deste lugar, e a opinião comua de todos os Padres e doutores dela, senão ainda muitos Hebreus que sem ódio escreveram antes de Cristo. *Communis est Patrum sententia et multorum ex Hebræis, quibus accedit Chaldæus, sermonem hic esse de Messiah*[94]: diz o doutíssimo Sánchez. De [2r] maneira que na primeira visão foi Cristo significado com o nome comum e metafórico de Pedra, na segunda com o nome particular de Filho do Homem, na terceira com o nome propriíssimo[95] de Jesus, *Jesu filii Josedec*: e em todas estas três visões em que Deus revelou aos seus profetas a grandeza e majestade futura do Quinto Império, e os quatro a que ele devia de suceder,

[91] SC: «Trad.: ...e eis como o Filho do Homem vinha com as nuvens e chegou perto do Antigo dos dias [...] e ele lhe deu o poder, a honra e o reino. Daniel, VII, 13 e 14».

[92] SC: «Trad.: Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? Mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem for traído! Então verão o Filho do Homem que vem nas nuvens do céu. S. Mateus, XVI, 13; XXVI, 24 e 64».

[93] Haver mister, «precisar, ter necessidade de; ser preciso», Morais, vol. VI, p. 848. A palavra *mister*, nesta acepção, é registada por Bluteau, no *Vocabulario* (1712-1728): «mistér. Necessario, ou necessidade de qualquer cousa [...] § Haver de mister alguma cousa, (quer tenhamos a dita cousa, quer não.) § Não há mister esta destreza para o negocio que eu intento [...]».

[94] SC: «Trad.: É comum sentença dos Padres e de muitos de entre os Hebreus, aos quais se junta o Caldeu, que neste passo se fala do Messias. F. Sanchez, vid. nota da pág. 34».

[95] A forma superlativa «propriíssimo» mereceu registo em Morais, vol. VIII, p. 777: «propriíssimo, adj. (de próprio) forma superlativa de próprio, muito próprio».

lhes mostrou e revelou também que o Senhor e o Monarca deste Império havia de ser Cristo.

Com muitos outros textos da Escritura pudéramos confirmar esta mesma conclusão, mas porque tudo o que havemos de dizer nesta história será uma continuada prova e confirmação dela, bastem os textos alegados, que são, como dizia, os fundamentais de toda ela.

Mas porque no princípio deste capítulo dissemos que o Quinto Império era o Império de Cristo e dos Cristãos, tornemos à segunda visão de Daniel, onde Deus para consolação dos fiéis quis que nos ficasse expressa e revelada esta tão gloriosa verdade. Depois de referir Daniel como Deus Padre, a quem ele chama o Antigo de Dias, dera ao Filho do Homem aquele reino ou império; perguntou o mesmo profeta a um dos anjos que assistiam no trono Deus a significação das cousas que via, e ele lhe disse, por três vezes diferentes, que o reino e império que vira dar ao Filho do Homem era o reino e império que os santos do Altíssimo haviam de ter neste mundo. No verso 18 daquele capítulo (que é o 7. º) diz assi: *Suscipient autem regnum Sancti Dei altissimi et obtinebunt regnum usque in sæculum:* e no verso 22: *Donec venit Antiquus dierum et judicium dedit sanctis Excelsi et tempus advenit et regnum obtinuerunt sancti*: e no verso 27: *Regnum autem et potestas et magnitudo regni quæ est subter omne cœlum detur populo sanctorum Altissimi: cujus regnum regnum sempiternum est et omnes reges servient ei, et obedient*[96]. Muitas cousas e muito grandes disse nestas palavras o anjo, as quais ficam reservadas para se explicarem em seus lugares, por agora só nos serve (o que diz e repete tantas vezes o anjo) que aquele mesmo reino, que o Eterno Padre deu ou há-de dar a seu filho, Cristo, é o reino e o império dos santos, isto é, dos cristãos. Assi o diz expressamente, sobre estas últimas palavras de Daniel, o seu grande comentador Pereira, chamando a este Quinto Império *Regnum Christi et Christianorum*: Reino de Cristo e dos Cristãos. *Deinceps* (diz ele) *pugnandum nobis est cum Judæis qui Christianis infensi infestique et iniquo animo ferentes, quæ de illo quinto Regno tam præclara et gloriosa prædixit Daniel ea ad Regnum Christi et Christianum accomodari, etc*[97].

[96] SC: «Trad.: Receberão, porém, o reino os santos do Senhor altíssimo; e estarão na posse dele por todos os séculos dos séculos [...]. Até que veio o Antigo dos dias e deu sentença a favor dos santos do Excelso e chegou o tempo e os santos obtiveram o reino [...]. E ao mesmo tempo se dê o reino e o poder e a grandeza do reino que está debaixo do céu ao povo dos santos do Altíssimo, cujo reino é reino eterno e todos os reis o servirão e lhe hão-de obedecer. Daniel, VII, 18, 22 e 27».

[97] SC: «Trad.: De seguida, será mister combater contra os Judeus, permanentemente infestos aos Cristãos e com iníquo ânimo proclamando as coisas tão preclaras e gloriosas que Daniel anunciou daquele V Império. Vid. Benedito Perério Valentini, op. cit., *Commentarium in Danielem*, cap. VII, p. 239».

E que pelo nome de Santos, de que usa Daniel, se entendam e devam entender os cristãos, não é só explicação de intérpretes da Escritura, senão frase mui corrente e ordinária em toda ela. S. Paulo, escrevendo aos Cristãos da cidade de Filipos, em Macedónia, no título ou sobrescrito da carta, diz assi: *Omnibus Sanctis in Christo qui sunt Philippis:* a todos os Santos em Cristo que estão em Filipos. E escrevendo aos cristãos de Roma: *Omnibus qui sunt Romæ dilectis Dei vocatis Sanctis*. E na mesma Epístola, exortando aos mesmos Romanos a que socorressem com suas esmolas aos cristãos necessitados: *Necessitatibus Sanctorum communicantes*[98]. E saudando aos Filipenses, no fim da epístola citada, em nome de alguns cristãos que estavam em serviço do Imperador, que então era Nero: *Salutant vos omnes Sancti maxime autem qui de Cæsaris domo sunt*[99]; Saúdam-vos, diz, todos os Santos e principalmente os que estão em casa de César.

[2v] Finalmente, este era o ordinário modo de falar da primitiva Igreja, e assi lemos no capítulo 9 dos Actos dos Apóstolos que usou da mesma frase Ananias, representando[100] a Cristo os grandes males que Saulo tinha feito contra os Cristãos: *quanta mala Sanctis tuis fecerit*[101]. E a este uso se chamavam as igrejas dos cristãos Igrejas dos Santos, conforme o texto da *Epistola ad Corinthios: In Ecclesiis Sanctorum doceo*[102]. A razão deste nome é tomada da santidade da lei de Cristo, que professam os cristãos, os quais, assi como de Cristo se chamaram cristãos, assi da lei santa de Cristo se chamaram santos. E ambos estes nomes e as etimologias deles compreendeu S. Paulo no princípio da Epístola aos Romanos, em que lhe chama *Vocati Jesu Christi et vocatis Sanctis*: chamados de Jesus Cristo e chamados Santos.

Este é o sentido em que Daniel e o anjo falaram naquela visão, chamando a Cristo Filho do Homem com a mesma frase com que depois se nomeou a Cristo, e chamando ao reino dos cristãos Reino dos Santos com a mesma frase com que depos[103] se nomeavam os cristãos, bem assi como já antes de Daniel o tinha profetizado, com o mesmo espírito, Isaías, *Et vocabunt eos populus sanctus. Redempti a Domino*[104]. E aquele povo remido[105] por Deus será chamado publicamente Povo Santo, que é em próprios termos o que depois se viu na Igreja e o que diz aqui o anjo: *Regnum autem et potestas detur populo Sanctorum*[106].

[98] SC: «Trad.: Socorrei as necessidades dos santos. Epístola aos Romanos, XII, 13».
[99] SC: «Vid. Epístola aos Filipenses, VI [IV], 22».
[100] Representar, v. Aqui, no sentido de «expor, apresentar, revelar, mostrar». Morais, vol. IX, p. 456.
[101] SC: «Vid. Actos dos Apóstolos, IX, 93».
[102] SC: «Trad.: Ensino nas igrejas dos Santos».
[103] «Depós, prep. (de+ lat. Post). Depois de; [...]; o mesmo que após [...]». Morais, vol. III, p. 893.
[104] SC: «Trad.: E chamar-lhes-ão o povo santo, os remidos pelo Senhor. Isaías, LXII, 12».
[105] «Remido/a, adj. Que foi resgatado, libertado». Morais, vol. IX, p. 406.
[106] SC: «Trad.: Que o reino e o poder se dê ao povo dos santos».

[3] Capítulo 2.º

Pergunta-se se este Império de Cristo e dos cristãos há-de ser neste mundo ou no outro

Deu motivo a esta questão, entre os Padres gregos, Teodoreto, e entre os latinos, Tertuliano, os quais concordam com a verdade da nossa história em dizerem com os demais que o Quinto Império é o de Cristo e dos cristãos, mas têm para si que há-de ser este império no céu, e não na terra. Fundam a sua opinião nas mesmas visões de Daniel desta maneira. Antes que a pedra cortada do monte (que é Cristo e o seu império) crecesse a toda aquela sua grandeza (diz Teodoreto), já todos os outros reinos e impérios do mundo estavam derrubados e caídos, já o vento os tinha levado pelos ares, desfeito em pó e em cinza, e já tinham desaparecido totalmente do mundo, sem haver mais que a memória deles, nem se poder achar ou conhecer o lugar onde tivessem estado: como tudo consta do texto :*Tunc contrita sunt pariter ferrum, testa, æs, argentum et aurum et redacta quasi in favillam aestivae areae quæ rapta sunt vento nullusque locus inventus est eis: lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus*[107]. Sendo logo certo como é que os reinos, cidades, repúblicas e impérios do mundo se não hão-de desfazer em cinza nem se hão-de acabar senão quando se desfizer e acabar o mesmo mundo na última ruína dele; segue-se que o império de Cristo e dos cristãos de que fala Daniel, e aquela sua grandeza prodigiosa a que há-de crecer, não há-de ser neste mundo, senão no outro. Tertuliano, fundado na mesma visão, e muito mais na segunda, argumenta assi: Este reino ou império de Cristo e dos cristãos há-de ser reino perpétuo, incorruptível e eterno, como dizem expressamente as palavras de ambos os textos: *Regnum quod in eternum non dissipabitur: Regnum quod non corrumpetur: Regnum usque in sæculum et sæculum sæculorum: Regnum sempiternum*[108]. Os reinos deste mundo, todos de sua própria natu-

[107] SC: «Trad.: Então se quebraram a um tempo o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidos como a miúdas folhas que o vento leva fora da eira, em tempo de Verão, e em nenhum lugar depois se encontram; mas a pedra que tinha dado na estátua fez-se um grande monte, que encheu toda a terra. Daniel, II, 35».

[108] SC: «Trad.: Reino que jamais será dissipado; reino que não será corrompido; reino até a con-

reza, são corruptíveis, e todos por mais que durem e permaneçam hão-de ter fim com o mesmo mundo, o qual é de fé que se há-de acabar. Logo se o reino e império de Cristo e dos cristãos há ser perpétuo, incorruptível e eterno, clara e manifestamente se segue que não há ser império da terra, senão do céu.

Contudo, a sentença comua dos santos, e recebida e seguida como certa de todos os expositores, é que este reino e império de Cristo e dos cristãos profetizado por Daniel (qualquer que haja de ser) é império da terra e na terra. E posto que os autores desta sentença mais a supõem que a provam, nós a provaremos e demostraremos com os textos das mesmas visões. Daquela pedra que representava a Cristo e seu império, diz Daniel na primeira visão que creceu e se fez um monte tão grande que ocupou e encheu toda a terra. *Lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus et implevit universam terram.* Infiro agora assi: esta pedra e este império de Cristo, que derribou os outros impérios, creceu? Logo não é império do céu, nem depois de acabado o mundo. Porque o reino e império de Cristo, depois de acabado o mundo, de nenhum modo há-de crecer nem pode cre[3v]cer. Não há-de crecer nem pode crecer no número dos homens, porque depois de acabado o mundo e depois do dia do juízo não há-de haver mais homens que vão ao céu: não há-de crecer nem pode crecer na glória dos bem-aventurados, porque desde aquele ponto cada um há-de receber por inteiro toda a glória devida a seus merecimentos, e como se acabou o tempo de mais merecer, assi se acabou também o tempo de mais alcançar. Logo, se o reino de Cristo e dos cristãos há-de crecer depois daquele tempo, e crecer a uma grandeza tão imensa, segue-se que esse crecimento háde ser neste mundo e não no outro. Mas para que são consequências se as mesmas palavras do texto o dizem claramente? *Factus est mons magnus et implevit universam terram.* Se a pedra crecendo se fez um grande monte, o qual grande monte encheu e ocupou toda a terra, e este é o império profetizado de Cristo, bem claro se mostra que é império da terra e não do céu, e que na terra, e não no céu, há-de ter toda esta sua grandeza.

Não negamos, porém, nem podemos negar que este reino e império de Cristo e dos cristãos há-de durar também, com o mesmo Cristo e com os mesmos cristãos, depois de bem-aventurados, por toda a eternidade no céu; mas nem por isso há-de deixar de ter na terra a grandeza que nestes textos lhe é profetizada e prometida. Antes a razão de haver de ter tanta grandeza no céu é porque a terá primeiro na terra: na terra incoada[109] mas perfeita, quanto sofre a terra; no céu consumada e perfeitíssima, como se deve ao estado do céu. E desta maneira se concilia e concorda facilmente a opinião

sumação dos séculos; reino sempiterno».

[109] «Incoado/a, adj. O mesmo que começado, iniciado». Morais, vol. V, p. 899.

de Tertuliano e Teodoreto com a verdade da nossa: este é o mais ordinário[110] sentir de todos os expositores de Daniel, os quais dizem que este reino e império de Cristo e dos cristãos há-de ser incoado na terra e consumado no céu, mas com tanta discrepância de tempos, como veremos em seu lugar, que agora só tratamos qual seja em comum o deste império. Os termos da segunda visão de Daniel ainda são (se podem ser) mais evidentes: *Regnum autem et potestas et magnitudo regni quæ est subter omne cælum detur populo Sanctorum altissimi*[111]. O reino ou império que se há-de dar ao povo dos santos do Altíssimo, que são os cristãos, é o poder e a grandeza de todos os Reinos que há debaixo do céu. Podia-se dizer cousa mais clara? Parece que estava antevendo Daniel que havia de haver quem interpretasse esta sua visão em diferente sentido do que ele a escrevia, dizendo que este reino havia de ser no céu e não na terra. Pois posto se entenda e saiba que não é assi, adverte e nota sinaladamente[112] o profeta que não é reino do céu, senão de debaixo do céu: *Magnitudo Regni quæ est subter omne cælum detur Populo Sanctorum Altissimi*. Nas palavras que se seguem a estas, declara mais em particular Daniel (ou o anjo por ele) quem hão-de ser os súbditos deste império, e diz (em nova confirmação do que dizemos) que serão todos os reis do mundo, os quais o hão-de servir e lhe hão-de obedecer. *Et omnes reges servient ei et obedient*[113]. Se os reis hão-de servir e obedecer a este império, bem se colhe que há-de ser império da terra, e não do céu, porque no céu não se serve, nem se obedece nem se merece, e só se goza o prémio do que se obedeceu, do que se serviu e do que se mereceu na terra. Da terra é logo este império. E na terra é que há-de ser servido e obedecido e reconhecido de todos os reis dela; como bem advertiu Cornélio, comentando as palavras *subter omne cælum,* pouco antes citadas: *Non quæ est super sed quæ est subter omne cœlum id est quae est in omni terra sive in omni plaga cælo subjecta*[114].

[4r] Responder aos seus argumentos é igualmente fácil. Ao de Teodoreto, dizemos que o texto de Daniel só fala das quatro monarquias representadas nos quatro metais da estátua, as quais, nem cada uma por si nem todas juntas, compreenderam nunca toda a grandeza da terra; e quando se diz que ficaram desfeitas em pó e desapareceram e foram voadas do vento, e não se achou mais o lugar onde estivessem, não quer dizer que as terras, cidades, e gentes das ditas monarquias se haviam de acabar e extinguir totalmente

[110] Ordinário/a, adj. Aqui, no sentido de «comum, vulgar». Morais, vol. VII, p. 544.
[111] SC: «Vid. Daniel, VII, 27».
[112] Sinaladamente, adv. O mesmo que assinaladamente, «de modo assinalado; distintamente, especificamente», Morais, vol. X, p. 208.
[113] SC: «Trad.: e todos os reis o servirão e lhe hão-de obedecer. [Daniel, VII, 27]».
[114] SC: «Trad.: Não as coisas que são baixas, senão as que estão debaixo da extensão do céu, isto é, em toda a terra e em todo o sítio por debaixo do céu. Cf. À Lápide, *Comment. in Prophetas Maiores*, in Danielem, Cap. VII».

(como há-de acontecer a todo o mundo no dia do Juízo), senão que se havia de acabar seu mando, seu poder, seu império, sua soberania; como verdadeiramente se acabou a dos Assírios pela sucessão dos Persas, e a dos Persas pela sucessão dos Gregos, e a dos Gregos pela sucessão dos Romanos, e se acabará também a dos Romanos pela sucessão do Quinto Império. E isto quer dizer em frase da Escritura: *non inventus est amplius locus ejus,* que se não achou mais o seu lugar, porque sucederam outros neles. Como se vê no exemplo de Judas, de quem fala a Escritura pelos mesmos termos, e consta que sucedeu no seu lugar S. Matias.

Ao argumento de Tertuliano, que se fundava na eternidade do Quinto Império, já temos dito que a continuação dele no céu há-de ser verdadeiramente eterna, em toda a propriedade e largueza da significação desta palavra. Mas se entendermos o texto de Daniel da duração somente que o império de Cristo e dos cristãos há-de ter neste mundo, pela palavra eternidade não se entende rigorosamente duração sem fim, senão continuação e permanência de muito tempo, que depois veremos quanto há-de ser. Entretanto basta saber-se que a palavra eterno tem este mesmo sentido e limitação em muitos lugares da Escritura: como notou S. Agostinho na questão 31 sobre o Génesis. E nós mostraremos mais largamente, quando escrevermos a duração do Quinto Império.

Mas, para que tiremos todo o escrúpulo aos doutos, razão será se não passe sem satisfação uma grande dúvida que, por ser fundada nas mesmas palavras do texto de Daniel, não só pode embaraçar a verdade da nossa sentença, mas confirmar na contrária os autores e seguidores dela. *Aspiciebam* (diz Daniel na segunda visão) *donec throni positi sunt et Antiquus dierum sedit vestimentum ejus candidum quasi nix, et capilli capitis ejus quasi lana munda: thronus ejus flammæ ignis, rotæ ejus ignis accensus: fluvius igneus rapidusque egrediebatur a facie ejus. Millia millium ministrabant ei et decies millies centena millia assistebant ei: Judicium sedit et libri aperti sunt, etc*[115]. E estas palavras por todas as circunstâncias do trono do fogo, da assistência dos anjos, dos livros que se abriram, e do mesmo nome de juízo, [4v] não só parece que significam, senão que estão demostrando o rigor e majestade do juízo final, e assi o entendem mais ordinariamente os expositores desta visão. Logo, se o reino e império de Cristo e dos cristãos há-de ser depois do juízo final, claramente se convence que não é, nem há-de ser império deste mundo, senão do outro. Respondo que é certo falar neste lugar o profeta de juízo, e juízo de Deus, e

[115] SC: «Trad.: Eu estava atento ao que via, até que foram postos uns tronos e o Antigo dos dias se sentou; o seu vestido era branco como a neve e os cabelos da sua cabeça como a limpa lã; o seu trono era de chamas de fogo, as rodas deste trono um fogo aceso. Diante dele saía um rio de fogo e arrebatado; um milhão de ministros e serviam e mil milhões assistiam diante dele; assentou-se o conselho e abriram-se os livros. *Daniel*, VII, 9-10».

juízo rigoroso e de grande majestade; mas digo, com a mesma certeza, que este juízo não é o juízo final, em que Cristo há-de vir julgar os vivos e os mortos, no fim do mundo, senão um juízo particular, em que o Padre Eterno há-de tirar o reino e império universal do mundo ao tirano ou tiranos que então o possuírem; e para meter de posse dele e o entregar a Cristo, seu filho, como legítimo senhor e herdeiro dele, e aos professores de sua fé e obediência, que são os Cristãos.

[5r] Capítulo 3.º

Se este Império de Cristo no mundo é espiritual ou temporal

Assentado, como acabámos de resolver, que este império de Cristo e dos cristãos, de que falam as profecias alegadas, é principalmente o da terra, e não o do céu, ainda nesta suposição nos resta para averiguar um ponto de grande importância, e de cuja decisão depende o maior fundamento de todo este nosso discurso. Porque este império de Cristo, que dizemos há-de ser na terra, ou pode ser espiritual, ou temporal: espiritual como o que hoje tem o Sumo Pontífice, cujo poder e jurdição se ordena a governar os fiéis, membros e súbditos da Igreja a conseguir a bem-aventurança, que é o último fim do homem: temporal como o que têm os príncipes católicos sobre seus reinos e províncias, que se dirige a governar os vassalos por meio de leis prudentes e justas, a conseguir a felicidade civil e política, que é o fim particular de todas as comunidades humanas, e também das cristãs e católicas, em quanto este fim particular e mediato[116] se ordena ao último fim. Isto posto, perguntamos agora se este império de Cristo há-de ser espiritual ou temporal? E começando pela conclusão em que não há resistência nem dificuldade; dizemos primeiramente que este império de Cristo (o qual não há-de ser diferente do que hoje é, senão quanto ao modo como em seu lugar veremos) é império espiritual. Assi o ensinam e ensinaram sempre conformemente todos os Padres e doutores da Igreja, todos os teólogos antigos e modernos, e todos os expositores de ambos os testamentos, e se demostra com o mesmo mistério da Encarnação e fim por que Cristo veio ao mundo, e com a doutrina e acções de toda sua vida e morte. Porque se perguntarmos aos 4 Evangelistas (deixando o testimunho das outras Escrituras) que fez Cristo e que ensinou com a palavra e com o exemplo, desde o dia em que nasceu até à hora em que expirou na cruz; dir-nos-ão que veio ensinar aos homens a ciência da saúde e salvação; que veio ser luz do mundo e alumiar a todos os que vêm a ele, que veio lançar fogo na terra, para que se acendesse

[116] Mediato/a, adj. «Que apenas está em relação com uma coisa por intermédio de outra; indirecto», Morais, vol. VI, p. 616.

nela a caridade que tão apagada estava; que veio encher e informar a lei e animar a letra com o espírito; que veio vencer o demónio e lançá-lo do mundo onde reinava e se intitulava Príncipe; que veio apartar os pais dos filhos e os filhos dos pais, para que a graça prevalecesse contra a natureza e o amor de Deus pudesse mais que o do sangue; que ensinou o desprezo das riquezas, os interesses da esmola, o perdão das injúrias, a verdadeira amizade com os inimigos, a virtude da humildade e a da castidade, uma não usada, outra não conhecida no mundo; que pregou o reino do céu, a eternidade do inferno, o rigor do juízo, o preço e imortalidade da alma. Finalmente, que abriu sete fontes da graça, em que instituiu sete sacramentos perpétuos, e ficou ele connosco perpetuamente em sacramento; que nos lavou em seu sangue, que morreu por nós e que nos deixou o seu amor e o nosso em testamento. Sendo pois estas as acções daquele Senhor, a quem antes de vir ao mundo todos os profetas chamaram Rei, e em seu nacimento foi aclamado Rei e em sua morte intitulado Rei; e sendo todas elas ordenadas só à salvação e perfeição dos homens, e dirigidas e encaminhadas ao céu, cujo reino [5v] lhes pregou e prometeu sempre, e estando até àquele tempo fechado, lho abriu e mereceu com seu sangue, que maior testimunho se pode desejar nem que maior demostração ou evidência de ser o reino e império deste santíssimo e soberaníssimo Rei reino e império espiritual? Foi reino e império espiritual no fim e causas de sua instituição; espiritual nas leis, espiritual no governo, espiritual no uso, nas execuções e no exercício, e suposto que dizemos há[--de] ser sempre o mesmo (nem é decente nem seria creível[117] outra cousa), em qualquer tempo futuro será e há-de ser também espiritual. Não alegamos aqui os autores desta doutrina assi por serem todos, como dissemos, como porque alegaremos muitos no capítulo seguinte.

[117] «Creível, adj. O mesmo que crível». Morais, vol. III, p. 670.

[6r] Capítulo 4.º

Examina-se se o Reino e Império de Cristo é também temporal. Refere-se a opinião negativa

O império e domínio espiritual é certo que de sua natureza não exclui nem implica com o temporal. De modo que um e outro domínio bem pode sem repugnância alguma convir e ajuntar-se no mesmo sujeito. Assi, vemos que o Sumo Pontífice, tendo o domínio espiritual de toda a igreja, é também senhor e príncipe temporal do estado que chamam eclesiástico. Em Alemanha, três dos eleitores do império são príncipes eclesiásticos e senhores temporais de seus estados. E no nosso reino, o arcebispo primaz é juntamente bispo e senhor de Braga. Suposto, pois, que o reino e império de Cristo seja espiritual, como acabámos de resolver, resta examinar agora se é também império temporal. Muitos e graves teólogos seguem de tal maneira a parte negativa que excluem totalmente do império de Cristo toda a jurdição, poder, e domínio temporal, e somente lhe concedem ou admitem nele o puramente espiritual, bem assi como aquele que os príncipes eclesiásticos têm sobre suas igrejas ou ovelhas (posto que por modo mais sublime e excelente), mas de nenhum como aquele que os senhores e príncipes seculares têm sobre seus estados e vassalos.

Fundam primeiramente esta sua sentença em muitos lugares da Escritura, e particularmente em todos aqueles com que no capítulo passado mostrámos o nome e título de Rei que os profetas davam a Cristo. E notam bem advertida e doutamente estes autores que, todas as vezes que os textos da Escritura Sagrada falam no reino, império, domínio, poder ou principado de Cristo, sempre acrecentam alguma explicação ou limitação com que o nome geral de Rei e Senhor se distinga ou aliene[118] da significação de poder temporal, e se limite, estreite e determine ao espiritual somente. No Salmo 2, chama David a Cristo Rei constituído por Deus: *Ego autem constitutus sum rex ab eo*[119]; mas logo limita a significação do ofício ou dignidade, dizendo

[118] Alienar, v. Aqui, no sentido de «afastar(se)». Morais, vol. I, p. 635.
[119] SC: «Trad.: Eu, porém, fui por Ele feito rei. Salmo II, 6».

que para pregar seus preceitos: *prædicans præceptum ejus*. No Salmo 44, descreve o mesmo profeta as prosperidades e progressos do reino de Cristo: *Intende prospere procede et regna*[120]; mas logo declara o género de armas, todas espirituais, com que há-de conquistar o mundo: *Propter veritatem et mansuetudinem et justitiam deducet te mirabiliter dextera tua*[121]. Isaías, no capítulo 9, anuncia o mesmo reino de Cristo e sua perpetuidade: *super solium David et super regnum ejus sedebit in eternum*[122]; mas logo aponta os fundamentos espirituais também de que lhe há-de vir a firmeza: *ut confirmet illud et corroboret in judicio et justitia*[123]. Jeremias, no capítulo 23, celebra o reino e sabedoria de Cristo Rei: *Regnabit Rex et sapiens erit*; mas logo determina os efeitos dessa sabedoria, que hão ser encaminhados todos à salvação: *In illa die salvabitur Juda*[124]: Zacarias, no capítulo 9, descreve o triunfo de Cristo, aclamado por Rei na entrada de Jerusalém: *Ecce Rex tuus venit tibi*[125]; mas logo lhe chama Rei salvador, justo, pobre e humilde: *justus et salvator ipse pauper et ascendens super asinam*. Finalmente, o mesmo Cristo confessando a Pilatos que era Rei, *Tu dicis quia rex sum ego,* acrecentou logo que o seu reino era para dar testimunho da verdade ao mundo: *Ego in hoc veni in mundum ut testimonium perhibeam veritati*[126]. E depois de ressuscitado, declarando aos Apóstolos, com a maior majestade de palavras, que podia ser a grandeza de seu império, domínio e potestade: *Data est mihi omnis potestas in cælo et in terra*[127]; a consequência que tirou de todo este poder tão universal foi *euntes que prædicate Evangelium omni creaturæ; qui crediderit et baptizatus fuerit salvus erit*[128], fé, bautismo[129], salvação dos homens. Segue-se logo que o reino e império de Cristo é espiritual [6v] somente, e de nenhum modo temporal.

Sobre tudo está por esta parte aquele claríssimo oráculo do mesmo Cristo: *Regnum meum non est de hoc mundo*[130], o meu Reino não é deste mundo. Das quais palavras podemos dizer: *quid adhuc egemus testibus*[131]?

---

[120] SC: «Trad.: ...entesa [o arco] vai pròsperamente adiante e reina. Salmo XLIV, 5».
[121] SC: «Trad.: Por meio da verdade, da mansidão e da justiça, e a tua mão te conduzirá a coisas maravilhosas. [Salmo XLIV, 5].».
[122] SC: «Trad.: ...sobre o sólio de David e sobre o seu reino tomará para sempre assento. Isaías, IX, 7».
[123] SC: «Trad.: ...para o confirmar e fortalecer em juízo e na justiça. [Salmo XLIV, 5].».
[124] SC: «Trad.: ...reinará o rei e será sábio [...]. Naqueles dias será Judá salvo. [Salmo XLIV], 5 e 6».
[125] SC: «Trad.: Eis que o teu rei virá a ti [...] justo e salvador; ele é pobre e vem montado sobre uma jumenta. Zacarias, IX, 9».
[126] SC: «Trad.: Tu o dizes que eu sou rei [...]. Eu vim a este mundo para dar testemunho da verdade. S. João, XVIII, 37».
[127] SC: «Trad.: Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. S. Mateus, XXVIII, 18».
[128] SC: «Trad.: Ide por todo o Mundo a pregar o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for baptizado, será salvo. S. Marcos, XVI, 15 e 16».
[129] «Bautismo, s. m. O mesmo que baptismo». Morais, vol. II, p. 424.
[130] SC: «Vid. S. João, XVIII, 36».
[131] SC: «Trad.: De que testemunhos precisamos ainda? S. Mateus, XXVI, 65».

À eficácia destes textos se acrecenta a de muitas razões e argumentos, entre os quais porventura não é o que tem granjeado menos votos a esta opinião a toada daquela palavra temporal, a qual, construída com o império de Cristo e pronunciada aos ouvidos mais religiosos e espirituais, parece que traz consigo alguma dureza e dissonância, por não dizer indecência. De que servia a Cristo (dizem) o nome ou jurdição de Rei temporal do mundo, se ele vinha, como vimos, a confundir com seu exemplo o mesmo mundo, os mesmos reis e as mesmas temporalidades? Se a perfeição cristã que Cristo veio ensinar aos homens consistia em deixar tudo e seguir em pobreza e humildade a Cristo, pobre e humilde, como dizia, com esta renunciação de bens, todos os bens, honras e haveres do mundo, o domínio, o império e sujeição, a majestade de todo ele? E se esta majestade, este império e este domínio não havia de ter (como nunca teve em Cristo) uso ou exercício público, e havia de estar sempre oculto e encoberto aos homens; não seria maior autoridade, maior exemplo e ainda maior circunstância de perfeição saber-se que o renunciara Cristo podendo tê-lo, que dizer-se que o tivera, que o conservara e ainda que o pedira, como alguns dizem? Com que liberdade ou com que confiança havia de aconselhar ou mandar Cristo a outro mancebo que, se queria ser perfeito, [7r] deixasse o domínio das suas herdades, se no mesmo tempo o mestre desta perfeição retivesse o domínio de toda a terra? Para que se há-de admitir, logo, o nome deste império temporal em Cristo, se nem para o decoro[132] da pessoa, nem para o fim do ofício, nem para o exemplo da doutrina era necessário, e para o exercício e uso, que nunca teve, realmente inútil e ocioso? Estas razões ou admirações, que não são muitas vezes as que menos persuadem, se fecham e apertam eficazmente com um discurso fundado em todos os princípios gerais de direito, com que parece aos autores desta sentença que não só estabelecem de todo a certeza dela, mas que convencem e desfazem a probabilidade de qualquer outra. E discorrem ou argumentam assi.

[6v] Se Cristo foi Rei temporal, ou foi Rei por direito natural, ou por direito divino, ou por direito humano. Por direito natural não, porque Cristo não era filho nem herdeiro de Rei; e dado que fosse legítimo sucessor do reino de Israel, como dizem menos provavelmente alguns autores, a herança de um reino particular não lhe dava direito para o império de todo o mundo. Por direito divino também não; porque, se houvera tal direito, constara das Escrituras, e posto que muitos textos da Escritura falem de Cristo como Rei e lhe dêem o nome e título de Rei, todos, como vimos, se entendem do reino espiritual ou celeste, e quando menos se podem interpretar assi, sem nos obrigarem a que os entendamos do reino ou império temporal. Finalmente, por direito humano não; porque a jurdição de fazer ou eleger rei está na

[132] Decoro, s. m. «Beleza moral, resultante da honestidade e decência», Morais, vol. III, p. 844.

comunidade dos homens respectivamente, e para Cristo ser Rei universal de todo o mundo, por esta via, era necessário que todos os homens e comunidades do mundo se unissem em um consentimento com que o elegessem por Rei e Senhor de todas, o que nunca houve. Antes sabemos que os príncipes e povo de Judeia, que era a terra onde Cristo vivia, se conjuraram contra ele e lhe tiraram a vida só por que não tivesse o nome de Rei, e que o mesmo Senhor, na ocasião em que alguns deles lho quiseram dar, fugiu deles e do mesmo título, e se escondeu em um monte para escapar daquela violência. Logo, se não foi Rei temporal, nem por sucessão natural, nem por eleição humana, nem por doação ou nomeação divina, bem se conclui que o reino e império de Cristo, tão celebrado nas Escrituras, de nenhum modo foi nem podia ser temporal, senão espiritual somente, qual acima dissemos.

[7r] Os Padres que isto disseram e seguiram, querem alguns que sejam todos. Ao menos confessa Vásquez que da Doutrina dos Padres não se pode convencer o contrário. O primeiro que se alega é Santo Agostinho em muitos lugares, entre os quais o mais claro (ou o que o parece) é este: *Populi personam figurate gerebat homo ille, scilicet Saul: qui populus regnum fuerat amissurus Christo Jeso Domino nostro per Novum Testamentum non carnaliter sed spiritualiter regnaturo*. Nenhum dos outros Padres fala em termos de tanta expressão, mas alegam-se e podem-se[133] alegar no mesmo sentido S. Ambrósio, S. Jerónimo, S. Gregório Papa, S. Basílio, S. Atanásio, S. João Crisóstomo, Tertuliano, Teofilacto e outros, e diz o doutíssimo Maldonado que esta é a sentença comua dos melhores teólogos. Nós nomearemos os teólogos que assi o disseram. O douto leitor julgará se são os melhores. E são estes: Herman Lethmaet[134], Driedo, Castro, Bartolomeu de Medina, Jansénio, Vitória, Adrião Fino, João Parisiense, Francisco de Cristo, Melchior Flávio, Jacobo Naclanto. E posto que também se citem por esta parte Soto, Abulense e Valdense, falam por termos tão indiferentes, que Vásquez os alega (e diz que assi se devem alegar) pela parte contrária. Advirta-se, porém, para crédito de Maldonado e nosso, que os teólogos que hoje têm maior fama nas escolas, quando ele escreveu, ainda não tinham escrito.

[133] Note-se a ocorrência do fenómeno conhecido como «subida do clítico». Martins, A. M. (2013). «A posição dos pronomes pessoais clíticos». *In* E. P. Raposo / M. F. Bacelar / M. A. Mota / L. Segura / A. Mendes (orgs.). *Gramática do Português*, vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 2231-2302.

[134] Herman Lethmaet, antrop. No original, «Hermas Letmatio».

[7v] Capítulo 5.º

Propõe-se e defende-se a opinião afirmativa

Se escrevêramos menos há de cem anos, porventura que não puséramos aqui tão confiadamente este capítulo. Mas como disse S. Gregório, e antes dele o Sábio, quanto a Igreja mais crece, mais se alumia, e o que nos tempos passados é duvidoso, nos futuros se sabe. A opinião do reino temporal de Cristo e da conceição[135] imaculada de sua mãe se acompanharam no mesmo tempo e na mesma fortuna, e ambas alfim[136], se não têm ainda triunfado, já têm vencido. Mitigou-se com os dias e com a consideração o horror daquele nome temporal; acabou-se de conhecer que com ele se não davam armas, antes se tiravam aos inimigos (porque também na Teologia se deve entender: *omnia dat qui justa negat*[137]); sucederam àqueles teólogos de grande espírito outros de grandes espíritos, e resolveu-se que não eram menos espirituais os que admitiam no império de Cristo o nome de temporal. Nem sempre é maior espiritualidade o que mais se opõe ao corpo. Os originistas chamavam, por escárnio, pelusiotas aos que seguiam a fé de que todos havemos de ressuscitar em nossos corpos, parecendo-lhe cousa indigna e muito contra o decoro da bem-aventurança que houvessem de aparecer diante de Deus as nossas almas com vestidos tão indecentes como são os corpos; e diz S. Jerónimo, com outras muitas galantarias, que não eram os que pior tratavam seus corpos os que isto diziam. Não fazem menos Santo a Cristo nem querem fazer menos espiritual o mundo os que reconhecem em Cristo o domínio temporal dele. Porventura ofende a Deus enquanto Deus o ser Senhor e criador de todas as cousas corpóreas e o ter em sua própria essência eminentemente as ideias de todas elas? Antes deixara de ser Deus se assi não fora. Pois o domínio soberano, que é perfeição em Deus Deus (digamo-lo assi), porque há-de ser menos decência em Deus homem? Quando chamamos império temporal ao de Cristo, não queremos dizer que é o seu império sujeito

[135] «Conceição, s. f. O mesmo que concepção». Morais, vol. III, p. 342.
[136] «Alfim, adv. (de al+fim). Afinal, finalmente, enfim». Morais, vol. I, p. 615.
[137] SC: «Trad.: Dá tudo quem nega o que é justo».

às mudanças e inconstâncias do tempo, nem que receba a grandeza e majestade da pompa e aparato vão das cousas exteriores do mundo, a que o mesmo mundo, quando fala com mais siso, chama com razão temporalidades; e isto é só o que negam as Escrituras, isto o que não admitem os Padres e isto o que explicou o mesmo Cristo quando disse: *Regnum meum non est de hoc mundo*.

Mas o império que dão ou reconhecem em Cristo os que admitem e veneram nele o nome de temporal é um domínio soberano e supremo sobre todos os homens, sobre todos os Reis, sobre todas as cousas criadas, com poder de dispor delas a seu arbítrio, dando e tirando reinos, fazendo e desfazendo leis, castigando, premiando, mandando com jurdição tão própria e directa sobre todo o mundo como a que os reis particulares têm sobre seus vassalos e reinos, antes com muito maior, [8r] mais perfeito e mais excelente domínio, não dependente, como eles, de criaturas, mas absoluto soberano, sublime e independente de todos.

Os teólogos que isto assentam por conclusão [são][138] S. Tomás, Suárez, Vásquez, e bastava ter escrito estes três grandes nomes, para dar por provada e acreditada com o mundo uma verdade tão necessária e importante, como depois veremos. Seguem a estes três lumes[139] outros muitos, que o puderam ser da Teologia, se eles não foram diante. O Cardeal Toledo, o Cardeal Lugo, Molina, Valença, Salazar, Hurtado, Ragusa Arriaga, Amico[140], Peres, Veiga[141], Caspense, Carçosa[142], Lacerda, Justiniano, Cornélio, Ludovico Tena e os dois Mendoças insignes de Portugal e Castela, dos quais este último, já no ano de 1586, na Universidade de Salamanca, onde era catedrático de Escoto, excitou[143] e defendeu galhardamente esta questão nos termos seguintes, que por serem tão particulares os quero referir aqui. *Utrum Jesus Christus Deus ac Salvator noster fuerit vere ac proprie Dominus et Rex totius orbis, atque omnium rerum creatarum, secundum quod homo est, non tantum spiritualis rex ac Dominus, sed et verus ac absolutus et proprius, atque adeo temporalis: tam vere et proprie quam Philippus 2us [id] temporis rex est Hispaniarum, et unusquisque hominum dominus est suarum rerum, eo quod illis in omnem usum potest citra alicujus injuriam uti*[144]. Este é o sentido em que falam com pouca diferença

---

[138] No original, lê-se «he», forma da terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo ser, provavelmente por lapso do autor.

[139] Lume, s. m. Aqui, na acepção de «aquele que é dotado de grande ilustração; luminar, notabilidade», Morais, vol. VI, p. 321.

[140] Trata-se do teólogo jesuíta Francesco Amico.

[141] Trata-se provavelmente do Padre jesuíta Manuel da Veiga.

[142] SC: «Não sei identificar Arnico, nem Verga, nem Carçosa». Carçosa surge também na *Representação...* (Banza 2008, vol. II, pp. 529, 558-559), onde é referida a obra *De conceptione Beata Mariae Virginem,* de Paolo Nicolleti, colocando-se a hipótese de Carçosa ser apelido ou pseudónimo deste autor.

[143] Excitar, v. Aqui, no sentido de «dar origem a, suscitar, promover». Morais, vol. IV, p. 991.

[144] SC: «Trad.: Porém Jesus Cristo, Deus e salvador nosso, foi verdadeira e pròpriamente Senhor

de palavras todos os teólogos referidos, como se pode ver nos lugares citados à margem; antes dos quais tinham seguido e ensinado a mesma doutrina Santo Antonino, Durando, Almaino e os três já nomeados Abulense, Escoto, Valdense, a que podemos ajuntar muitos juristas de grande nome; como o Cardeal Torquemada, o Cardeal Ostiense, Navarro, Barónio, Rofensis, Nicolaus Grandii, Alberto Pighio.

E para que demonstremos a verdade desta nossa sentença e do império temporal de Cristo pelos mesmos princípios e fundamentos da opinião contrária, e os vamos juntamente impugnando e desfazendo; seja o primeiro o testimunho das mesmas Escrituras alegadas, em que Cristo tão repetidamente e expressamente é chamado Rei por boca de todos os profetas antigos. A que podemos acrecentar o do maior profeta da Lei da Graça, S. João Evangelista, em dois lugares do Apocalipse em que chama a Cristo Príncipe dos reis da terra e Rei dos reis e Senhor dos senhores. No capítulo 1.º, *Princeps Regum terræ,* e no capítulo 19.º, *Rex Regum et Dominus dominantium*. Os quais textos e todos os mais se não podem entender própria e naturalmente senão do reino temporal de Cristo; porque o contrário seria fazer manifesta violência à significação da palavra Rei, a qual em toda a Escritura Sagrada significa Rei temporal.

[8v] E se é regra certa, como ensina S. Agostinho, que as palavras da Sagrada Escritura se não hão-de interpretar em sentido metafórico e figurativo, senão quando, de se entenderem na sua significação própria e natural, se seguisse algum grande inconveniente ou absurdo contra a doutrina da mesma Escritura recebida pela Igreja; os mesmos nomes de Rei e Reino tantas vezes celebrados e cantados pelos profetas, falando do império de Cristo, nos obrigam a conceder e confessar que em toda sua propriedade [natural] significam Rei e Reino temporal; pois se não segue de assi o entendermos inconveniente algum ou dissonância contra a pessoa, grandeza e majestade de Cristo, antes muita honra, glória e autoridade sua e da Igreja, como neste mesmo capítulo se irá vendo, quando respondermos a estas leves objecções da parte contrária. A esta confirmação geral da significação da palavra Rei acrecenta o mesmo Padre Suárez outra, que é própria da pessoa de Cristo, e que eficazmente convence o sentido em que se deve tomar a mesma palavra. Porque o reino espiritual de Cristo [nisto] se distingue do sacerdócio do mesmo Cristo, e consta das sagradas Escrituras, como prova S. Agostinho no tratado 3 sobre S. João, [e nós] mostraremos largamente no capítulo se-

---

e Rei de toda a terra e de todas as criaturas, pelo facto de ser homem; e não sòmente rei e senhor espiritual, mas verdadeiro e absoluto e pròpriamente dito, ao mesmo tempo que temporal; tão verdadeira e pròpriamente como Filipe II rei temporal das Espanhas, e um e outro é senhor das suas coisas, por isso que delas pode tirar todo o uso, sem injúria de quem quer que seja. Alfonso Mendonça, *Qæstiones Quodlibeticæ, De univ. Christi regno*. O passo que encontrei de idêntico conceito é diferente de forma».

guinte, que o reino e o sacerdócio [9r] em Cristo são dignidades e jurdições distintas. Logo, se o nome de Supremo Sacerdote significa o reino e império espiritual, segue-se que o de Supremo Rei significa o temporal. Finalmente, o mesmo Cristo, antes de subir ao céu, deixou dito e publicado ao mundo que seu Eterno Padre lhe tinha dado todo o poder no céu e na terra: *data est mihi omnis potestas in cælo et in terra*. E quem diz todo, seguindo as regras do direito, nenhuma cousa exclui. Teve logo Cristo o império espiritual, que é o que mais propriamente se chama império no céu, e teve juntamente o império temporal, que é o que com toda a propriedade se chama império na terra, porque doutra maneira se não pode dizer, nem entender sem manifesta implicação, que tivesse, ou tenha, Cristo todo o poder, pois lhe faltaria nesse caso o poder temporal, que é uma tão grande parte desse todo.

Estes são os textos mais eficazes e expressos com que os teólogos costumam provar a verdade do império temporal de Cristo. E posto que baste cada um deles, tomado na propriedade e natureza de sua significação, para persuadir facilmente a qualquer entendimento fácil e dócil, nós, para maior demostração da mesma verdade, sem sair das mesmas profecias e textos fundamentais desta história, não só esperamos de a confirmar eficazmente na mesma certeza, mas de lhe acrecentar, com a nova luz deles, maior evidência. E começando pela Profecia de Zacarias, já vimos que a coroação de Jesus[145], filho de Josedec[146], significava a dignidade suprema do Império de Cristo. Agora pergunto: por que foi coroado não com uma, senão com duas coroas, e por que uma delas foi de prata e outra de ouro? A razão, não mística senão literal, dizem comummente os expositores que foi porque Cristo não teve uma só coroa, senão duas: uma, como supremo Sacerdote, que pertencia ao império espiritual; e outra, como supremo Rei, que pertencia ao temporal. E por isso não eram ambas de ouro, ou ambas de prata, senão uma de prata e outra de ouro, para significar a diferença e preço daqueles dois impérios ou jurdições; e que o império espiritual significado no ouro era mais alto, mais precioso e mais sublime que o império temporal significado na prata. E quanto ao império temporal, em que só podia haver a dúvida, que maior prova se podia desejar que a da estátua de Nabuco, cujos metais desfez a pedra em pó, e em cinza? Porque se é certo (como é de fé) que aqueles quatro metais significavam quatro impérios sucessivos, e impérios verdadeiramente temporais, bem se segue que a pedra que os derrubou e desfez, figura do reino e império de Cristo, não só significava império espiritual, senão também temporal, porque só os impérios temporais se derrubam, arruínam, e desfazem [9v] uns aos outros, o que não faz nem pode fazer o império espiritual. Para um império derrubar e desfazer a outro é necessário que

[145] Jesus, antrop. No original, «Jeso».
[146] Josedec, antrop. No original, «Josedech».

tenha oposição e contrarie com ele acerca das mesmas cousas. E esta oposição e contrariedade só se acha nos impérios temporais entre si e não entre o império espiritual e o temporal, como bem tem mostrado a experiência no mesmo império espiritual de Cristo, o qual depois de comunicado a seus vigários, ou Sumos Pontífices, não desfez os impérios e reinos dos príncipes temporais, antes ajudou muito; e se ajudou de seus aumentos, crescendo e estabelecendo-se mais a grandeza e majestade da Igreja e dos pontífices, quanto mais se estabelecia e crecia a dos imperadores. E este foi o erro, ignorância e engano de que sempre os fiéis notaram e motejaram[147] a Herodes, cantando contra sua loucura por boca da Igreja: *Crudelis Herodes Deum regem venire quid times? Non eripit mortalia qui Regna dat cælestia*[148]. Sendo, pois, certo que o reino e império de Cristo derrubou, ou há-de derrubar todos os impérios do mundo, que são impérios verdadeiramente temporais, e não espirituais, ocupando e enchendo toda a terra, donde eles antes estiveram, como expressamente diz o texto; bem se colhe que o império de Cristo não é só espiritual senão temporal. E tudo isto se verá mais claramente quando adiante explicarmos o tempo da ruína desta estátua e outras circunstâncias dela. Nem menos se confirma a mesma verdade com a segunda visão de Daniel, na qual lemos que, para Deus dar o império ao Filho do Homem, mandou primeiro queimar a quarta besta das 10 pontas, em que era significado o Império Romano, e todos os reinos temporais que dele naceram, o que de nenhuma maneira era necessário, se o reino e império de Cristo fora somente espiritual, pois vemos que reinou antigamente Cristo espiritualmente em todo o Império Romano, e reina também hoje espiritualmente em todos os Reinos que do mesmo Império Romano se naceram e dividiram e conservam o nome de Cristãos; e nem por isso deixam de ter o mesmo domínio e soberania temporal que antes de receberem a sujeição de Cristo tiveram. Segue-se logo com evidência que o império de Cristo, que lhes há-de tirar essa soberania temporal, não é ou há-de ser o império espiritual de Cristo, a que eles já são sujeitos, senão o império temporal, como melhor se entenderá pelo discurso de tudo o que diremos.

Finalmente, como consta do mesmo texto de Daniel, o império do Filho do Homem ou de Cristo, naquela visão, é o mesmo império universal que hão-de ter os cristãos na terra, no qual império hão-de entrar e ser incorporados todos os reis e reinos do mundo. Como se pode logo duvidar que este imenso e portentoso império composto de todos os impérios, de todos os reinos, e de todas as repúblicas temporais, posto que seja espiritual e espiritualíssimo, não haja de ser também temporal? Este é, e este [10r] o Reino e Im-

[147] Motejar, v. «censurar, criticar», Morais, vol. VII, p. 44.
[148] SC: «Trad.: Cruel Herodes, porque temes que venha o Deus-Rei? Não tira os reinos perecíveis Aquele que dá os celestes?»

pério de Cristo, tão cantado e celebrado nos oráculos dos profetas, pelo qual se intitula com toda a propriedade *Rex regum et dominus dominantium*[149]; e assi como a palavra *Regum* e *dominantium* é sem dúvida que significa Reis e senhores temporais, assi a palavra *Rex* e *dominus* significa Rei e senhor, também temporal, para não admitirmos com manifesta violência da Escritura e repugnância do entendimento que na mesma sentença e na mesma palavra se varia o sentido e suposição dela e que *rex* e *dominus* têm uma significação e *regum* e *dominantium,* outra. E se nos lugares da Escritura alegados pelos autores da opinião contrária, e em outros que também lhe pudéramos ajuntar, parece que o domínio real de Cristo se limita e determina ordinariamente a fins e obras espirituais, de nenhum modo se enfraquece com este indício ou argumento a verdade da nossa sentença, antes com ele se confirma e estabelece mais. Porque nós não dizemos que o reino e império de Cristo não é espiritual, senão que é espiritual e temporal juntamente, conhecendo e tendo pola maior excelência deste felicíssimo reino que, não só enquanto espiritual, senão ainda enquanto temporal, se ordena ao fim último e sobrenatural da bem-aventurança, pois esse mesmo reino, e não outro, é o que há-de ser eterno e glorioso no céu, como dizem as palavras tão repetidas do nosso texto, e isto é ser império de Cristo e dos cristãos, e nisto se distingue dos reinos meramente políticos e humanos, porque estes têm por fim a conservação e felicidade da terra, e o de Cristo e dos cristãos, a do céu.

Vindo às autoridades (como dizem) dos Padres, concedemos facilmente que são poucos os lugares de seus escritos em que se ache expressamente e em próprios termos o reino temporal de Cristo, como também se não acha o da graça santificante do mesmo Cristo, distinta da união hipostática, e outras cousas de igual importância e dignidade, recebidas entre os teólogos; não porque os santos tivessem diferente parecer, mas porque em seu tempo não estavam em uso aqueles termos que depois inventou a Teologia para maior clareza da doutrina escolástica, explicando muitos deles com palavras menos latinas (por não dizer bárbaras) qual é a palavra temporal. Dos quais termos se abstêm ainda hoje os que escrevem em estilo mais polido e levantado, como nos primeiros tempos da Igreja faziam aqueles santíssimos e doutíssimos Padres, para convidarem a todos a lerem de boa vontade e com gosto seus escritos e para que nos Livros dos autores cristãos se não achasse menos a propriedade e majestade da eloquência, que tanto se venerava nos escritores gentios. Desta razão, que é geral para muitas matérias, damos por testimunhas os mesmos Livros dos Padres, nos quais também se acharam frequentemente louvadas, inculcadas e persuadidas as virtudes que pertencem ao reino espiritual de Cristo, não porque aqueles Santos negassem à universalidade de seu império o domínio temporal, mas porque deste não

[149] SC: «Trad.: Rei dos reis e Senhor dos senhores».

quis ter exercício aquele Senhor que era juntamente Senhor e Mestre, e os principais e maiores [10v] exemplos que nos quis deixar foram do desprezo dele. Não faltam, contudo, lugares mui ilustres dos Padres, em que falaram do Império temporal de Cristo com termos não menos expressos que os que se alegam pela parte contrária, dos quais porei aqui os que bastem a responder a estes e confirmar a verdade da nossa. S. Cirilo, explicando as palavras de Cristo *Regnum meum non est de hoc mundo,* no Livro 12 sobre S. João, diz assi: *Regem se esse non negat, sed Regni Cæsaris se non esse hostem ostendit; quia ejus Regnum terrenum non est, sed cæli et terræ, ceterarumque rerum omnium*[150]. E S. Agostinho, no Tratado 14 sobre o mesmo evangelista: *Erat quidem Rex non talis qualis ab hominibus fit, sed talis ut homines reges faceret*[151]. E S. Gregório, na Homilia 8.ª sobre os Evangelhos, ponderando o lugar do nacimento de Cristo, não próprio senão alheio, *Alienum,* digo *non secundum potestatem, sed secundum naturam; nam secundum potestatem in propria venit*[152]. E mais claramente que todos, S. Bernardo, no Livro 3.º *De consideratione,* escrevendo ao Papa Eugénio: *Dispensatio tibi credita est; non data possessio: non tu ille, de quo Propheta, Et erit omnis terra possessio ejus. Christus hic est, qui possessionem sibi vendicat, et jure creationis, et merito redemptionis, et dono Patris. Cui enim alteri dictum est, postula a me, et dabo tibi gentes hæreditatem tuam, et possessionem tuam terminos terræ? Possessionem et dominium cede huic tu curam illius habe*[153]. Outras muitas sentenças semelhantes a estas se lêem em outros Santos Padres, da mesma e maior antiguidade, como S. Ireneu, no Livro 4.º, cap. 17; S. Cipriano, *Adversus Judæos,* cap. 26; S. Hilário, sobre o Salmo 2.º, v. 5.º; S. Jerónimo, Lib. 4.° sobre Jeremias, cap. 22; e S. Ambrósio, no Livro 3.º sobre S. Lucas. Aos quais, com razão, podemos acrecentar todos aqueles autores antigos e modernos que, a título de mãe de Cristo, reconhecem e veneram na Virgem Senhora nossa o império e domínio de todo o mundo. O mesmo S. Bernardo, no sermão sobre as palavras do Apocalipse, *signum magnum: Maria* (diz) *eo quod mater Dei est, Regina cælorum et domina mundi jure esse probatur*[154]. E S. Atanásio, no sermão primeiro *De Nativitate Virginis*:

[150] SC: «Trad.: Não nega que é Rei, mas mostra que não é inimigo do reino de César, porque o reino deste não é terreno, senão da terra e todas as outras coisas».

[151] SC: «Trad.: Era, na verdade, rei, não tal qual este é feito pelos homens, mas tal como ele os fazia. Não posso garantir a exacção do passo, pois o não encontrei».

[152] SC: «Trad.: Alheio não segundo o poder, mas segundo a natureza; porquanto, segundo o poder, veio ao que lhe pertencia».

[153] SC: «Trad.: Foi-te confiada dispensação sobre isso, não te foi dada posse... Não és tu aquele de quem o Profeta: «E será toda a terra possessão sua?» Esse tal é Cristo que a reivindica para si, por direito de criatura, e pelo mérito da redenção e dádiva do Pai. Ao qual outro foi dito: «Pede e dar-te-ei os povos em herança e como tua possessão a terra até os seus confins?» Cede-lhe a posse e o domínio, e toma deste o cuidado. S. Bernardo, op. cit., cap. III *in princípio*».

[154] SC: «Trad.: Maria, por isso mesmo que é mãe de Deus, se prova que é, por direito, rainha dos Céus e Senhora do Mundo».

quandoquidem Christus Rex est, qui natus est ex virgine, idemque et Dominus, et Deus; ea propter et mater quæ eum genuit, et Regina et Domina, et Deipara proprie et vere censetur[155]. E S. Bernardino de Siena[156], no tom. 1.º, Serm. 71, cap. 7.º: *virgo beatissima omnem hujus mundi meruit principatum et Regnum; quia Filius ejus in primo instanti suæ conceptionis monarchiam totius promeruit, et obtinuit universi: sicut Propheta testatur, dicens: Domini est terra, et plenitudo ejus, orbis terrarum, et universi qui habitant in eo*[157]. Dos quais lugares todos e muito mais claramente destes últimos se mostra quão assenta[11r]da cousa era e quão sem controvérsia no sentir comum dos Padres o império e monarquia universal de Cristo, não só quanto ao reino espiritual e do céu, senão quanto ao temporal e da terra. E, se alguns dos mesmos santos Padres, principalmente em livros ou tratados apologéticos, parece que diziam e ensinavam o contrário (como verdadeiramente parece); deve-se advertir que falavam do reino de Cristo, não quanto ao poder, império ou domínio, senão quanto ao aparato, grandeza e majestade exterior de Rei temporal, a qual os Judeus esperavam e os gentios desejavam em Cristo: os primeiros interpretando erradamente as Escrituras, e os segundos fingindo as propriedades de Deus humanado conforme sua vaidade e apetite, como gente costumada a fazer deuses à sua vontade. E como a controvérsia e disputa daqueles tempos era contra este escândalo dos Judeus e contra esta estultícia dos gentios, que são os nomes injuriosos ou gloriosos com que uns e outros afrontavam a cruz e humildade de Cristo, por isso é tão frequente nos escritos dos Padres a diferença do seu reino aos reinos do mundo, não negando a Cristo, Rei, como dizíamos, o domínio e império ainda temporal sobre todo ele, mas engrandecendo esse mesmo império pelo desprezo da pompa e aparato vão em que põem os reis da terra sua grandeza e majestade. Baste por todos os Padres que pudéramos trazer em comprovação desta nossa advertência um lugar de S. João Crisóstomo, em que, falando do Rei que vieram adorar a Belém os Reis, e da diferença, humilde, de seu estado, diz assi elegantemente[158]: *Quonam pacto magi ex stella illa Judæorum, regem illum esse didicerunt. Cum certe non istius regni esse sit Rex, nihil quippe tale monstravit, quale mundi hujus reges habere conspicimus. Neque enim hastas, neque clypeatas ostendit militum catervas: non equos regalibus phaleris insignes, non currus, auro, ostroque fulgen-*

[155] SC: «Trad.: Uma vez que Cristo, que nasceu de uma virgem, é rei, e é ainda senhor e Deus, por isso mesmo Aquela que o gerou se deve considerar rainha, senhora e deípara».
[156] «De Sena», no original. Porto Editora – *São Bernardino de Siena* na *Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora.
[157] SC: «Trad.: A beatíssima Virgem mereceu todo o principado e reino deste Mundo, porque seu Filho, no primeiro instante da sua concepção, bem mereceu e obteve a monarquia de todo o Universo, assim como o atesta o Profeta, ao dizer: «Do Senhor é a terra e sua plenitude, e orbe terráqueo e quantos nele habitam».
[158] SC: «Homil. 6 sup. Cap. 2 Matthei».

tes: non enim istum; neque alium quempiam circa se habuit ornatum, sed vilem hanc prorsus vitam egit ac pauperem: duodecim tantummodo homines, eosque despicabiles secum circumducendo. Este aparato e pompa exterior de riquezas, galas, palácios, cavalos, coches, criados, exércitos, é o que os santos negavam no reino de Cristo; e não o império e domínio dele sobre todo o mundo; e este é o sentido próprio e germano[159] em que Cristo disse a Pilatos *Regnum meum non est de hoc mundo*, como logo explicou na mesma razão que deu do que tinha dito: *Si de hoc mundo esset Regnum meum, ministri utique mei decertarent, ut* [11v] *non traderer Judæis*[160]. Onde se deve notar, como notou S. Agostinho, que não disse Cristo: *Regnum meum non est hujus mundi*, senão *de hoc mundo*, porque o reino de Cristo verdadeiramente era deste mundo e de todo o mundo, e só não tinha os acidentes da vaidade e falsa grandeza com que se sustentam os outros reinos do mundo.

[159] Germano/a, adj. Aqui, no sentido de «genuíno, próprio, verdadeiro, puro». Morais, vol. V, p. 490-491.
[160] SC: «Trad.: Se o meu reino fosse deste mundo, certo que os meus ministros haviam de pelejar para que eu não fosse entregue aos Judeus. S. João, XVIII, 36».

Capítulo 6.º

Prossegue-se a mesma matéria: apontam-se os títulos e razões do Reino temporal de Cristo

O principal fundamento dos que não admitem, no reino de Cristo, o império e domínio temporal é por não haver título, como eles dizem, ao qual compita e seja devido aquele domínio; e para que se veja manifestamente a debilidade deste fundamento, e tragamos à nossa sentença os mesmos autores que em seguimento dele abraçaram a contrária; apontaremos e provaremos aqui, com a maior brevidade que nos for possível, os títulos por que é devido e compete a Cristo enquanto homem o império e domínio supremo, não só espiritual senão também temporal de todo o mundo. São estes títulos seis, todos legítimos e conforme o direito: o 1.º por natureza, o 2.º por herança, o 3.º por doação, o 4.º por compra, o 5.º por guerra justa, o 6.º por eleição e aceitação de todos os homens. Como iremos mostrando pela mesma ordem.

Primeiramente é Cristo Rei e universal monarca do mundo por natureza, porque por meio da união da divindade à humanidade, a qual se inclui essencialmente na natureza de Cristo, sem algum outro concurso ou condição extrínseca da parte de Deus nem da parte dos homens, pertence ao mesmo Cristo enquanto homem o domínio e império universal de tudo o criado, e por ela fica constituído (ou por ela, sem ninguém o constituir), é Rei, é Senhor, é Monarca Supremo de todos os reis, de todos os reinos e de todos os impérios do mundo. Por isso, Cristo no Apocalipse trazia o título de *Rex Regum e Dominus dominantium* escrito, como diz o texto, *in femore,* que significa a geração humana, para mostrar que o ser Rei de todos os rei[s] e Senhor de todos os senhores lhe convinha e era seu por sua própria natureza. E por isso o nome que lhe [12r] puseram na circuncisão foi o de Jesus, que quer dizer Salvador, e não o de Cristo, que quer [dizer] Ungido, porque o ser ungido por rei e universal monarca do mundo não lhe pertencia por imposição divina ou humana, senão por natureza própria sua, ou por ser quem era. Salvador por obediência, mas ungido por natureza. E assi como antigamente se faziam ou consagravam os reis pelo óleo com que eram ungidos, assi a união hipostática em Cristo foi uma verdadeira e própria unção com que jun-

tamente com o ser e a natureza recebeu o poder e a monarquia do mundo.

Este é o único fundamento do Padre Vásquez, a quem geralmente seguiram todos os que depois dele escreveram. Do qual Vásquez diz Salazar que foi o primeiro a quem a Teologia deve os sólidos e verdadeiros princípios em que fundou o império temporal de Cristo. E posto que Arriaga, por não faltar ao costume de impugnar tudo, não reconheça na unção da união hipostática mais que a propriedade e energia da metáfora; nós veneramos nela a autoridade de David, que assi o disse no Salmo 44, *Unxit te deus, deus tuus, oleo lætitiæ præ consortibus tuis*[161], e a explicação de S. Agostinho e S. Gregório Nazianzeno e de outros gravíssimos[162] Padres que assi o entenderam. Porei suas palavras no capítulo seguinte pelas[163]não repetir duas vezes.

O 2.º título do império de Cristo é por herança. Porque, sendo Cristo filho natural de Deus, conforme o texto de S. Paulo, *quod si filius et hæres,* lhe pertence a Cristo, a título de herdeiro, o domínio e império universal do mundo, de que Deus é absoluto senhor. Assi o disse o mesmo Deus por boca do Profeta Rei: *Postula a me et dabo tibi gentes hæreditatem tuam et possessionem tuam terminos terræ*[164]. E S. Paulo, falando também de Cristo: *quem constituit hæredem universorum per quem fecit et sæcula*[165] e o mesmo Cristo na parábola da vinha: *Hic est hæres, venite occidamus eum*[166]. E neste título convêm todos os teólogos acima alegados, como também no seguinte.

É o 3.º título o de doação, o qual se acha mais expresso que todos, assi no Velho como no Novo Testamento, no Salmo, pouco antes alegado: *dabo tibi gentes hæreditatem tuam:* e no Salmo: *omnia subjecisti sub pedibus ejus*[167]*;* as quais palavras entende S. Paulo de Cristo no 2.º capítulo da *Epistola ad Hebreus*. O anjo à Senhora, no capítulo 1 de S. Lucas: *Dabit illi dominus Deus sedem David patris ejus et regnabit in domo Jacob*. S. João no capítulo 13: *Sciens quia omnia dedit ei pater in manus*[168]. O mesmo Cristo no capítulo [...]: *omnia mihi tradita sunt a Patre meo*. E no capítulo [...]: *data est mihi omnis potestas in cælo et in terra*[169].

---

[161] SC: «Trad.: Ungiu-te Deus, o teu Deus, com óleo de alegria, sobre os teus companheiros. Salmo XLIV, 8».

[162] Gravíssimo/a, adj. Aqui, no sentido de «de grande autoridade, grave». Morais, vol.V, p. 578.

[163] Entenda-se: «para as».

[164] SC: «Trad.: Pede-me, e eu te darei os povos como tua herança e porei em tua posse os confins da terra».

[165] SC: «Trad.: ...aquele herdeiro universal por quem fez os séculos».

[166] SC: «Trad.: Este é o herdeiro. Vinde e matemo-lo».

[167] SC: «Trad.: Tudo lhe sujeitaste e lhe meteste debaixo dos pés. S. Paulo, Ep. aos Hebreus, cap. [II], 8 [Salmo II, 8]».

[168] SC: «Trad.: Dar-lhe-á o Senhor Deus o trono de David, seu Pai, e reinará na casa de Jacob... Sabendo que tudo o pai lhe pôs nas mãos».

[169] SC: «Trad.: Tudo me foi entregue por meu Pai... Foi-me dado todo o poder no Céu e na terra».

O título da compra, que é o 4.º, parece que cai mais imediatamente sobre os homens que sobre o mundo, mas ao primeiro domínio se segue necessária e naturalmente o segundo, assi como o que é senhor do escravo o fica juntamente sendo de todos seus bens. E é conclusão certa na Teologia, e de grande glória, não só de Cristo mas nossa, que pelo título da Redenção, não só ficámos vassalos deste soberaníssimo monarca, senão verdadeiramente [12v] escravos seus, comprados com o preço de seu sangue: *empti enim estis pretio magno*[170].

[13r] O sexto e último título do império de Cristo dizíamos que era por consentimento, aceitação; e como eleição de todas as nações do mundo. Este título é o mais jurídico e natural entre os homens; em cujas comunidades, quando querem viver juntos e politicamente, pôs Deus, como autor da natureza, o poder e jurdição suprema de eleger e nomear Príncipes. Assi o tem a comum sentença de todos os juristas e teólogos, e o alcançaram e ensinaram antes deles, por lume natural, Aristóteles, no Livro 3.º das *Políticas*, e Platão, no diálogo *de Regno* e nos livros *de Republica*. Mas em Cristo parece que não pode ter lugar este título porque, sendo monarca universal de todo o mundo e de todos os homens, era necessário que os mesmos homens conviessem todos neste consentimento, eleição ou aceitação, como acima dizíamos, e este consentimento comum nunca jamais o houve no mundo, antes, como dizem alguns teólogos, não é possível havêlo. Contudo, digo que não faltou ao império e monarquia temporal de Cristo este último título do consentimento e aceitação universal dos homens, como agora mostrarei. E peço licença aos que quiserem ler este discurso para me deter um pouco mais nele, por ser pensamento novo e matéria até agora não tratada, à qual é necessário abrir os alicerces e lançar os primeiros e sólidos fundamentos, prometendo aos que fizerem esta detença[171] não perderão o fruto do tempo que nela gastarem, pois verão por grandes notícias e não vulgares da antiguidade quão certa e concertadamente concorre a novidade e verdade desta nossa consideração ao maior estabelecimento do reino de Cristo.

Alberto Pighio (para que de todo não entremos neste novo caminho sem alguma guia), no Livro 5 da *Monarchia Ecclesiastica*, capítulo 3.º, acostando a opinião de muitos e graves Autores, os quais têm para si que Cristo foi legítimo Rei do Reino de Israel, o título em que funda este direito é o consentimento, aceitação e expectação geral com que Cristo, verdadeiro Messias, era esperado de todo aquele Povo como seu verdadeiro Rei e Senhor, prometido aos primeiros Patriarcas da sua nação. *Nec Pilato* (diz este autor) *nec Cæsari illum legitimum jus in regnum judæorum; sed si cuiquam maxime competiit*

[170] SC: «Trad.: fostes comprados por alto preço. I Epist. de S. Paulo aos Coríntios, [I], VI, 20».
[171] «Detença, s. f. O mesmo que demora, delonga». Morais, vol. IV, p. 13.

Christo quem semper expectaveruut sibi Regem fore in lege promissum[172]. E para prova desta geral aceitação e consentimento com que todo o Povo Hebreu tinha recebido por seu Rei ao prometido Messias, traz o mesmo Alberto Pighio a história do *Liber* 1.º dos Macabeus, capítulo 14, em que se refere como os Judeus, por consentimento comum, elegeram por seu Príncipe a Simão e seus descendentes com a cláusula, porém, que o seriam somente até que viesse o Messias, a cujo Reino e direito não queriam prejudicar: *Judæi* (diz o texto) *consenserunt eum Simonem esse ducem suum in æternum donec surgat propheta fidelis*[173]. Sobre as quais palavras conclui assi o dito autor: *Vides omnium Judæorum votis et expectatione semper expectatum Christum et Messiam in lege promissum, regem sibi fore. Nam ad ejus usque adventum Simoni atque ejus posteritati* [13v] *regnum stabilierunt: quod illi adventanti legitimo jure deberi significaverunt, velut expresse protestantes in ejus præjudicium et injuriam nihil se velle facere*[174]. De maneira que o título com que este tão grande teólogo e jurista defende o direito de Cristo ao reino de Israel é aquele geral consentimento, expectação e como eleição com que todo o povo judaico tinha aceitado por seu verdadeiro rei o futuro messias, e como tal o esperava. Assi explica em próprios termos esta sentença de Alberto Pighio Alonso de Mendoça, acima citado, cujas palavras quero também referir aqui, por que não pareça a acomodação da dita sentença levada de algum modo por nós a[o] intento em que nos serve. *Alii* (diz Mendoça, referindo-se a Pighio) *alio titulo Christi regnum ab adversariis vendicant: nam dicunt, ex consensu, et quasi electione populi Judaici, Christum fuisse illius gentis regem: nam cum ardentissime Messiam expectarent, et tenacissime crederent regem ipsum futurum tempora*[*lem*]*, ideo publico totius gentis decreto in ipsum sua vota conjecerant, et in regem elegerant*[175]. De toda esta sentença assi entendida me não serve mais que o exemplo e o modo de dizer ou filosofar. E digo que, assi como em respeito do reino de Israel concorreu ou pode concorrer em Cristo o título da aceitação e como

[172] SC: «Trad.: Nem Pilatos nem César tiveram qualquer legítimo direito ao reino dos Judeus, mas se a alguém màximamente ele pertencia era a Cristo, de quem sempre esperaram haver de ser o rei prometido na Lei».

[173] SC: «Trad.: Os Judeus consentiram que fosse este (Simão) para sempre o seu chefe [...] até que vier o profeta fiel. I Livro dos Macabeus, cap. XIV, 41».

[174] SC: «Trad.: Vês como sempre, nos votos e na esperança dos Judeus, Cristo, o Messias havia de ser o rei a eles prometido na Lei; na verdade, foi até o seu advento que estabeleceram a Simão e a seus descendentes o reinado que significaram ser devido ao que se vinha aproximando, assim expressamente protestando nada querer fazer em prejuízo e injúria dele».

[175] SC: «Trad.: Outros com outro título defendem dos adversários o reinado de Cristo, pois dizem que Cristo foi rei daquela nação por consenso e como por eleição do povo judaico; porquanto, como ardentemente desejassem o Messias e tenacìssimamente cressem que ele havia de ser o rei temporal, por isso por pública determinação de toda a nação lhe tinham dado os seus sufrágios para rei. Afonso Mendonça – Quæstiones Quodlibeticæ et relectio de Christi regno et dominio. Salamanca, 1596, pág. 609».

eleição geral daquele povo, pela expectação, desejo e consentimento comum com que era esperado de todos por seu legítimo, supremo e verdadeiro Rei, assi concorreu e concorre o mesmo título no Reino e Monarquia universal de Cristo, em respeito de todo o mundo e de todos os homens e nações dele, nos quais houve o mesmo consentimento comum, o mesmo desejo e a mesma expectação, como logo mostraremos. Nem impede ou encontra a verdade ou legitimidade deste título o ser o mesmo Rei Cristo, primeiro eleito, ungido, prometido e dado por Deus, porque todas estas circunstâncias e condições concorrem no exemplo alegado (o qual não é semelhante, senão o mesmo), e o mesmo temos nas eleições dos dois primeiros reis de Israel, Saul e David, os quais, primeiro foram ungidos pelo profeta Samuel por mandado de Deus, e depois novamente aceitos[176], aclamados, e ainda um deles ungido, pelo mesmo povo, como consta da História Sagrada, no 1.º e 2.º *Livro dos Reis*.

E que em todos os homens e nações do mundo houvesse geralmente o mesmo consentimento comum e o mesmo desejo e a mesma expectação acerca do reino e monarquia universal de Cristo sobre todos eles, que é o ponto e suposição em que fundamos este novo título; deixados outros muitos textos de menor clareza, apontarei somente dois que se não podem desejar nem ainda fingir mais expressos. O 1.º é do capítulo último dos *Génesis*, na bênção que lançou Jacob a seu filho Judas, no qual falando do Messias prometido, como entendem conformemente todos os doutores católicos, e, antes da vinda de Cristo, entenderam também sempre [14r] todos os Hebreus, diz assi: *Non auferetur sceptrum de Juda nec dux de femore ejus donec veniat qui mittendus est et ipse erit expectatio gentium*. Não faltará o ceptro de Judá[177] nem príncipe de sua descendência até que venha o que há-de ser mandado por Deus, e este será a expectação das gentes. E o profeta Ageu, no capítulo 2.º, falando da mesma vinda de Cristo (como é de fé que falava, porque assi o explicou S. Paulo na epístola *ad Hebreos,* capítulo 12): *Adhuc modicum est et*ego *comovebo cælum et terram et mare et aridam, et movebo omnes gentes et veniet desideratus cunctis gentibus*[178]. Daqui a um pouco (diz Deus) moverei o céu, a terra, o mar e todo o mundo, e moverei todas as gentes e virá o desejado de todas elas. De sorte que, antes de Cristo vir ao mundo, não só era ele o desejado e esperado do povo de Israel, senão o desejado e esperado de todos os povos e de todas as gentes, porque todas o esperavam por seu rei e natural senhor, e não só por rei particular dos Judeus, senão por monarca universal de todas as outras nações e reinos do mundo. Esta é a razão e o mistério por

[176] Note-se o uso do particípio passado na sua forma irregular, «aceito», preferencialmente usado no Brasil.
[177] Judá, antrop. No original, «Judas».
[178] SC: «Vid. in-Biblia, profeta Ageu, II, 7».

que os três Reis do Oriente (em que se representavam, como diz a Glosa, as três partes do mundo até àquele tempo conhecido), sendo gentios, vieram adorar a Cristo e oferecer-lhe tributos. Sobre a nação daqueles Reis, e se eram só de uma ou de diferentes nações, há variedade entre os doutores. S. Jerónimo quer que fossem da Arábia feliz[179], outros os fazem da Pérsia, outros da Média, outros da Etiópia. Eu tenho por mais provável que, ao menos parte deles, eram de regiões mais distantes e verdadeiramente da nossa Índia Oriental, conforme a Profecia de David: *Regis Tharsis et Insulæ munera offerent Reges Arabum et Saba dona adducent*[180], porque aquelas palavras *Regis Tharsis et insulæ,* conforme a significação mais recebida, quer dizer Reis Ultramarinos, o que se não verifica sem grande impropriedade nos Reis Arábios e Sabeus: em respeito da Palestina. Mas de qualquer modo seja, o certo e sem controvérsia é que todos eram reis gentios. Pois se eram reis gentios, e de nenhum modo sujeitos ao domínio da República Hebreia, que razão ou motivo tiveram para vir adorar um menino que eles mesmos conheciam e diziam que era Rei dos Judeus: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum*?[181] A razão e motivo que tiveram foi (como bem notou Almaino[182]) porque sabiam e criam que aquele Rei dos Judeus, novamente nacido, não era rei particular (como os outros reis Hebreus) de uma só nação ou de um só reino, senão Rei, Monarca e Senhor Universal de todos os reinos e de todas as nações do mundo, e por isso como a rei verdadeiramente seu o vinham adorar e reconhecer e render-lhe a devida obediência e vassalagem: *debitam ei ceu vero eorum Regi et domino prestantes obedientiam*[183]. De sorte que, antes de Cristo nacer e aparecer no mundo, e quando somente estava profetizado e prometido, já as nações do universo, não só a Hebreia, senão as dos gentios, o tinham aceitado e querido e por um certo modo de eleição, segunda e humana, escolhido depois de Deus, como seu futuro Rei e Senhor, e como tal o esperavam todos e era desejada de todos [14v] sua vinda: *Ipse erit expectatio gentium: veniet desideratus cunctis gentibus*[184].

Só vejo que podem reparar com muita razão os doutos e arguir contra esta nossa suposição (como arguiu S. Agostinho contra este último texto) que não podia ser que as nações dos gentios, e muito menos todas elas, esperassem e desejassem o Messias antes da sua vinda: pois antes de Cristo vir ao mundo, não era conhecido nele, nem a fé ou esperança de que havia de

[179] A *Arabia Felix,* Arábia feliz, corresponde à parte meridional da Península Arábica, região dos actuais Estados do Iémen e Omã.
[180] SC: «Trad.: Os reis de Társis e as ilhas lhe oferecerão dons, os reis da Arábia e de Sabá lhe trarão presentes. Salmo LXXI, 10».
[181] SC: «Trad.: Onde está o rei dos Judeus que é nascido? S. Mateus, II, 2».
[182] SC: «Vieira refere-se a Jacob Alamain, autor de Aurea Opuscula Moralia».
[183] SC: «Trad.: ...prestando a devida obediência ao seu verdadeiro rei e senhor».
[184] SC: «Trad.: Ele próprio será a espectação dos povos: virá o desejado de todas as nações».

vir se tinha anunciado ou manifestado às nações dos gentios, senão somente aos Hebreus. É tão forçoso e ao parecer tão evidente este argumento, que, vencidos da força dele, os maiores intérpretes da Escritura excogitaram[185] aos dois textos referidos as explicações que neles se podem ver, as quais, quando não façam alguma violência aos mesmos textos, ao menos não enchem o sentido de suas palavras, porque aquele *erit expectatio gentium* e aquele *veniet desideratus cunctis gentibus* ver[da]deiramente significam própria expectação e próprio desejo, com que as nações dos gentios todas (geral e moralmente falando) ao menos em algum tempo esperassem e desejassem a vinda do prometido e futuro Rei. Assi é e assi foi e assi se cumpriu uma e outra profecia, e assi digo que se devem entender ambas em toda a capacidade do seu sentido próprio e natural. E para que se veja como não era cousa impossível nem dificultosa ser a vinda do Messias desejada e esperada geralmente de todas as nações gentílicas, mostrarei aqui os modos e meios mais prováveis e certos por onde o conhecimento e esperança do futuro Messias, não só podia chegar, mas com efeito chegou ou a todas ou a *quasi* todas as nações de tudo o que naquele tempo se chamava mundo.

O 1.º meio é a tradição continuada desde Adão até Noé, cujos três filhos, Sem, Cam e Jafet, foram os segundos povoadores do género humano, no qual, enquanto se conservou unido, continuou também unida a mesma tradição, e depois que na torre de Babel se dividiram os homens e as línguas, e se começaram novas nações que encheram o mundo, também com elas se espalhou pelo mesmo mundo aquela notícia e esperança recebida de seus antepassados, pois é certo que com a mudança das línguas não perderam os homens a memória nem a ciência. Este discurso é tão natural que não havia mister autor. Mas temos para maior confirmação dele o testimunho de S. Pedro Crisólogo no sermão 157, o qual, declarando o meio por onde os Magos puderam entender que a estrela significava o Messias e que este havia de nascer em Judeia, diz que o tinham aprendido e sabido assi por doutrina e tradição de seus Maiores, derivada desde Noé. *Non Chaldea arte sed de prisca sanctorum traditione majorum: erant isti de genere Noe, etc*[186]. E o autor do *Imperfeito*[187], na homilia 2 sobre S. Mateus, tomando esta mesma tradição mais perto da fonte e referindo-a aos tempos de Set[188], filho terceiro de

[185] Excogitar, v. Do lat. *excogitare*, com o significado de cuidar, pensar seriamente, imaginar, é normalmente construído como transitivo de um só lugar ou mesmo como intransitivo. Aqui, porém, surge construído como transitivo directo e indirecto, o que lhe confere um sentido peculiar: retirar, de forma algo forçada, aos textos (C. I.), as explicações (C. D.).

[186] SC: «Trad.: Não por arte caldaica, senão por antiga tradição dos santos antepassados; eram estes da geração de Noé, etc.».

[187] Vieira refere-se a S. João Crisóstomo, a quem era atribuída a obra: *Opus imperfectum in Matthaeum*.

[188] Set, antrop. No original, «Seth».

Adão, depois de Abel, conta haver ouvido de [certo] livro escrito com o nome do mesmo Set, [15r] o qual se conservava em uma nação das últimas partes do Oriente junto ao mar Oceano e que neste livro estava descrita a aparição futura daquela estrela e os dons que se haviam levar e oferecer ao Rei nacido que ela significava, e que todas estas notícias se tinham conservado entre os doutos e estudiosos daquela gente por tradição de pais a filhos. *Audivi aliquos* (diz ele) *referentes de quadam Scriptura, et si non certa tamen non destruente fidem, sed potius delectante, quoniam erat quædam gens sita in ipso principio Orientis juxta Oceanum, apud quos ferebatur quædam scriptura, inscripta nomine Seth, de apparitura, hac stella, et muneribus ei hujusmodi offerendis, quæ per generationes studiosum hominum, patribus referentibus filiis suis habebatur deducta*[189]. Até aqui este autor, chamado o Imperfeito por deixar imperfeita e não acabada a obra que começou, o qual querem muitos que seja S. João Crisóstomo. E posto que não tem por certo aquele livro de que só refere a fama, por ser de tão duvidosa antiguidade, não nega, porém antes aprova, a tradição do futuro Messias que entre os gentios se conservava, e da nova estrela, que havia de anunciar seu nacimento. E esta é a opinião comua dos Padres, como se pode ver em Orígenes, S. Basílio, S. Cipriano, S. Jerónimo, S. Gregório Nisseno, Teofilacto, Eutímio, S. Ambrósio, S. Máximo, S. Anselmo, Procópio, S. Tomás e S. Leão Papa, cujas palavras [dir]emos depois.

O outro meio por onde os gentios puderam vir em conhecimento da vinda e império universal do Messias que os Judeus esperavam foi a grande comunicação[190] que os Judeus em todas as partes do mundo tiveram sempre com os mesmos gentios e os mesmos gentios com os Judeus, entre os quais era tão vulgar e celebrada aquela esperança, que o nome com que vulgarmente chamavam ao Messias era o Esperado ou o que há-de vir: como se vê nos termos por que falaram os discípulos ou embaixadores do Baptista, quando perguntaram a Cristo: *Tu es qui venturus es an alium expectamus*?[191]

Era Jerusalém antigamente a mais famosa cidade e o maior empório[192] do mundo, situado no meio de todo ele, que por isso se chamava *Umbellicus terræ*[193], e como tal concorriam a ela, de todas as partes, infinitas gentes de

[189] SC: «Trad.: Ouvi alguns referirem-se a certa escritura e, mesmo que duvidosa, de modo nenhum destrutiva da Fé, antes de certo agrado, visto como se tratava de certo povo situado muito ao Oriente, perto do Oceano, entre o qual corria uma escritura, atribuída a Seth, acerca da estrela que havia de aparecer, dos presentes que seriam oferecidos, e que, através de gerações de homens diligentes, vinha sendo transmitida de pais a filhos. Pseudo João Crisóstomo, *Opus imperfectum in Matheum, Migne, Patrologia Grega*, tomo LVI, col. 637».

[190] Comunicação, s.f. Aqui, no sentido de «comunhão, partilha de crenças». Morais, vol. III, p. 336.

[191] SC: «Trad.: És tu aquele que há-de vir ou é outro o que esperamos? S. Mateus, XI, 3».

[192] Empório, s.m. «Praça ou porto comercial, de elevada importância, aonde concorrem muitos estrangeiros para comprar e vender», Morais, vol. IV, p. 322.

[193] SC: «Trad.: Umbigo da terra».

todas as nações, e ainda de todas as cores. Isto é o que tanto celebrava David naquela cidade em cuja fundação e formosura tinha ele tão grande parte. *Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei memor ero Rahab, et Babylonis scientium me ecce alienigenæ et Tyrus et populus Ethiopum hi fuerunt illic: numquid Sion dicet Homo et homo natus est in ea et ipse fundavit eam Altissimus Dominus narrabit in scripturis populorum et principum horum qui fuerunt in ea*[194]. Que gloriosas cousas se contam de ti (diz David) e se escrevem nas escrituras de todos os Povos, ó cidade de Deus! Em ti se acham todas as diferenças de homens, que isso quer dizer *homo et homo,* homens de todas línguas, homens de todas as cores, homens de todas as nações e partes do mundo. Em ti se acham os homens da África, como são os de Etiópia, em ti os da Ásia, como são os de [15v] Babilónia, em ti os da Europa, como são tantos outros estrangeiros. Em ti se vêem homens brancos como os tírios, em ti homens negros como os etíopes, em ti homens de todas as outras cores meãs[195] como são os asiáticos. E de todas estas gentes, que é mais, não só frequentam tuas ruas os do povo, mas também as passeiam os Príncipes: *populorum et Principum*! Mas o que sobretudo é digno de maior memória, e o que sobretudo te faz gloriosa, ó cidade santa, é que todos estes, vindo a ti, aprendem o que dantes ignoravam e sabem o que dantes não sabiam, porque conhecem a Cristo. Este é o sentido literal das palavras *scientium me*: porque o mesmo Cristo é o que falava neste Salmo por boca de David, como dizem comummente todos os intérpretes. E se no tempo de David era tão frequentada a Cidade de Jerusalém de todas as nações do mundo, que seria no tempo de seu filho Salomão[196], depois de edificado o templo, primeira maravilha do mesmo mundo, se o mesmo Salomão não fora maior maravilha? Para ver e ouvir estas duas maravilhas, e muito mais a segunda, diz o texto sagrado no 3.º *Livro dos Reis,* cap. 4, que vinham de todos os povos e de todos os reis da terra a Jerusalém pessoas enviadas por eles (que é certo seriam os maiores sábios dos mesmos povos e reinos), os quais, depois de ouvirem e admirarem em presença a sabedoria de Salomão, iam contar e ensinar a suas terras e príncipes o que dele tinham ouvido e aprendido. *Et veniebant de cunctis populis ad audiendam sapientiam Salomonis et ab universis Regibus terræ qui audiebant sapientiam ejus*[197]. E quem poderá duvidar que um dos principais mistérios que Salomão

[194] SC: «Trad.: Coisas gloriosas se têm dito de ti, ó cidade de Deus! Lembrar-me-ei de Rahab e da Babilónia, que me conhecem. Ali estiveram estrangeiros – Tiro e o povo dos Etíopes. Porventura não se dirá de Sião: Homem e homem nasceu nela e o mesmo Altíssimo a fundou? O Senhor na descrição dos povos e dos príncipes dirá o número dos povos que nela estiveram. Salmo LXXXVI, 3-6».

[195] Meão/ã, adj. «O que ocupa o meio, a posição intermediária», Morais, vol. VI, p. 606.

[196] Salomão, antrop. No original, «Salamão».

[197] SC: «Trad.: E de todos os povos vinham pessoas a ouvir a sabedoria de Salomão, e de todos os reis da Terra vinham homens a ouvir a sua sabedoria. III Livro dos Reis, IV, 34».

ensinava, naquela cadeira universal do mundo, era o da fé e esperança do futuro Messias, filho e descendente seu, e que a maior maravilha que levavam para contar em suas terras os que tinham ouvido aquele famoso oráculo era que, sendo tão admirável a sabedoria e grandeza de Salomão, ainda havia de ter o mesmo Salomão um descendente que fosse mais sábio e maior que ele: *plus quam Salomon*! Assi o dizem expressamente neste lugar e se confirma com o exemplo sagrado da Rainha Sabá, que, depois de ouvir a Salomão, foi a primeira que pregou esta fé e esperança do Messias no seu império de Etiópia, e em sinal da mesma fé introduziu em todo ele a circuncisão, que era uma protestação[198] pública dos que a professavam. Mas quando nos faltaram estes testemunhos do Testamento Velho, bastara um só do Novo para abundantíssima prova das muitas nações de gentios que vinham ordinariamente e residiam em Jerusalém, pois só no dia de Pentecostes[199], ao som daquele trovão do céu, sabemos que acudiram ao cenáculo e ouviram a primeira pregação de S. Pedro, quando menos, dezassete géneros de homens de línguas e nações diferentes: Partos, Medos, Persas, Elamitas, Mesopotâmios, Judeus, Capadoces, Pontos, Asianos, Frígios, Panfílios, Egípcios, Africanos, Cirenos, Romanos, Cretenses, Árabes, e outros convertidos das gentilidades[200], que chamavam com nome geral Prosélitos, que quer dizer: Judeus novos, assi como hoje os Judeus convertidos à fé de Cristo se chamam Cristãos novos. *Quomo*[16r]*do nos* (diziam todos estes, no cap. 2 dos *Actos dos Apóstolos*) *audivimus unusquisque linguam nostram, in qua nati sumus? Parthi et Medi, et Aelamitæ, et qui habitant Mesopotamiam, Judeam, et Cappadociam, Pontum, et Asiam, Phrygiam, et Pamphyliam, Aegyptum, et partes Libyæ, quæ est circa Cyrenen, et advenæ Romani. Judæi quoque, et Proselyti,: Cretes, et Arabes : audivimus eos loquentes nostris linguis magnalia Dei*[201]. Onde se deve muito advertir que, quando isto aconteceu, já a cidade de Jerusalém e o povo e república dos Hebreus estava *quasi* arruinada, e não conservava a quarta parte de grandeza a que nos tempos de sua maior opulência tinha chegado. E se agora era tão frequentada de nações estrangeiras, que seria nos tempos passados?

Mas se importou muito, para se estender a notícia do Messias por todo o mundo, a comunicação que os gentios tinham com os Judeus em suas próprias terras; muito mais ajudou e adiantou a mesma notícia a muito maior

[198] «Protestação, s.f. Afirmação, asserção». Morais, vol. VIII, p. 797.

[199] Pentecostes, s.m. No original, «Pentecoste».

[200] Gentilidade, s.f. «Os povos gentios ou pagãos [...] religião dos gentios [...]». Morais, vol.V, p.477. Também Bluteau, no *Vocabulario*: «gentilidade. A falsa Religiaõ dos gentios».

[201] SC: «Trad.: E como é que os temos ouvido nós falar cada um na nossa língua, em que nascemos? Partos e Medos e Elamitas e os que habitam a Mesopotâmia, a Judeia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Pampília, o Egipto e várias partes da Líbia, que é comarcã a Cirene, e os que são vindos de Roma. Também Judeus e prosélitos, Cretenses e Arábios, todos temos ouvido falar nas nossas línguas as maravilhas de Deus. Actos dos Apóstolos, II, 8-11».

comunicação e frequência que os mesmos Judeus tiveram e continuaram sempre nas terras dos gentios, desde que naceu e começou no mundo a Nação Hebreia, que foi em Abraão, primeiro tronco e pai de toda ela. Revelou Deus por três vezes sucessivamente a Abraão, Isaac e Jacob a vinda do Messias, prometendo-lhes que em sua descendência seriam abendiçoadas[202] todas as nações do mundo: *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ*[203]*:* e no mesmo tempo pôs a Providência divina aqueles três patriarcas em diferentes nações e províncias, a Abraão em Canaã[204], a Isaac em Guerar[205] e a Jacob em Mesopotâmia, para que fossem três pregadores daquele primeiro evangelho, ou como três evangelistas que anunciassem às gentes a boa nova da mercê grande que Deus tinha prometido fazer a todas. E porque ao número dos três evangelistas não faltasse o 4.º, permitiu a mesma Providência que por extraordinários caminhos fosse José levado a Egipto e que aí, por mandado do Rei, como diz David, pusesse escola de sua sabedoria onde tivesse por ouvintes todos os príncipes e sábios Egipcianos: *ut erudiret principes ejus sicut semetipsum et senes ejus prudentiam doceret*[206]. Assi trouxe Deus naquele tempo pelo mundo estas quatro testimunhas de suas promessas, de reino em reino e de nação em nação, como notou o mesmo profeta: *et pertransierunt de gente in gentem et de Regno ad populum alterum*[207]. Ajuntou depois disto a fome em Egipto os doze irmãos, filhos de Jacob e cabeças dos doze tribus: entraram livres, continuaram cativos, saíram vencedores. Mas, no tempo daquele comprido cativeiro, não havia casa no Egipto em que o escravo não fosse mestre do senhor. As maravilhas que depois viram os Egípcios é certo que acrecentariam fé às esperanças dos Hebreus, porventura até àquele tempo mal cridas[208], e já pode ser que a crueldade de Faraó, como a de Herodes, se não fundasse tanto no receio de sua multidão quanto no medo de suas profecias. Passados enfim à terra de promissão[209], onde permaneceram até verem o cumprimento delas em Cristo; concorreram e floreceram no mes[mo] tempo os quatro impérios ou monarquias, dos Assírios, dos Persas, dos Gregos e dos Romanos, que senhoreavam o mundo, e com todas elas tiveram grande comunicação os Hebreus, e algumas vezes [16v] mais estreita do que quiseram. Todas as histórias sagradas estão cheias de embaixadas, de confederações, de entradas, de guerras, de pazes, de presentes e de outros tratos e

[202] Abendiçoado/a, adj. O mesmo que abençoado. «Abendiçoar». Morais, vol. I, p. 95.
[203] SC: «Trad.: Serão abençoados em tua semente todos os povos da terra. Génesis, XXII, 18».
[204] Canaã, top. No original, «Canaan».
[205] Gerar, top. No original, «Gerara».
[206] SC: «Trad.: Para instruir os príncipes assim como a ele mesmo e a seus anciãos ensinar a prudência».
[207] SC: «Trad.: E passaram de povo em povo e de reino em reino a outro povo».
[208] Crido/a, adj. «O mesmo que acreditado». Morais, vol. III, p. 688.
[209] «Promissão, s. f. O mesmo que promessa». Morais, vol. VIII, p. 759.

correspondências políticas que passaram entre as quatro nações imperantes e o reino ou povo Hebreu. Com os Assírios, no tempo de Ezequias, de Acaz, de Oseias[210], de Joaquim e do sacerdote Eliaquim, que concorreram com Merodac[211], com Salmanasar, com Pul, com Nabucodonosor e com Baltasar, como consta do 4.º *Livro dos Reis* e da história de *Judite*. Com os Persas, em tempo de Jeconias, [de] Zorobabel, de Esdras e de Neemias, que concorreram com Ciro, com Dario e com Assuero, como consta do 1.º e segundo *Livro de Esdras* e da história de *Ester*. Com os Gregos, em tempo do Sumo Sacerdote Jado, [de] Matatias, de Judas Macabeu, de Simão e Jónatas, que concorreram com Alexandre Magno, com os dois Antíocos, com Demétrio, Heliodoro, Ptolomeu e Trifon, como consta do 1.º e 2.º *Livro dos Macabeus*. Finalmente, com os Romanos, em tempo de Judas Macabeu, de Simão e Jónatas, que concorreram com diversos cônsules de Roma, de que se nomeia na Escritura Sagrada somente Lúcio, como consta das mesmas capitulações feitas entre uma e outra nação, mandadas pelos Romanos à Judeia, escritas em tábuas de bronze, como lemos nos mesmos livros dos *Macabeus*.

E não só com estes quatro estendidíssimos Impérios, mas com todas as nações do mundo, tiveram muito particular trato e comunicação os Judeus, concorrendo Deus para este fim com disposições de mui particular providência. A 1.ª foi dar-lhes muitos filhos e pouca terra. Prometeu Deus a Abraão que multiplicaria a sua descendência como o pó da terra e como as estrelas do céu, e foi assi que de doze netos de Abraão se formaram os 12 Tribus e destes creceu e se multiplicou a mais numerosa e populosa nação que já mais houve no mundo de um só sangue. A terra, porém, que Deus deu e repartiu aos 12 Tribus para habitarem foi a terra chamada de promissão, cuja largura e comprimento, tomada em sua maior extensão, não chegava a oitenta léguas da nossa medida. E a razão desta providência foi para que, crecendo e multiplicando-se a nação Hebreia, e não cabendo nos estreitos limites da sua própria terra, se espalhasse e estendesse por todas as nações do mundo e levasse a elas a primeira luz da fé de Deus e da esperança de Cristo: e este é o mistério ou a energia de primeiro se haverem de multiplicar como pó e depois como estrelas, como pó, para que se espalhassem por todo o mundo, e como estrelas, para que o alumiassem no meio das trevas em que todo estava. Com o mesmo fim ordenou a sabedoria e justiça divina que os maiores e mais gerais castigos daquela nação fossem desterros e cativeiros, com que eram levados e transmigrados a terras e regiões estranhas, cousa poucas vezes vista em nações inteiras, para que por este meio ficassem castigados os Judeus e, juntamente, instruídos e alumiados os gentios. Assi, lemos no cap. 8.º dos *Actos dos Apóstolos* que se levantou uma grande perse-

[210] Ezequias, Acaz, Oseias, antrops. No original, «Esechias», «Achas» e «Oseas».
[211] Merodac, antrop. No original, «Berodach».

guição na igreja de Jerusalém, por ocasião da qual se dividiram e espalharam os cristãos por todas as regiões e terras de Judeia e Samaria: *Facta est in illa die persecutio magna in Ecclesia, quæ erat Hyerosolomis, et omnes dispersi sunt per regiones Judaeae et Samariæ*[212].

[17r] E notam comummente os Padres e expositores que ordenou ou permitiu a Providência divina este desterro e dispersão geral de todos os cristãos de Jerusalém pelas cidades e lugares daquelas províncias, para que juntamente com eles, assi espalhados ou semeados por aquelas terras, se plantasse nelas a fé. E depois, por este meio tão natural, e ao parecer não pretendido, ficou tão crecida e arraigada. O primeiro e principal desterro e cativeiro, não falando no do Egipto de que já dissemos, foi o de Salmanasar no tempo de el-Rei Oseias, como adiante largamente contaremos, no qual foram levados os dez Tribus desde Judeia até às terras dos Medos e dos Assírios, que estavam bem no coração de toda a Ásia. E posto que o maior corpo de toda aquela gente teve o sucesso que depois se verá, é certo, como escreve Paulo Orósio, Severo Sulpício, e outros autores latinos e hebreus, que muitos deles se dividiram e derramaram por todas as terras orientais daquela vastíssima parte do mundo, penetrando até às províncias de que então, nem muitos anos depois, houve notícia, de que é bom exemplo a China, onde em nossos tempos, depois de 2300 anos, como escreve o Padre Trigáucio nas suas relações da China, se acharam Judeus daquela transmigração, com todos os sinais dela. O segundo foi no tempo de Nabucodonosor, em que os dois Tribus que haviam ficado foram também cativos em tempo de el-Rei Joaquim e levados a Babilónia. E destes temos o testimunho da *Sagrada Escritura*, no cap. 16 do *Livro de Ester*, que, sendo aquele Império dividido em 127 províncias, em todas elas e em todas suas cidades estavam espalhados os Judeus, e com eles a fé do verdadeiro Deus que professavam, como se vê nas palavras do édito de el-Rei Assuero ou Artaxerxes, com que mandou revogar a sentença de morte que por malícia e vingança de um mau e soberbo privado (Haman) contra toda a mesma nação se tinha mandado executar. *Nos autem* (diz o édito do Rei) *a pessimo mortalium Judæos neci destinatos in nulla penitus culpa reperimus, sed e contrario justis utentes legibus et filios Altissimi et maximi, semperque viventis Dei, cujus beneficio et Patribus nostris, et nobis, regnum est traditum, et usque hodie custoditur*[213]. Nas quais palavras, cheias todas de fé, conhecimento, honra e sujeição ao verdadeiro Deus que

[212] SC: «Trad.: Naquele tempo se moveu uma grande perseguição na igreja que estava em Jerusalém e foram todos dispersos pelas regiões da Judeia e da Samaria. Actos dos Apóstolos, VIII, 1».

[213] SC: «Trad.: Nós, porém, aos Judeus destinados pelo pior de todos os mortais a ser mortos, em culpa absolutamente nenhuma os encontrámos, antes pelo contrário, regidos por leis justas e como filhos do Deus vivo, altíssimo e supremo, por cujo benefício o reino foi dado a nossos pais e a nós próprios, e até hoje foi guardado».

os Judeus adoravam, se vê claramente quão grande fruito[214] faziam com sua presença nas terras onde estavam cativos e desterrados, não só entre a gente popular, mas nos maiores ministros e príncipes, e nos mesmos imperadores supremos, qual era Assuero, ou Artaxerxes, que [17v] firmou aquele édito. E daqui se entenderá o mistério com que um dos anjos custódios da nação hebreia que falava com o Profeta Daniel (como se lê no cap. 10 de suas visões), orando ele apertadamente[215] pela liberdade do povo, lhe deu por causa da dilação daquele despacho a resistência que fizera por muitos dias diante de Deus o anjo custódio do reino dos Persas, onde os mesmos Hebreus estavam cativos. *Princeps autem regni Persarum restitit mihi viginti et uno diebus*[216]. E a razão desta resistência, como neste lugar notam todos os expositores modernos, era o grande proveito espiritual que os gentios Persas conseguiam com a presença e comunicação dos Judeus, pela fé e conhecimento das cousas divinas que de sua conversação e doutrina (ainda sem particular estudo) se lhe pregavam.

Nem se deve passar em silêncio a cobiça natural dos Judeus, ou desejo de acquirir[217] riquezas, e o génio, indústria e inclinação tão particular que teve sempre esta nação ao comércio e mercancia: como filhos alfim daquele Pai que comprando e vendendo fez a sua fortuna e com tão pouco cabedal como uma escudela[218] de lentilhas soube acquirir por indústria o que lhe tinha negado a natureza e fazer-se patrão e senhor do maior morgado do mesmo mundo. Desta inclinação dos Judeus se serviu a Providência divina para os levar suavemente às terras e regiões mais remotas e os introduzir e misturar com todas as nações, metendo-lhes em casa, sem uns nem outros o pretenderem, as drogas[219] do céu entre as mercadorias da terra. Cuidava Benjamin que só levava trigo no seu saco, e levava nele o trigo e mais o caliz[220] de José.

---

[214] «Fruito», s. m., tem ainda registo dicionarístico em Bluteau, no *Vocabulario*. Contudo, a forma «fruto» já pertencia à nomenclatura do *Dictionarium* de Jerónimo Cardoso, sendo retomada no *Thesouro* e na *Prosodia* de Bento Pereira. No *Vocabulario* de Bluteau, esta forma tem mais do dobro das ocorrências face a «fruito». Cameron, Helena Freire (2012). *A Prosodia de Bento Pereira: contributos para o estudo lexicográfico e filológico*, Aveiro: Universidade de Aveiro, Tese de Doutoramento.

[215] «Apertadamente, adv. Com insistência». Morais, vol. I, p. 994.

[216] SC: «Trad.: Porém o príncipe do reino dos Persas resistiu-me por vinte e um dias. Daniel, X, 13».

[217] «Acquirir, v. O mesmo que adquirir». Morais, vol. I, p. 298.

[218] «Escudela, s.f. Malga, tigela de madeira». Morais, vol. IV, p. 681.

[219] Droga, s. f. «Diz-se das especiarias, das plantas medicinais que vinham do Oriente e, em geral, de qualquer mercadoria dessa procedência», Morais, vol. IV, p. 169.

[220] O termo «caliz», s. m., é registado por Bento Pereira, na *Prosodia* e no *Thesouro*, e também por Bluteau, no *Vocabulario*. A forma «cálice» já é registada no *Vocabulario* de Bluteau, com apenas duas ocorrências e nunca como entrada. V. *Corpus Lexicográfico do Português*, disponível online (projecto de investigação da Universidade de Aveiro e do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa).

Assi saíam de Judeia os mercadores Hebreus, e nos fardos da mercadoria que levavam metia também a sua o salvador do mundo; que esse era o nome de José no Egipto: *Vocavit eum lingua egyptiaca salvatorem mundi*[221]. E já pode ser (se o pensamento me não engana) que fosse este o intento de Deus naquela lei do cap. 23 do *Deuteronómio*, *Non fœnerabis frati tuo ad usuram sed alieno*[222], na qual se vedava aos Judeus a usura com os da sua nação, e se permitia (posto que se não justificava) para com as nações estrangeiras, para que esta maior liberdade ou impunidade de acquirir e multiplicar fazenda[223] fora de sua pátria os convidasse a sair dela e os arrebatasse voluntariamente às terras estranhas, onde com eles se transplantasse a verdadeira fé, que era droga, naquele tempo, que só nacia em Judeia. E que seria se a este título justificasse Deus as usuras que permitia aos Hebreus nas outras nações como direitos ou gabelas[224] daquela mercadoria? Não me atreverei a o afirmar assi, mas sei que não [é] cousa nova em Deus, quando quer passar a religião de um reino a outros, meter neles a fé às costas do interesse. Quando os deuses de Troia passaram a Itália, Anquises levava os deuses na mão, e Eneias levava às costas a Anquises. Os pregadores levam a fé aos reinos estranhos, e o comércio leva às costas os pregadores. Em quantas províncias achou o Evangelho fechadas as portas, e depois que o comércio bateu a elas as teve abertas e francas! O primeiro rei de Portugal que se intitulou Rei do comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia foi o que introduziu a fé na Índia, na Pérsia, na Arábia e na Etiópia. Se não houvesse mercadores que fossem buscar a umas e outras Índias os tesouros da terra, quem havia de passar lá os pregadores, que levam o do céu? Os pregadores levam o Evangelho, e o comércio leva os pregadores. S. Tomé, que houve de levar do Brasil à Índia o Evangelho, quando não havia comércio, houve de caminhar (como é tradição) por cima das ondas, porque não teve quem o levasse. E o segundo Apóstolo do Oriente, querendo pregar na China, traçou que o pregador entrasse como negociante [18r] para que a fé tivesse lugar como mercadoria. Assi começou Deus a espalhar o conhecimento de sua fé pelo mundo e assi deu princípio àquele admirável comércio com que depois, tomando de nós o que tínhamos na terra, nos enriqueceu com o que trazia do céu. Naamã Siro trouxe de Damasco as suas azémolas[225] com carga de ricos presentes que ofereceu a Eliseu e levou-as carregadas de terra de Israel, porque era santa aquela terra. Assi entravam os negociantes Hebreus em Judeia ricos e acrecentados com as drogas mais preciosas de todo o mundo, e o que principalmente levavam,

[221] SC: «Trad.: Chamou-lhe em língua egípcia Salvador do Mundo. *Génesis*, XLI, 45».
[222] SC: «Trad.: Não emprestarás com usura a teu irmão [...] mas só ao estrangeiro. Deuteronómio, XXIII, 19 e 20».
[223] Fazenda, s. f. «Bens, haveres, riquezas, posses». Morais, vol. V, p. 88.
[224] «Gabela, s. f. Imposto». Morais, vol. V, p. 388-389.
[225] Azémola, s. f. «Besta de carga». Morais, vol. II, p. 283.

sacavam[226] de Judeia para o mesmo mundo, se não era a terra de Israel, era uma droga que só se dava então naquela terra, que era a fé e conhecimento de Deus. *Notus in Iudæa Deus: in Israel magnum nomen eius*[227]. Isto levavam as frotas celebradas de el-Rei Salomão quando navegavam a terras de Ofir, ou fosse Ofir a Índia ou fosse a América, ou fosse, como muitos querem, a nossa Espanha, empório famosíssimo já naquela idade, pela riqueza e opulência de suas minas. Isto vinha buscar a cobiça e aquilo vinha trazer a providência, sendo certo então o que depois vimos nas frotas das nossas Índias, que muito mais ricas iam do que voltavam. Quando voltavam, traziam ouro, prata, pérolas, diamantes, rubis; quando iam, levavam a fé de Cristo, a esperança do Céu, as verdades do Evangelho, os sacramentos, a graça, a salvação.

De maneira que o comércio, os desterros e a estreiteza da terra própria foram as três ocasiões principais por que os Judeus se saíam e Deus os derramava por todas as terras e nações do mundo. Josefo, no Livro 14 de suas *Antiguidades*, diz que a nação hebreia tinha cheia toda a redondeza da terra: *orbem terrarum replevit*. E Filo Hebreu, naquele memorial ou Livro que intitulou *de Legatione ad Caium,* diz que a maior parte de todas as ilhas e terras firmes marítimas e mediterrâneas da Ásia, da África e da Europa eram habitadas de Judeus. *Itaque exorat Patria tuam clementiam praeter ipsam, alias civitatis demereberis plurimas sitas in diversis orbis tractibus, Asia, Europa, Africa, insulares maritimas mediterraneas*[228]. E se estes dois autores, posto que tão alegados e seguidos de todos os que escrevem, por serem da mesma nação parecerem a alguém suspeitosos e dignos de menos crédito, saiba que os mesmos testimunhos se lêem nas Escrituras sagradas, ainda com palavras mais universais e de maior encarecimento. No édito que passou Assuero para que morressem todos os Judeus sujeitos às terras de seu império, diz assi a relação ou relatório de suas culpas: *In toto orbe terrarum populum esse dispersum qui novis uteretur legibus; et contra omnium gentium consuetudinem faciens: regnum jussa contemneret, et universarum concordiam nationum sua dissensione violaret. Quod cum didicissemus, videntes unam gentem rebellem adversus omne hominum genus perversis uti legibus, nostrisque jussionibus contraire, et turbare subjectarum nobis* [18v] *Provinciarum pacem atque concordiam; jussimus, etc.,* nas quais palavras se diz notada e expressamente que o povo Hebreu naquele tempo estava espalhado por todo o Mundo: *In toto orbe terrrarum populum esse dispersum:* e que com a novidade de suas leis perturbavam a paz de todas as gentes e de todas as nações: *omnium gentium et vniversarum nationum:* e

[226] Sacar, v. É actualmente usado sobretudo no Brasil. «Extrair, tirar para fora à força, retirar». Morais, vol. IX, p. 779.

[227] SC. «Trad: Deus é conhecido em Judá; o seu nome é famoso em Israel».

[228] SC: «Trad.: E assim, se a minha Pátria implora a tua clemência, além dela outras e muitas cidades merecerás, situadas em diversas regiões do orbe – Ásia, Europa, África – insulares, marítimas, mediterrâneas. Filon Judeu, Lucubrationes omnes, ed. de 1557, p. 861».

que desobedeciam os mandados dos reis e eram rebeldes contra todo o género humano: *adversus omne genus humanum*. E estas culpas assi relatadas que vêm a ser senão um testimunho público e autêntico de tudo o que imos provando? Porque não só consta delas estarem os Judeus espalhados por todo o mundo, mas se mostra também com a mesma clareza que os efeitos dessa dispersão era ser pública e notória a todas as nações e reis e a todo o género humano a nova lei e nova fé, diferente de todas as outras, que os mesmos Judeus professavam. No 2.º capítulo dos *Actos* temos outro testimunho sagrado igualmente universal e por termos, se pode ser, ainda mais notáveis. *Erant autem in Hierusalem habitantes Judæi viri Religiosi ex omni natione quo quæ sub cœlo*. Havia em Jerusalém (diz S. Lucas) muitos Judeus moradores da mesma cidade, homens religiosos de todas as nações que cobre o céu. Para cuja inteligência se deve supor que todos os Hebreus que viviam longe de Judeia, em diferentes nações, reinos ou cidades populosas, tinham em Jerusalém suas sinagogas particulares e distintas, as quais sinagogas não eram propriamente igrejas como as nossas (porque o templo era um só e comum a todos, nem podia ser mais que um, conforme a lei), mas eram umas casas grandes e públicas onde se ajuntavam principalmente aos sábados, e ali se tinham as pregações, os conselhos, as disputas e todas as outras conferências das cousas espirituais ou eclesiásticas, como se conta, no capitulo 17 dos *Actos*, o fazia ou costuma[va] fazer S. Paulo. *Secundum consuetudinem autem Paulus introivit ad eos et per sabbata tria disserebat cum eis de Scripturis*. E no capítulo 6 do mesmo livro se faz expressa menção das sinagogas diferentes que dizíamos: *Surrexerunt autem quidam de Synagoga quæ appellatur libertinorum et Cirenensium et Alexandrinorum, et eorum qui erant à Cilicia et Asia*: no qual texto, como advertiu S. Crisóstomo e outros doutores, não se há-de entender que uma só sinagoga fosse dos Libertinos, Cirenenses, Cilicianos, Asiáticos e Alexandrinos, senão que cada uma das comunidades dos Judeus pertencentes a estas Províncias tinham a sua sinagoga própria, separada e particular. Era Jerusalém naquele tempo (e muito mais antes daquele tempo) a corte dos reis, a universidade das Letras, o assento dos tribunais e sobretudo era a cabeça da Igreja da Lei Velha, como hoje é Roma da Nova, à qual estavam sujeitos todos os Judeus e professores da mesma fé, ainda que vivessem em outros reinos, como se vê das provisões de S. Paulo, as quais ele foi buscar a Jerusalém contra os Judeus de Damasco, que era terra de gentios sujeitos a el-Rei Aretas; e assi como todos os reinos e repúblicas da Cristandade têm seus embaixadores, agentes, requerentes e igrejas [19r] particulares em Roma, e ainda hospitais da mesma nação, assi e muito mais se observava o mesmo uso entre os Judeus, gente por natureza tenacíssima dos seus costumes e ritos. E era tanto o número destas sinagogas em Jerusalém que, quando ultimamente foi destruída aquela cega cidade por Tito e Vespasiano, se acharam nela, como refere Lorino, quatrocentas e oitenta

sinagogas, cada uma de diferente nação, província, reino, corte ou povo notável, onde houvesse tanto número de Judeus que só os que deles assistiam em Jerusalém pudessem de formar corpo e comunidade distinta. Daqui se tira novo e eficaz argumento de quão espalhados e multiplicados estavam os Judeus por todas as partes, ainda as mais remotas do mundo. E estes eram aqueles a quem S. Pedro, no sermão de dia de Pentecostes, chamou Judeus de longe: *Vobis enim est repromissio et filiis vestris et omnibus qui longe sunt*[229].

Vivendo pois os Judeus tão misturados e travados com todas as nações dos gentios, desta companhia se lhe pegara, como dizíamos, conhecimento da fé de Deus e esperança de Cristo, e não só pelo trato, comunicação e exemplo, senão também por indústria e estudo particular de alguns Judeus mais zelosos, os quais, com desejo de aumentar a sua religião e o culto do verdadeiro Deus, ensinavam e afeiçoavam a ela os gentios. Temos em prova desta verdade (que não é só suspeita ou conjectura nossa) o testimunho e autoridade do mesmo Cristo, no capítulo 23 de *S. Mateus*, onde, reprendendo[230] a hipocrisia dos escribas e fariseus, diz assi: *Circuitis mare et aridam ut faciatis unum proselytum; et cum fuerit factos, facitis eum filium gehennae duplo quam vos*. Cercais o mar e a terra para converter um gentio à fé e, depois que está convertido, ensinais-lhe tais doutrinas, que o fazeis mais filho do Inferno do que vós sois. Na qual sentença de Cristo se vê principalmente como os Judeus rodeavam o mar e a terra; isto é, que peregrinavam e navegavam por todas as terras e mares do mundo; e juntamente se prova que com estas suas peregrinações e navegações levavam pelo mesmo mundo a fé do verdadeiro Deus e o davam a conhecer aos gentios, dos quais convertiam alguns: e finalmente que não se fazia isto acaso e por ocasião do trato, senão por zelo e cuidado particular da religião; posto que depois a viciavam os escribas e fariseus do tempo de Cristo com a má doutrina e exemplo que lhes ensinavam. Nem faltavam, em diversas partes do mundo, padrões desta mesma verdade levantados entre as gentes mais políticas e celebradas da gentilidade. Tal era aquele altar que somente S. Paulo achou em Atenas, consagrado ao Deus não conhecido, *Ignoto Deo,* o qual Deus não conhecido, como logo lhes declarou o mesmo Apóstolo, era o verdadeiro Deus, criador do céu e da terra. Destes altares havia outros muitos, como escreve o Cardeal Barónio, na Arábia, nas Gálias, na nossa Espanha e em outras [19v] províncias nobres da Ásia e da Europa. E que estes monumentos de religião e este conhecimento do Deus não conhecido se tivesse derivado aos gentios da doutrina e trato com os Judeus provam-no agudamente[231] alguns autores com o mesmo títu-

[229] SC: «Trad.: Para vós, na verdade, é a promessa, e para vossos filhos e para todos os que estão longe. Actos dos Apóstolos, II, 39».
[230] Reprender, v. «O mesmo que repreender». Morais, vol. IX, p. 453.
[231] Agudamente, adv. «com entendimento; perspicazmente». Morais, vol. I, p. 510.

lo de não conhecido. Porque os Deuses dos gentios eram conhecidos pelos seus nomes particulares de Júpiter, Saturno, Marte: mas o Deus dos Judeus, não era conhecido de nome, porque lhes estava proibido tomarem na boca o nome de Deus, e por isso se chamava inefável, isto é, nome que se não podia falar nem dizer. *Vere tu es Deus absconditus Deus absconditus et Salvator*[232]: dizia Isaías a Deus, aludindo a esta proibição: verdadeiramente, Senhor, vós sois um Deus escondido, mas Deus que, escondido e desconhecido, salvais. E Josefo, no *lib*. 2 de suas *Antiguidades*, vindo a tratar do nome de Deus, passou-o em silêncio e disse que lhe não era lícito pronunciá-lo: *De quo mihi dicere non est fas*. Conheciam, porém, os gentios ensinados pelos Judeus que este Deus desconhecido a quem não sabiam o nome era o Deus que criara todas as cousas e este foi o mistério daquela erudita ignorância com que, descrevendo Ovídio a criação do Mundo, não nomeou nem determinou o Deus que o criara, dizendo só absoluta e incertamente: *quisquis fu[i]t ille deorum*[233], quem quer que foi o Deus que o criou. Mas nesta mesma incerteza com que falou no Deus criador do mundo, este poeta declarou ser ele o Deus que adoravam os Judeus, ao qual os gentios chamavam Deus incerto, porque não tinha nome particular com que fosse conhecido e se distinguisse dos outros Deuses. Assi o disse Claudiano[234], também poeta latino e gentio, chamando aos Judeus os Adoradores de Deus incerto. *Cultrix Incerti Judæa Dei*[235]. E estes foram os primeiros rudimentos da fé que os Judeus semearam entre os gentios, introduzindo-se o verdadeiro Deus nas outras nações, e andando nelas como disfarçado: conhecido debaixo do nome de incógnito: e crido com o sobrenome de incerto. E para que concluamos este discurso com uma advertência em tal matéria digna de muito reparo, no capítulo 32 do *Deuteronómio*, diz Moisés que, quando Deus na confusão da torre de Babel dividiu a todos os filhos de Adão em diversas nações e línguas, fez aquela divisão conforme o número dos filhos de Israel, respondendo a cada um deles uma nação. *Quando dividebat Altissimus gentes quando separabat filios Adam constituit terminos populorum juxta numerum filiorum Israel*. No qual número alude Moisés aos filhos de Israel que entraram no Egipto, os quais, consta do capítulo 10 do mesmo livro e do capítulo 48 dos *Génesis* que foram setenta almas. *Omnes animæ domus Jacob quæ ingressæ sunt in Egyptum fuere septuaginta*[236]. Assi entendem este lugar todos os Padres e intérpretes, os quais também concordam em que as línguas e nações em que Deus dividiu os homens (como se colhe do capítulo onze dos *Génesis*, em que se referem

[232] SC: «Vid. *Actos dos Apóstolos*, XVII, 23».
[233] SC: «Ovídio, *Metamorphoseos*, Liv. I, 1».
[234] SC: «Não encontrei o passo em Claudiano».
[235] SC: «Trad.: A Judeia adoradora do Deus incerto. Claudiano...».
[236] SC: «Trad.: Todas as almas da Casa de Jacob que entraram no Egipto, foram setenta».

as famílias dos descendentes de Noé) foram setenta e duas. Destas, se se tirarem a Hebreia e Egípcia, que já estavam unidas e se comunicavam, ficam pontualmente setenta.

[20r] Agora pergunto: E que mistério ou que intento teve a Providência divina em igualar o número de todas as nações ao dos primeiros Hebreus, e não em outro tempo ou ocasião, senão quando a primeira vez se ajuntaram com os gentios? O mistério e razão desta providência foi sem dúvida porque tinha Deus destinado os Judeus para mestres da fé dos gentios, naquela primeira Igreja: e era conveniente e necessário para este soberano fim que fossem tantos os mestres quantas eram as nações. Temos a confirmação deste pensamento na mesma Providência divina, que sempre é semelhante a si mesma em casos semelhantes. Tratou Cristo de dispor a pregação do Evangelho e conversão do mundo e, depois de nomeados os 12 Apóstolos, em correspondência também dos doze filhos de Jacob e dos 12 Tribus de Israel, elegeu sinaladamente 72. E dois discípulos, como escreve S. Lucas no capítulo 10, que mandou diante de si: *Designavit dominus et alios septuaginta duos et misit illos binos ante faciem suam in omnem civitatem quo erat ipse venturus*[237]. E se buscarmos nos expositores sagrados o mistério e proporção deste número, responde S. Jerónimo, e com ele a sentença comum dos intérpretes, que foram setenta e dois estes novos percursores[238] e embaixadores de Cristo, por serem outras tantas (como dizíamos) as nações do mundo que o Senhor por meio de sua pregação e doutrina queria trazer (como trouxe) ao conhecimento da fé. De maneira que, assi como Cristo no princípio da lei da graça igualou o número dos seus discípulos ao das nações e gentes do mundo, para que levassem por todo ele o conhecimento de Deus e a nova de que o Messias era já vindo; assi Deus no princípio da lei escrita mediu o número dos filhos de Israel, que são os Hebreus, com o de todas as outras nações e gentes do mesmo mundo, porque eles eram os que haviam de levar e semear entre todas elas o conhecimento do verdadeiro Deus. E a nova e promessa de que o Messias havia de vir é explicação admirável de outros setenta e dois intérpretes da divina palavra[239], os quais em lugar de *juxta numerum filiorum Israel* tresladaram[240] *juxta numerum Angelorum Dei:* chamando neste lugar aos filhos de Israel anjos ou embaixadores de Deus, porque esse era o fim e ofício para que foram destinados a todas as nações e tomados e repartidos conforme o número delas.

---

[237] SC: «Trad.: ...designou o Senhor ainda outros setenta e dois, e mandou-os adiante de si de dois em dois, para todas as cidades aonde tivesse de ir. *S. Lucas*, X, 1».

[238] Note-se a troca entre «per-» e «pre-», igualmente comum no português moderno.

[239] SC: «Vieira refere-se aos 72 tradutores da Bíblia para grego, feita em Alexandria, em 282 ou 283 antes de Cristo. Chama-se-lhe vulgarmente a Versão dos Setenta».

[240] «Tresladar, v. O mesmo que trasladar». Morais, vol. XI, p. 212.

O terceiro meio de providência particular com que pôde chegar facilmente e chegou naquele tempo aos gentios o conhecimento da fé e esperança de Cristo foram as Escrituras sagradas. O primeiro livro que viu o mundo foi o *Pentateuco* de Moisés. E não faltam grandes conjecturas para se crer que Moisés foi aquele prodigioso Mercúrio a quem os antigos celebraram com nome de Trismegisto: Este Livro foi o que fez aos Caldeus mestres da Ásia, aos Egípcios, da África; e aos Gregos, da Europa. Com razão chamou Clemente Alexandrino a Platão o Moisés de Atenas, *Moyses Atticus*: porque de Moisés foram [20v] tirados todos aqueles lumes que deram a Platão em suas obras nome de divino. Deste Rústico, que assi lhe chamou Aristóteles, tomou este soberbo e ingrato filósofo a sabedoria mais sublime, que o fez o maior da Grécia. Aos livros de Moisés se seguiram os outros sagrados, os dos profetas, que são entre todos *quasi* os últimos, ainda vencem em antiguidade os mais antigos filósofos e escritores gentios. *Tempore nostrorum prophetarum,* diz S. Agostinho, *philosophi gentium nondum erant*[241]. E como só estes livros havia no mundo, só estes se liam em todo ele, dispondo-o assi a Providência, que tudo governa, para que mais se estendessem por toda a parte e fossem mais celebradas suas notícias. Não lhe podia suceder então às Escrituras divinas o que depois lhes aconteceu com Jerónimo, quando as deixou pela suavidade de Túlio, porque ainda não tinha gostado[242] sua doçura. Elas só eram o estudo dos sábios, elas o entretenimento dos curiosos, elas o desvelo dos entendidos. Esse foi um dos mistérios de Deus em as fazer escuras[243], para que, tendo sempre que entender, fossem uma e muitas vezes lidas. Quem quiser saber facilmente quão estudadas eram dos gentios as Escrituras, leia com atenção os livros dos seus filósofos, dos seus historiadores e ainda dos seus poetas, e verá o que delas tomaram, delas imitaram e sobre elas fingiram, verá quanto as não largavam das mãos. Tudo o que compôs o estilo de vossos escritores, dizia Tertuliano aos gentios, a sustância[244], a matéria, a origem, a ordem, as histórias das gentes e das cidades insignes e ainda as mesmas cidades e algumas das gentes; as causas e memórias do que escreveram e até a forma das letras e imagens dos caracteres, os vossos mesmos deuses (e não digo nisto mais senão menos), os vossos templos, os vossos oráculos, os vossos sacrifícios, tudo vencem em muitos séculos de antiguidade os livros de nossas profecias, e tudo foi tomado do tesouro das Escrituras judaicas, que são também as nossas. *Omnes itaque substancias, omnesque materias, origines, ordines, veteram cujusque styli vestri, gentes etiam plerasque, et urbes insignes,*

[241] SC: «Trad.: No tempo dos nossos Profetas ainda não existiam os filósofos dos Gentios».
[242] Gostar, v. Aqui, no sentido de «provar». Morais, vol. V, p. 545.
[243] Escuro/a, adj. «Que não é claro, que não se apreende facilmente; difícil, inexplicável; intrincado», Morais, vol. IV, p. 686. Também «escuridade, s.f.». V. adiante, nota de rodapé 258.
[244] «Sustância, s.f. O mesmo que substância». Morais, vol. X, p. 560.

historiarum causas, et memoriarum, ipsas denique effigies literarum, judices custodesque, rerum: et (puto adhuc minus dicimus) ipsos, inquam, Deos vestros, ipsa templa, et oracula, et sacra, unius interim prophetæ scrinium, sæculis vincit, in quo videtur thesaurus collocatus totius Judaici Sacramenti; et inde etiam nostri. Até aqui Tertuliano[245].

É certo que, se os versados nas divinas escrituras considerassem diligentemente a matéria delas e a traça e harmonia com que foram ditadas pelo Espírito Santo, acharam facilmente que não só foram escritas para lei e observância dos Hebreus, senão também para lição e estudo de todas as outras nações, porque sendo um só o povo de Deus, e os autores que escreveram aqueles livros todos do mesmo povo, a que outro fim se faz neles tão frequente memória de todas as outras nações do mundo e seus sucessos? [21r] Assi temos os Cananeios, os Amorreus, os Ferezeus, os Heveus, os Heteus, os Jebuseus, os Filisteus: assi os Ismaelitas, os Amonitas, os Moabitas, os Madianitas, os Gabaonitas, os Amalecitas: assi os Assírios, os Medos, os Caldeus, os Persas, os Siros, os Tírios, os Sidónios, os Egípcios, os Etíopes, os Gregos, os Macedónios, os Romanos. E não havia, antes de Cristo, província conhecida ou cidade de grande nome no mundo, de cujos sucessos se não ache alguma memória no Testamento Velho, assi dos passados, nas histórias, como dos futuros, nas profecias? Não falo já de Daniel, que falou universalmente de todos os maiores Impérios, mas só em nove capítulos de *Isaías* lemos sinaladamente as profecias de onze nações diferentes, chamada cada uma por seu nome a ouvir sua sentença e a saber da boca de Deus o que lhe estava por vir. E que nação destas haveria que não lesse com grande atenção e cuidado os oráculos daquele famoso profeta, onde estavam conhecendo seus nomes e [lendo] suas fortunas? Bastava só, para mover a curiosidade universal de todas as gentes [à lição] dos Livros Sagrados serem só eles os que revelaram e descobriram ao Mundo o segredo de seu primeiro princípio tão ignorado entre todos os sábios, a origem das línguas, o nacimento das nações, a divisão das terras, a ordem e cronologia dos tempos, do que tudo houvera perpétua ignorância nos homens, se não estivera revelado nas Escrituras. Mas quando nenhum destes tesouros houvera depositado e encerrado nelas, falando somente do que pertence à história, que livros se escreveram jamais, não digo dos que professam verdade, mas dos fingidos e fabulosos, que igualem em grandeza e variedade de casos admiráveis a menor parte ou sombra do que se refere nas histórias sagradas? *Narraverunt mihi iniqui fabulationes, sed non ut lex tua*[246], dizia David[247], e mais ainda não tinha sido o que depois dele se escreveu. Que gigantes fabulosos, filhos da terra, se atreveram

[245] SC: «Vid. Tertuliano, Adversus Gentes, 273».
[246] SC: «Trad.: Os iníquos contavam-me fábulas, mas nada como a tua Lei».
[247] O passo citado é dos Salmos, 118: 85.

a edificar uma torre como a de Babel, nem arrimaram escadas ao céu sem pôr monte sobre monte como a de Jacob? Que metamorfoses ou transformações fingiram, como a de Nabucodonosor, convertido em bruto, a da mulher de Lot, em estátua, a da vara de Moisés, em serpente comendo serpentes e, depois de serpente, convertida outra vez em vara? Descreveram as fábulas o dilúvio, mas não tiveram fantesia[248] para meter todo o mundo em uma arca nem confiança para o salvar nela. Qual poeta compôs ou traçou jamais uma comédia como a de Job, uma tragédia como a de Amã, uma novela ou enredo como o de José? Em que teatro dos gentios se representaram aparências de tanto artifício como um paraíso terreal sumido no meio do mundo: um Henoc desaparecido de repente: um Datão e Abiron tragados da terra: e um Elias voando pelos ares em um carro de quatro cavalos, [21v] o carro, as rodas e os cavalos, tudo de fogo? Que semelhança tiveram aquelas *machinas* que se levantaram com nome de maravilhas do mundo com a portentosa grandeza das que lemos nas Escrituras? Que estátua como a de Nabuco, que carroça como a de Ezequiel, que coluna como a do deserto, que jardins como os de Assuero, que palácio encantado como o templo de Salomão, edificado de seus fundamentos sem nele se ouvir golpe de martelo? Um pavilhão que de dia cobria do sol seiscentas mil famílias e uma tocha que de noite as alumiava, já dissemos que se chamava coluna. Que disse a gentilidade da cítara de Orfeu que se iguale com a harpa de David, de que fugia o Inferno? Que disse das repostas[249] duvidosas do seu Apolo que se pareça com oráculos sempre certos do verdadeiro propiciatório? Que disse das vozes de Endimião, também ouvidas da lua, que não exceda uma só voz de Josué, obedecida da lua e do mesmo sol? O caduceu, tão celebrado do seu Mercúrio, que comparação teve com os poderes da vara de Moisés, que dividia os mares, parava os rios, fazia caminhar os montes? Onde se lê tal agravo de omnipotência como no tenente[250] daquela vara, em quem foi culpa tirar fontes de um penhasco com dois golpes porque o podia fazer com uma palavra? Não digo nada dos documentos da Escritura, porque só trato do doce e não do útil[251], só do que leva o apetite e não do que move a razão. Que se podia inventar de maior pasmo aos ouvidos que ouvir falar um jumento com Balaão e uma serpente com Eva! Que se podia fingir de maior lisonja e admiração ao gosto que comer em uma iguaria todos os banquetes e gostar em um só maná todos os sabores! Que se podia imaginar de maior suspensão e assombro à vista que ver o

[248] «Fantesia, s.f. O mesmo que fantasia». Morais, vol. V, p. 57.
[249] «Reposta, s.f. O mesmo que resposta». Morais, vol. IX, p. 449.
[250] «Tenente» é usado aqui no seu sentido etimológico, do latim *tenens, -entis*, particípio presente de *tenere*, segurar, ter, dirigir: aquele que tem, que segura, neste caso, a vara, isto é, Moisés.
[251] SC: «Dulce et utile são as duas qualidades da obra literária que Horácio, na Arte Poética, considera como as que, harmoniosamente ligadas, lhe dão a primazia: Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci».

monstro marinho engolir a Jonas, ver levá-lo consigo ao fundo e desaparecer; e ver dali a três dias surgir a baleia, desembarcá-lo a fera vivo nas praias de Nínive! Como estes são os prodígios que se encontram a cada página nos Livros Sagrados. Mas que direi das façanhas e cavalerias[252] que, ainda conhecidas por falsas, deleitam e suspendem tanto a curiosidade dos homens? Que desafio como o de David, com uma funda e um cajado contra o gigante coberto de ferro? Que batalha como a de Gedeão, só com trombetas e luzes em cântaros de barro? Que bateria como a dos muros de Jericó, derrubados com 7 salvas dos instrumentos dos músicos do templo! Que emboscada como a de Abimelec, em que os bosques e as sombras caminhavam juntamente e os soldados com eles? Que vitória como a de Jónatas, em que um só capitão com um só soldado pôs em fugida e desbarate o exército inumerável dos filisteus? Que triunfo como o da galharda Judite, quando entrou pelas portas de Betúlia com a cabeça de Holofernes, em que degolou de um golpe todo aquele seu exército? Mas passando nós a encontros de maiores forças em que pelejaram os braços, e não a indústria[253], que Hércules Tebano como Sansão, aquele que, atado sete vezes e [outras] sete vezes, rompeu as cordas e os nervos, como se foram teias de aranha: aquele que, preso dentro da cidade de Gaza, quebrou com as mãos os ferrolhos e levou às costas as portas: aquele que, levado ao templo [dos filistinos], lançou a mão direita e esquerda a duas colunas e, dando com o templo em terra, sepultou debaixo dele todos os idólatras: aquele que, com uma queixada de um jumento, matou em campo aberto mil de seus inimigos e ainda matara mais se não fugiram todos. Teve sede Sansão, cansado de matar: arrancan [22r] do um dente da mesma queixada, fez brotar dela uma fonte. Assi obedecem os elementos a quem assi triunfa dos homens. Todas estas forças tinha este bizarro mancebo em sete cabelos, porque dedicou todos a Deus desde seu nacimento. Segundo Sansão foi Sangar, capitão do mesmo povo, depois de juiz, e juiz depois de lavrador, mas lavrador que, fazendo montante do arado, matou com ele em um dia seiscentos filisteus e deixou semeado com seus corpos o campo que andava lavrando. Fique à trombeta da fama Josué, vencedor de trinta e um reis, e o fortíssimo Macabeu, restaurador vítima da sua pátria. Paremos no valente Eleazar, que, metendo-se intrepidamente com a espada debaixo de um elefante armado, primeiro foi matador da sua sepultura, e depois ficou ali, não sei se diga morto, se mortalmente oprimido do peso de tamanha vitória.

[252] Cavaleria, s.f. «Outra forma de cavalaria, usada por alguns clássicos como João de Barros e António Vieira». Morais, vol. II, p. 1046.

[253] Bluteau, no *Vocabulario*, refere: «industria. Destreza em alguma Arte. Industria, ae. Fem». O termo tem registo lexicográfico no *Dicionarium* de Jerónimo Cardoso, no *Thesouro*, de Bento Pereira e no *Dictionarium* (1611), de Barbosa. *Corpus Lexicográfico do Português*, em linha.

[23r] Mas deixando a guerra, o sangue e o estrondo das armas, que história tão admirável como a da casta Susana? Que sacrifício tão lastimoso como o da filha de Jefté e tão venturoso como o de Isaac, posto já sobre o altar, e de entre a lenha e a espada escapando vivo? Que caso tão bem tecido como o de Moisés infante já entregue à fúria do Nilo na barquinha ou naufrágio de vimes: tomando porto nos braços da princesa do Egipto e encomendado com maior ventura à própria mãe para que o criasse a seus peitos? Que maravilha como a da sarça verde e sem arder no meio das chamas, a dos meninos de Babilónia tomando fresco na fornalha, a de Daniel comendo e não comido no lago dos leões? E a da serpente do deserto, dando vida aos mordidos só com olharem para ela? Que prudência como a de Salomão em mandar partir o menino para conhecer a mãe verdadeira? Que engenho como o de Jacob em meter as cores pelos olhos das mães para pintar os cordeiros antes de nacerem? Que indústria como a de Daniel em semear [de noite] o templo de cinza para mostrar de dia nas pegadas dos sacerdotes [e seus filhos que eles e não o ídolo] eram os que comiam as ofertas? Que sutilezas de Estado tão bem entendidas como as dos *Livros dos* [23v] *Reis*? Que [...]como as de David com Saul e as de Cusai com Aquitofel[254]?

[22r] Tudo nas divinas Escrituras é divino, tudo raro, tudo maravilhoso. E fora matéria imensa de prosseguir e impossível de compreender querer levar por diante os princípios deste não intentado discurso. Bastem estes poucos exemplos, mais aludidos que contados, para que deles possa entender o leitor (que é o que só lhe pretendemos persuadir) quão grata seria a todas as nações dos gentios a lição dos Livros Sagrados quando chegassem a suas mãos e [co]mo este foi o altíssimo conselho da Providência divina, no estilo e disposição das escrituras do Testamento Velho (tão diversas, nesta parte, das do Testamento Novo), temperando a alteza e majestade de seus mistérios com o sabor de tantas verdades gostosas e com a variedade de tantas maravi[22v]lhas, tão novas e tão notáveis, para que, convidados com o cevo[255] da curiosidade, os que ainda não deviam àqueles livros outros melhores respeitos aprendessem por eles a fé de Deus e juntamente as esperanças de Cristo.

E quão impossível cousa seja poderem ler os gentios as escrituras sagradas sem beberem daquelas fontes esta esperança, vê-se clara e naturalmente da matéria das mesmas Escrituras, que, como todas foram ordenadas à vinda de Cristo, e de Cristo enquanto Rei e Senhor do mundo, apenas se acha cláusula em muitas delas que não esteja anunciando esta vinda e este Reino.

[254] Cusai, Aquitofel, antrops. No original, «Cusay» e «Achitofel». SC: «Cusai e Arquitofel eram os dois conselheiros de Absalão, filho de David, na luta contra seu pai. Cusai foi superior a Arquitofel em prudência, como David o fora a respeito de Saul. Vid. II *Livro dos Reis*, cap. XVII».
[255] «Cevo, s. m. Alimento». Morais, vol. III, p. 12.

Três partes da Escritura disse Cristo aos discípulos que falavam mais particularmente na sua vinda ao mundo: os profetas, os salmos e os livros de Moisés. *Necesse est impleri omnia quæ scripta sunt in Lege Moysi et prophetis et psalmis de me*[256]. E deixando à parte os lugares mais escuros destes livros, que esses não os entendiam os gentios sem intérprete, como se viu no eunuco da Rainha Candace de Etiópia[257] (se bem havia muitos Hebreus, como dissemos, entre os gentios, a quem estes podiam perguntar a interpretação quando quisessem); o cap. 2, o 9, o 11, o 35, o 52, o 53, o 54, o 65 e o 66 de *Isaías*, e muitos outros de todos os profetas, que homem os podia ler com juízo e entendimento, ainda que fosse sem fé, que não visse e conhecesse que era prometido naquelas palavras um rei futuro, e não rei como os que costuma haver no mundo, de uma só ou algumas nações, senão de todas as gentes e reinos do Universo? E quando todas as outras profecias tivessem alguma escuridade[258] que eles não pudessem entender ou interpretar por si mesmos, os dois textos de Daniel fundamentais desta nossa história, em que o Reino universal daquele futuro Monarca está expresso e declarado com palavras tão vulgares e tão significativas, e com termos que não admitem outro sentido nem interpretação, que gentio havia de haver, por bárbaro e ignorante que fosse, que não fizesse conceito do que diziam? Mas basta ao nosso intento que o façam os doutos e os entendidos. Nos *Salmos* de David, como ele era a quem tão de perto tocava aquela felicidade e a quem particularmente estava prometida; é cousa maravilhosa a frequência com que está repetido, a clareza com que está apregoado, e a pompa e majestade de palavras com que está engrandecido o reino de Cristo: o salmo 2.º, o salmo nono, o salmo [41], o salmo 4[5], 46 e 47, o salmo 6[1], 67 e 8[3], o salmo 92, 95, 96 e [98], e o salmo [102]. Todos estes 14 salmos têm por principal assunto o império do Messias. E por que não duvidassem os gentios que eles, as suas terras e as suas coroas eram as que haviam de ser sujeitas a este grande Império, vinte nove vezes lhe repete e inculca o mesmo David esta gloriosa sujeição, falando com eles nomeadamente[259] e não por termos enigmáticos ou metafóricos, senão clara e distintamente pelo seu próprio nome de gentios. Que gentio podia haver tão rude, tão alheio do lume da razão e tão gentio que, lendo no salmo 2.º, *Dabo tibi gentes hæreditatem tuam et possessionem tuam terminos terræ,* e

[256] SC: «Trad.: É necessário que seja cumprido tudo o que sobre mim foi expresso na Lei de Moisés, ou pelos Profetas ou pelos Salmos».

[257] SC: «Cândaces, foi rainha da Etiópia, segundo os Actos dos Apóstolos, VIII. Aí se conta que um seu eunuco foi convertido por S. Filipe, discípulo de Cristo. Mas o nome Cândace não é próprio, antes significa genèricamente a majestade real».

[258] «Escuridade, s.f. O mesmo que obscuridade». Morais, vol. IV, p. 686.

[259] Nomeadamente, adv. Aqui, no sentido de «em concreto, particularmente». Em Morais, vol. VII, p. 311, a forma surge registada apenas no sentido mais comum de «especialmente, mormente».

no salmo [...], *quoniam tu haereditabis in omnibus gentibus,* e no salmo 21, *Adorabunt eum universæ familiæ gentium quoniam Domini est regnum et ipse dominabitur gentium,* e no salmo 98, *Dominus* [23r] *in Sion magnus et excelsus super omnes populosm,* e no salmo 95, *dicite in gentibus quia dominus regnavit et enim correxit orbem terræ,* e no salmo 71: *Adorabunt eum omnes reges terræ omnes gentes servient ei*[260]*;* que gentio, digo, podia ler estes textos ou ouvir estes pregões, tão expressos e declarados do domínio daquele futuro rei sobre todos os reis e nações do mundo, que, se não cresse aquela fé, ao menos não conhecesse aquela esperança? Deixo de ponderar mais lugares de David, porque o faremos muitas vezes em toda esta história.

Finalmente, os livros de Moisés (que era a 3.ª alegação de Cristo), posto que sejam principalmente históricos e não proféticos, não só têm por ocasião da mesma história muitas profecias e promessas desta esperança, mas tão dirigidas e encaminhadas [a] todas as nações, nomeadamente dos mesmos gentios, que não podiam deixar de ser lidas deles com grande advertência, e recebidas com grande aplauso. No capítulo 12 dos *Génesis*, a primeira vez que Deus apareceu a Abraão e o mandou sair da pátria, lhe prometeu que seriam abendiçoadas nele todas as nações da terra: *In te benedicentur universæ cognationes terræ*. E no capítulo 18 torna a referir Deus esta mesma promessa: *Cum benedicendæ sint in illo omnes nationes terræ*[261]*;* e no capítulo 22, em prémio da resolução e obediência com que Abraão não duvidou de sacrificar seu filho, Isaac, lhe prometeu Deus terceira vez a mesma bênção, com declaração que não seria na sua pessoa senão na de um seu descendente: *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ*[262]. A qual promessa tornou Deus a ratificar quarta e quinta vez em Isaac, filho, e em Jacob, neto do mesmo Abraão, sempre pelas mesmas palavras. Em Isaac, no capítulo 26: *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ*; e em Jacob, no capítulo 28: *Benedicentur in semine tuo cunctæ tribus terræ*[263]. Finalmente, no [23v] capítulo 49, do mesmo *Livro dos Génesis* está o famoso texto já referido, um dos dois em que fundamos todo este discurso: *Non auferetur Sceptrum de Juda donec veniat qui mittendus est et ipse erit expectatio gentium*[264]. De sorte que em um só livro de Moisés tinham os gentios seis profecias claras e que claramente

[260] SC: «Trad.: Dar-te-ei os povos como tua herança e os confins da terra como tua propriedade. Adorarão na tua presença todas as famílias dos povos, porque do Senhor é o reino. O Senhor é grande em Sião e excelso sobre todos os povos. Dizei entre as gentes que o Senhor reina, porque firmou a redondeza da terra. Adorá-lo-ão todos os reis da Terra, todos os reis o hão-de servir».

[261] SC: «Trad.: Em ti serão abençoadas todas as nações da Terra. ...pois que todas as nações da Terra hão-de ser benditas nele».

[262] SC: «Trad.: Na tua semente serão benditas todas as nações da Terra».

[263] SC: «Trad.: Na tua semente serão benditas todas as tribos juntas da terra».

[264] SC: «Trad.: Não será tirado o ceptro de Juda, até que venha Aquele que deve ser enviado, e Ele próprio será a expectação das gentes».

falavam com eles, nas quais se lhe prometia por boca de Deus que seriam todas abendiçoadas em um homem da descendência de Abraão, que era o esperado Rei e Messias do mundo. Assi que, lendo os gentios como liam as Escrituras, e particularmente os livros de Moisés, os dos *Salmos* e os dos Profetas, não podiam deixar de vir em conhecimento, e tal conhecimento, de Cristo, que todos o desejassem e esperassem todos.

O 4.º e último meio e mais imediato da Providência divina com que as nações gentílicas puderam conhecer e, com efeito, conheceram o prometido Messias, foram muitas revelações particulares daquele mistério com que Deus em diferentes tempos alumiou por si mesmo a vários homens e mulheres de toda a gentilidade. Seja o primeiro exemplo desta luz aquele grande varão mais conhecido pelo testemunho[265] da paciência que pelo lume da profecia, Job. Era Job verdadeiramente gentio, idumeu de nação, natural da terra de Hus, e foi insigne profeta de Cristo, a quem conheceu por universal redentor, *Scio quia Redemptor meus vivit,* e em quem esperou ver a Deus vestido de carne, *In carne mea videbo deum meum*. E esta esperança, como ele diz, trazia sempre guardada no seio: *Reposita est hæc spes mea in sinu meo*. *Similiter et Job* (diz S. Agostinho) *eximius prophetarum, et in carne mea videbo deum meum in quod de illo tempore prophetavit quia Christi deitas habitum nostræ carnis induta est*[266]. O mesmo diz S. Jerónimo e S. Gregório Papa. Os amigos de Job também eram gentios de outras províncias vizinhas e também alumiados da mesma fé e confirmados na mesma esperança, como consta da mesma história e do que eles disseram nela. E como todos fossem Reis e Senhores de suas terras, (assi lhe chama o texto sagrado no capítulo 2.º de Tobias), com aquela suprema autoridade e com o conhecimento e sabedoria que tinham do céu, já se vê quão ensinados teriam nela a todos seus vassalos e quão pública seria entre eles a esperança de Cristo.

Balaão (cujo espírito profético é tão vulgar que não tem necessidade de prova) não só foi gentio, senão mau gentio. Dele diz S. Máximo: *Nemo miretur nativitatem Dominicam agnovisse Chaldæos, quam utique, se revelante Deo; gentibus ille Balaam prænunciare potuit gentilis, id est, Magus agnoscere*[267]. Este Balaão, este gentio (o qual não duvidou de se chamar a si mesmo *auditor sermonum Dei, qui novit doctrinam Altissimi, et visiones Omnipotentis videt*[268])

[265] Vieira regista «testimunho» e «testemunho», com prevalência do uso da primeira.

[266] SC:« Trad.: E sei que o meu Redentor vive. Na minha carne verei o meu Deus. Tenho guardada esta esperança no meu seio. Semelhantemente também Job, exímio entre os Profetas – «e na minha carne verei o meu Deus» – porque desde aquele tempo profetizou que a divindade de Cristo se vestiu com a forma da nossa carne».

[267] SC: «Trad.: Não surpreenda a ninguém que os Caldeus tenham tido conhecimento do nascimento do Senhor, pois se, por revelação divina, o Pagão a pôde anunciar, também a pôde conhecer. S. Máximo, *Opera omnia, Homilia XXVI, De Epiphania Domini,* X».

[268] SC: «Trad.: Auditor das palavras de Deus, que conheceu a doutrina do Altíssimo e viu a visão

profetizou [24r] claramente de Cristo e de seu império, naquele texto tão celebrado do capítulo 24 dos *Números*: *Videbo eum, sed non modo: intuebor illum, sed non prope: orietur stella ex Jacob et consurget virga de Israel, et percutiet duces Moab, vastabitque omnes filios Seth*. Quer dizer: vê-lo-ei, mas não agora; olharei para ele, mas não de perto; nascerá a estrela de Jacob, e levantar-se-á o ceptro de Israel; vencerá todos os capitães dos gentios, e sujeitará todas as nações do mundo. As quais palavras foram sempre entendidas, assi pelos Hebreus como pelos gentios, de um rei descendente da casa de Jacob, que em tempos futuros havia de imperar no mundo, e de sujeitar a seu domínio todas as nações dele. E digo que não só os Hebreus entendiam assi este lugar, mas também os gentios, por ser muito célebre entre eles a notícia deste oráculo, e mui famosa, ou difamada (como diz S. Leão Papa) a memória desta profecia, pela qual memória ou notícia (diz o mesmo santo), informados os Reis Magos, puderam arguir do aparecimento da nova estrela ou nacimento do novo Rei. *Ad intelligendum miraculum signi potuerunt Magi de antiquis Balaam prænuntiationibus comoueri, scientes olim esse prædictum et celebri memoria diffamatum*[269]. Notem-se bem estas últimas palavras, de que se vê facilmente quão notória era no mundo e quão pública entre os gentios esta esperança.

Das Sibilas (profetisas também da gentilidade) diz assi Xisto Betuleu, nas anotações que fez sobre o original grego dos Oráculos Sibilinos: *Sic prorsus sentio Deum totius universitatis opificem et administrum æternum, suum votum et totam illam futuram seriem præsertim ad salutem mortalium spectantem, sicut Israeli per prophetas ita gentibus per Sibyllas ostendere voluisse per idem numen fatidicum*[270]. Quer dizer este autor (e o confirma com o que disseram das Sibilas Lactâncio Firmiano e S. Agostinho) que comunicou Deus o espírito de profecia a estas famosas mulheres, para que assi como os Hebreus tiveram os seus Profetas, assi tivessem também os gentios os seus, por cujo meio a uns e outros fossem manifestos os conselhos divinos, principalmente aqueles que para a salvação universal do Mundo eram necessários, conforme a ordem e disposição eterna de sua Providência. E se alguém perguntar

---

do Omnipotente».

[269] SC: «Trad.: Para entender o milagre do sinal puderam também os Magos ser movidos por antigos anúncios de Balaão, sabendo que outrora fora predito e difamado com célebre memória. S. Leão Magno, *Opera Omnia, Serm. XXXIII*, cap. II. O texto de S. Leão Papa pondo o sinal: depois de diffamatum, acrescenta: Orietur stella ex Jacob et exurget homo ex Israel et dominabitur gentium, o que altera a versão corrente do texto dos *Numeros*, XXIV, 17: Orietur stella ex Jacob, et consurget virga de Israel et percutiet duces Moab, vartabitque omnes filios Seth: Nascerá uma estrela de Jacob e levantar-se-á uma estrela de Israel; e ferirá os capitães de Moab e destruirá todos os filhos de Set».

[270] SC: «Trad.: Assim firmemente, creio que Deus, criador e administrador de tudo, atentando principalmente na salvação dos mortais, quis mostrar a sua promessa tanto a Israel, pelos Profetas, como aos Gentios, pelas Sibilas, pelo mesmo divino poder profético».

curiosamente a quem e por cuja boca falou Deus mais claramente, se aos Hebreus pelos Profetas ou aos gentios pelas Sibilas? Respondo que em muitas cousas particulares, principalmente das que pertencem a Cristo, falaram com termos de maior clareza as Sibilas do que os Profetas, como se pode ver facilmente de uns e outros livros. De muitos lugares e exemplos que pudera trazer desta diferença, porei somente aqui dois, para que se veja quão fácil era aos gentios o conhecimento de Cristo pelos livros ou oráculos das Sibilas; antes quão impossível cousa era lerem eles como liam aqueles Livros e não [24v] terem notícia do Messias e da esperança e promessas de sua vinda, formando ao menos um conceito comum e confuso de um rei e de um império futuro, debaixo do qual se havia de renovar e restaurar o mundo. No fim do Livro 3.º, diz a Sibila Eritreia estes versos:

Sed postquam Roma Ægyptum reget imperioque
Frenabit, summi tum summa potentia regni
Regis inextincti mortalibus exorietur.
Rex et enim Sanctus veniet ; qui totius orbis
Omnia sæculorum per tempora sceptra tenebit[271].

Não se podia descrever com maior clareza o tempo e circunstâncias do nacimento de Cristo, a soberania de seu supremo poder e a monarquia universal de seu reino sobre todos os ceptros e coroas do Mundo. Diz que naceria este Rei e daria princípio a seu império quando Roma dominasse e governasse o Egipto, e assi foi, porque depois da vitória de Augusto César, em que venceu a Marco António e Cleópatra no Egipto e acabou de dominar o Império Romano, as últimas relíquias de poder em que se conservava o Grego, não passaram mais que 12 anos até o nacimento de Cristo, como consta da [...]

No livro oitavo (que é o último) tem a mesma Sibila outros versos mais notáveis, do género daqueles que os Gregos chamam Acrósticos, cujo artifício é lerem-se pelas primeiras letras, e formar-se com elas alguma sentença, nome ou inscrição particular. Os versos, pois, são 35 e a sentença é esta:

Jesus Christus Dei filius servator crux
Jesu Christo filho de Deus salvador cruz.

Estes versos estão em toda a sua propriedade no texto grego e não se poderão traduzir na língua latina, com o motivo daquelas letras, sem alguma variedade. S. Agostinho, no Livro 18 *De Civitate Dei,* cap. 23: diz que a primeira ver-

[271] SC: «Trad.: Mas depois que Roma reger o Egipto e refrear o Império, nascerá então aos Mortais, o sumo poder do supremo império do Rei inextinto. Virá, na verdade, o Santo, o qual sustentará todos os ceptros, através dos séculos. Vid. *Sibylina oracula*, Paris, 1593, p. 218».

são que chegou a suas mãos deste Acróstico era em versos mal latinos e que se não podiam ter em pé: *Versibus male latinis et non stantibus*. Tão galante é a frase com que o Santo declara o mal falado e mal medido daqueles versos. Depois diz que o Procônsul Flaviano lhe mostrou outros mais conformes às leis da Gramática e da Poesia, os quais copia o santo naquele lugar, e nós deixamos de os pôr aqui, porque não guardam a ordem das letras iniciais, propriedade que falta em muitas outras versões latinas. A de João Bongro, trazida por Xisto Betuleu, compreendeu e cumpria felizmente com todas estas dificuldades sem tomar outra licença mais que a de desatar a última letra em duas e fazer de um X., C. e S. É a seguinte:

Judicii metuet sudans presagia tellus
Et Rex æternus magno descendet Olympo
Sublimis carnem, mundumque ut judicet omnem.
Unum suscipient numen pravique bonique
Summum, supremo cum Sanctis tempore mundi.
[25r] Carnifer ille homines judex inquiret in omnes.
Horrida terra vias cæli spinæque tenebunt.
Rejicient simulacra viri, gazamque repostam.
Ille domus cæcas et Ditis claustra refringet.
Sanctior a mortis jam nexu libera lucem
Turba hominum cernet, scelerosos flamma piabit
Ultrix perpetuum: mala quæ quicumque patravit
Sontica, suppressitque diu, producet in auras:
Deteget et furvis Deus obsita corda tenebris:
Erumnæ et stridor dentis regnabit ubique,
Ipsum deficiet solis decus, astra colore
Fusco obducent[ur], argentea luna peribit,
Insurgent valles, consident ardua montis,
Luxus sublimis mortales deseret oras,
Immensos colles æquabunt marmora campi.
Velivago nulli cernentur in æquore nautæ.
Succendet terram fulmen, vaga lympha vapore
Solis arescet ripis, fontesque dehiscent:
Et tuba de cælo tristis clangore sonabit
Raucisono, mundi clades pereuntis acerbas.
Vastum terra chaos stygio monstrabit hiatu,
Atque dei solio sistetur judicis omnis
Turba ducum, regumque pluet tum sulphure et igni,
Omnibus extabunt ligni vexilla verendi;
Robur et auxilium populo exoptata fideli:

Certa pio generi vita est offensa malignis,
Rore bonos lustrans bisseni fontis ab unda:
Virgaque qua pecori dat ferrea jura magister,
Carminis auspiciis qui crimina morte piabit
Servator Rex æternus Deus ipse patescit[272].

Destes mesmos versos faz menção Eusébio Cesariense na *Vida de Constantino Magno*, e Marco Túlio, que morreu 50 anos antes do nacimento de Cristo, no Livro 2 *De Divinatione*. O sentido dos versos, em suma, é a vinda de Cristo a julgar o mundo com todas as circunstâncias de grandeza, majestade e horror que pertencem ao aparato e execução do juízo.

O mistério da Encarnação está com tanta e maior clareza no livro 1.º dos mesmos oráculos das Sibilas.

Tunc ad Mortales veniet Mortalibus ipsis
In terris similis natus Patris omnipotentis
Corpore vestitus[273].

[272] SC: «Tentativa de tradução: A terra, coberta de suor, temerá os presságios da sentença e o Rei eterno descerá do grandioso Olimpo e julgará, sublime, a carne e todo o mundo. Os bons e os maus, com os Santos, aceitarão um só e supremo Deus, até a consumação dos séculos. Aquele juiz vestido de carne inquirirá a todos os homens. A terra tenebrosa e os espinhos cobrirão os caminhos do Céu. Os homens rejeitarão os ídolos e o tesouro sepultado. Ele derrubará as casas fechadas e os claustros de Plutão. Uma turba de homens mais santa e já liberta do laço da morte, distinguirá a luz; a chama para sempre vingadora castigará os criminosos. Os males que cada um praticou sob aparências que os desculpavam, e por muito tempo ocultou, manifestar-se-ão a toda a luz, e Deus arrancará às trevas os corações mergulhados na confusão. Por toda a parte reinará a inquietação e o ranger de dentes; ao próprio Sol faltará o esplendor, os astros se velarão de sombra, desaparecerá a Lua prateada, elevar-se-ão os vales, abaixar-se-á a cumeada da serra, o luxo sublime abandonará a pátria dos mortais. Os campos, horizontais como pavimentos de mármore, nivelarão com as colinas imensas. Nauta algum será visto nos mares habituados à navegação. O raio abrasará a terra, a vagabunda linfa, ao calor do sol, secará nos leitos. E de som triste e rouco, uma trombeta fará ressoar, desde as alturas, as trágicas catástrofes do mundo que perece. A Terra, como na infernal caverna, mostrará um vasto caos e a turba dos chefes e dos reis toda se encontrará no sólio do divino Juiz; choverá então enxofre e fogo e por sobre tudo o mais se elevarão as bandeiras do lenho venerando, fortaleza e auxílio que são o anelo do povo fiel; vida segura para os piedosos, porém desgraça para os maus, lustrando os bons com orvalho espargido do caudal da velha fonte. E [será patente] a vara com que dá ao rebanho as rígidas leis aquele Senhor que expiará os crimes pela morte, segundo as profecias, e o rei que nos conserva se revelará o próprio Deus».

[273] SC: «Trad.: Então, vestido de corpo, o filho do Padre Omnipotente virá para junto dos mortais, a eles próprios semelhante na terra».

Não falou com palavras mais claras S. Paulo quando disse: *In similitudinem hominum factus et habitu inventus ut homo*[274]. E mais abaixo se lê a pregação do Baptista *quasi* pelas mesmas palavras de S. Mateus:

> *Verum cum quædam vox per deserta locorum.*
> *[25v] Nuncia mortales veniet quæ clamet ad omnes*
> *Ut rectos faciant calles, animosque repurgent*
> *A vitiis, et aqua lustrentur corpora cuncta*
> *Ut nunquam deinceps peccent in jura, renati*[275].

A embaixada do Anjo à Virgem, com o mesmo nome de Gabriel, descreve a Sibila no livro 8 por estas palavras:

> *E cælo veniens mortales induit artus .*
> *Ac primum corpus Gabriel ostendit honestum.*
> *Nuncius hinc tali affatur sermone puellam.*
> *Accipe Virgo Deum gremio intemerata pudico*
> *Sic ait: ast illam cælestis gratia molli*
> *Leniit affatu: tum virginitatis amatrix.*
> *Perpetuæ magno subito correpta stupore.*
> *Atque metu trepida pressit formidine mentem*[276].

E pelo mesmo estilo vai prosseguindo a história da Encarnação segundo as leis da história. E por que não faltasse com todas suas circunstâncias, até o presépio de Belém, alegria e pasmo dos pastores, aparecimento da estrela e adoração dos Reis. O nome da Virgem, assi como tinha declarado o do Anjo, diz no mesmo lugar:

> *Et brevis egressus Mariæ de Virginis alvo*
> *Exorta est nova lux*[277].

[274] SC: «Trad.: Foi feito à semelhança do homem, afeiçoado em forma humana».
[275] SC: «Trad.: Porém quando certa voz anunciadora vier através dos desertos, clamando para que os mortais tornem rectas as veredas, arranquem as almas dos vícios, e todos os corpos por eles se purifiquem, para que nunca mais os renascidos pequem contra o direito...».
[276] SC: «Trad.: Vindo do Céu, revestiu-se das articulações mortais e em primeiro lugar Gabriel, que o anunciou, mostrou a nobre presença, dirigindo-se à Virgem nestes termos: "Aceita a Deus, ó Virgem sem mácula, no ventre pudico". Assim disse. A celeste graça, porém, acalmou-a com a suavidade do discurso. Então, enamorada de virgindade perpétua, perturbada de grande e súbito espanto e trepidante de medo, apertou, temerosa, a cabeça».
[277] SC: «Trad.: E do ventre da Virgem Maria, de breve espaço, saiu uma nova luz».

Finalmente, resumindo todas as obras de Cristo, assi da vida santíssima como de sua paixão, até lhe pôr a coroa (como se esta fora o fim e assunto do seu poema), conclui com estes versos:

Ergo ad judicium veniet dicti memor hujus
Persimilem formam portans in Virginis alvum
Collustrans lympha manibus senioribus omnes.
Cuncta jubens faciet, morboque medebitur omni.
Pacabit ventos dicto, sternetque profundum
Insanum, placidis pedibus calcando, fideque.
Ad virosa genas præbebit sputa prudentes
Verberibusque sacrum tradet proscindere tergum
Perque feret tacitus colaphos, ne forte sciatur
Quis sit, cujus sit, mortalibus unde locutum.
Venerit, horrentemque feret de vepre coronam[278].

Até aqui a Sibila, compreendendo admiravelmente em tão poucas regras[279] o nacimento virginal de Cristo, o sacramento do bautismo, que instituiu e administrou depois que teve (como ela diz) maiores as mãos, o império que exercitou sobre todas as criaturas, as enfermidades que curou milagrosamente, os mares que pisou, andando placidamente sobre as ondas, a sujeição com que lhe obedeceram os ventos, a paciência e humildade com que sofreu ser cuspido, açoutado e afrontado com mãos sacrílegas em seu próprio rosto; e coroado por escárnio com coroa de espinhos: dissimulando debaixo de tantas injúrias a grandeza, poder e majestade de quem era e de quem o mandara ao mundo. Tanta como esta é a clareza com que falaram de Cristo as Sibilas, qual se não acha maior nem ainda igual nos Profetas. Sendo a razão desta providência [26r] (como bem notou Castálio) a rudeza e ignorância das cousas divinas em que viviam os gentios, aos quais era necessário se falasse com maior clareza do que aos Hebreus, nacidos e criados entre os resplandores[280] da fé e conhecimento de Deus, tendo também estes a lei e tantos mestres que os pudessem alumiar e ensinar, e carecendo aqueles de toda a luz e doutrina. Se já não foi (como considera o mesmo autor e o

[278] SC: «Trad.: Virá, pois, a juízo, lembrado deste dito, trazendo ao seio da Virgem forma muito semelhante, a todos a linfa banhando com mãos antigas (?), tudo fará, impondo o seu comando, e remediar a todo o mal. Acalmará os ventos por sua palavra, prostará aquele que é o abissal Insano, calcando-o com pé seguro e com fé; oferecerá as faces prudentes aos escarros nojentos, permitirá aos açoites lhe rasguem o sagrado dorso e ele próprio deixará aos mortais a casta virgem. E sofrerá calado as bofetadas, para que se não saiba quem é, de quem seja, de onde tenha vindo falar aos mortais, e suportará uma coroa de espinhos».
[279] «Regra, s.f. Linha escrita». Morais, vol. IX, p. 353.
[280] «Resplandor, s.m. O mesmo que resplendor, brilho». Morais, vol. IX, p. 501.

prova com Isaías) que a escuridade dos Profetas, por permissão ou castigo, se acomodou à cegueira com que os Judeus haviam de negar a Cristo, e a claridade das Sibilas à fé com que os gentios o haviam de crer. *Non ne* (são as palavras de Castálio) *quæ de Christo gentilibus prædicta sunt ea clariora esse oportuit, quod Mose et cetera disciplina carebant, quae eis ad Christi lumen quasi proluceret: ut quod hic deerat id oraculorum perspicuitate compensaretur? Accedit eo quod (quemadmodum patet ex Isaia) voluit Deus Judæis obscuriorem esse Christi adventum ut in eum obscuriorem atque ita suæ pertinaciæ pœnas darent, quod idem de gentibus dicere non licet*[281].

Por meio pois destes oráculos das Sibilas, que andavam nas mãos de todos, principalmente dos sábios, como se vê em Platão e Aristóteles, era tão vulgar e famosa entre os gentios a esperança daquele novo rei, e da idade dourada que havia de trazer ao mundo com seu felicíssimo reino; quanto a lemos elegantemente profetizada na quarta Écloga de Virgílio, que morreu treze dias[282] antes do nacimento de Cristo, e cita nela os oráculos da Sibila Cumeia,

Ultima Cumai venit jam carminis ætas[283]*,*

para que entendêssemos que as Sibilas foram as Musas Sicélides[284], que excitaram a cantar cousas maiores, e que destas fontes bebeu aqueles levantados espíritos, e não nas de Aganipe ou Hipocrene[285].

Eusébio Cesariense, no já citado Livro da *Vida de Constantino Magno*, é de opinião que esta quarta Écloga de Virgílio é toda alegórica, e que debaixo da

[281] SC: «Trad.: Pois não é verdade que tudo quanto de Cristo foi predito aos Gentios conveio que fosse mais claro, por carecerem do ensino de Moisés ou qualquer outro que lhes fosse como luz que os encaminhasse a Cristo, de modo que esta persistência fosse compensada pela claridade? Acresce a isto que, segundo de certo modo o ensina Isaías, quis Deus que fosse mais obscuro para os Judeus o advento de Cristo, a fim de que eles mais o obscurecessem e assim se punissem da sua pertinácia, o que não é lícito dizer aos Gentios. Não pude consultar a obra que insere o texto, de que portanto não garanto a exactidão».

[282] Segundo Arnaldo Espírito Santo (C.P.), onde se lê «treze dias», deveria ler-se «treze anos», uma vez que Vergílio morreu no ano 19 antes de Cristo. No entanto, como a data do nascimento de Cristo foi mal calculada, o ano 19 é, de facto, o 13.º ano antes do nascimento de Cristo.

[283] SC: «Trad.: Já chegou a última idade do vaticínio de Cumeia. Esta sibila anunciara em quinto lugar a idade que havia de ser precedida pelas idades de ouro, de prata, de bronze e de ferro».

[284] SC: «As Musas Sicélides, ou Sículas, são as da Sicília, a ilha italiana em cuja capital – Siracusa – nasceu Teócrito (perto de 3 séculos A. de C.), o criador do género bucólico».

[285] SC: «Aganipe e Hipocrene são duas fontes de cujas águas se cria que inspiraram os poetas. A primeira corria junto do monte Hélicon, e, segundo o mito, nela tinha sido metamorfoseada a filha do rio Permesso; a segunda, também chamada a Fonte do Cavalo (é o que querem dizer em grego os dois nomes hipo e crene) era assim designada, porque o cavalo alado – Pégaso – com uma patada a tinha feito rebentar».

metáfora de Salonino[286], filho de Polião, foi verdadeiramente escrita e dedicada a Cristo, filho do Eterno Padre, encobrindo e envolvendo o vigilantíssimo poeta a verdade desta sua fé e pensamento com as figuras e metáforas daquele seu mecenas, para que o não condenasse a superstição romana como violador da divindade dos Deuses. *Intelligimus autem* (diz Eusébio) *dicta hæc manifeste simul, et obscure per allegorias prolata iis, qui carminum horum sensum altius sub conspectum divinitatis Dei scrutantur, innuere: quomodo Poeta, ne quis eorum qui in regia urbe denominabantur, culpare posset quod contra patrias leges scriberet, et quæ jam olim inde a maioribus de diis credita fuissent, rejiceret, veritatem occul[ta]uerit*[287].

Desta mesma opinião de Eusébio são outros muitos autores, os quais constantemente se persuadem que o sujeito da quarta Écloga virgiliana não foi outro senão Cristo, conhecido pelos oráculos das Sibilas. E certo são tão extraordinariamente grandes as cousas que o príncipe dos poetas diz naquele poema bucólico, que nem ainda do mesmo César se puderam dizer sem nota de demasiada adulação, e indigna de um tão eminente juízo como o de Virgílio, talhado verdadeiramente para poeta de Cristo. Quem tiver curiosidade de ver a alegoria de toda a Écloga aplicada e explicada de Cristo, veja dos antigos ao mesmo, e dos modernos ao P. Lacerda, e sobre todos a [...], que de versos de Virgílio teceu e compôs felizmente toda a vida de Cristo.

[27v] As razões mais fundamentais e sólidas com que se persuade e convence a verdade deste império temporal de Cristo são as que imediatamente se tiram dos mesmos títulos que acabámos de declarar. E, assi, a primeira e mais relevante de todas se funda na união hipostática com que a humanidade sagrada de Cristo está unida a[o] divino Verbo, posto que esta mais se pode chamar natureza que razão. Outra é o merecimento infinito de Cristo, inseparável a todas suas acções, pelo qual lhe eram devidas todas as dignidades e grandezas humanas, sem exclusão de poder, autoridade e soberania alguma. Em consequência do qual merecimento se ajuntou a ele a vontade eficaz divina, que foi o princípio efectivo donde manou e se derivou a Cristo a comunicação liberalíssima e como investidura absoluta desta suprema e universal potestade[288]. Assi que as razões fundamentais do império temporal de Cristo são três: o ser quem é, o seu merecimento, e a vontade divina, que é razão de si mesma. Estas razões capitais se podem ajudar e revestir

[286] Caio Asínio Galo Salonino, filho de Caio Asínio Polião com Quíncia, filha de Lúcio Quíncio.
[287] SC: «Trad.: Entendemos, porém, que estas palavras, de modo a um tempo manifesto e oculto, alegòricamente proferidas para aqueles que perscrutam o sentido mais alto dos vaticínios, sob o conspecto de Deus, deixam adivinhar de que modo o Poeta tenha ocultado a verdade, a fim de evitar que qualquer dos que dominavam nas esferas reais pudesse culpar o que escrevia contra as leis pátrias, e rejeitava quanto já antigamente tinha sido acreditado a respeito dos deuses».
[288] «Potestade, s.f. Poder, potência, força». Morais, vol. VIII, p. 570.

de várias congruências[289] que facilmente se consideram muito convenientes todas ao decoro e majestade de Cristo. O qual, como cabeça dos homens, que são compostos de carne e espírito, não era justo que tivesse sobre eles o domínio partido, senão inteiro, assi sobre as cousas e acções concernentes ao espírito, como as que pertencem ao corpo. Antes por Cristo ser verdadeiro e inteiro homem, composto não só de espírito senão de carne, foi mui conveniente que não só tivesse o império espiritual, que pertence às almas, senão também o temporal, que é próprio dos corpos. *Ut sicut ipse e corpore atque Spiritu compositus erat, ita eum (Pater) et regem spirituum et corporum etiam faceret: ut tam late ejus imperium pateret quam ipsius dei*[290]: como doutamente disse Stunica[291], comentando o capítulo 9 do profeta *Zacarias*. Se os Trajanos e outros imperadores e príncipes do mundo deram seus impérios e reinos inteiros aos estranhos que adoptaram por filhos, como havemos de crer nem imaginar que desse Deus só uma parte de seu império e domínio a Cristo, que não só enquanto Deus senão ainda enquanto homem é seu filho natural, verdadeiro e unigénito? Se quis e não pôde (como em semelhante caso argumentava Agostinho), foi fraqueza, se pôde e não quis, foi inveja: e um ou outro pensamento fora blasfémia contra o omnipotente amor de tão divino Pai. A Adão deu Deus o império universal do mundo, com sujeição e obediência de todas as criaturas dele, só por ser feito a sua imagem e semelhança: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram ut præsit piscibus maris et volatilibus cæli et bestiis terræ*[292]: Como negaria logo Deus este mesmo poder, não digo já àquele segundo Adão, que veio restaurar as ruínas do primeiro, senão àquele que é imagem e retrato perfeitíssimo de sua sustância: *Ipse est enim imago Patris et figura substantiæ ejus*[293]. Haverá quem se atreva a dizer ou presumir que foi menor o poder de Cristo no mundo que o de Adão, ou que teve Adão poder que faltasse a Cristo? A carne de Adão que tomou Cristo não foi de Adão pecador senão de Adão inocente, porque, como advertiu o Apóstolo, tomou a carne e não contraiu o pecado. E se Cristo não foi filho de Adão escravo, senão de Adão senhor, por que não reteria ao menos o que não perdeu em seu Pai? A geração de Cristo, escrita por S. Mateus, começa em David, e por S. Lucas, em Adão: e se por filho de David, melhor que Salomão,

[289] Congruência, s.f. «Relação directa de uma coisa ou facto com o fim a que se destina; coerência», Morais, vol. III, p. 401.

[290] SC: «Trad.: ...para que, assim como Ele próprio era composto de corpo e espírito, assim também o Padre a Ele o fez rei dos espíritos e dos corpos, por que tão abertamente se patenteasse ser o reino e o império tanto dele como do próprio Deus».

[291] Diego de Zúñiga, latinizado como Didacus a Stunica (Salamanca, 1536 – Toledo, 1597).

[292] SC: «Trad.: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para presidir aos peixes do mar, às aves do céu e aos animais da terra. Génesis, I, 26».

[293] SC: «Trad.: Ele próprio é, na verdade, a imagem do Rei e a figura da sua substância...».

lhe foi devido o ceptro de Israel, por filho de Adão, melhor que Caim e Abel, por que se lhe há-de negar o do mundo?

Finalmente, é princípio geral e recebido de todos os teólogos que se deve [28r] conceder e admitir na soberana pessoa de Cristo todos aqueles atributos de poder, grandeza e majestade que sem implicação nem indecência se podem considerar nela, porque todos lhe são infinitamente devidos: e tão fora está deste perigo o império e domínio temporal que admitimos em Cristo, que antes da falta dele se podem arguir conhecidos inconvenientes e ainda alguma consequência indigna e de menos decoro. Porque o império espiritual de Cristo, por supremo e universal que seja, só tem poder e jurdição indirecta sobre as cousas e acções temporais em quanto estas se ordenam ou subordinam ao fim e conservação das espirituais: e no caso ou suposição em que Cristo somente fosse Rei Espiritual, seguia-se (como doutamente infere o Padre Suárez) que, se Cristo quisesse mandar a um homem ou a um anjo uma acção meramente temporal, ou servir-se de qualquer cousa temporal alheia (ainda que fosse para obrar um milagre), que o não poderia fazer livre e absolutamente a seu arbítrio e sem licença do dono dela (se comodamente o pudesse fazer de outra sorte). *Indignum autem videtur* (conclui o grande Doutor) *hæc et similia de Christi potestate sentire*[294]. Sendo logo este sentimento indigno do poder e majestade de Cristo e da soberania de sua pessoa, necessariamente havemos de dizer e confessar, em boa teologia, que não é somente espiritual o império e domínio que Cristo tem sobre o mundo, senão também temporal, e que espiritual e temporalmente lhe são todos os homens e todas suas cousas sujeitas.

E quanto ao reparo da pobreza e desprezo das cousas temporais que Cristo veio ensinar ao mundo, nós nos contentaremos com que os autores deste escrúpulo[295], por santos e espirituais que sejam, se contentem com o que[296] se contentou este monarca temporal do mundo; imitem a pobreza de Cristo, pobre no nacimento, pobre na vida, pobre na morte e pobre sobretudo na eleição de pais pobres, e não queiram mais pobreza, nem mais exemplo em Cristo. Muitos há que querem parecer pobres; alguns que o querem ser; mas quem queira ser e parecer filho de pobres, *quis est hic et laudabimus eum?*[297] Só Cristo e quem tem muito de Cristo. O domínio universal que Cristo tinha do mundo era o que mais subia de preço os quilates de sua pobreza. Não ter uso das cousas do mundo quem não tem ou teve domínio delas, virtude pode ser, mas virtude que parece fortuna ou necessidade; porém, Senhor absoluto de tudo quanto há e pode haver no mundo, e ter menos uso do mesmo mun-

[294] SC: «Trad.: Parece, porém, indigno sentir estas e coisas semelhantes do poder de Cristo».
[295] Escrúpulo, s.m. Aqui, no sentido de «dúvida». Morais, vol. IV, p. 680.
[296] No original, «que o que».
[297] SC: «Trad.: Quem é esse e o louvaremos?».

do do que os bichinhos da terra, e poder dizer, com verdade, *Vulpes foveas habent et volucres cœli nidos filius autem hominis non habet ubi caput reclinet*![298] Ó que pasmo, ó que exemplo, ó que confusão para os homens, ainda os mais desprezadores do mundo! Mas replicam a esta reposta os autores da contrária opinião e dizem que a pobreza evangélica, de que Cristo professou ser mestre, não consiste só na mortificação ou temperança do uso das cousas temporais, senão principalmente na renunciação do domínio delas: logo, no desprezo e abdicação deste domínio é que devia Cristo dar-nos o exemplo da perfeita pobreza: e pois é certo que foi Cristo consumadíssimo exemplar de todas as virtudes, e muito particularmente desta; segue-se que não só não teve o uso das cousas temporais, senão que também careceu do domínio de todas. Primeiramente, digo que, para Cristo ser [28v] perfeitíssimo mestre e exemplar de todas as virtudes, não era necessário exercitar todos os actos particulares delas, ainda que os tivesse ensinado. Não era menos mestre nem menos exemplar Cristo da paciência do que o foi da pobreza. E sendo uma das mais altas proposições de sua doutrina na matéria do sofrimento, *cum te percusserint in una maxilla præbe illi et alteram*[299]*;* sabemos contudo que, quando deram a Cristo a bofetada em presença do Pontífice Caifás, não ofereceu o Senhor a outra face, antes acudiu à calúnia de que falsa e sacrilegamente o arguiam. Mas deixada esta estrada geral, porque não é nosso intento divertir[300] o argumento, senão desfazê-lo, digo outra vez que na pobreza de Cristo, quanto à renunciação do domínio, havia outra razão mais forçosa e necessária, que era ser este acto incompossível[301] com a natureza e essência do mesmo Cristo. Porque aquele domínio supremo e universal de todas as cousas fundava-se imediatamente, como dissemos, na união hipostática, e era não só propriedade inseparável senão parte intrínseca dela, e assi como Cristo não podia renunciar nem abdicar de si a própria natureza, assi (diz o Padre Vásquez) não podia renunciar nem demitir de si o direito àquele soberano domínio. O que podia só fazer Cristo era privar-se do uso dele, e assi o fez tão perfeita e perfeitissimamente como sabemos. Quanto mais que, ainda no caso em que fora possível na pessoa de Cristo a renunciação do domínio temporal de todas as cousas, porventura que era mais conveniente ao mesmo exemplo do mundo conservar o domínio sem o uso que renunciar o uso e mais o domínio. Porque Cristo, como mestre e exemplar da perfeição evangélica, não só devia dar exemplo aos religiosos que professam renunciar o domínio dos bens temporais, senão também aos prelados e bispos, e ao

[298] SC: «Trad.: As raposas têm covas, e ninhos as aves do céu; o Filho do Homem, porém, não tem onde reclinar a cabeça. S. Mateus, VIII, 20».
[299] SC: «Trad.: Quando te baterem numa face, apresenta-lhe a outra».
[300] Divertir, v. Aqui, no sentido de «desviar a atenção». Morais, vol. IV, p. 122.
[301] Incompossível, adj. O mesmo que incompatível. «Compossível». Morais, vol. III, p. 321.

supremo bispo e supremo prelado, cujo estado, sendo de maior perfeição, conserva o domínio e administração dos bens e só periga, ou pode perigar, na imoderação ou excesso do uso deles. Foi logo convenientíssimo que em Cristo se ajuntasse o sumo domínio e o sumo desprezo e abstinência das cousas do mundo, para que no mesmo exemplar aprendessem os religiosos a mortificação do uso, e os prelados a moderação do domínio.

Finalmente, para que ponhamos o selo à confirmação desta nossa sentença e acabemos de desfazer as razões ou admirações, como dizíamos, da parte contrária, provemos demostrativamente[302] a causa pelos efeitos, a potência pelos actos, a jurdição pelo exercício, e o direito (do modo que pode ser) pela posse. Temos neste ponto contra nós, não só os inimigos, senão também os amigos. Resolvem os defensores da opinião contrária, e também muitos da nossa, que Cristo em toda sua vida não teve exercício algum do império temporal, nem enquanto Rei nem enquanto Senhor, porque nem fez acto que fosse próprio da dignidade real nem se serviu de cousa alguma do mundo como quem tivesse o domínio e senhorio dele. E daqui inferem, não todos, mas só os que impugnam a nossa sentença, que vinha a ser totalmente ocioso este império temporal que consideramos em Cristo, e por conseguinte nulo, conforme aquele princípio vulgar da filosofia: *Frustra est potentia quæ non reducitur ad actum*[303]. Mas começando pela forma desta consequência, ou colhe demasiadamente ou nada. Porque tão boa consequência é esta, Cristo não teve exercício de rei: logo não teve poder real; como esta, [29r] Cristo não teve exercício de juiz: logo não teve poder judicial. E nesta segunda consequência, sendo de fé a premissa, é contra a fé a conclusão. A premissa é de fé, porque lemos no cap. 12 de *S. Lucas* que, pedindo dois irmãos a Cristo que julgasse certa dúvida que tinham entre si, o Senhor lhe respondeu: *quis me constituit judicem super vos*[304]. E a conclusão é contra a fé, porque nega contraditoriamente o texto de S. Paulo: *Pater non judicat quemquam sed omne judicium dedit filio quia filius hominis est*[305]. Antes daqui se forma novo argumento em confirmação da verdade da nossa sentença. Porque a potestade judiciária em Cristo foi consequência da dignidade real, como expressamente ensina S. Tomás na questão 59, art. 4, ad. 1: *Potestas iudicis secuta est in Christo regiam dignitatem*[306]. E a razão desta ordem natural é, posto que o santo doutor a não exprima, porque o ofício de julgar é parte da dignidade de rei, conforme o texto de David: *et nunc reges intelligite erudimini qui*

[302] «Demostrativamente, adv. O mesmo que demonstrativamente». Morais, vol. III, p. 880.
[303] SC: «Trad.: É frustrada a potência que se não reduz a acto».
[304] SC: «Trad.: Quem me constitui juiz sobre vós?».
[305] SC: «Trad.: O Pai não julga quem quer que seja; todo o julgamento é dado ao Filho, porque é filho do Homem».
[306] SC: «Trad.: O poder de juiz seguiu-se em Cristo à dignidade régia».

judicatis terram[307]. Por isso o mesmo Cristo, descrevendo o supremo e último acto de Juízo em que há-de sentenciar o mundo, se chama nomeadamente Rei: *tunc dicet Rex his qui a dextris eius erunt, etc*[308]. E se é certo e de fé que Cristo tem esta parte da jurdição e dignidade real, porque havemos de ser tão estreitos de coração que lha não concedamos toda?

Os que admitem ou veneram connosco em Cristo o título e domínio de Rei, e concedem contudo que não teve exercício dele, dizem muito douta e consequentemente que, ainda que a dignidade e jurdição real em Cristo não tivesse acto ou exercício algum em sua vida, nem o haja de ter em outro tempo; nem por isso se deve julgar aquele poder por baldado[309] e ocioso, porque serve, como falam os filósofos, de ornar e mais aperfeiçoar o sujeito. Bem assi como na humanidade do mesmo Cristo é certo que houve alguma potência que nunca teve nem havia de ter acto (qual é a potência que há nos indivíduos para a conservação da espécie) e contudo ninguém a nega nem pode negar em Cristo, porque é perfeição natural da humanidade. Persistindo na mesma suposição se pode também dizer, não indocta[310] nem indiscretamente, que ainda que o domínio temporal de Cristo não teve aqueles actos ou exercício positivo que costuma ter nos reis e príncipes da terra, teve porém um acto excelentíssimo e um exercício contínuo, nunca visto até então no mundo, a que podemos chamar negativo, que foi o não querer usar Cristo do mesmo domínio. E ter o domínio para poder e não querer usar dele (que é um acto heróico de humildade, e modéstia, o qual necessariamente supõe o mesmo domínio), não é tê-lo ocioso, senão mui gloriosamente exercitado, de maneira que neste sentido (que nem é vulgar, nem violento) podemos dizer que não careceu Cristo do uso do domínio temporal, que nele consideramos, e que o uso que teve daquele domínio foi a privação do mesmo uso, ou não querer usar dele. E se não, perguntemos a S. Ambrósio para que quis e mandou Cristo aos Apóstolos que comprassem espadas, ainda que fosse a preço das mesmas túnicas com que andavam cobertos, se lhes havia de mandar que as deixassem estar na bainha? E responderá o grande doutor que foi para mostrar Cristo que se podia defender e vingar de seus inimigos, mas não queria. Para este uso ou desuso quis Cristo a prevenção das espadas, [29v] porque muitas vezes o mais nobre e o mais generoso uso do poder é não querer usar dele. E se aquelas espadas só para este uso não foram ociosas: por que o seria o domínio de Cristo, ainda que não tivesse outro uso mais que não querer o poderosíssimo Senhor usá-lo para maior exemplo nosso e doutrina nossa? Onde mais bem empregado e aplicado o domínio

[307] SC: «Trad.: E agora, ó Reis, entendei: aprendei, visto que julgais a terra».
[308] SC: «Trad.: Então dirá o Rei àqueles que estiverem à sua direita» (*Mateus* 25: 34).
[309] Baldado/a, adj. «Inútil, que não serve». Morais, vol. II, p. 338.
[310] Indocto/a, adj. «O mesmo que indouto, que não é douto». Morais, vol. IV, p. 136.

que para poder dizer depois do maior acto de humildade: *Si ergo ego dominus et magister?*[311]

Desta maneira respondem (e podem responder) os que seguem que Cristo não teve exercício algum do império e domínio temporal. Porem, nós, ponderando devagar a história evangélica, temos por certo o contrário. Pelo que respondemos negando a suposição, e por última confirmação da nossa *sententia* mostraremos por actos próprios de jurdição e domínio como foi Cristo Rei e Senhor temporal do mundo, não só em *acto primo* (como diz a frase dos teólogos), senão em *acto segundo*. E não só quanto à jurdição e domínio, senão quanto ao uso e exercício dela. Não porque pública e continuadamente o professasse Cristo, como fazem os reis da terra, mas porque exercitou alguns actos particulares de império e domínio que eram próprios só do legítimo Rei e verdadeiro Senhor do mundo, como se vê claramente em muitos lugares e exemplos do Evangelho. O Primeiro seja mandar Cristo, tanto que entrou neste mundo, chamar os reis do Oriente pela estrela, para que o viessem reconhecer e adorar por Rei. Como eles mesmos disseram: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum? Vidimus enim stellam ejus in Oriente et venimus adorare eum*[312]. *Item*[313] em receber os tributos que lhe ofereceram os mesmos reis em reconhecimento da soberania suprema de sua Majestade, não só enquanto Deus, senão enquanto Rei. Nesta conformidade entendem todos os Padres o mistério das três espécies de ouro, incenso e mirra que os reis ofereceram: o incenso como a Deus, a mirra como a homem e o ouro como a Rei, e assi o cantou Arato, poeta cristão da primitiva Igreja, naquele verso que também pareceu a S. Jerónimo:

> *Aurum, thus, Myrrham, regique, hominique, Deoque*[314],
> *Dona ferunt.*

E a Igreja, no Hino da Epifania:

> *Thus myrrham et aurum Regium*[315].

E muito antes, David, no Salmo 71, que começa: *Deus Judicium tuum Regi da et iustitiam tuam filio Regis*[316]. Este Salmo se entende literalmente do Reino de Cristo, conforme a explicação de S. Jerónimo, S. Agostinho[317], S. Ambrósio e

[311] SC: «Trad.: Se pois eu senhor e mestre?»
[312] SC: «Trad.: Onde está o que nasceu rei dos Judeus? Vimos, na verdade, a sua estrela no Oriente e vimos adorá-lo. S. Mateus, II, 2».
[313] *Item* (lat.): também.
[314] SC: «Trad.: Ouro, incenso e mirra para o rei, para o homem e para Deus».
[315] SC: «Trad.: Incenso, mirra e ouro régio».
[316] SC: «Trad.: Deus, dá o teu juízo ao Rei e a tua justiça ao filho do Rei. Salmo LXXI, 2».
[317] Agostinho, antrop. No original, «Augustinho».

o comum consenso de todos os Padres e da mesma Igreja; e não só do Reino de Cristo, absolutamente, senão do Reino e Império temporal, como larga e eruditamente prova Alonso de Mendoça, na sua relação teológica *De Universali Christi Regno:* E, em comprovação deste Reino de Cristo, alega David profeticamente, no mesmo Salmo, a adoração e tributos dos reis do Oriente: *Reges Tarsis et insulae munera offerent Reges Arabum et Saba dona adducent: adorabunt eum omnes Reges terrae omnes gentes servient ei*[318]. Finalmente, a entrada dos mesmos reis em Jerusalém, perguntando publicamente *Ubi est qui natus est Rex*[319]: que outra cousa foi senão um pregão público e um real, real por Cristo Rei do mundo, com que o mesmo Rei se mandou apregoar na praça mais universal de todo ele, que era Jerusalém, e no meio do mesmo mundo, que era o lugar onde aquela cidade estava situada? [30r] A mesma publicação fizeram os Anjos nos montes e campos de Judeia, quando anunciaram aos pastores: *quia natus est vobis hodie salvator qui est Christus domini in civitate David*[320]*;* respondendo toda a milícia do Céu: *gloria in altissimis deo et in terra pax hominibus*[321]. Nas quais palavras todas, não só apregoaram o nacimento e chegada ao mundo do novo Rei, mas declararam também por todas as circunstâncias de Salvador, de Ungido por Deus, de descendente de David, e da paz que trazia consigo, ser ele o Rei prometido aos patriarcas e anunciado pelos profetas, que havia de salvar e dominar o mundo, da qual publicação foram os mesmos pastores os 3.ºs pregoeiros que divulgaram por toda a parte o que tinham visto, como se colhe claramente do texto de S. Lucas. *Et omnes qui audierunt mirati sunt et de his quæ dicta erant a Pastoribus ad ipsos*[322]. Que acto, pois, mais próprio e positivo de Rei que mandar-se publicar por tal nas cortes e nas aldeias, nas cidades e nos campos, aos grandes e aos pequenos, com quatro pregões tão públicos e tão notáveis, de estrelas, de anjos, de reis, de pastores. E receber adorações e tributos dos mesmos reis, e ultimamente desobrigá-los da palavra que tinham dado a el-Rei Herodes, como senhor supremo de todos, e mandá-los como súbditos e novos embaixadores seus, assinalandolhes o caminho por onde haviam de ir?

Mas passemos do nacimento de Cristo aos dias mais chegados à sua morte, para que vejamos como, entrando e saindo do mundo, se mostrou e publicou Rei e Senhor de todo ele.

---

[318] SC: «Trad.: Os reis de Tarsis e as ilhas oferecerão presentes, os reis dos Árabes e de Sabá trarão oferendas e todos os reis da terra o hão-de adorar, todos os povos servir. Salmo LXXI, 10».
[319] SC: «Trad.: Onde está o que é nascido rei? S. Mateus, II, 2».
[320] SC: «Trad.: Porque nasceu-vos hoje o Salvador, que é Cristo, Senhor, na cidade de David. S. Lucas, II, 11».
[321] SC: «Trad.: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens. S. Lucas, II, 14».
[322] SC: «Trad.: E todos os que ouviram se admiraram, e também do que lhes haviam dito os pastores. S. Lucas, II, 18».

[31v] Capítulo 7.º

Conclui-se que o Reino de Cristo é espiritual e temporal juntamente

Recolhendo tudo o que tão largamente temos disputado (que foi necessário ser tão largamente) e reduzindo a concórdia (quanto pode ser) as opiniões de todos os doutores, posto que alguns pareçam entre si contrários, dizemos, por última conclusão, que o Império de Cristo é juntamente espiritual e temporal, e que segundo estas duas jurdições, ambas supremas, se compõe a coroa de Cristo de duas coroas; uma coroa de universal Senhor e legislador *in spiritualibus*[323], segundo a qual propriamente se chama Cristo Sacerdote Supremo; e outra coroa de universal Senhor e legislador *in temporalibus*[324], segundo a qual se chama propriamente Supremo Rei. Este é o Reino Universal que Daniel viu dar ao Filho do Homem (que é Cristo). E este o reino que Nabucodonosor também tinha visto encher o mundo, posto que não viu nem lhe foi mostrado a quem se havia de dar: E este é o que viu, mais distintamente que todos, Zacarias, na sua terceira visão. Porque Nabucodonosor viu somente o Reino e sua grandeza: Daniel viu o reino e a pessoa que o havia de dominar: e Zacarias viu o reino e a pessoa e o número e distinção das coroas. Torno a repetir o texto e suponho a história, pois fica contada no 1.º Livro.

[32r] Para maior inteligência desta matéria, havemos de supor que, desde o tempo da lei da natureza, andou sempre o morgado temporal unido com o sacerdócio, e um e outro vinculado aos primogénitos. Estas eram aquelas bênçãos tão celebradas e tão pleiteadas que os Patriarcas davam a seus filhos, como foi a que Abraão deu a seu primogénito Isaac, e a que Isaac quis também dar a seu primogénito Esaú e, por indústria de Rebeca[325], foi dada a Jacob. Conforme a este direito de sucessão havia de dar também Jacob a seu primogénito Rubem a mesma bênção, mas em castigo da irreverência

[323] *In spiritualibus* (lat.): em matérias espirituais.
[324] *In temporalibus* (lat.): em matérias seculares, isto é, não religiosas.
[325] Rebeca, antrop. No original, «Rabeca».

que tinha cometido contra o tálamo[326] de seu pai, foi privado dela, como lhe disse o mesmo Jacob: *Ruben Primogenitus meus tu fortitudo mea et principium doloris mei prior in donis major in Imperio effusus es sicut aqua non crescas quia ascendisti cubile patris tui et maculasti stratum ejus*[327].

Desde este tempo se dividiram estas duas dignidades que haviam de estar juntas no morgado, ou maioria de um só império (*major in imperio*), e o reino e o sacerdócio, que havia de andar encabeçado no primogénito Rubem, se repartiu em dois filhos do mesmo Jacob, que foram[328] Judas e Levi, ficando em Judas a bênção do reino e em Levi a do sacerdócio. Como depois se cumpriu, porque na instituição do tabernáculo, que precedeu ao Templo, foi ungido por Sumo Sacerdote Arão, que era do tribu de Levi, e na instituição do reino, depois de o perder Saul, foi ungido por Rei de Israel David, que era do tribu de Judá. Nestas duas descendências, de Arão do tribu de Levi e de David do tribu de Judá, se conservou sempre o reino e o sacerdócio, até que a tiara e a coroa, ou estas duas coroas, se uniram outra vez em Cristo, supremo Sacerdote e supremo Rei, e de ambas se compôs o império (assi o natural como o figurativo) que Rubem tinha perdido: *prior in donis major in imperio*.

Daqui se entende maravilhosamente o mistério da ascendência e primogenitores de Cristo, os quais, como consta do primeiro capítulo de *S. Mateus* e do 3 de *S. Lucas*, foram reis e sacerdotes, unindo-se por verdadeira geração no sangue santíssimo de Cristo, e sua mãe, o tribu real de Judá e o sacerdotal de Levi, como gravemente notou e expressamente disse S. Agostinho no livro 2 *De Consensu Evangelistarum,* capítulo 2. *Cum autem evidenter dicat Apostolus Paulus ex semine David secundum carnem Christum, ipsam quoque Mariam de stirpe David aliquam consanguinitatem duxisse dubitare utique non debemus. Cujus feminæ quoniam nec sacerdotale genus tacetur, insinuante Luca quod cognata ejus esset Elisabeth quam dicit de filiabus Aaron: firmissime tenendum est carnem Christi ex utroque genere propagatam et Regum scilicet et sacerdotum in quibus personis apud illum populum Hebræorum etiam mystica Unctio figurabatur*[329]. De maneira que ordenou a Providência divina que na

[326] «Tálamo, s.m. Leito nupcial ou conjugal». Morais, vol. X, p. 605.

[327] SC: «Trad.: Ruben, meu primogénito, tu eras a minha força e a principal causa da minha dor; o primeiro nos dons, o maior no império. Derramaste-te como a água. Não cresces, porque subiste ao leito de teu pai e manchaste a sua cama. *Génesis*, XLIX, 3[-4]».

[328] No original, lê-se «foi», provavelmente por lapso do autor.

[329] SC: «Trad.: Visto que o Apóstolo Paulo expressamente diz ser Cristo «da semente de David, segundo a carne», não podemos duvidar que também Maria algum parentesco tenha com a estirpe de David. Nem desta mulher se cala a geração sacerdotal, insinuando Lucas que ela era parenta de Isabel, a quem diz «das filhas de Aarão». É preciso sustentar firmemente que por uma e outra geração a carne de Cristo foi transmitida através de reis e sacerdotes, pessoas em quem entre aquele povo hebraico era figurada uma mística unção. Os passos a que Santo Agostinho alude são da Epístola de S. Paulo aos Romanos, I, 3, e do Evangelho de S. Lucas, I, 5».

geração[330] e ascendência de Cristo se tecesse o tribu sacerdotal de Levi com o tribu [32v] real de Judá, e que a tela de que se havia de vestir o Verbo, quando se desposou com a natureza humana, fosse lavrada de coroas e de tiaras, para que visse o mundo que, ainda a título de geração natural, era ele o herdeiro legítimo do reino e do sacerdócio, como direito[331] descendente daqueles sacerdotes e daqueles reis que só eram feitos por Deus. O qual mistério (para maior propriedade e majestade dele) se observou até nos escritores da mesma genealogia de Cristo, porque [32r] dos quatro animais do carro de Ezequiel, que significaram os 4 Evangelistas, a S. Mateus, que escreveu a geração real, pertence o homem, que é o rei dos animais, e a S. Lucas, que escreveu a geração sacerdotal, pertence o boi, que é o animal do sacrifício, como depois de S. Jerónimo e S. Gregório Papa notam comummente todos os doutores.

[32v] O nome de Cristo e de Messias com que o mesmo Senhor foi chamado e conhecido, antes e depois de vir ao mundo, foram duas firmas ou assinados[332] públicos de um e outro império, sacerdotal e real, temporal e espiritual, entre si unidos. Porque Messias, que é nome hebreu, e Christus, que é nome grego, ambos têm a mesma significação, como diz S. João no capítulo 1, referindo as palavras de S. André a S. Pedro: *Invenimus Messiam (quod est interpretatum Christus)*[333]. E esta foi uma das erudições em que a Samaritana se mostrou tão letrada: *Scio quia Messias venit qui dicitur Christus*[334]. Um e outro nome, assi o de Cristo como o de Messias, quer dizer Ungido, e chama-se Cristo Ungido, porque foi ungido por Rei e por Sacerdote supremo. Três ofícios achamos na Escritura Sagrada que se davam com a cerimónia da Unção. O de Rei, como foi ungido David, o de Sacerdote, como foi ungido Arão, e o de Profeta, como foi ungido Eliseu. E com todas estas unções foi ungido Cristo. Da unção de Profeta já dissemos no capítulo 7 do 1.º Livro, a de Rei e a de Sacerdote supremo, que eram as duas maiores, são aquelas por que Cristo principalmente se chama Ungido, não porque fosse ungido com aquela cerimónia exterior com que os reis e sacerdotes eram ungidos por mãos dos homens, senão pela unção interior com que o mesmo Deus o ungiu, na união da divindade com a humanidade, como acima dizíamos. E agora poremos aqui as autoridades dos Padres que para este lugar reservámos. S. Agostinho, no livro e capítulo pouco antes citado. *Firmissime tenendum est carnem Christi ex utroque genere propagatam et regum scilicet et*

[330] Vieira oscila entre o uso de «generação» e «geração». Uma vez que o primeiro não está dicionarizado na actualidade, preferiu-se o termo actualmente em uso.
[331] Direito/a, adj. «imediato na ordem de sucessão». Morais, vol. IV, p. 88.
[332] Assinado, s.m. «Documento que tem assinatura de uma ou mais pessoas; certificado, atestado». Morais, vol. II, p. 138.
[333] SC: «Trad.: Encontrámos o Messias (que quer dizer o Cristo). S. João, I, 41».
[334] SC: «Trad.: Sei que veio o Messias, que é chamado Cristo. S. João, IV, 25».

sacerdotum, in quibus personis apud illum populum Hebræorum etiam Mystica Unctio figurabatur, id est, chrisma unde Christi nomen ellucet tanto ante etiam ista evidentissima significatione prænuntiatum[335].

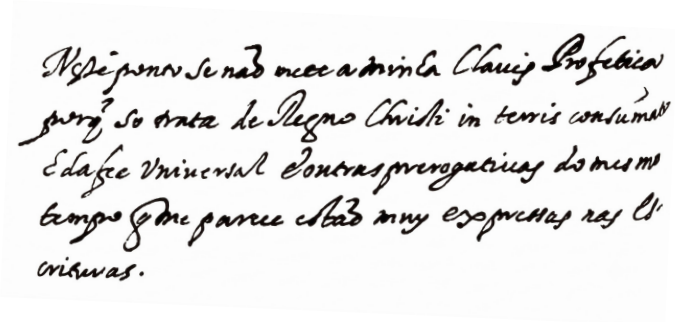
[34r] Resolve-se quando começou este Império de Cristo e propõe-se acerca dele uma grande dificuldade.

Demostrado[336] como até agora fizemos...

[335] SC: «Vid. nota da pág. 57. O que este texto acrescenta traduz-se: isto é, crisma, pelo que brilha o nome de Cristo, anunciado tanto antes daquela evidente significação». Na presente edição, a nota para onde se remete é a nota 328. Em SC, p. 57 é erro, por p. 157 dessa edição.
[336] Demostrado/a, adj. «O mesmo que demonstrado». Morais, vol. III, p. 880.

Adenda

Portugal ferá o aſſumpto, Portugal o centro, Portugal o theatro, Portugal o principio, & fim deſtas maravilhas, & os inſtrumentos prodigioſos dellas os Portuguezes.



«Portugal será o assumpto, Portugal o centro, Portugal o theatro, Portugal o principio, & fim desta maravilhas, & os instrumentos prodigiosos dellas os Portuguezes.»

António Vieira. *História do Futuro. Livro Anteprimeiro. Prolegómeno a toda a História do Futuro, em que se declara o fim e se provam os fundamentos dela. Matéria, Verdade e Utilidade da História do Futuro*. Lisboa: Oficina de António Pedrozo Galram, 1718, p. 23 [texto de 1664/1665 aprox.].

«Neste ponto se não mete a minha Clavis Prophetica porq. so trata do Regno Cristi in terris consumato e da fee universal e outras prerogativas do mesmo tempo, q. me parece estão muy expressas nas Escrituras.»

Linhas autógrafas de António Vieira; carta enviada a Duarte Ribeiro de Macedo. Lisboa, 1 de Maio de 1679. Biblioteca Nacional de Portugal, [Correspondência entre o Padre António Vieira e Duarte Ribeiro de Macedo], 1663-1679, COD. 901, f. 1v [imagem n.° 508 do exemplar digitalizado].

Adenda
Da *História do Futuro* à *Clavis Prophetarum*

Alguém do nosso tempo que leia a obra profética e apocalíptica do Padre António Vieira não deixará de se colocar a seguinte questão: qual é a relação entre a *Carta Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo,* a *História do Futuro* e a *Clavis Prophetarum (Chave dos Profetas)*? Simplificando os termos de um debate, sem dúvida legítimo, podemos afirmar que estas obras têm em comum «o assunto e o tema ou teima» (expressão que o Padre Vieira toma das *Trovas* de Bandarra[1]), que é a implantação de um reino ou império de Cristo na terra. Este e outros pontos de contacto entre essas três obras de Vieira não justificam a opinião, implantada em alguma literatura crítica, de que a *Clavis Prophetarum* é uma mera continuação da *História do Futuro*, embora de maior âmbito e plenitude. E muito menos avalizam a ideia de que a *História do Futuro* é, em parte, uma ampliação da Carta *Esperanças de Portugal*. Tais opiniões, divulgadas, mas simplistas e sem base sólida, para não dizer falsa, resultam em deslustre para a *História do Futuro*, e não resistem a uma análise atenta de cada uma destas obras, quando enquadradas no contexto em que foram escritas, e tendo em conta os objectivos que cada uma delas se propunha atingir e as mentes que pretendia informar e convencer. Quanto, por exemplo, à *Clavis Prophetarum*, cujo original chegou até nós, é crucial ter em conta, em primeiro lugar, que foi escrita em Roma, centro espiritual da cristandade católica e das Congregações (organismos) da Sé Apostólica empenhadas na pregação universal do Evangelho; nas palavras do Padre Vieira: «Império de Cristo e da Igreja cuja cabeça e sede é a mesma Roma [...] cidade sacerdotal, régia, que graças à Santa Sé de São Pedro se tornou cabeça do Mundo»[2]. Em segundo lugar, deve-se ter presente que

[1] «De maneira que diz Bandarra que o assunto e o tema ou "teima" das suas profecias é um só rei» (António Vieira, «Esperanças de Portugal, Quinto Império do mundo. Primeira e Segunda Vida del-Rei D. João o Quarto. Escritas por Gonçaleanes Bandarra». Em: José van den Besselaar, *Antônio Vieira. Profecia e polêmica*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, pp. 49-108, aqui p. 82. O manuscrito conserva-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria, n.º 2755).

[2] «[...] Imperium Christi et Ecclesiae, cujus caput et sedes est eadem ipsa Roma. [...] civitas

não é por acaso que na Clavis não encontramos nada que se pareça com o luso-centrismo da *Carta Esperanças de Portugal*, particularmente excêntrico ao anunciar a ressurreição de João IV para ser Rei de Jerusalém e Imperador de Constantinopla, e nem sequer com a propensão da *História do Futuro* para acentuar, às vezes, o cariz notoriamente Português do Quinto Império: «Portugal será o assunto, Portugal o centro, Portugal o teatro, Portugal o princípio e fim destas maravilhas; e os instrumentos prodigiosos delas os Portugueses»[3].

Diga-se, todavia, que, em sentido inverso, há títulos de capítulos da *História do Futuro* que foram praticamente traduzidos do português para latim como títulos de parágrafos; por exemplo:

> «se este Imperio de Christo ha de ser neste mundo»[4]
> *Vtrum Christus Regnum habeat in terris?*[5]
>
> «Se este Imperio de Christo he spiritual ou temporal»[6]
> *Vtrum Regnum Christi spirituale sit an temporale?*[7]
>
> «o Reyno de Christo he spiritual e temporal juntamente»[8]
> *Regnum Christi et temporale simul esse et spirituale*[9]

São muitos os casos de semelhanças textuais deste género. O que significa que há assuntos que são obviamente tratados, em ambas as obras, com palavras e frases que têm os mesmos significados em português ou em latim. A conclusão a tirar é, pois, que o pensamento formulado por Vieira em português por volta de 1664, data atribuída à escrita do núcleo da *História do Futuro* e de textos a ela destinados, foi retomado em latim na redacção da *Clavis Prophetarum* em 1671, na parte a que pertencem os fólios aqui referidos nas notas 5, 7 e 9.

A omissão de uma simples palavra, que poderia parecer um acaso da escrita, em si mesmo irrelevante, revela de facto uma intenção deliberada do Autor, que nos dá conta de uma mudança das circunstâncias históricas

---

sacerdotalis et regia, per sacram Beati Petri sedem, caput Orbis effecta» (Roma, Archivio Storico della Pontificia Università Gregoriana, F. C. *ms* 1165/1, fl. 32v-33r; tradução de Arnaldo do Espírito Santo, como as que se seguem).

[3] Padre António Vieira. *Livro anteprimeiro da História do Futuro*. Edição crítica de José van den Besselaar. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983, p. 30.

[4] Cf. a presente edição, título do Livro 2.º, Capítulo 2.º.

[5] *Clavis* I, cap. II, Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, fl. 23r.

[6] Cf. a presente edição, título do Livro 2.º, Capítulo 3.º.

[7] *Clavis* I, cap. II, Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, fl. 35r.

[8] Cf. a presente edição, título do Livro 2.º, Capítulo 7.º.

[9] *Clavis* I, cap. II, Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, fl. 44r.

em que escreveu. Na *História do Futuro*, por exemplo, levanta-se a questão de como interpretar o *Cornu paruulum* (o *Chifre pequeno*) da profecia de Daniel (7:8). A explicação encontrada é que a figura do chamado *Cornu paruulum* significa um império, em alternativa, «ou o do Anticristo, ou o do Turco»[10]. «Ou o do Turco» poderá ter sido sugerido pelo ambiente que se viveu durante a Guerra Austro-Turca (1663-1664), período que coincide em parte com a escrita da *História do Futuro*. A guerra acabou com a Batalha de São Gotardo (1 de Agosto de 1664) e a assinatura do tratado de paz de Vasvar (10 de Agosto de 1664), que incluía «a promessa austríaca de pôr termo às incursões e de se abster de posteriores intervenções na Hungria»[11]. Como salienta o redactor das palavras citadas, «Esta atitude satisfez substancialmente os objectivos do grão-vizir, e ao mesmo tempo mostrou à Europa [...] que os otomanos eram de novo uma potência europeia a ter em conta no jogo político da Europa central»[12].

Ainda mais significativa é a omissão do segmento «ou o do Turco», feita na *Clavis Prophetarum*, seguramente em 1671, onde se lê: «in Cornu Paruulo significatur Antichristus» («no Chifre Pequeno está figurado o Anticristo»)[13]. A grande ameaça do Império Turco tinha cessado naquela década dos anos 70: extraordinário reflexo do tempo da história no acto da escrita.

Para confrontar mais a fundo as semelhanças e as diferenças mútuas, de outra natureza, passa-se de seguida à analise de elementos extratextuais. Um deles são, sem dúvida, as datas da composição da *Clavis Prophetarum* assinaladas ao longo do texto. Assim, tomando como referência o manuscrito G359 (Roma, Archivio Storico, PUG, p. 194) e o 1165/1 do mesmo arquivo (fl. 89v.), verificámos, por uma datação interna explicitada pelo Padre Vieira, que as primeiras 194 páginas do livro I do manuscrito G359 (primeiros 89 fólios do 1165/1), foram concluídas em Roma no dia 12 de Abril de 1671[14]. Temos igualmente uma indicação cronológica que nos garante que o livro II (pelo menos entre as páginas 355 e 505 do *ms* G359, texto equivalente ao dos fólios 153r-306v do *ms* 1165/1) foi escrito entre 1671 e 1673:

[10] António Vieira. *História do Futuro*. Edição de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, p. 33.
[11] Massimo L. Salvadori (coord.). *História Universal*, t. 11. O Império Otomano dos Séculos XVII e XVIII, As Grandes Revoluções. Novara: De Agostini Editore, 2005, p. 45.
[12] *Ibidem*.
[13] *Clavis* I, cap. III, Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, fl. 34r.
[14] «die qua haec scribimus Aprilis duodecima anni 1671» (fl. 89v): «no dia em que isto escrevemos, 12 de Abril de 1671».

> Não é esta, porventura, a situação dos Judeus desde há muitos anos, e neste mesmo ano de 1671 em que escrevo isto em Roma? Quando tantos deles foram queimados em Lisboa e em Coimbra, muitíssimos proscritos com perda dos seus bens, e todos votados a perpétuo exílio e extermínio[15].

Além disso, tudo leva a crer que o livro III foi escrito entre 1673 e 1674. Vieira tinha, nessa altura, os olhos postos no Vaticano, centro da igreja universal, católica, e por isso escreveu em latim e não em português. A amplitude do seu horizonte é totalmente diferente do da *História do Futuro*. Portugal surge emparelhado com a Espanha na missão que lhes cabe na implantação do Império de Cristo na Terra, o quinto na ordem da sucessão dos tempos. Interpretando alegoricamente um passo do Evangelista Lucas, apelidado «Historiador», Viera comenta:

> E viu dois barcos parados diante do lago; de modo que em um deles se reconheçam os navios dos Portugueses, no outro, os dos Espanhóis; cruzando eles o mar alto com o mesmo zelo, mas não ao mesmo tempo nem pela mesma rota, levaram o Evangelho àqueles povos; para que, em tudo a história concorde com o mistério. (*ms* 1165/1, fl. 91v)[16]

Na perspectiva da *Clavis Prophetarum* os vultos da história da expansão do cristianismo foram os Reis Católicos, Fernando e Isabel, o Imperador Carlos V, D. Manuel I, Rei de Portugal, Vasco da Gama, Cristóvão Colombo, Francisco Xavier, Apóstolo das Índias Orientais, Luís Beltrán, missionário dominicano das Índias Ocidentais, e o Infante D. Henrique[17], «o genial idealizador do gigantesco plano dos *Descobrimentos Portugueses*»[18]. Sem deixar de descontar um certo paladar colonialista nas palavras que acabo de citar, fruto do tempo em que foram escritas, há que reconhecer que elas correspondem à imagem

[15] «Nonne hic est praesens status Iudaeorum a multis annis, et hoc ipso 1671 quo haec Romae scribo? quando tot eorum Olysippone et Conimbricae cremati sunt, plurimi bonorum amissione proscripti, et omnes perpetuo exilio, atque exterminationi adiudicati?» (Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, fl. 153r.).

[16] «Et vidit (inquit) duas naves stantes ante stagnum; ut in una Lusitanorum classes, in alia Hispanorum agnoscas, qui altum mare enavigantes eodem zelo, sed non eodem tempore neque eodem itinere, Evangelium ad gentes illas transportaverunt; ut hystoria mysterio in omnibus conveniat» (Roma, Archivio Storico della Pontificia Università Gregoriana, *ms* 1165/1, fl. 91v).

[17] Cf. Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, fl. 89v, 90r, 224r.

[18] A. Fontoura da Costa. *A Marinharia dos Descobrimentos*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1939, p. 9.

que foi transmitida por Gomes Eanes de Zurara[19] e por João de Barros[20]. O Padre Vieira move-se dentro deste modelo, fazendo, aliás, referência a João de Barros e indo ao ponto de atribuir à acção do Infante o dobrar o Cabo da Boa Esperança, proeza levada a cabo alguns anos depois da sua morte:

> O Príncipe Henrique, filho de João I de Portugal [...], tendo-se empenhado muito e durante muito tempo na navegação do mar Atlântico, mediante os seus navegadores, e pensando, quase vencido pelas dificuldades, em mudar de decisão, foi encorajado por divina advertência (diz João de Barros) a não desistir da obra começada. O que ele fez firmissimamente; e descoberta finalmente toda a Guiné e a África Ocidental, e superado com sucesso o temível Cabo da Boa Esperança, foi aberto um novo caminho até aos desconhecidos Japoneses, a propósito do que se entende o versículo do Profeta: *Fizeste caminho no mar para os teus cavalos e a salvação para a tua quadriga*.[21]

Quando o Padre Vieira regressou de Roma, encontrando-se ainda na região de Lisboa, na Quinta de Carcavelos, Quinta da Alagoa (residência dos Jesuítas desde finais do século XVI e actualmente Parque Quinta da Alagoa), deu toda a prioridade à publicação dos *Sermões*, embora nunca tenha deixado de referir a *Clavis Prophetarum*, como a menina dos seus olhos. Dessas referências, a primeira (6 de Março de 1679, Lisboa) esclarece que o assunto da *Clavis Prophetarum* é «a vinda de Cristo ao mundo em sua própria pessoa, posto que seja no estado que teve depois da ressurreição». E acrescenta: «No capítulo XI da primeira parte do meu livro trato esta questão *ex professo*»[22].

---

[19] «Ouço as preces das almas inocentes daquelas bárbaras nações, em número quase infindo, cuja antiga geração desde o começo do mundo nunca viu luz divinal, e pelo teu engenho, pelas tuas despesas infindas, pelos teus grandes trabalhos, são trazidas ao verdadeiro caminho da salvação [...]» (Gomes Eanes de Zurara. *Crónica de Guiné*. Edição de José de Bragança. Porto: Livraria Civilização, 1973, p. 14).

[20] «Com que a despesa deste cáso fosse própria dele e nam taxáda per outrem: e os meritos de seu trabalho ficássem metidos na órdem da caualaria de Christo que elle gouernáua de cujo tesouro podia despender. E tambem porque acerca dos homẽes lhe ficásse nome de primeiro conquistador e descobridor da gente ydólatra: impresa que té o seu tempo nenhuũ tentou» (João de Barros. *Ásia*. *Primeira Década*. Edição de António Baião. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, p. 12).

[21] «Nam Henricus Princeps, Joannis I Lusitaniae Regis filius [...] cum Atlantici maris navigationem per Navarchos suos diu multumque procurasset, ac dificultatibus pene victus de mutando consilio cogitaret, divino monitu confirmatus est (inquit Joannes Barrius) ab incoepto opere ne desisteret. Quod ille constantissime fecit; detectaque tandem omni Guinea et Occidentali Aethiopia, ac formidabili Promontorio Bonae Spei feliciter superato, novum iter usque ad ignotos Japones apertum est, de quo dictum a Propheta merito intelligitur: *Viam fecisti in mari equis tuis, et quadrigae tuae salvatio*» (*Clavis Prophetarum*, Liber I, caput X, §X, Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* G359, p. 193).

[22] Carta a Duarte Ribeiro Macedo: António Vieira. *Cartas do Padre António Viei*ra. Tomo III. Coor-

É este o assunto da *Clavis Prophetarum*. Não há nela, portanto, o lusocentrismo da *História do Futuro*. A língua é o latim. O público a que se destina não é o português, mas sim a universalidade e o sentir comum da Igreja. Em suma, conceber que a *Clavis Prophetarum* é a continuação, em clave de perfeição, da *História do Futuro*, reduziria o alcance próprio desta obra, menorizando-a como se de um ensaio mal pensado se tratasse.

Não é por mero acaso que os reis mencionados na *Clavis Prophetarum*, a par do Imperador Constantino, são Carlos V e D. Manuel I: «aquele porque submeteu à Igreja o Velho Mundo, estes porque de uma só vez e em boa hora lhe sujeitaram o Novo Mundo, ou seja, as Índias Orientais e Ocidentais, servindo o Evangelho com o poder temporal»[23]. Assim, os reis peninsulares, na perspectiva de Vieira, não agiram em prol dos seus reinos, mas ao serviço da acção missionária da Igreja, nas Américas, na Índia, no Japão e em todo o Oriente. Nem uma palavra sobre D. João IV, Imperador de Constantinopla, na carta ao Padre André Fernandes, de 1659[24], nem uma alusão, como a da *História do Futuro*, a «Portugal o centro», acima citada. Estas duas obras são testemunhos da evolução do pensamento do Padre Vieira, em particular a *História do Futuro*. Os anos passam e Vieira não cessa de afirmar que a sua *Clavis Prophetarum* «trata de *Regno Christi in terris consummato* e da Fé Universal»[25]. Anos mais tarde, a *Clavis Prophetarum* é referida como um bem «universal de toda a cristandade»[26].

Durante os cinco anos e oito meses que esteve em Lisboa (de Agosto de 1675 a Abril de 1681), o Padre Vieira refere-se aos «quatro livros latinos de *Regno Christi in terris consummato*, por outro nome, *Clavis Prophetarum*», aos quais falta apenas «pôr a última mão»[27]. Esta declaração de Vieira, inserta na

---

denadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo. Nova edição revista do texto publicado em 1928. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971, p. 371.

[23] «ille, qui veterem Orbem Ecclesiae, isti qui novum, hoc est Orientales et Occidentales Indias (temporali potestate Evangelio serviente) semel et feliciter subdiderunt» (Padre António Vieira. *Clavis prophetarum. Chave dos profetas*. Livro III. Edição crítica de Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000, pp. 584-586). Esta mesma visão universalista e eclesial é repetida por Vieira em carta de 30 de Abril de 1686 ao Padre Jácome Iquazafigo, Provincial da Andaluzia: «Quan importante sea la dicha autoridad y poder, bien se viò para la conversion del Mundo Viejo, en el Emperador Constantino; y para la del Nuevo en Carlos V, Rey de España, y en Don Manoel, Rey de Portugal, entre los quales repartiò el Summo Pontifice las dos Indias (Viera. *Cartas*, tomo III, *op. cit.*, p. 784-785).

[24] «Na África e na Ásia, e em parte da mesma Europa, verá o Império Otomano acabado, e El Rei de Portugal adorado Imperador de Constantinopla» (Viera. *Cartas*, tomo I, *op. cit.*, p. 523).

[25] Viera. *Cartas*, tomo III, *op. cit.*, p. 393. Carta a Duarte Ribeiro de Macedo (1679).

[26] Viera. *Cartas*, tomo III, *op. cit.*, p. 699. Carta ao Padre Valentim Estancel (1695?).

[27] António Vieira. «Leitor». Em: *Sermões*. Primeira parte. Lisboa: na Oficina de João da Costa, 1679: sem paginação. A Biblioteca Nacional de Portugal disponibiliza *online* dois exemplares deste livro, que divergem claramente na disposição gráfica, não assim no conteúdo. A licença da Companhia de Jesus assinada pelo Padre Luís Álvares é de 18 de Setembro de 1677.

nota dirigida ao «Leitor» no início do Volume Primeiro dos *Sermões* (1679), não tem o valor apodíctico que algumas vezes lhe foi atribuído. O que dela se possa extrapolar não pode deixar de ter em conta que foi escrita dois anos depois de Vieira ter suspendido a escrita da *Clavis Prophetarum*, quando, já em Lisboa, estava absorvido na publicação dos Sermões. Por mais que lhe custasse assumir, o Padre António Vieira passara a escrita da *Clavis Prophetarum* para segundo plano, sem lhe tocar anos a fio, a ponto de se lamentar, quase vinte anos depois, de que tinha mais no pensamento do que nas mãos o projecto de a concluir[28]. Na realidade, três dias após o falecimento do Padre António Vieira, em 18 de Julho de 1697, foi feito o arrolamento dos papéis que estavam no seu cubículo, do qual constava um volume da *Clavis Prophetarum* em três livros. Cinco dias antes de morrer, Vieira comunicou numa carta em latim ao Superior Geral, Tirso González, que, concluída a edição dos Sermões com o envio para Lisboa do último volume a fim de ser impresso, se ia dedicar finalmente à conclusão da *Clavis Prophetarum*, «há tanto tempo iniciada, e colocar-lhe um ponto final»[29]. Mas o Padre Vieira morreu cinco dias depois. Na realidade, a *Clavis Prophetarum* parece ter ficado no estado em que estava quando a trouxe de Roma em 1675: três livros, o último inacabado.

É inegável, todavia, que a ideia da existência de quatro livros, propalada na referida nota ao Leitor impressa em 1679, ecoava na memória dos leitores dos Sermões e, particularmente, na do Padre Bonucci, quando, pouco depois do falecimento de Vieira, aguardava o momento de dar início à cópia dos «quatros livros» da *Clavis Prophetarum*, do que fora incumbido pelo Superior Geral, Tirso González. A sua espera devia-se ao facto de que o Provincial do Brasil, Baltasar Duarte, estava ausente em Espírito Santo, e era o detentor da chave de uma das duas fechaduras da arca onde estava guardada a obra do Padre António Vieira. Mas, quando se abriu a arca após a chegada do Provincial, o que Bonucci encontrou no título dela foi, para seu espanto, *De Regno Christi in terris consummato Libri tres*. E foi assim que copiou, como se lê na página 1 do manuscrito 706 da Biblioteca Casanatense, em Roma. E nunca mais falou de «quatro livros». Aliás, de todas as cópias manuscritas que se seguiram nos séculos XVIII e XIX, nenhuma adoptou outra estrutura que não fosse a da disposição do texto em três livros.

Mas atentemos na descrição que o Padre António Casnedi fez em torno de 1714/1715 do original enviado para Lisboa, como se lê em carta do Padre Estanislau de Campos: «Envio para Lisboa, para o Procurador da Província essa arca fechada a duas chaves para ser entregue ao P. Provincial de Portu-

[28] Viera. Cartas, tomo III, *op. cit.*, p. 691. Carta ao Padre Baltasar Duarte (1695).
[29] Cf. Arnaldo do Espírito Santo. «Milenarismo e Utopia na *Clavis Prophetarum* do Padre António Vieira», *Igreja e Missão*, n.º 185 – Setembro-Dezembro 2000, pp. 275-291.

gal, como Vossa Paternidade ordena [...]»[30]. Na leitura atenta do Padre Casnedi, não se nos depara um único tema tratado por Vieira na *Clavis Prophetarum* que não se prenda com a grandiosa visão messiânica da implantação do Reino de Cristo na Terra. Acima de tudo, o original que chegou às mãos de Casnedi confirmava que a *Clavis Prophetarum* era constituída por três livros. Casnedi fez questão de dizer que essa estrutura é indicada pelo próprio Autor: «ut Author ipse initio sui operis indicat»[31]. Sendo, pois, aparentemente, essa a composição da obra, não faz muito sentido fazer apelo a uma fase em que Vieira terá concebido o plano de uma obra em quatro livros. Além disso, Casnedi, na descrição que faz do original, desvaloriza a ideia corrente de que se trata de uma obra inacabada: «Também não sei se o Autor deixou esta obra por acabar»[32]. E acrescenta com espírito prático e objectivo: «Refiro-me, pois, à imperfeição física da obra, tal como a tenho entre mãos»[33]. Mas, depois de a ter lido três vezes, conclui que os cadernos do Primeiro Livro se conseguem ordenar facilmente, porque tanto os capítulos como os parágrafos estão numerados, o que não acontece com o Segundo Livro, nem com o terceiro. Concretamente: o Segundo Livro só tem um capítulo; além disso, falta o segundo caderno, em que o Autor expõe o seu ponto de vista[34]. Os restantes cadernos estão desfeitos, de tal modo que não há nenhum título de capítulo nem nenhuma numeração. A complicar o panorama, existem vários tratados sem divisão de capítulos: *Da paz do Messias; Da pregação do Evangelho em toda a parte; Do templo de Ezequiel e dos Sacrifícios*.

Note-se que, no actual estado do manuscrito original, os números dos capítulos dos seguintes tratados foram inseridos por mão diferente daquela que escreveu o texto, mão de um revisor, provavelmente do próprio Padre Casnedi, que assinalou no seu parecer que estes tratados não estavam marcados com nenhuma espécie de número de capítulo nem de parágrafo[35]. Perante estes factos, não é de excluir a hipótese de que estes capítulos, ainda em fase de revisão, estivessem destinados ao Quarto Livro a que se refere

[30] «Istam Arcam duabus clavibus obseratam ad Procuratorem Provinciae Vlyssiponem mitto P. Provinciali Lusitano tradendam, ut P.tas V.ª jubet» (Roma, Archivum Romanum Societatis Iesu, *Lusitania* XXV, Carta de 26/7/1713 [?].

[31] Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, Casnedi fl. 5v.

[32] «[...] (opus imperfectum): Similiter ignoro, an Author Opus hoc imperfectum reliquerit» (Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, Casnedi fl. 5v).

[33] «Loquor igitur de Operis, ut sub manu mea est, imperfectione physica» (Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, Casnedi fl. 5v).

[34] Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, Casnedi fl. 5v.

[35] Cf. Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, fl. 248r (Caput X *De templo Ezechielis et eius interpretatione literali*); fl. 270r (Caput XI *De Sanctitate ultimi status* Ecclesiae); fl. 294r (Caput XII *De Pace Messiae*); fl. 317r (Caput XIII *Vtrum hominum aetates in Regno consumato* [sic] *Christi sint longiores*).

Vieira, onde se trataria das prerrogativas, regalias, do Reino de Cristo Consumado.

Ainda segundo a descrição de Casnedi, o Terceiro Livro não ostentava título algum, pois tinha apenas o número de um capítulo: «Caput Primum»[36]. Há várias coisas começadas e não acabadas, e algumas escritas duas vezes. Em suma, diz Casnedi: «Esta obra, tal como me foi entregue, está fisicamente muito defeituosa e desordenada e até impossível de ordenar»[37].

No meio de tal desordem, Casnedi fez três tentativas de ordenação, baseando-se no contexto, no testemunho do que ele sugere e na sequência da própria matéria. Com este critério, após um estudo aturado dos materiais, em que se revelou impossível atribuir os tratados soltos ao livro próprio de cada um deles, ou ordenar um livro por capítulos numerados, Casnedi decidiu proceder a um estudo material dos cadernos e da ligação que havia entre eles. E assim fez. Mas além disso introduziu antes de cada capítulo uma sinopse (resumo) da sua autoria. Enfim, diz Casnedi que espera que o trabalho feito por ele permita ao leitor aperceber-se de quanto se eleva o Autor da obra acima da condição humana[38].

Em conclusão, o resumo feito por Casnedi pode condensar-se no seguinte: a *Clavis Prophetarum* está dividida em três livros; o primeiro «trata da natureza e das propriedades do Reino de Cristo; o segundo da implantação do mesmo Reino na Terra; o terceiro do tempo em que será implantado»[39]. Uma outra observação de muita importância diz que há cadernos que não se sabe se pertencem ao livro segundo ou ao livro terceiro. O que motivou divergência de estrutura entre famílias de manuscritos. Baste-nos recordar que, antes de ser enviada para Lisboa, a arca onde foi encerrado o original à morte do Padre Vieira foi aberta em 1699 e dele foi feita uma cópia, o actual *ms* Casanatense 766, do qual Casnedi tinha ouvido falar, mas não pudera consultar.

Mas voltemos à *História do Futuro*. Uma referência cronológica do autor no acto da escrita remete-nos para o ano de 1664, mês de Junho, em Coimbra. Como ficou dito acima, uma referência idêntica da *Clavis Prophetarum* situa-nos em Roma, em Abril de 1671. Meia dúzia de anos as separam no tempo, dois mil e quinhentos quilómetros as distanciam no espaço que vai de uma cidade de Província em Portugal à capital da Cristandade. Mas, à parte a provocação do título *História do Futuro*, pois a História é do passado, curiosamente o tema de ambas as obras é o mesmo: a implantação do Impé-

[36] Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, Casnedi fl. 5v.
[37] «Ex quibus plane constat, Opus hoc, ut mihi traditum est, esse physice valde defectuosum, et inordinatum, immo inordinabile» (Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, Casnedi fl. 5v).
[38] «Hoc saltem aemolumenti Lector ex meo labore hauriet: [...] quam supra hominum conditionem Author Operis elevetur» (Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, Casnedi fl. 6r).
[39] Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, Casnedi fl. 5v.

rio de Cristo na Terra. Era inevitável que o desfasamento no tempo e no espaço introduzissem mudanças drásticas nas perspectivas de cada uma delas.

Há uma observação de Vieira, notada por Casnedi, que jamais se poderá esquecer, quando se tem em consideração que o Autor da *Clavis Prophetarum* é o mesmo Padre Vieira que escreveu a chamada *Carta Esperanças de Portugal Quinto Império do Mundo* e a *História do Futuro*. Essa observação incide na afirmação categórica que Vieira escreveu no capítulo *De Pace Messiae*, assim citada por Casnedi: «Eis as suas palavras: "Assim, eu comecei, de há trinta anos a esta parte, a pensar, depois de longa perscrutação da Escritura, sem dúvida com grande e pertinaz zelo, na procura da verdade"»[40].

Estas palavras estão escritas em 1671. Em suma, este longo processo, contínuo e evolutivo ao mesmo tempo, de estudo, reflexão e meditação das Sagradas Escrituras, e dos seus comentadores, sem dúvida, levam-nos a concluir com a sábia advertência de Casnedi: «Não é justo preterir as palavras do Autor por mim citadas; pois ele, durante um espaço de trinta anos, aplicou-se a tecer esta obra sem ceder ao cansaço»[41]. Uma obra apocalíptica, ou, mais exactamente, «uma *apocalypsis*», que consiste na interpretação teleológica do processo histórico da humanidade, que culminará na implantação do Reino de Cristo na terra, mediante a pregação universal do Evangelho. Reinará então a paz.

Arnaldo do Espírito Santo
Lisboa

[40] «En ejus verba: "Sic ego trigesimo ab hinc anno cogitare coepi, post longam Scripturarum perscrutationem, certe magno, et pertinaci studio veritatis, indaganda"» (Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, Casnedi fl. 5v).

[41] «Aequum non est praeterire verba a me ex Authore allegata; nempe se indefesso, triginta annorum spatio huic opere texendo incubuisse» (Roma, Archivio Storico, PUG, *ms* 1165/1, Casnedi fl. 5v).



Die **Bamberger Editionen** wurden von Harald Wentzlaff-Eggebert 1988 ins Leben gerufen. Herausgeberschaft zwischen 1988 und 2007: Helga Unger und Harald Wentzlaff-Eggebert (Bd. 1–5), Harald Wentzlaff-Eggebert (Bd. 6–11) und Gerhard Penzkofer (Bd. 12–15).
Seit 2015 ist Enrique Rodrigues-Moura Herausgeber der **Bamberger Editionen**, die ein romanistisch orientiertes Konzept verfolgen. Die Bücher werden in zwei Formaten mit identischem Inhalt veröffentlicht: auf Papier (Hardcover) und online (*open access*).

In den **Bamberger Editionen** werden sowohl fiktionale und essayistische Texte als auch historische Dokumente des romanischen Sprach- und Kulturraums nach philologischen Kriterien herausgegeben. Dieser wird in seiner polyzentrischen Realität und im Wechselspiel mit anderen Kulturräumen betrachtet. Der Fokus liegt dabei auf der kritischen Auseinandersetzung mit und der Vermittlung von Texten, die bis dato von der Wissenschaft weniger beachtet wurden, die aber angesichts ihres Eigen- und kontextbedingten kulturellen Wertes sowie aufgrund ihrer Mittlerrolle zwischen den verschieden kulturellen Traditionen und Sprachvarietäten der Romania eine erneuerte Reflexion erfordern.

As **Edições de Bamberg** foram criadas por Harald Wentzlaff-Eggebert em 1988. Editores entre 1988 e 2007: Helga Unger e Harald Wentzlaff-Eggebert (vols. 1-5), Harald Wentzlaff-Eggebert (vols. 6-11), Gerhard Penzkofer (vols. 12-15).
Desde 2015 Enrique Rodrigues-Moura é o editor das **Edições de Bamberg**, que passaram a adoptar uma orientação românica. Os livros editam-se em dois formatos com idéntico conteúdo: em papel (capa dura) e online (*open access*).

Nas **Edições de Bamberg** editam-se, segundo critérios filológicos, tanto textos ficcionais e ensaísticos como documentos históricos do amplo espaço linguístico-cultural da România, considerado na sua realidade policêntrica e na sua articulação com outros espaços. O foco da colecção reside no estudo e na divulgação de textos que até agora têm recebido menos atenção da crítica académica, mas cujo valor cultural intrínseco e extrínseco exige uma renovada reflexão, dado o seu papel mediador entre as diferentes tradições culturais e variedades linguísticas da România.

University of Bamberg Press

University
of Bamberg
Press

O que hoje conhecemos da *História do Futuro* terá sido redigido por António Vieira, de forma fragmentária, ao longo de um período temporal extenso, que vai desde 1641, no rescaldo da Restauração, até à sua prisão, em 1665. A maior parte, porém, nomeadamente os capítulos mais organizados, terá sido redigida por volta de 1664. O plano, que chegou até nós, revela uma obra de fôlego, que, partindo de uma teologia profética, apresenta um projecto político para o Reino de Portugal, que ainda lutava pela sua independência nas batalhas militares e diplomáticas da Restauração. Mas os textos têm os seus destinos e a grande obra escatológica ficou inconclusa, conservada manuscrita nos arquivos da Inquisição de Lisboa, até ser organizada e publicada, pela primeira vez, por Lúcio de Azevedo, em 1918, numa edição conservadora. A esta, seguiram-se várias edições, todas de carácter modernizador.

Apresenta-se aqui uma nova leitura da *História do Futuro,* numa edição conservadora, destinada essencialmente a filólogos e linguistas, que, por um lado, corrige os erros da leitura pioneira de Azevedo e, por outro, devolve aos especialistas o texto seiscentista de Vieira, conservando, não apenas as suas particularidades linguísticas, mas também, na medida do possível, as ortográficas e de pontuação. Em simultâneo, oferece-se também uma edição normalizada, acompanhada de traduções dos passos latinos e de notas explicativas, adequada a públicos não especialistas.

Encerra o livro uma adenda assinada por Arnaldo do Espírito Santo, que faz a ponte e esclarece as diferenças entre a *História do Futuro* e a *Clavis Prophetarum*.

ISBN 978-3-98989-137-1
9 783989 891371
www.uni-bamberg.de/ubp/